

**BOSTON
PUBLIC
LIBRARY**

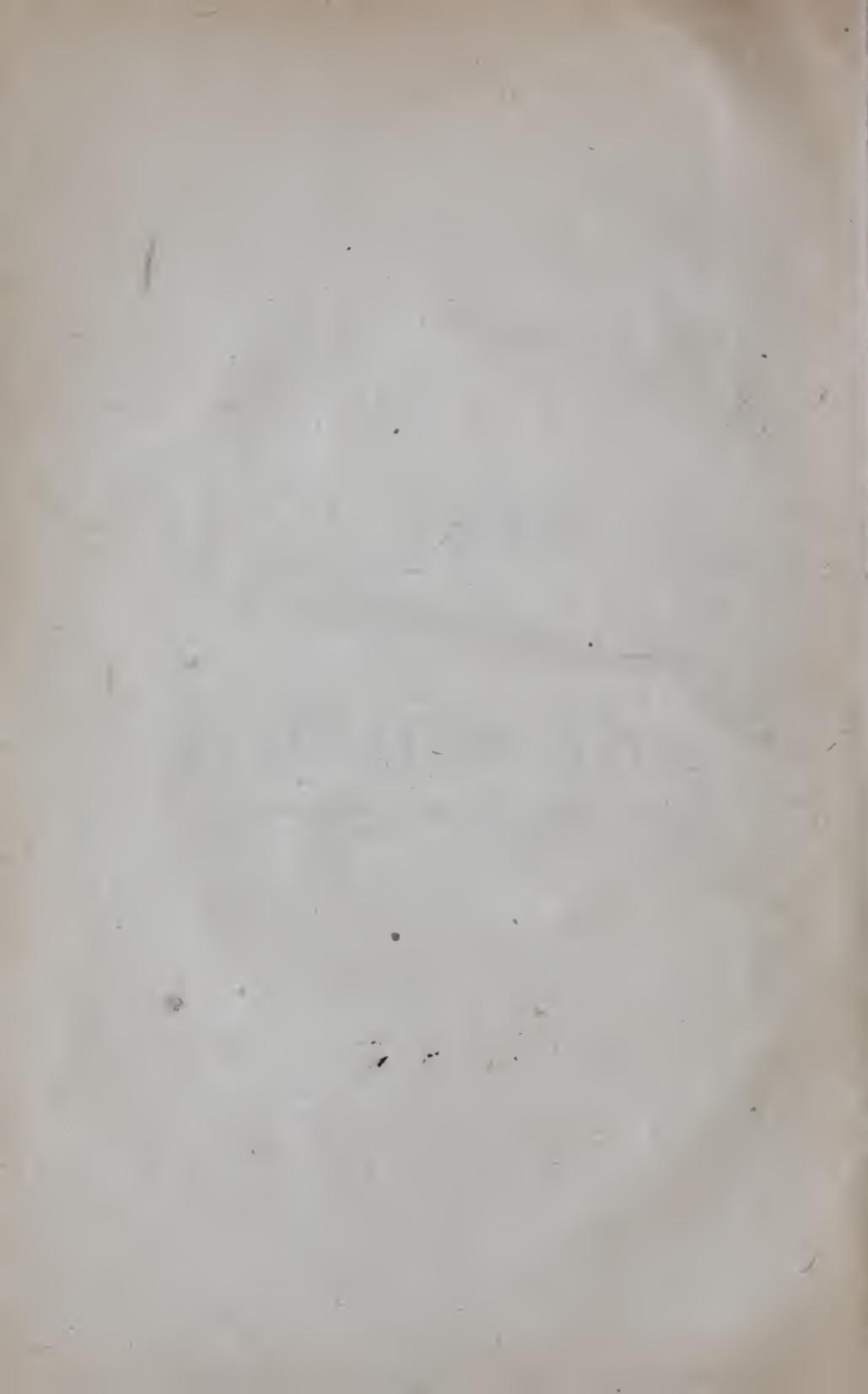




EMILE RICHEBOURG

A FILHA MALDITA





EMILE RICHEBOURG

A Filha Maldita

— — — — —
VERSÃO PORTUGUESA
DE
JULIO DE MAGALHÃES

— — — — —
QUARTA EDIÇÃO
— — — — —

=====
VOLUME II
=====

Por. v 2

Casa Editora : BELEM & C.^a, Suc.
Calçada do Combro 29, 2.^o
===== LISBOA =====

*PQ2387

.R37F5

v. 2



A Silha Maldita

—••••—
TERCEIRA PARTE

A condessa de Bussiéres

(Continuação)

—••••—

II

Uma vida perdida

Um dia, Luciano de Luranne fallou a seu pae no seu amor por Valentina de Arfeuille.

— Eis uma loucura insigne! lhe disse o digno magistrado. Não sabes que Valentina de Arfeuille é uma das mais ricas herdeiras da França?

— Sei isso, meu pae, responden o mancebo. Mas Valentina ama-me.

— Como sabes tu isso?

— Disse-m'ó ella propria.

O magistrado contrahiui as sobranceihas, e olhou fixamente para seu filho.

— Luciano, tornou elle em tom grave, deverei suppôr que tiveste a audacia de aproveitar as relações de amizade, que existem entre essa menina e tua irmã, e a circumstancia de poderes encontrar-te com ella aqui, em nossa propria casa, para assim lhe fallares d'amor?

O mancebo córou, e baixou os olhos.

— Praticaste uma acção má, Luciano, tornou o rigido velho. Foi a meu pedido que o barão de Bierle permittiu que sua sobrinha viesse a nossa casa, confiando-a á minha dignidade. A confiança do barão de Bierle foi illudida, e tu fizeste teu pae cúmplice de um acto pouco digno, direi mesmo de um acto odioso, que desapprovo, que censuro!

— Oh! meu pae! murmurou o mancebo.

— Mas que foi o que se passou? Vamos, falla; quero saber tudo.

Luciano não lhe occultou coisa alguma. O juiz Luranne estava aterrado. A sua consciencia de homem honrado e probo mostrara-lhe aquella aventura muito mais grave do que na realidade era. Chamou immediatamente sua filha, e reprehendeu-a severamente, apontando lhe o lado feio do papel que ella representara em toda aquella deploravel questão. A pobre menina chorou, e provou muito facilmente a seu pae, que procedera muito innocentemente, e cedendo aos impulsos do coração.

— Colloco a minha honra, que é a vossa, acima de todas as considerações, disse o juiz Luranne aos seus filhos. Procedestes ambos sem reflexão, e sem ver que era perigoso o plano inclinado sobre que caminhaveis. Não duvido da pureza das vossas intenções, as quaes porém podem ser suspeitas para

os outros: A grande fortuna de Valentina de Arfeuille, Luciano, deveria ter-te preservado de a amar, e em todo o caso de elevares para ella o teu pensamento. Pois não viste desde logo que poderias ser accusado, assim como tambem tua irmã, e eu proprio, de um calculo infame, de uma seducção interesseira? De mais fôste perturbar o coração d'essa pobre menina. Se o barão de Bierle chegasse a saber tudo isto, que pensaria elle de mim e de nós todos?...

O mancebo estava consternado.

— Não tens senão um meio de reparar dignamente a tua falta, tornou o pae: é não tornares a ver Valentina de Arfeuille, não pensares mais n'ella.

O pobre Luciano soltou um gemido.

— O teu amor é insensato e sem esperanza... Conheço sufficientemente o barão de Bierle, para ter de antemão a certeza de que te recusaria terminantemente a mão da sua pupilla, que é a unica herdeira e representante da casa de Arfeuille. Tu tens merito, tens talento, e o teu futuro ha de talvez ser mais brilhante do que o meu; mas actualmente não és mais do que um obscuro advogado, e essa posição não é sufficiente para te dar a ousadia de pretender a mão de Valentina de Arfeuille. Ora vamos, filho: consulta a tua razão, repara melhor no que é a vida real, e reconhecerás que acari-ciaste uma chymera...

— Mas ella... ella, meu pae! exclamou Luciano.

— Ella depréssa ha de esquecer esse capricho, e casar-se. Ha dias foi pedida em casamento pelo conde de Bussiéres, cuja fortuna, segundo se affirma, é ainda muito superior á d'ella.

Luciano deixou cahir a cabeça nas mãos, e soluçou.

Passados uns cinco dias, Luciano de Luranne, nomeiado juiz

substituto para uma pequena cidade do Meio dia, partiu a tomar conta do seu lugar. Valentina, não vendo apparecer a sua amiga do collegio, e surprehendida por não ouvir fallar de Luciano, achou meio, a pretexto de visita, de conseguir que o seu tutor a acompanhasse a casa do juiz Luranne, e abi teve conhecimento da partida do mancebo.

A pobre menina teve com a sua amiga Julia de Luranne uma longa conversa, durante a qual tentou penetrar a verdadeira causa d'aquella partida, que tanto interesse tinha havido em lhe occultar. Julia, porém, obedecendo ás instrucções que recebera de seu pae, disse-lhe que Luciano devia pensar em conseguir para si uma posição, e que n'este intuito aceitara o lugar de juiz substituto, que lhe fôra offerecido. D'este modo fez-lhe comprehender que as suas conversas intimas de outro tempo deviam ser consideradas por ella como uma agradável diversão à vida monotonica do collegio, e nada mais.

Valentina sabiu de casa da sua amiga, desconsolada, mas não curada do amor, que tinha no coração. Chorou muito no isolamento do seu quarto, e fez amargas reflexões.

Mais tarde, instada pelo barão de Bierle, que se sentia envelhecer e queria a todo o transe deixal-a casada, não tendo junto de si uma pessoa unica que a amparasse, vivendo sempre contrariada e sem alegria n'aquella casa, e tendo de mais a mais no coração a dôr profunda e incuravel de uma primeira illusão destruida, consentiu finalmente em dar a mão de esposa ao conde Adolpho de Bussiéres.

O conde era alto, bem feito, distincto, e possuia excellentes qualidades. O seu maior defeito era talvez ser um pouco sério de mais para a sua idade. Valentina sympathisava com elle, e dissera de si para si:

— Com o tempo hei de chegar a amal-o.



Luciano avançou para a condessa, e saudou-a respeitosamente... (Pag. 16)

Este facto deveria produzir-se á medida que a recordação de Luciano se fôsse apagando do seu coração. A chaga estava ainda viva, e era preciso esperar que ella cicatrisasse. Se é certo que um segundo amor é geralmente mais duradouro do que o primeiro, tambem não é menos certo que leva mais tempo a desabrochar e a desenvolver-se.

Infelizmente porém o conde de Bussiéres não comprehendeu o dever, que tinha a cumprir, e não fez coisa alguma que pudesse concorrer para a cura. Conheceu que não lhe pertencia o coração da donzella, e este facto constituiu para elle um enorme desgosto; mas, em vez de diligenciar por todos os meios possiveis e imaginaveis conquistal-o á força de attentões, de solitudes e de affecto, teve medo do phantasma do passado, e tornou-se suspeitoso, desconfiado e ciumento.

Não se atrevendo a discutir franca e ousadamente a situação, fechou-se comsigo proprio, e, perdendo a pouco e pouco a confiança, deixou-se dominar pelo demonio do ciume. O sorriso desapareceu totalmente dos seus labios, e o seu caracter tornou-se ainda mais severo, mais acerbo. Palavras, movimentos e olhares da condessa tudo era interpretado por elle e commentado a seu modo. A pobre condessa passou a ser submettida a uma vigilancia permanente, offensiva para a sua dignidade. As suas acções, até mesmo as mais insignificantes foram espreitadas. O conde mal lhe deixava a liberdade de pensar. Sem querer, tornara-se um tyranno conjugal. Em uma palavra, tanto fez que, em vez de attrahir para si sua mulher, afastou-a mais e mais.

Onze mezes depois do casamento nasceu um filho, e este acontecimento transportou o conde ao sétimo céu, parecendo mesmo que o demonio do ciume, que lhe pousara no coração, erguera finalmente as negras azas e fugira para não mais vol-

tar. Produzira-se n'elle uma transformação completa; mas a condessa não teve razão para se felicitar por este facto. O conde tornou-se indifferente, e não fez mais caso d'ella.

Dominado por um amor paternal estranho, surprehendente, para não dizer inverosimil, não teve desde então mais do que um unico pensamento: o seu filho. As suas atterções, os seus cuidados, as suas palavras affectuosas, os seus ternos olhares eram unica e exclusivamente para o seu filho. Não via, não conhecia outra coisa n'este mundo.

Para se curar de certo dos seus desgostos imaginarios, passava dias inteiros e ás vezes as noites em contemplação diante do berço do seu filho.

De ordinario o filho pertence á mãe pelo menos até á idade de cinco ou seis annos. O conde porém apoderou-se da creança desde o dia em que ella nascera, e não mais se separou d'ella. Aquelle exaggero de paixão do pae por o filho saltava aos olhos, e foi para toda a gente motivo de surpresa.

Valentina tinha mostrado depois de cumprir pessoalmente com o seu filho todos os deveres da maternidade; mas o conde, com o pretexto de que ella era fraca, entregou a uma ama o seu filho, do qual a mãe ficou assim separada, por isso que o conde só por graça especial permittia que a ama levasse a creança ao quarto da mãe.

D'este modo a infeliz senhora, que esperara achar um refugio no amor maternal, foi forçada a guardar no coração este sentimento, e a fazer para si uma vida á parte, sempre consrangida e sem expansão, que a teria conduzido a uma completa apathia phisica e moral, se não tivesse a estimular-a o tormento dos seus secretos pensamentos.

Longe do marido e longe do filho, tudo lhe faltava, menos a liberdade de acção. Ferida na sua dignidade, e nos seus

sentimentos mais íntimos, quiz fugir á especie de entorpecimento, que d'ella se apoderava lentamente, e tratou de procurar distracções fóra de casa. Teve muito quem a animasse desde logo a seguir aquelle caminho, e, se as suas tendencias a levassem para os prazeres frivolos, teria sido em pouco tempo a rainha das festas mundanas.





II

Laura

Laura, a enteada do tutor de Valentina, tinha-se aproximado a pouco e pouco d'esta ultima, depois do seu casamento, e testemunhava-lhe grande amisade. Valentina acreditou na sinceridade d'aquelle affecto um pouco tardio, ao qual correspondia com jubilo e gratidão. Cheia de confiança, e ignorando o mal que involuntariamente fizera á enteada do seu tutor, não podia suppôr que esta representasse com ella uma comedia odiosa, e que a acariciava para melhor poder esmagal-a.

Laura tinha jurado vingar-se de Valentina, e esperava, com a paciencia de uma féra que espreita a presa, o momento de poder dar ao seu rancôr satisfação inteira e completa. Como

esperava ella chegar a essa vingança? Ella propria não o sabia; mas o seu intuito era promover a desunião entre os dois esposos, e separal-os, para poder depois consolar o ingrato, que a desprezara, e que ella continuava a amar.

Pouco difficil na escolha dos meios para o conseguimento dos seus fins, não teria hesitado mesmo em faltar á sua dignidade, unicamente para ter o jubilo de humilhar a condessa, apresentando-se como sua rival preferida.

Logo que descobriu que o conde tinha ciumes, e que a condessa soffria, experimentou vivissimo jubilo intimo, que se traduziu immediatamente em manifestações de maior affecto para esta ultima, e em ataques habilmente dirigidos contra as singularidades do conde de Bussiéres.

Excitando perfidamente o ciume do marido, e parecendo tomar a peito a causa da pobre Valentina, lançava entre elles, com uma audacia e uma crueldade incriveis, o terrivel veneno da discordia.

Chamando em seu auxilio todos os recursos da diplomacia feminina, calculou finalmente o partido que podia tirar d'aquella situação. Insinuante e astuciosa, levou a pouco e pouco Valentina a fazer-lhe umas meias confidencias, e o que a condessa não ousou dizer-lhe adivinhou-o ella.

Era pois até certo ponto justificado o ciume do conde! Valentina tina no coração um segredo, um amor ainda vivaz embora mysterioso.

Esta nova descoberta causou-lhe um verdadeiro deslumbramento.

Restava-lhe conhecer o nome do homem, que occupava o pensamento da condessa.

Procurou, e não teve muita difficuldade em o descobrir. Lembrou-se de que Valentina tinha cortado bruscamente as

suas relações com Julia de Luranne, sua amiga íntima e companheira de collegio, e este facto serviu-lhe de ponto de partida para chegar á descoberta da verdade.

Como poderia ella utilizar o segredo da condessa em favor da sua vingança?... O espirito dos maus quasi sempre é fecundo. Como um general, que se prepara para dar uma batalha decisiva, Laura organison o seu plano, combinou os meios de execução, e dispóz as suas baterias...

Procurou approximar-se de Julia de Luranne, e foi por esta acolhida com tanto maior enthusiasmo, quanto era certo que a irmã de Luciano, amiga muito sincera de Valentina, vivia pesarosa por não ver esta ultima, e desejava ardentemente approximar-se d'ella de novo.

Um dia Julia de Luranne, mostrando uma alegria grandissima, annunciou a Laura que seu irmão Luciano, do qual se achava ausente havia já uns dezoito mezes, ia passar um mez em Paris.

Era isso o que Laura esperava, e só a muito custo conseguiu dissimular a alegria, que tal noticia lhe causava.

Uma noite, entrando no salão da baroneza de Biérle, onde Laura organisara uma pequena festa íntima, a condessa de Bussiéres encontrou-se subitamente em presença de Luciano de Luranne. Nenhum d'elles estava prevenido para aquelle encontro; fôra um quadro, um verdadeiro lance de theatro, que Laura preparara para seu gôso íntimo.

Luciano avançou para a condessa, e saudou-a respeitosa-mente, balbuciando algumas palavras, que a pobre Valentin, visivelmente perturbada, não pôde comprehender. Pallida como um cadaver, retribuiu friamente aquella saudação, e, sem pronunciar uma palavra unica, apressou-se a ir assentar-se junto da baroneza de Bierle.

O mancebo seguiu a tristemente com o olhar e dirigiu-se para o vão de uma janella com o fim de occultar a sua commoção.

Laura tinha observado o que acabava de passar-se, e estava satisfeita.

Ao cabo de alguns momentos, a condessa avistou Julia de Lauranne que a contemplava com os olhos humidos, e que hesitava em se dirigir para ella.

Valentina levantou-se e foi estender-lhe a mão; a donzella ergueu-se de salto para se lhe lançar ao pescoço.

—Perdôas me, não é verdade? murmurou Julia ao ouvido de Valentina.

—Sim, balbuciou esta.

—Foi muito grande o desgosto que te causei?

—Oh! sim, muito grande...

—Ah! não sabes o que se pssou...

—Que queres dizer?

—Dir-t'o-hei talvez... mas mais tarde... quando... quando fôres feliz.

A condessa estremeceu, e olhou para a sua amiga com surpresa.

Laura tinha-se approximado das duas amigas.

—Não me enganei quando suppuz, que eram ainda muito amigas... disse ella sorrindo.

—Oh! sim, sempre, respondeu Julia apertando entre as suas a mão de Laura, e não sei como agradecer-lhe a fineza de me ter approximado de novo da minha querida Valentina.

E, voltando-se para a condessa, continuou:

—Havemos de tornar a ver-nos, não é verdade? Permittes-me que te visite muitas vezes?

—Sim, sim, respondeu Valentina.

—Meu pae está aqui e ha de ter um grande prazer em ver-te.

—Onde está elle?

—Está na pequena sala á esquerda, disse Laura, preparando-se para a sua partida do whist.

—Vamos distrabil-o d'essa grave occupação, disse alegremente Julia, tomando a condessa pelo braço.

Em seguida ouviu-se uma valsa, levantaram-se alguns pares, e a dança começou.

*

*

*

Laura approximou-se lentamente de Luciano, que tinha ficado isolado no vão da janella, como absorto nos seus pensamentos.

—Está muito pensativo, sr. de Lauranne, lhe disse Laura sorrindo. Porque não dança?

—Nunca tive um grande prazer em dançar, respondeu Luciano tristemente.

—Hoje quasi todos os rapazes dizem isso. Apresentam-se com uma gravidade impropria da idade.

—A gravidade é para mim uma obrigação, retorquiu Luciano.

—Sim, no exercicio das suas funcções officiaes; mas, fóra do seu gabinete de trabalho, até o mais severo magistrado deve divertir-se como a outra gente.

—De accordo, minha senhora, replicou Luciano sorrindo;

mas cada um de nós tem um caracter e um temperamento differente.

—Pois seja assim embora; quero eu distrahir-o. Fez-nos a fineza de aceitar o nosso convite, e seria um grande pesar para nós que se arrependesse de ter vindo.

—Oh! minha senhora! peço-lhe que não pense uma tal sem-razão! Fui sempre tão amavelmente recebido em casa do sr. barão de Bierle, que voltei hoje aqui com verdadeiro prazer.

—Sim, é um dos nossos bons amigos antigos, e sinto-me contrariada por o ver tão triste. Talvez eu conheça a causa d'essa tristeza...

O mancebo olhou para ella fixamente.

—Venha assentar-se comigo ali n'aquelle canto da sala. Conversaremos, se quizer...

O mancebo acompanhou-a, dizendo de si para si com uma certa estranheza:

—Que quererá ella dizer-me?

No logar em que se assentaram podiam conversar sem receio de que as suas palavras fôsem escutadas por ouvidos indiscretos.

Depois de alguns momentos de silencio, Laura disse sorrindo:

—Confesso que hesito em lhe fallar de um assumpto tão delicado... do que o torna triste e preocupado, do que tanto parece inquietal-o.

—Mas perdão, minha senhora, respondeu elle sorrindo; é este o meu modo habitual.

—Ha quanto tempo? Desde que *ella* se casou?

O mancebo estremeceu violentamente.

—Leio nos seus olhos e no seu coração, como em livro

aberto, proseguiu ella. Conheço perfeitamente que a ama ainda...

—Oh! cale se, cale se! murmurou elle, sem saber bem o que dizia.

—Ninguem pode ouvir-nos, e ella não está aqui. Provavelmente está conversando com sua irmã na outra sala.

—Oh! se soubesse...

—Diga, diga...

—Tenho medo... tenho medo de não poder ser senhor de mim.

—Oh! ha muita gente aqui para dever conter-se.

—Mas como foi que penetrou esse segredo, que eu quereia esconder até de mim proprio, e que tem estado sepultado no fundo do meu coração? Disse-lhe ella acaso...

—Não; Valentina nada me disse; mas eu, vendo-a soffrer, adivinhei.

—Ella soffre? como assim? Deverá suppôr-se que o marido...?

—O conde adora-a.

Luciano de Lauranne soltou um suspiro.

—Mas ella não o ama, accrescentou Laura. Não pode amal-o, porque o seu coração... pertence a Luciano de Lauranne!

—Oh! não me diga isso!

—Infelizmente é esta a verdade. Não notou a perturbação, que a agitou no momento em que se achou face a face consigo?

—Não; não vi senão a frieza, com que correspondeu ao meu cumprimento, e o brusco movimento que fez para se afastar de mim.

—Não admira que assim fôsse. No meio de tantas pessoas receiou denunciar se...

O mancebo estava extremamente agitado, e tinha offegante a respiração.

A astuciosa e mal intencionada Laura devorava-o com o olhar.

—Sou sinceramente amiga de Valentina, tornou ella com hypochrisia, e o facto de saber que não é feliz, como merecia sê-lo, constitue para mim uma grande afflicção. Ah! porque não casou com ella, senhor?

—Porque?! balbuciou elle dolorosamente. Dirija essa pergunta a meu pae. Sei que o conhece muito, mas em todo o caso não pode saber até que extremo elle leva a delicadeza dos seus sentimentos, e quão susceptivel elle é nas coisas que dizem respeito á consideração e á honra do seu nome. Á fortuna de Valentina foi a causa de tudo o que aconteceu.

«Meu pae receiou que se dissesse que elle attrahira para casa a menina d'Arfeuille com o fito em uma especulação odiosa. A sua vontade fez pressão sobre a minha, e ordenou-me que renunciasse a Valentina, que n'essa epocha acabava de ser pedida em casamento pelo conde de Bussiéres. Eu não tive a força necessaria para me revoltar contra a vontade paternal, e obedeci.

—Ah! foi mal, foi mal... Se n'essa epocha eu tivesse sabido tudo isso, seria agora bem feliz a pobre Valentina, porque teria casado com o homem que amava.





IV

O que pode o odio

O mancebo curvou a cabeça e ficou silencioso.

—Comprehendo agora o que se passou, tornou Laura depois de uma breve pausa. Seu pae, com as suas ideias de puritano, e illudido por um exagerado sentimento de honestidade, causou, sem querer, a infelicidade do filho, e da pobre Valentina. Meu padrasto queria com effeito um brilhante casamento para a sua pupila e sobrinha. Chegava mesmo a considerar como dever seu dar á sua pupila o titulo de condessa. Naturalmente conversara sobre os seus projectos com o sr. de Lauranne, e assim se explicam os escrupulos de seu pae, em consentir em uma alliança entre o seu proprio filho e Valentina de Arfeuille.

«Mas Valentina amava-o, e além d'isto cá estávamos nós, minha mãe e eu, para a ampararmos na lucta. Dissesse e fizesse o barão de Bierle o que quizesse, havia de ficar necessariamente vencido. Verdade é que o conde de Bussières havia pedido Valentina em casamento; creio mesmo que meu padraсто, suppondo talvez que as coisas actualmente se passam como se passavam ha três seculos, tinha já promettido ao conde a mão da sua pupila, antes mesmo de a ter consultado; mas tambem é verdade que Valentina, quando teve conhecimento por primeira vez da solicitação do conde de Bussières, respondeu a esta com um «não» formal. Infelizmente, porém, não vivia eu n'esse tempo na sua intimidade, como vivo hoje, e a pobre menina guardou o seu segredo. •

«É evidente que esperava a competente solicitação da sua parte. Recordo-me muito bem do abatimento de espirito em que n'essa epocha ella andava, das suas tristezas, e da vermelhidão dos seus olhos, denunciadora de lagrimas recentes.

«Foi só quando soube que o sr. Luciano de Lauranne havia sahido de Paris, sem a prevenir, e sem lhe dar uma qualquer explicação, que ella cedeu ás instancias do seu tutor, e consentiu em casar com o conde de Bussières. Suppôz de certo, que não era correspondido o seu amor...

O mancebo suspirou. Laura proseguiu depois de uma breve pausa:

—Creio tambem que ella ficou profundamente magoada pelo seu esquecimento apparente, pois que apesar da amisade que a ligava a sua irmã, cessou completamente de a procurar, e de a receber. Desde o casamento de Valentina, foi hoje a primeira vez que se encontraram. Viu bem como ellas correram uma para a outra. Valentina não pôde resistir aos impulsos do coração.

—Sim, só para mim tem frieza... Talvez mesmo me despreze!

—Tenho a convicção de que Valentina pensava em Luciano, quando abraçou Julia! murmurou sorrindo a perfida Laura, abaixando a voz.

Ø mancebo abanou a cabeça, e respondeu:

—Desgraçadamente está casada, e acabou se tudo entre nós. Se pudesse ao menos fallar-lhe, explicar-lhe a razão do meu procedimento...

—Ama-a ainda?

—Oh! não: seria isso offendel-a... Quereria apenas dar-lhe explicações, e nada mais

—Porque não faz isso?

—Porque receio que não queira ouvir-me.

—Não digo que lhe falle já hoje; mas porque não ha de fallar-lhe em outra occasião?

—Julga que ella se prestaria a receber-me?

—Oh! não affirmo que ella lhe abrisse a porta do seu *boudoir*; creio porém que não se recusaria a um encontro de antemão combinado.

—Daria de bom grado a minha vida por essa ventura! disse Luciano com voz trémula.

Nos olhos de Laura brilhou um subito relampago.

—Pois bem; disporei as coisas n'esse sentido, disse ella. É tambem minha opinião que é necessaria entre os dois uma explicação franca e leal, que será para a pobre Valentina um allivio, e para si uma consolação. Se conseguir combinar com ella um encontro, prevenil o-hei immediatamente.

A condessa entrava n'aquelle momento no salão. O olhar de Luciano e o de Valentina cruzaram-se rapidamente como dois relampagos. A perfida Laura, com o seu mais agradável

sorriso nos labios, tinha-se dirigido ao encontro da condessa.

— Irei amanhã ver-te, Valentina, lhe disse ella com ar mysterioso. Teahó muitas coisas para dizer te. . .

A condessa adivinhou, e sentiu que lhe subia aos labios o rubor. Parecia-lhe ver nos labios e no olhar de Laura o nome de Luciano. Involuntariamente os seus olhos procuraram o mancebo, que estava ainda em pé no mesmo lugar, contemplando-a como em extasis. A extrema pallidez de Luciano impressionou a, e sentiu-se subitamente dominada por uma angustia indefinivel.

Velaram-se-lhe os olhos por um momento, e perguntou a si propria:

— Que quer isto dizer? . . . »

Afigurava-se-lhe ouvir ainda as palavras de Julia: « não sabes o que se passou. . . »

A sua perturbação era cada vez maior, e por fim tomou o partido de se retirar, dizendo á sabida ao ouvido de Laura:

— Até amanhã.



No dia seguinte, Laura chegava ás duas horas ao palacete dos condes de Bussiéres. A condessa esperava-a com secreta impaciencia.

— As palavras mysteriosas, que hontem me dirigiste, deixaram-me inquieta, minha querida Laura, disse Valentina. Pensei n'ellas toda a noite. São realmente muito graves as coisas, que tens para dizer-me?

—Tranquillisa-te, Valentina, respondeu Laura. Trata-se apenas, para interesse do teu repouso, que eu não quereria nunca ver perturbado, de dispôr as coisas de maneira a evitar um perigo possível.

—Um perigo! exclamou a condessa de Bussières, assustada.

—Confiaste-me uma parte dos teus desgostos, minha pobre Valentina; mas, por uma reserva perfeitamente natural, que comprehendí muito bem, não me abriste inteiramente o coração. Ora a verdadeira amizade procura sempre os meios de consolar, é engenhosa, e tem frequentes vezes o privilegio de adivinhar o que não lhe confiam. Interroguei os teus pensamentos, li nos teus olhos e no teu coração, e por fim . . . adivinhei o teu segredo.

—O meu segredo! repetiu a condessa estremecendo.

—Hontem ainda eu duvidava. A tua perturbação provou-me que não me havia enganado. Mas não é n'isso que está o perigo, de que fallei ha pouco. Tudo passa n'este mundo; até mesmo um primeiro amor; mas o peor é que elle ama-te . . . ama-te como um louco!

A condessa fez um gesto constrangido.

—Não, não creio isso.

—Desgraçadamente é verdade.

—Falloq te em mim, Laura?

—Sim.

—E . . . que te disse?

—Contou-me primeiro que seu pae, sabedor das solicitações do conde de Bussières, e dos projectos de teu tio, que, como sabes, queria para ti um casamento magnifico, havia exigido terminantemente d'elle que se afastasse de ti. O pae de Luciano, sabendo que era muito avultada a tua fortuna,

receiu receber um «não», e principalmente teve medo de que o accusassem de te haver attrahido a sua casa com o fim de preparar o teu casamento com o seu filho. Em uma palavra, fez d'isso uma questão de honra, e, temendo que Luciano praticasse alguma loucura, apressou-se a afastal-o para longe, conseguindo que elle fôsse nomeado para um lugar de juiz substituto na provincia.

—Ah! comprehendo... comprehendo agora! murmurou a condessa de Bussiéres, escondendo o rosto com as mãos.

—Fallou-me depois do seu pesar, das suas amarguras, e do seu amor, que nunca pôde arrancar do coração... Franca-mente, vi o pobre rapaz tão cheio de desespero, que tive pena d'elle.

A condessa erguen bruscamente a cabeça.

—Oh! mas não lhe disseste de certo, exclamou ella com expressão anciosa, em que deploravel estado se encontra o meu pobre coração...

—Julgas-me capaz de commetter uma tal imprudencia?

—Suppõe então que já o não amo?

—Minha querida: de ordinario as mulheres sabem conter-se, e occultam o que pensam e o que sentem; mas tu és excepção a essa régra. Os teus olhos, espelho da tua alma, reflectem os teus pensamentos. Denunciaste-te, Valentina, e Luciano comprehendeu que não o esqueceras ainda.

—Que desgraça! que grande desgraça! balbuciou a condessa com expressão desolada.

—E' dever meu dizer-te que elle está em uma tão grande excitação, que me causa sérias inquietações.

—Meu Deus! explica-te, Laura.

—Hontem mesmo, se eu não tivesse tido a felicidade de o conter, poderia elle ter talvez comettido uma qualquer ex-

travagancia, muito compromettedora para ti. É terrível aquelle amor! Quer a todo o transe tornar a ver-te, e obter de ti uma entrevista...

—Mas isso é impossivel! é insensato! exclamou Valentina quasi com terror.

—Embora; é essa a sua ideia fixa, e é capaz de tudo para conseguir o que deseja. Não hesitaria em arrombar as portas da tua sala, ou mesmo do teu quarto! Creio que não recuaria mesmo em face de teu marido, que quizesse embargar-lhe o passo!

—Laura, Laura! e não lhe fizeste comprehender a sua loucura?

—Minha amiga: nada ha que dizer a quem não quer, ou não póde raciocinar.

—Que fazer, meu Deus? que fazer? murmurou a condessa com intima angustia.

—Eis o perigo de que te fallei ha pouco, e que devemos procurar evitar.

—Mas como? de que modo?

—Com o genio singularmente apprehensivo de teu marido, não sei o que aconteceria se se dêsse um conflicto qualquer entre elle e Luciano de Luranne...

A pobre Valentina tremia violentamente. No rosto transparecia-lhe a expressão de uma grande anciedade.

—Laura, murmurou ella com voz supplicante: aconselha-me... não me abandones!

A desgraçada entregava-se nas mãos da sua inimiga.

Laura fingiu que reflectia durante um momento, e por fim disse:

—Queres que te diga o que eu faria, se estivesse no teu logar, Valentina?

—Sim, sim, diz depressa.

—Para prevenir uma qualquer imprudencia de Luciano de Luranne, conceder lhe-hia o que elle pede: consentiria em ter com elle uma entrevista, uma unica.

—Mas como, Laura? bem sabes que não posso recebê-lo aqui.

—Está entendido que não, assim como tambem não podes ir a casa d'elle. Mas Paris é muito grande, e um encontro pôde preparar-se de mil modos differentes. Pôde por exemplo encontrar-se contigo como por acaso, em uma das aleas do bosque de Boulogne, ou de Vincennes.

—Oh! não, não ousaria fazer tal! exclamou a condessa com intimo terror.

Laura mordeu os labios com despeito, e brilhou-lhe de novo no olhar um subito relampago.

—Minha querida Valentina, tornou ella: disse-te o que eu faria, mas crê que não quero, nem mesmo desejo dirigir o teu procedimento. Vejo ameaçada a tua tranquillidade, e cheia de inquietação, procuro afastar de ti um perigo, cuja gravidade exagero talvez. Não me parece que uma entrevista seja um grande crime, e na realidade não vejo que fôsse um acto reprehensivel encontrares-te, aqui ou ali, com Luciano, tratando-se de mais a mais de evitar uma desgraça real, que pôde ser consequencia do seu desespero, ou da sua loucura.

A condessa tinha deixado cahir de novo a cabeça nas mãos, e tinha o corpo agitado por violentissimo tremor.

—Minha querida Valentina, proseguiu a rancorosa Laura, que estava dominada pelo receio de que lhe escapasse a presa: medita bem sobre tudo o que acabo de dizer-te. Trata-se de suspender um desgraçado que vae precipitar-se por um terrivel plano inclinado, ao fundo do qual se abre um medo-

nho abysmo, e de acalmar a exaltação de um espirito em delirio. Não devo occultar-te, que tomei quasi o compromisso de te resolver, e só assim consegui evitar, que se produzisse hontem mesmo um escandalo, que poderia chegar talvez aos ouvidos do conde. Luciano esperará ainda alguns dias; mas, se lhe não concedes a entrevista, que solicita, creio inevitavel uma qualquer loucura, que póde ter para ti consequencias funestas.

O que Laura queria era vencer pelo medo os escrupulos de Valentina, a qual, porém, apesar do espectro ameaçador, que aquella apresentava ante os seus olhos com implacavel crueldade, hesitava ainda. Laura quiz fazer um supremo esforço...

—Sabes o que eu receio, Valentina? disse ella. É que, dado o desespero de um lado, e o ciume do outro, os dois homens se encontrem em face um do outro com as armas na mão!

A condessa soltou um grito.

—Oh! fallar-lhe-hei, fallar-lhe-hei, balbuciou ella com voz oppressa; mas onde? de que modo?

Laura tomara entre as suas a mão de Valentina.

—Não me julgas tua amiga? disse ella.

—Sim, sim... E estás prompta a auxiliar-me? disse Valentina.

—De certo.

—Estarás junto de mim, Laura, e, se fôr preciso, proteger-me-has contra mim propria?

—Prometto.

—Quem ha de prevenil-o?

—Eu.

—Oh! diz-lhe que é para cumprir a promessa, que lhe fizeste... que de outro modo não teria consentido...

—Dir-lhe-hei também, que o que queres é evitar a sua e a tua perda, em razão de uma qualquer imprudencia...

—Ah! seria horrivel isso! Mas onde poderemos nós encontrar-nos?

—Deixa isso por minha conta.

—Que seja já amanhã, o mais depressa possivel.

Laura passou o braço em roda da cintura da condessa, puxou-a para si, e beijou-a.

—Vamos lá, disse ella com o seu falso sorriso; espero que tudo ha de correr bem.





V

Uma carta anonyma

A condessa de Bussiéres sabia quasi todos os dias, com excepção porém da sexta-feira, em que costumava receber as suas amigas. Raras vezes sabia a pé, e, com quanto tivesse sempre as carruagens da casa á sua disposição, que só ntilisava para visitas de cerimonia, ou para passear no Bois, preferia servir-se de uma carruagem de aluguer. Era um capricho seu; e o conde, que aliás ella prevenia sempre das suas sahidas, não se entremettia n'aquelle pequeno detalhe.

Três dias depois da conversa, que tivera com Laura, a condessa sahio de casa a pé ás duas horas da tarde. Era um sabbado. Levava sobre si um vestuario preto de grande simplicidade. A poucos passos de distancia do palacio de Bus-

sières, entrou em uma carruagem de praça e ordenou ao cocheiro que a conduzisse á porta de Courcelles. Chegada que foi ali, apeiou-se, pagou ao cocheiro, e despediu o.

Tinha tido a precaução de cobrir o rosto com um véo muito espesso. Atravessou as portas, baixando a cabeça aos olhares curiosos dos empregados aduaneiros, e achou-se fóra de Paris.

Um pouco mais adiante estava parada uma carruagem. Na abertura da portinhola appareceu uma cabeça, e uma pequenina mão agitou um lenço branco. Valentina dirigiu-se com passos rapidos para a carruagem, entrou, e tomou lugar ao lado da pessoa, que já ali se achava. Era Laura.

— Esperavas-me já ha muito tempo? perguntou a condessa com a respiração offegante.

— Ha apenas alguns minutos.

O cocheiro fechou a portinhola, e subiu em seguida para a almofada. A carruagem começou logo a rodar.

— Para onde vamos? perguntou Valentina.

— Não para muito longe; para Asnières.

— *Elle* espera-nos?

— Não. O encontro não é para hoje. Mas... estás a tremel! Socega, Valentina!

A condessa estava com effeito muito agitada.

— Não sei o que sinto, balbuciou ella. Creio que tenho medo.

— Medo porque? Não estou eu contigo?

— Domina-me não sei que presentimento...

— Creança que és junto de mim nada tens que temer.

— Mas se elle nos não espera, por que motivo damos nós este passeio a Asnières?

— Logo o saberás.

Asnières, n'essa epocha, não se parecia muito com o que

hoje é. Povoação pequena, e pouco importante, era habitada principalmente por vendedores de frutas e hortaliças. Os parisienses, porém, começavam a comprar terrenos, ali, e a mandar construir deliciosas *villas*, que a pouco e pouco transformaram a antiga aldeia em uma das mais bonitas povoações dos arredores de Paris.

Asnières passou a ser um lugar de prazer, e um dos mais favoritos passeios dos parisienses, que gostam de sahir nos domingos, depois de uma semana de trabalho.

O cavallo percorreu a distancia em menos de três quartos de hora. Depois de haver atravessado a ponte, a carruagem tomou para a direita, seguiu durante alguns momentos a margem do rio, e penetrou por fim em uma rua, em que parou.

A' esquerda viam-se umas quatro ou cinco casas a pequena distancia uma das outras, ao passo que á direita se viam apenas muros, que marcavam os limites dos jardins, e de terrenos, que se vendiam, ou se arrendavam.

Laura e Valentina desceram da carruagem. Achavam-se agora em face de uma pequena porta pintada de verde, praticada em uma parede, e que constituia uma entrada provisoria, em quanto não era colocado ali o competente portão de ferro mais ou menos historiado.

Laura tirou umas poucas de chaves da algibeira, e escolheu uma com que abriu a porta, entrando em seguida com a condessa.

Ao cabo de uma rua de arbustos, guarnecida de floridos canteiros, a condessa descobriu uma pequena casa elegante, cujas janelas estavam todas hermeticamente fechadas, e lançou para Laura um olhar inquieto.

— Em casa de quem estamos nós? perguntou ella em voz

baixa, como receiando ser ouvida por uma qualquer pessoa invisível.

—Por em quanto em minha casa, visto que posso dispôr d'esta, cujas chaves tenho em meu poder, respondeu Laura. Pertence a uma senhora viuva amiga minha, que obrigada a partir para Italia, onde provavelmente se demorará alguns mezes, nos pediu, a minha mãe, e a mim, que viessemos aqui de dias a dias abrir as janelas e arejar as casas. Até mesmo nos authorizou a installarmos-nos aqui, se meu padrasto aqui quizesse passar a estação calmosa.

Deram uma volta ao jardim, e em seguida entraram em casa, que era um elegante e gracioso ninho de namorados.

—É hoje sabbado, disse Laura á condessa. De hoje a oito dias, isto é, no proximo sabbado, passarei aqui algumas horas a contar desde o meio dia até á hora do jantar. Conheces já o caminho, e poderás vir sósinha. De mais, a carruagem, que hoje nos conduziu para aqui, esperar-te-ha na rua Bellechasse, em um ponto, que designaremos ao cocheiro. D'aqui até sabbado fallarei com Luciano de Luranne, que virá tambem a Asnières. Disporei as coisas de modo que elle chegue primeiro do que tu. Esperar-te hemos ás três horas.

—Virei, já que assim é preciso, disse a condessa com voz mal segura, mas lembra-te bem de que me prometteste estar junto de mim...

—Sim, socega.

—Agora não tenho segredos para ti, Laura. Poderás ouvir o que Luciano tiver para dizer-me, e o que eu lhe responder.

As duas companheiras logo depois voltaram a entrar na carruagem que tomou de novo o caminho de Paris.

A semana passou. A condessa teria querido permanecer

todo aquelle tempo na solidão; mas Laura dispôz as coisas de modo, que a forçou a sahir de casa todos os dias.

Isto fazia parte das diversas combinações do seu plano.

Como se vê, tomava precauções minuciosas, e não desprezava um qualquer detalhe, que pudesse concorrer para o bom resultado da sua vingança.

No sabbado de manhã o conde de Bussiéres recebeu uma carta, concebida nos seguintes termos:

«Uma pessoa das suas relações, que deseja a todo o transe, pelo menos por agora, occultar-lhe o seu nome, julga do seu dever fazer-lhe saber um facto muito grave, que affecta a sua honra, e de que se começa a fallar muito em voz baixa, no circulo das suas relações.

«Já ha algum tempo, um mez proximamente, a sr.^a condesa de Bussiéres encontra-se quasi todos os dias com um rapaz da sociedade, que o sr. conde deve talvez conhecer, e que, segundo se afirma, ella amava antes de casar.

«Essas entrevistas realisam-se quasi sempre em Asnières, em uma pequena casa extremamente discreta, e edificada no meio de um jardim, entre arvores muito altas e muito copadas. Hoje mesmo, sabbado, devem elles encontrar-se ali ás três horas da tarde.

«A rua, em que a pequena casa é situada, não tem nome ainda; mas poderá encontral-a muito facilmente: é a terceira, depois da Ponte, caminhando no sentido da corrente do Sena.

«Da rua não pode avistar-se a casa, que está mascarada por um muro bastante elevado, e perdida no meio de grandes arvores; mas na parede está praticada uma pequena porta, pintada de verde, que dá entrada para o jardim.

«Se quizer, sr. conde, poderá muito facilmente verificar a exactidão das informações, que lhe são dadas n'esta carta.»

Depois de haver lido estas temerosas linhas, o conde de Bussiéres, deixou-se cahir sobre uma cadeira, como se acabasse de ser fulminado por um raio. Tinha as feições horriavelmente contrahidas, tremulos os labios, e estava livido como um cadaver. O suor frio corria-lhe ao longo das faces em bagas grossas como punhos. Os seus olhos esgaseados, fixos na odiosa carta, que lhe tremia entre os dedos, pareciam os de um louco furioso.

—Infamia! balbuciou elle por entre os cerrados dentes, ao mesmo tempo que amachucava com furia o papel entre os dedos.

E ficou durante alguns momentos immovel, mal podendo respirar. Dir-se-hia que se lhe interrompera bruscamente a circulação do sangue.

Depois, erguendo bruscamente a cabeça, contrahiou os labios pallidos e tremulos em um sorriso de amargura.

—Afinal é uma carta anonyma! murmurou elle com o mais supremo desprezo.

Mas logo em seguida accendeu-se-lhe nos olhos um relampago terrivel. O furor, que d'elle se apoderara, fel-o tremer violentamente.

—Quem sabe se será verdade o que n'esta carta se affirma? tornou elle com voz sibilante. Não sei que tenha inimigos... Dão-me tantos detalhes... Asniéres, a rua, a porta verde, o jardim, a casa... Ah! é verdade... é de certo verdade!... Valentina não me ama; pelo contrario, detesta-me. Que desgraça a minha! Enganado! enganado por ella! Oh! que miseravel!... que infame!... E nada obstou a que ella seguisse

o caminho da ignominia... nem mesmo o seu filho!... E eu que a amava... que a amo ainda... Ah! razão tinha eu para duvidar, para ter apprehensões!... E' horrivel!...

E escondeu o rosto com as mãos, ficando durante alguns momentos como esmagado sob o peso da sua desventura.

De subito pôz se em pé de salto, e começou a passeiar pelo quarto com passos desiguaes e febris.

Agora tinha nos olhos uma expressão de desvairamento, que não pode bem descrever-se, e eram sacudidos e sinistros todos os seus movimentos. De momento a momento fugia-lhe do peito oppresso e offegante um grito rouco, semelhante ao rugido de um tigre enfurecido. Os seus braços, agitando-se em desordenados movimentos, erguiam-se no ar em attitude de ameaça.

Durante um momento occorreu-lhe a ideia de se dirigir immediatamente aos aposentos particulares da condessa, e de a confundir collocando-lhe diante dos olhos a terrivel carta anonyma.

Se o tivesse feito, a condessa, descobrindo o horroroso trama urdido contra ella, e vendo o medonho abysmo cavado debaixo dos seus pés pelo demonio do rancor, ter-se-hia muito facilmente justificado dizendo ao conde a verdade inteira e completa. Conhecido que fôsse o infamissimo procedimento de Laura, teria resultado d'essa explicação uma completa reconciliação entre os dois esposos, que só se afastavam um do outro unica e simplesmente por não procurarem entender-se, e por não se haverem comprehendido.

Laura, expulsa e humilhada, teria devorado a sua raiva impotente, e a felicidade do conde e da condessa, que teria sido obra sua, constituiria para ella uma punição verdadeiramente cruel.

Infelizmente, porém, o conde de Bussières mudou de subito de ideia...

O ciúme, que tantos e tão profundos estragos havia já feito no seu coração, fez-lhe sentir, e mais violentamente do que nunca, o seu acerbo pungir. A tortura, que o desgraçado sentia, era verdadeiramente horrorosa. As mordeduras da vibora são menos terríveis do que as do ciúme... Esta paixão funesta inutilisa todos os raciocínios, fêre até as almas mais altivas, e desvaira os espiritos de mais rija tempera.

O conde tomou a resolução de se mostrar tranquillo, de dissimular o inferno que se lhe revolvia na alma, e não pensou senão em tirar uma terrível vingança do sanguinolento ultrage, que suppunha feito ao seu nome e á sua honra.

Laura triumphava...





VI

Cilada

Na occasião em que o conde de Bussiéres se encontrou em presença de sua mulher á mesa do almoço, o seu rosto, á parte uma contracção rebelde que se obstinava em lhe agitar levemente os labios, tinha realquirido a sua expressão habitual.

Ninguem poderia sequer desconfiar, de que aquelle homem se achava dominado por uma horrorosa tortura. Chamando em seu auxilio toda a sua presença de espirito e força de vontade, teve a coragem de conversar um pouco, e até mesmo de parecer alegre, o que raras vezes lhe acontecia.

Sem que o parecesse, observava attentamente a condessa, e não lhe foi muito difficil notar, que ella estava preocupada e inquieta.

—E' a perturbação natural de uma consciencia, que não está tranquilla... disse elle de si para si.

No momento em que se levantava da mesa, perguntou muito naturalmente a Valentina:

—Tencionas sahir hoje?

—Tenciono, sim. Vou visitar Laura.

—Mas não esteve ella aqui ainda hontem?

—Esteve, sim; mas combinámos que iria eu hoje a casa d'ella.

—Com que audacia ella mentel pensou o conde.

E, erguendo a voz, continuou:

—Se quizeres ir em uma das carruagens da casa, darei n'esse sentido as necessarias ordens.

—Não, não é preciso. D'aqui á rua de Anjou não é muito grande a distancia, e estou persuadida de que um passeio a pé ha de fazer-me bem.

—Como quizeres. Eu tambem tenho de sahir; mas teria mandado buscar uma carruagem de aluguer.

Depois de pronunciar estas ultimas palavras, o conde retirou se.

A condessa soltou um suspiro fundo. Sentia-se de novo assaltada pelas inquietações dos dias precedentes. Agora porém não podia já recuar; tinha promettido...

—O que vou fazer, disse ella tristemente de si para si, é censuravel aos olhos do mundo; mas a minha consciencia está perfeitamente tranquilla.

O conde, logo que entrou no seu quarto, tocou uma campainha.

O creado particular appareceu immediatamente a receber as suas ordens.

—Que horas são, Germano? lhe perguntou o conde.

O creado olhou para o conde de Bussiéres com sincera estupefacção.

—Perdão, sr. conde, murmurou elle; o relógio, que está além mesmo em face do sr. conde, marca uma hora menos cinco minutos.

O conde descerrou os labios em um sorriso de expressão singular.

—Ah! sim; é verdade, murmurou elle.

—O sr. conde está hoje muito preocupado, muito sombrio, dizia o creado Germano com os seus botões. Que aconteceria?

—Germano, tornou o conde: a sr.^a condessa ha de sahir de casa d'aqui a pouco. Logo depois sahirei eu tambem.

—Vou então mandar pôr as carruagens?

—Não. A sr.^a condessa, como sabes, gosta de andar a pé. Eu hoje hei de sahir em uma carruagem de aluguer. Vae já tratar de a arranjar.

«Escolherás um cavallo possante, e ordenarás ao cocheiro que vá esperar-me no caes, á esquina da rua Bellechasse.

O creado inclinou-se respeitosamente, e encaminhou se para a porta.

—Germano, acrescentou o conde: feito isso, voltarás aqui em seguida. E' possivel que tenha outras ordens a dar-te.

Em seguida o conde passou ao seu gabinete particular, em que havia uma bibliotheca magnifica de mais de dois mil volumes escolhidos.

O conde abriu um movel em que se achava guardada uma preciosa collecção de objectos de arte. Dentro de uma caixa, enriquecida com esplendidas incrustações de prata, havia uma pistola de dois canos, de que o conde lançou mão.

Examinou-a para verificar se estava em circumstancias de

serviço, carregou a, e guardou-a em seguida em uma algebeira.

N'aquelle momento o seu olhar tinha uma expressão terrivel. Depois entrou de novo no seu quarto. Passados alguns minutos reapareceu o creado Germano.

—Estão cumpridas as suas ordens, sr. conde, disse elle inclinando-se.

—Bem, respondeu o conde de Bussiéres com accento brusco. Sabes se a sr.^a condessa já sabiu?

—Ainda não, sr. conde.

—Vae então postar-te na ante-camara. Logo que a sr.^a condessa atravessar o pateo da sahida, vem immediatamente prevenir-me.

Germano retirou se para ir cumprir a ordem que recebera, murmurando por entre dentes:

—O sr. conde está hoje com cara de poucos amigos. Decididamente ha aqui uma coisa qualquer extraordinaria! Que será?

O conde não esperou muito tempo. Passados apenas alguns minutos, o creado appareceu a participar lbe que a condessa sahia n'aquelle momento. O conde lançou mão do chapéu, e sabiu precipitadamente do quarto, deixando Germano cada vez mais surprehendido.

Logo que chegou á rua, olhou em todas as direcções, sem que visse já a condessa. N'aquelle momento porém, uma carruagem deu a volta á esquina da rua Saint-Dominique, e desceu a trote a rua Bellechasse.

—Naturalmente é ella que vae n'aquella carruagem, murmurou o conde.

E desceu tambem rapidamente a rua, no extremo da qual se achava parada uma outra carruagem.

—Está á espera de uma pessoa, que deve vir aqui entrar na sua carruagem, não é verdade? perguntou elle ao cocheiro.

—É verdade, senhor, respondeu este.

—Bem. Sou eu, que devo servir-me da carruagem.

E, abrindo a portinhola, entrou, dizendo:

—Vamos para Asnières.

—Demonio; não é muito perto, não. Rua...?

—Indicar-lh'a-hei quando lá chegarmos.

O cocheiro subiu para a almofada, fustigou o cavallo, e a carruagem partiu.

N'esse dia a casa de Asnières apresentava um ar festivo. O sol entrava alegremente por todas as janellas abertas. Laura e Luciano de Luranne esperavam Valentina em uma sala do rez-do chão.

Apparentemente Laura estava tranquilla, e mostrava-se ri-sonha; mas, á medida que a hora se approximava, sentia o coração confrangido por horrorosa angustia. Que aconteceria? Era esta a pergunta que a si propria dirigia com fundo inquietação.

Comprehendia bem, que não era preciso muito para que se desvendasse o papel infame, por ella representado em toda aquella intriga; contava porém com o ciume e excitação do conde para apressar o desfecho, que desejava fôsse terrivel. O que ella queria era vingar-se do conde, que a desprezara, e de Valentina que fôra causa involuntaria d'esse desprezo, e acontecesse depois o que acontecesse. Luciano estava tam-bem dominado por intima inquietação. Aquelle encontro, que tão ardentemente desejara, assustava-o agora.

Bateram por fim três horas. De momento a momento Laura levantava-se, e ia á janella applicando o ouvido. Por fim, uns

passos leves fizeram estalar a areia do jardim. Laura curvou-se sobre o peitoril, esperou um momento, e em seguida, voltando-se para Luciano, disse-lhe simplesmente:

—Eil-a!

O mancebo mostrou no semblante uma expressão de intimo jubilo. Laura foi abrir a porta do salão diante da condessa, que entrou pallida, tremula, e mal podendo ter-se em pé.

—Ah! Deus lhe pague! Deus lhe pague! balbuciou Luciano avançando para ella.

Vencida pela commoção a condessa cahiu prostrada sobre uma poltrona. Em pé junto da porta, Laura contemplava-os, com os labios entreabertos em um sorriso cruel. O mancebo dobrou um joelho diante de Valentina.

—Vou certificar-me se está bem fechada a porta do jardim, disse Laura.

E retirou-se, deixando entreaberta a porta do salão. Correu com effeito á porta do jardim, mas foi para a cerrar apenas, de maneira a poder ser aberta com um simples impulso. Em seguida occultou-se por detraz de um arbusto muito copado, e esperou.

Luciano tinha-se apoderado de uma das mãos da condessa, e cobria-a de beijos. Valentina conservava a cabeça inclinada sobre o peito, e não se atrevia a olhar para elle.

—Ah! lhe dizia o mancebo com commoção. Veiu aqui por minha causa, não obstante ter-lhe dito alguem que nunca cessei de a amar! que dôce consolação!

«Conservarei piedosamente a lembrança d'este momento de felicidade, que me convence de que lhe não sou completamente indifferente, e de que teve compaixão da minha dôr! Esta ideia ha de incutir em mim a força necessaria para viver!

—Por Deus lhe supplico! replicou Valentina com voz oppressa. Não me diga coisa alguma, que recorde o passado! Achando-me aqui n'este momento, sr. Luciano de Luranne, commetto uma grave imprudencia.

«Creia porém que não me arrependerei de ter vindo, se me prometter que não procurará tornar a ver-me, e que não fará uma qualquer tentativa irreflectida, que possa comprometter-me aos olhos do mundo, e attrahir sobre ambos a colera do conde de Bussiéres.

—Compromettel-a, eu! exclamou elle com dolorosa surpresa. Oh! pode julgar que eu seria capaz de tal fazer?

—Foi um momento de loucura, de desvairamento, que passou, não é verdade?

—Valentina... oh! perdão... Sr.^a condessa, não comprehendendo o sentido das suas palavras.

—Pois não pensou em ir a minha casa, em penetrar até onde eu estivesse, e em provocar meu marido, se tanto fôsse necessario para chegar junto de mim?

O mancebo estava estupefacto.

—Se fôsem com effeito essas as minhas intenções, teria enlouquecido de certo! respondeu elle em tom de indignação. Pois não sabe, não comprehende, que lhe consagro o mais profundo respeito, que daria a minha vida para lhe poupar o mais leve desgosto?

«E poderia eu ter o pensamento de perturbar o seu repouso, de fazer a sua desgraça?... Ah! mas d'esse modo seria eu um miseravel, um infame!!

—Meu Deus! meu Deus! murmurou a condessa, cheia de angustia. Eu tambem não comprehendo.

—Quem lhe disse essas coisas mentiu, enganou-a infamemente, juro-o! accrescentou Luciano.

A condessa erguen-se aterrada. Acabava de entrever a verdade.

—Uma cilada!! balbuciou ella com a voz estrangulada na garganta. Que quer isto dizer?

E tremia violentamente. O mancebo estava consternado.

—Laura? onde está Laura? exclamou a condessa.

—No jardim de certo, respondeu Luciano.

N'aquelle momento a porta abriu-se bruscamente, e no limiar appareceu o conde de Bussiéres.

—Traição! infamia!! exclamou Valentina com voz rouca.

E avançou para o conde, como para obstar a que transpuzesse o limiar da porta.





VII

A casa de Asnières

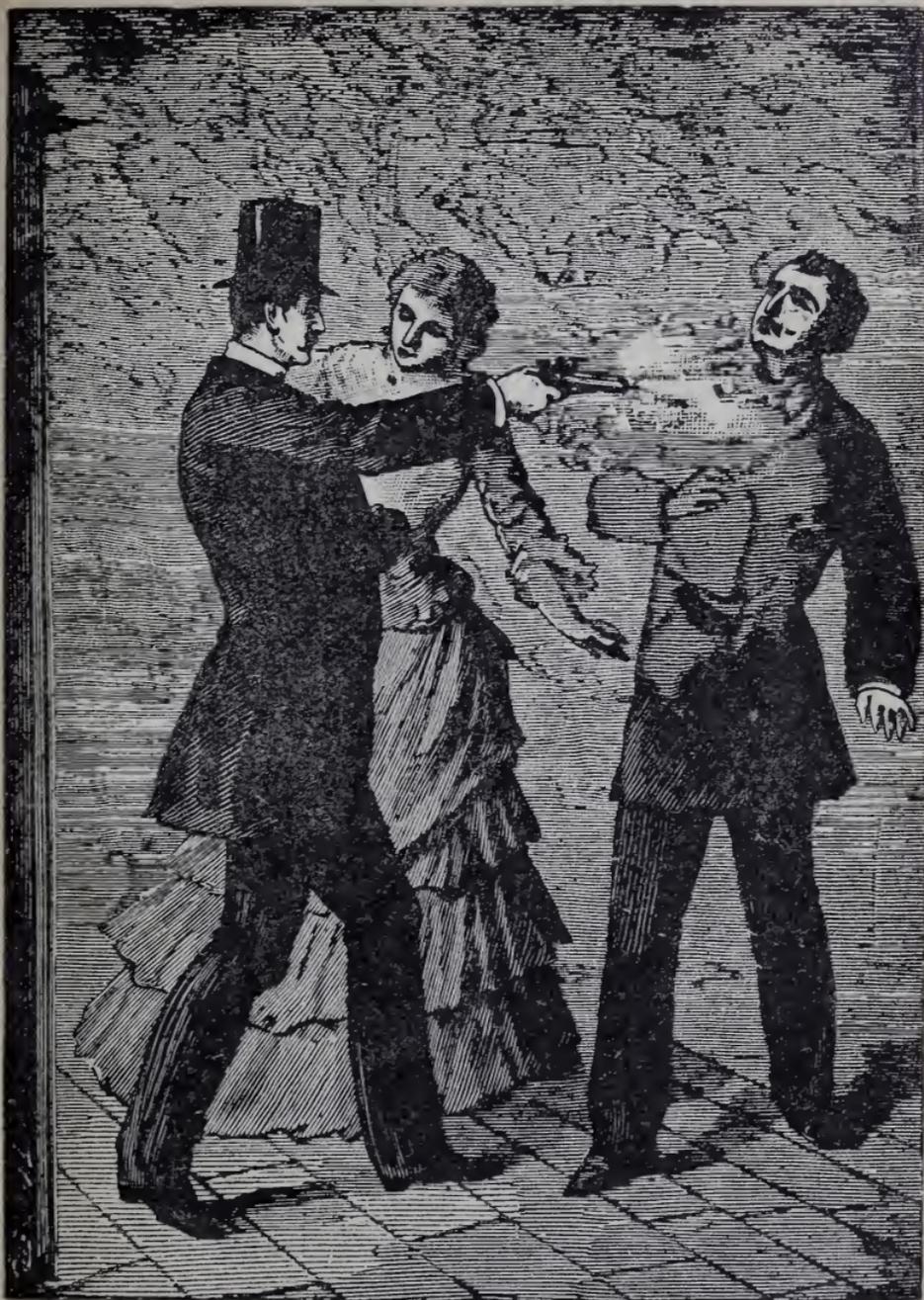
No semblante do conde de Bussières, horrorosamente contrahido, transpareciam todas as paixões, que tão violentamente o agitavam. Os labios tremiam-lhe, dos olhos injectados de sangue despedia chammas. Na mão direita segurava uma pistola. Avançou um passo, e o seu olhar terrivel e ameaçador fixou-se em Luciano de Luranne.

—Escute, attenda-me, senhor! bradou a condessa, louca de terror.

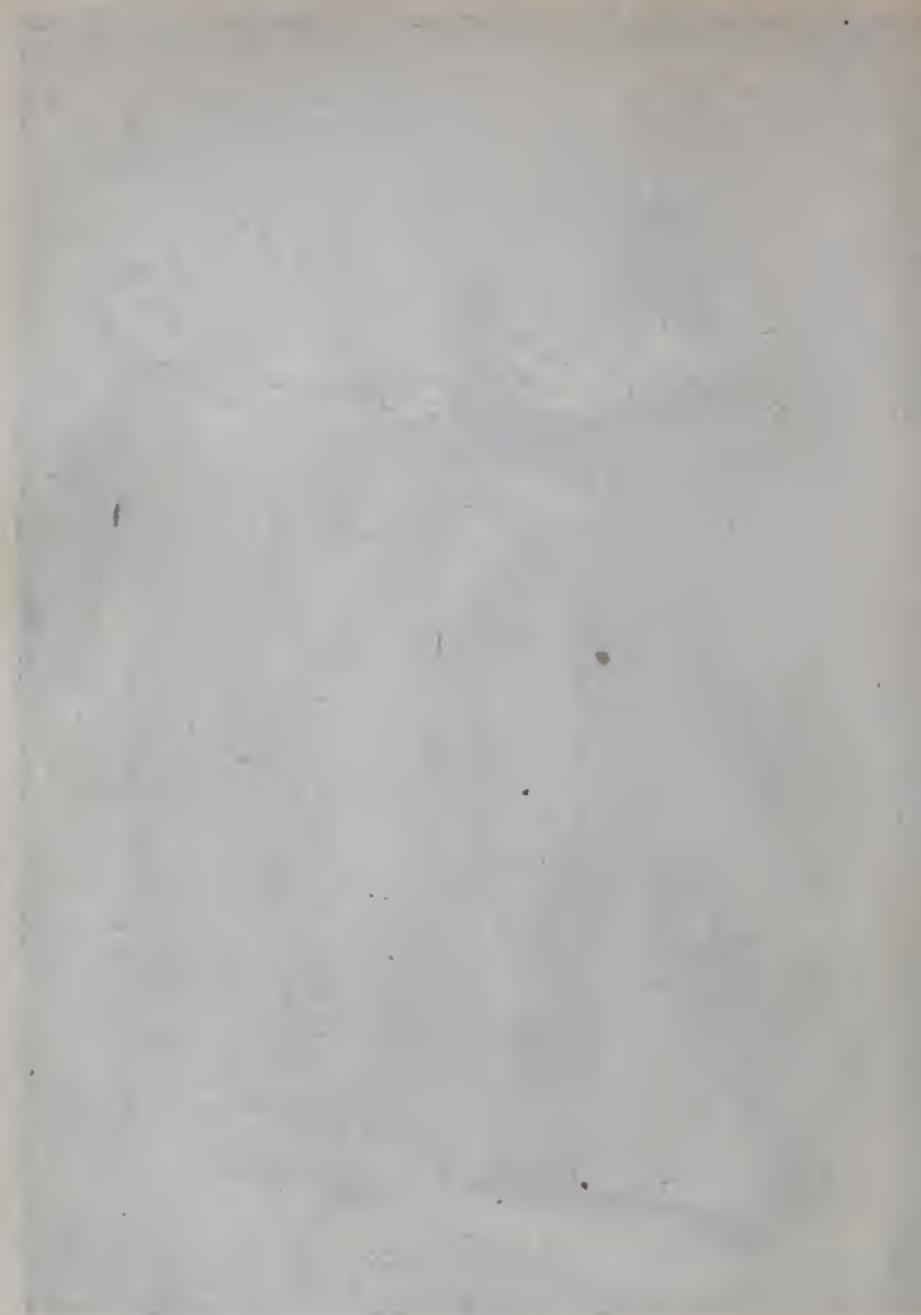
O conde repelliu-a com violencia. O desgraçado estava com a cabeça perdida.

—Sr. conde, começou Luciano; juro-lhe...

Mas nada mais pôde dizer. O conde de Bussières, que



... disparou os seus dois tiros á queima-roupa. (Pag. 51)



THE UNIVERSITY OF CHICAGO

levantara a arma, disparou os seus dois tiros á queima roupa. O desgraçado Luciano soltou um gemido surdo, deu uma volta sobre si proprio, e foi cahir aos pés do conde.

A condessa soltou um grito estridulo, horrivel, e cahiu tambem sem sentidos. O conde de Bussiéres lançou um olhar sombrio sobre a sua victima, e murmurou com voz surda:

—Vinguei-me!

Tinha ainda entre os dedos a arma homicida, que lançou para o jardim pela janella. Em seguida correu para sua mulher, e levantou-a nos braços. Sahi assim do salão, pondo os pés sobre o sangue que corria em borbotões dos ferimentos de Luciano, atravessou rapidamente o jardim conduzindo o seu fardo, e chegou junto da carruagem, cujo cocheiro conversava animadamente com um dos seus collegas.

A aparição do conde, levando nos braços uma mulher que parecia inanimada, cortou bruscamente aquella conversação. O conde de Bussiéres estendeu o corpo de sua mulher sobre uma das almofadas da carruagem, assentou se no lado fronteiro, e ordenou ao cocheiro que retomasse o caminho de Paris.

—Hum! dois tiros de pistola, uma mulher desmaiada, uma outra que foge... tudo isto me parece estranho e pouco corrente, disse com os seus botões o cocheiro, subindo para a almofada.

A carruagem partiu. O cocheiro, que ficava, era o da carruagem que conduzira para ali Laura e Luciano de Luranne.

Laura, escondida, como já dissémos, tinha visto chegar o conde de Bussiéres. Passados apenas alguns momentos, aterrorisada pela dupla detonação de uma arma de fogo, sahiu precipitadamente do jardim, correu para a carruagem da condessa. cujo cocheiro era evidentemente homem da sua confiança, e afastou-se com a maxima rapidez do horroroso dra-

ma, cujas peripecias haviam sido tão audaciosamente preparadas por ella.

No momento em que a carruagem do conde estava prestes a chegar ás portas, a condessa recuperou os sentidos e abriu os olhos. No primeiro momento pareceu ficar surprehendida, por se encontrar com seu marido em uma carruagem; mas logo depois transformou-se completamente a expressão do seu semblante. Lembrara-se. Agitou lhe todo o corpo um tremor convulsivo, e afastou-se do conde de Bussiéres com um movimento de terror, que não passou despercebido para este ultimo.

—Morto! morto! murmurou ella com voz abafada.

—Usei do direito, que tem todo o homem de defender e de vingar a sua honra! disse o conde com os dentes cerrados. Matei o seu amante!

Valentina endireitou-se, e despediu dos olhos desvairados um relampago de cólera. Ia protestar, mas arrependeu-se, e ficou silenciosa. Cruelmente offendida na sua dignidade, não quiz empregar uma justificação, que tão facil lhe seria. Contrahiu-lhe os labios um sorriso de estranha expressão, e murmurou:

—Devia-me ter assassinado tambem a mim!

—A senhora tem um filho, e eu... apesar de tudo... amo-a ainda! respondeu elle. Sim... amo-a ainda... e tratarei de esquecer...

—O quê? O seu crime?

—O sanguinolento ultrage feito á minha honra... Perdoar-lhe-hei.

A condessa fez um movimento accentuadamente desdenhoso.

—A minha vida está perdida para sempre, disse ella em

tom secco. Para mim já não pode haver esperança nem felicidade n'este mundo. Desde este momento não terei senão lagrimas. Não tenho perdão algum a receber, e regeito a sua compaixão. Se puder, esqueça o que se passou, senhor; eu não poderei... recordar-me-hei sempre!

E, deixando cabir o rosto sobre as mãos, começou a soluçar angustiosamente.

Passados alguns minutos a carruagem parou. O cocheiro, inclinando-se na almofada, perguntou para que ponto de Paris deveria dirigir a carruagem. O conde indicou a sua morada, e a carruagem continuou a rodar.

O conde agora olhava para sua mulher com mais compaixão do que colera, e ia como absorto nas suas reflexões. O ciúme mordia-o no coração; mas agora, que estava satisfeita a sua vingança, extinguiu-se subitamente n'elle a raiva insensata, que o agitara. Não sentia, porém, pesar algum ou arrependimento do crime, que acabava de praticar.

Logo que a carruagem parou finalmente á porta do palacete, em que residia, tocou levemente no braço da condessa, que tinha ficado com o rosto escondido entre as mãos, e apeiou-se. Quiz ajudar a condessa a descer, mas esta pareceu não ver a mão, que lhe era offerecida.

Valentina entrou rapidamente no pateo do palacete, e correu como uma louca a encerrar-se no seu quarto. Queria estar sósinha, para dar largas á sua dôr, que tão justificada era. Não pensava em si, e nem mesmo tratava de calcular que futuro seria o seu. Não chegava a sentir o seu sofrimento; dir-se-hia que lhe parara subitamente o coração. Estava como aniquilada; o seu corpo parecia ferido por uma insensibilidade completa. Mas na alma... que horrorosa tortura!

Todos os seus pensamentos eram para aquelle desgraçado

rapaz, que a amava, que ella amara e amava ainda, e que a mão barbara de um ciumento furioso acabava de prostrar covardemente aos seus pés. Depois, junto do cadaver ensanguentado de Luciano, viu erguer-se subitamente a imagem de Laura, e estremeceu horrorizada, balbuçando:

—Que monstro!!

Estendida sobre um soffá, soltava surdos gemidos, estorcia as mãos e os braços com movimentos febris e desesperados, e dava, emfim, todos os signaes de uma angustia indescritivel.

No entretanto o conde de Bussiéres, dirigindo-se á Prefeitura da policia, declarava ao proprio prefeito o que acabava de passar-se na casa de Asniéres, constituindo-se desde logo prisioneiro, se a authoridade assim o julgasse necessario. O prefeito, porém, conhecia-o, e entendeu que, até nova ordem, podia deixal-o em liberdade. Exigiu apenas que o conde ficasse em sua casa á disposição da authoridade, e estivesse sempre prompto a responder a todas as perguntas, que um juiz de instrucção tivesse de dirigir-lhe.

Em seguida fôram dadas as ordens necessarias para que partisse sem demora para Asniéres um commissario de policia, acompanhado por dois agentes. Segundo as indicações fornecidas pelo conde de Bussiéres, o commissario não teve difficuldade alguma em encontrar a casa, cuja porta estava aberta de par em par. Os tres homens penetraram no jardim, e ahi fôram logo rodeiados por umas vinte ou trinta pessoas, que ali se achavam discutindo, e fazendo os mais extraordinarios e caprichosos commentarios sobre o terrível acontecimento, que acabava de produzir se ali.

No primeiro momento o commissario não fez pergunta alguma. Limitou-se a abrir passagem, e a entrar na casa, que

estava toda aberta. No salão viu uma enorme poça de sangue, mas o cadaver, que ia ali levantar, tinha desaparecido. Pediu então informações, e soube que o homem, cujo nome ninguem sabia, não tinha ficado logo morto, e que, auxiliado por um cocheiro, tinha conseguido subir para uma carruagem, que atravessara a ponte de Asnières, e se dirigira para Paris.

Entre os curiosos só três ou quatro tinham ouvido as detonações, vendo depois o homem ferido, e assistindo á parida da carruagem. Ninguem sabia porém o que antes se passara. O commissario de policia não parecia muito satisfeito com o insignificante resultado da sua missão. Vendo que nada mais tinha que fazer em Asnières, ordenou que fôsem fechadas as janellas, e as portas da casa, depois de haver feito evacuar o jardim. A portinha verde foi igualmente fechada, e o commissario levou comsigo as chaves abandonadas por Laura.

Digamos agora o que se passara ali, depois da partida do conde de Bussières, que conduzia nos braços sua mulher desmaiada.

O cocheiro, que ficara sósinho na rua com o cavallo e a carruagem, sentia se dominado por viva inquietação. Com quanto tivesse o presentimento de que acabava de dar-se ali uma qualquer catastrophe, hesitava em ir pedir informações. Decorreram porém dez, quinze minutos, sem que apparecesse o seu cliente, e a sua inquietação augmentava mais e mais. Por fim decidiu-se a entrar no jardim, e dirigiu-se para casa, olhando para todos os lados com anciedade. Não via ninguem; era lugubre o silencio que ali reinava. O coração confrangeu-se-lhe. Conseguiu porem dominar aquella impressão de terror, e subiu cinco ou seis degraus, que davam acesso do jardim para o rez do-chão.

De subito ouviu um gemido, e estremeceu. Atravessou um

primeiro e um segundo compartimento, e achou-se por fim no salão, em presença do desgraçado Luciano, que estava banhado em sangue. Ergueu-o nos braços, e conseguiu assentá-lo sobre uma poltrona. O olhar amortecido do ferido animou-se um pouco, e pareceu agradecer-lhe. Mas logo depois o desgraçado deixou cair pesadamente a cabeça sobre o peito, e balbuciou:

—Aguai aguai!

O cocheiro olhou em redor de si; mas, não vendo na sala o que o ferido lhe pedia, saiu precipitadamente, e reapareceu ao cabo de alguns momentos com um copo cheio de agua, que aproximou dos labios do moribundo. Este ultimo bebeu avidamente, e depois, tomando entre as suas a mão do cocheiro, murmurou:

—Obrigado... amigo!

—Não pode estar aqui assim ao desamparo, disse o excelente homem. Vou já já chamar um medico.

—Não, não... peço-lh'oi!

Depois, soltando um gemido, perguntou ao cabo de um momento de silencio:

—Onde estão elles?

—Partiram, respondeu o cocheiro.

—Todos?

—Todos, sim. O sujeito, que entrara ultimamente, levou nos braços uma senhora desmaiada.

—Meu Deus, meu Deus! que irá elle fazer? suspirou o pobre Luciano.

E ficou durante um momento silencioso. Depois continuou com voz entrecortada:

—Não, não quero morrer aqui... E' preciso que me conduza a Paris... a minha casa... á rua da Sourdière, n.º

14... Terei a força necessaria para ir até á carruagem... Não, não quero morrer aqui... Pobre Valentina... perdida... perdida por minha causa!

E, segurando-se nos braços do cocheiro, fez um grande esforço, e conseguiu pôr se em pé.

—Sim, terei força... tornou elle. Vamos... conduza-me... Não diga nada do que se passou aqui... Nada viu... nada ouviu... nada sabe... Agora posso caminhar; vamos.

Appoiado sobre o cocheiro, que o amparava cuidadosamente, sahio de casa lentamente e com passos curtos, e chegou por fim junto da carruagem.





VIII

A victima

Como descrever a afflicção, o desespero do juiz Luranne e de Julia, quando viram chegar Luciano, pallido, extenuado, com as feições contrahidas pelo soffrimento, todo ensanguentado, moribundo emfim? O pae e a irmã atroaram a casa com os seus gritos e lamentações angustiosas. Era horroroso, despedaçador.

O ferido teve de ser tirado de dentro da carruagem por dois homens robustos, que o transportaram para o quarto de seu pae. Ali, porém, exgotado de forças em razão do muito sangue que perdera, e tambem pelas horriveis dôres que soffrera durante o trajecto, perdeu os sentidos logo que o estenderam na cama. A pobre Julia, louca de dôr, soluçava junto do leito.

O juiz Luranne, não menos desolado, tinha recuperado depressa a sua presença de espirito, e dera as convenientes ordens para que um creado fôsse correndo chamar o medico da casa, que era ao mesmo tempo amigo da familia, e um cirurgião dos mais celebres de Paris.

O pobre pae interrogou o cocheiro, que lhe contou o que sabia. Mas tudo aquillo era vago, e de difficil explicação. No entretanto o sr. de Luranne deprehendeu d'aquella narração, em que não se pronunciava um nome unico, que seu filho, attrahido traiçoeiramente a uma cilada, tinha sido ferido por um inimigo. Mas quem fôra o covarde assassino? Como descobri-lo?

N'aquelle momento não devia tratar de o procurar. O que primeiro que tudo tinha a fazer era tratar do seu filho, salvá-lo, se acaso não fôssem já inuteis para esse fim os recursos da sciencia. Pediu a morada do cocheiro, gratificou-o generosamente, e despediu-o. Voltou em seguida para junto do filho, que acabava de recuperar os sentidos, e que a desolada Julia acariciava por entre lagrimas e soluços.

O mancebo tinha nos labios um sorriso doloroso. Tendo uma das mãos entre as de Julia, estendeu a outra a seu pae.

O velho magistrado inclinou o corpo, e depôz um beijo na testa do filho.

—Ah! sinto-me bem junto do meu querido pae e da minha querida irmã! disse Luciano. Tive medo de morrer sósinho... quiz ver os meus ainda uma vez!

O juiz Luranne disse-lhe com voz trémula:

—Não falles muito, meu filho, que te faz mal de certo. Mais tarde has de contar-me tudo.

—Não... não tenho muito tempo para viver, murmurou Luciano.

—Ah! não digas isso, filho! exclamou o pobre pae com terror. Havemos de salvar-te!

N'aquelle momento chegava o medico, que se mostrava consternado. Era um velho clinico, em quem o juiz Luranne depositava uma grande confiança. Approximou-se da cama, e examinou Luciano attentamente. Depois descobriu os dois ferimentos, sobre os quais se coagulara o sangue, suspendendo assim a hemorragia. Uma das balas tinha o ferido no hombro, junto do pescoço; a outra alojara-se-lhe no peito.

O pobre pae interrogou-o com o olhar. O velho doutor abanou tristemente a cabeça, e murmurou as seguintes palavras:

—Grave; muito grave.

O desgraçado pae suspirou e baixou a cabeça.

—Seria conveniente mandar-se chamar sem perda de tempo um cirurgião, continuou o doutor.

—Já mandei, respondeu o sr. de Luranne.

Em quanto não chegava o collega, o doutor começou a fazer ao ferido um primeiro tratamento provisório. O juiz Luranne tinha esperanças ainda. Mas a sua ultima illusão foi destruida pelo segundo medico. O sabio especialista declarou que o mancebo estava perdido sem remedio, visto ter perigosamente compromettido um órgão essencial á vida.

—Pode viver ainda umas vinte e quatro horas, disse elle ao infeliz pae, que lhe supplicava, que lhe dissesse toda a verdade. Não podemos, porém, pensar em extrahir os projecteis; produzir se-hia fatalmente a morte durante a operação.

A terrivel verdade foi escondida com o maior cuidado a Julia de Luranne, a qual se havia installado á cabeceira da cama de seu irmão, declarando que nem por um minuto se separaria d'elle. No entretanto, ás dez horas da noite, a pedido de Luciano que queria ficar sósinho com seu pae, consentiu em

sabir do quarto; mas com a condição de que voltaria muito depressa a occupar o seu posto de enfermeira.

—Agora que estamos sós, meu querido pae, disse Luciano, pode fazer-me saber qual foi a sentença dos medicos. Não receie atemorizar-me; estou preparado para tudo.

O magistrado tomou entre as suas uma das mãos do seu filho, e ficou silencioso e triste.

—Comprehendo que não se atreve a dizer-me a verdade, tornou o mancebo; mas eu adivinhei-a pela expressão do olhar do medico... Estou condemnado; a morte adeja por sobre a minha cabeça. Creia, meu querido pae, que nenhum pesar tenho de deixar a vida, senão porque me separo de meu pae e de minha irmã. A verdade é que não poderia viver feliz com este fatal amor, que, não obstante todos os esforços que fiz com esse intuito, nunca pude arrancar do coração. Mais tarde ou mais cedo devia morrer d'este desgraçado amor.

Estas palavras fôram um raio de luz para o juiz Luranne.

—Luciano, interrogou elle tristemente: desde a noite em que encontraste a condessa de Bussiéres, em casa da baroneza de Bierle, tornaste a vel-a mais alguma vez?

—Sim, meu pae.

—Hoje, em Asniéres?

—Sim.

—Ah! comprehendo tudo!

—O conde seguiu sua mulher, e surpreendeu-nos juntos, no momento em que acabavamos de descobrir que haviamos cahido em uma cilada infame...

—Uma cilada! ah! não me enganava eu, não! murmurou surdamente o juiz Luranne.

—O conde estava louco de irritação; antes de que eu tivesse tempo para lhe dar a mais leve explicação, e sem que-

rer ouvir Valentina, disparou dois tiros contra mim, suppondo sem duvida que tinha a sua honra a vingar. Juro lhe porém, meu querido pae, pela nossa honra, e pela memoria de minha pobre mãe, juro-lhe que a condessa está innocente; não faltou a um unico dos seus deveres de esposa, e é digna do respeito de todos. É ella uma nobre e santa creatura.

—Mas que fim teve essa entrevista em Asnières?

—Já disse; uma cilada infame preparada contra a condessa e contra mim.

—Por quem? pelo conde? perguntou o magistrado, despedindo do olhar um terrivel relampago.

—Não, meu pae; em tudo isto o conde foi uma victima, como a condessa e como eu.

—Estava comvosco uma outra mulher, segundo me disse o cocheiro...

—Oh! sim... miseravel! murmurou o infeliz Luciano.

—Foi então essa mulher...?

—Foi, sim, meu pae.

—Diz-me o seu nome...

No semblante de Luciano transpareceu uma expressão dolorosa.

—Dizer-lh'o... para quê? O mal está feito, e não tem remedio... O seu nome! Causa-me horror, repugna-me pronuncial-o. Não procure conhecê-lo, meu pae. De mais, um homem nobre, digno e bom, como é o meu querido pae, não se vinga de uma mulher, má e infame que ella seja; despreza-a!

—Luciano, replicou gravemente o magistrado: a justiça quando fêre um criminoso, não exerce uma vingança: castiga.

—E' verdade, meu pae; mas Deus tambem é juiz, o juiz supremo; incumbir-se-ha Elle de punir essa desgraçada.

O mancebo ficou durante alguns momentos silencioso, com o olhar fixo em seu pae, que parecia absorto em pensamentos sombrios. De subito as feições do ferido animaram-se, e no seu olhar brilhou um raio de esperança.

—Meu querido pae, disse elle: tenho uma coisa a dizer-lhe... uma supplica a dirigir-lhe...

—Falla, filho, respondeu o velho.

—Meu pae: o conde de Bussiéres foi enganado indignamente: um erro fatal...

—O conde de Bussiéres assassinou o meu filho! pronunciou o magistrado com voz surda.

—Julgou-me amante de sua mulher, replicou Luciano vivamente; encontrou me junto d'ella, tinha o direito de matar-me.

—O jury do tribunal criminal apreciará as circumstancias ..

—Meu adorado pae, não me deixe morrer desesperado. Peço, supplico, que não se faça escandalo em volta do meu athauel! E' a ultima supplica que lhe dirijo, meu pae; será a ultima graça que me concederá! Não desejo que o conde seja perseguido por o seu crime... E' ao meu querido pae que supplico que o proteja...

«O pae pode abafar o escandalo, pôr pedra em cima d'esta questão... Basta de desgraças... É principalmente por causa d'ella, por causa da pobre Valentina... Ah! e havia de ella, a santa creatura, ser lançada á curiosidade do mundo, aos sarcasmos dos maus? Não, não, o pae não ha de permittir isso! Ah! este pensamento aterrorisa-me.

«Meu pae, compadeça-se da pobre condessa de Bussiéres! Que não haja escandalo, é o derradeiro voto do seu pobre filho moribundo!

O velho magistrado chorava silenciosamente.

—Ah! o meu querido pae, chora... comprehendeu-me! tornou Luciano. Obrigado, meu pae, Deus lhe pague! Morrerei com o coração satisfeito, e com o espirito tranquillo, sem tormento, sem soltar uma queixa. Ah! não me lastime ninguém; amo-a, e é por ella que morro!

O desventurado pae levou o lenço á bocca para suffocar os soluços, que lhe subiam do coração á garganta. Nos olhos e em todo o semblante de Luciano brilhava agora a expressão de uma alegria indefinivel; descerrava-lhe os labios um dôce sorriso. A sua physionomia, ha pouco tão contrahida pelo soffrimento, estava agora tranquilla, quasi radiante. Dir-se-hia que cessara subitamente de soffrer. O velho magistrado contemplava-o com surpresa, com ternura infinita.

—Promette, não é verdade, meu pae? insistiu o ferido.

—Sim, filho, farei o que desejas, balbuciou o velho.

—Faça-se silencio sobre a minha morte. Ninguem tocará na reputação, e na pureza de Valentina. Ah! esta ideia é para mim a suprema das consolações!

Depois de um novo silencio, Luciano disse:

—Meu pae... quereria escrever.

—Mas tu não podes, filho! suspirou o pae!

—Posso, sim; terei ainda força para escrever algumas linhas.

—A quem?

—A ella, meu pae... a ella!

—Que queres tu dizer-lhe, filho?

—Tranquillise-se, meu pae; lerá primeiro...

Em taes circumstancias o infeliz pae nada podia recusar a seu filho; queria suavisar os seus derradeiros momentos, satisfazendo todos os seus desejos. Foi pois buscar para sobre a cama tudo o que era necessario para escrever. Em seguida

ajudou o ferido a erguer-se sobre as almofadas, e amparou-o, encostando-o ao peito.

N'aquella posição, e com o papel collocado sobre um volumoso livro, o ferido conseguiu escrever com mão tremula as seguintes linhas:

«Sr.^a condessa

«Vou morrer; d'aquí a poucas horas terei deixado este mundo; mas a causa da minha morte ficará occulta. É preciso que o nome e a honra de Bussiéres permaneçam intactas, como é de justiça; é preciso que o mundo não tenha o direito de ter suspeitas sobre a dignidade e direitura de sentimentos da mais nobre, da mais santa e virtuosa das mulheres!

«Ser-lhe-ha facil provar ao sr. conde que o não ultrajamos; e para isso bastará fazer-lhe saber a infamia de uma creatura miseravel que se dizia amiga da sr.^a condessa e que tão traiçoeiramente nos perdeu!

«O sr. conde de Bussiéres feriu-me julgando-nos criminosos; defendia a sua honra, que suppôz ultrajada. Matou-me, sim... mas diga-lhe que eu a amava muito profundamente, para que não a respeitasse, e que morro perdoando-lhe.

«Adeus... vela-se-me a luz dos olhos... não posso mais... adeus... adeus!

«LUCIANO DE LURANNE.»

Em seguida apresentou a folha de papel a seu pae, dizendo:
—Peço-lhe que mande entregar amanhã esta carta no palacio da familia de Bussiéres, com ordem de ser entregue em mão a Valentina.

E, fechando os olhos, cahiu pesadamente sobre as almofadas.

A partir d'aquelle momento não pronunciou mais senão meia duzia de palavras. Julia entrou de novo no quarto, e esteve junto do moribundo até á meia noite. A essa hora o juiz Luranne usou da sua authoridade para a forçar a ir descansar um pouco. Tinha mandado chamar um padre, e não queria que a sua filha visse aquelle consolador supremo, porque não sabia ainda que estava perdida toda a esperança de salvação.

A pobre menina, extenuada de forças como estava, em razão da agitação e angustia do dia anterior, estava ainda dormindo no dia seguinte ás sete horas e meia, quando o pobre Luciano soltou o derradeiro suspiro nos braços de seu pae.

Conforme elle proprio dissera, morreu sem proferir uma queixa, sem um gemido, com o sorriso nos labios.

O juiz Luranne juntou á carta de Luciano para Valentina as seguintes palavras:

«Acaba de morrer o meu pobre filho, sr.^a condessa. Cumpro uma das suas ultimas vontades, enviando-lhe esta carta, que contém palavras que constituem a sua justificação plena e completa. O meu infeliz filho, no momento de morrer, perdoou ao seu assassino; eu quero imital-o, e... perdôo tambem...»

«Conceda Deus á sr.^a condessa a felicidade do esquecimento, e a ventura que merece. Foi este o ultimo desejo do desventurado Luciano; é tambem o meu.»

«AFFONSO DE LURANNE.»

Sobre o *enveloppe*, cuidadosamente fechado, escreveu o nome da condessa. Depois chamou um criado, e confiou-lhe a carta, recommendando-lhe expressamente que a entregasse em mão propria á condessa de Bussiéres.

Cumprido que foi este primeiro dever, lembrou-se da promessa que fizera ao seu filho. Na propria dôr encontrava elle a coragem e a força para o que estava fazendo. Em menos de duas horas fez todas as diligencias necessarias para que não se procedesse a investigações sobre o drama da casa de Asniéres, e obteve a quasi certeza de que o conde de Bussiéres não seria alvo de um qualquer procedimento judicial.

Graças a estas precauções, o acontecimento, a que os jornaes chamaram «o crime de Asniéres», ficou sempre envolvido em profundo mysterio.





IX

Separação

A condessa de Bussiéres levantou-se cedo, depois de uma longa noite de insomnia. Tinha chorado e reflectido muito. Julgava verdadeiramente horrorosa a sua situação. Não podia illudir-se: estava perdida para sempre a sua vida. Para ella não podia já haver alegria, nem felicidade. O seu coração — de mais o sentia ella — acabava de fechar-se para sempre para seu marido, que todavia teria podido chegar a amar.

O ciúme do conde, as suas singularidades de character, e as suas desigualdades de humor, que o tornavam de ordinario injusto e até pouco delicado, tinham afastado um do outro os dois esposos; o sangue de um innocente, brutalmente derramado, desunia-os. Depois de um acto tão abominavel, que era

para a condessa uma nova injúria, a maior de todas, a vida em commum era já impossível.

Em resultado das suas reflexões, a condessa tomou uma grave determinação. Resolveu separar-se de seu marido, para ir sepultar-se em um retiro profundo e afastado. Só o seu filho poderia demovel-a d'este proposito, pois sabia muito bem que lhe não seria permittido leval-o comsigo.

Esta ideia teve-a hesitante durante muito tempo; mas o medo, o terror, que seu marido lhe inspirava, foi n'ella mais forte do que o amor maternal. De mais o seu filho pertencia-lhe tão pouco!... Além d'isto a condessa de Bussiéres tinha tomado tambem a firme resolução de não dar uma palavra unica, com que pudesse provar a sua innocencia.

Havia evidentemente n'este proposito o elevado desdem de uma alma indignada; mas ao mesmo tempo constituia tambem uma exageração de orgulho verdadeiramente singular, e até certo ponto censuravel.

O conde, amordaçando os seus pensamentos, e forçando-a a comprimir todos os seus sentimentos, tinha de algum modo atrophiado aquelle coração, e lançara em todo o seu ser uma especie de desordem moral. Não, não queria erguer aquelle grito da mulher injustamente accusada:

—Estou innocente!

Julgaria ella que, calando-se, evitaria um remorso ao conde de Bussiéres? Talvez. Podemos porém affirmar que o receio de ser detida por seu marido, e de se ver condemnada a viver junto d'elle, entrava em grande parte no empenho, que ella tinha, em guardar silencio.

Vestiu-se rapidamente e sósinha, e em seguida chamou a sua creada particular.

—Marietta, lhe disse ella: creio que encontrarás facilmente

em casa algumas caixas e malas. Se as não houver, mandarás compral-as. Em seguida mandal-as-has trazer para aqui, e guardarás dentro d'ellas tudo o que me pertence. Aqui tens as chaves dos moveis em que estão as roupas.

Marietta, que tinha trocado no dia anterior algumas palavras com os outros creados, e suspeitando que as coisas corriam de mal para peor entre o conde e a condessa, ficou desde logo convencida de que se dera entre os dois um qualquer acontecimento muito grave, e entendeu que devia mostrar-se consternada.

—Porque razão olhas tu para mim d'esse modo, Marietta? Não comprehendeste?

—Comprehendi perfeitamente, minha senhora. Perguntava porém a mim propria...

—O quê?

—Se será intenção da sr.^a condessa ir viajar.

—Sim, vou viajar.

—E... tenciona ir para muito longe, sr.^a condessa?

—Sabêl-o-has, se me acompanhares.

—Oh! a sr.^a condessa sabe bem quanto lhe sou dedicada; acompanharei a sr.^a condessa para onde queira levar-me.

—Pois n'esse caso, faz depressa o que te ordenei, porque partiremos hoje mesmo. Ha de ser necessario ir contractar uma carruagem de posta, mas pedirei a Germano que se incumba de me prestar esse serviço.

Marietta retirou-se, e foi immediatamente procurar um dos lacaios da casa, galanteador de ante-camara, que lhe arralhava madrigaes, e pediu lhe que a acompanhasse na busca das caixas e malas, de que a condessa carecia.

A proposta de percorrer os forros do edificio em companhia da gentil creadinha não podia desagradar ao galanteador, que

se promptificou immediatamente áquelle serviço, esperando achar uma occasião para colher uma flôr nas suas rosadas faces.

No entretanto um outro creado introduzia o creado de Affonso de Luranne no *boudoir* da condessa. O velho creado, que era muito dedicado á familia que servia, e que tinha visto nascer Julia e o desgraçado Luciano, tinha os olhos rasos de lagrimas.

A condessa reconheceu-o immediatamente e começou a tremer como a folha que o vento sacode. O seu olhar ancioso interrogou o velho servidor, que lhe apresentou silenciosamente a carta.

Valentina rasgou o *enveloppe* e leu em primeiro logar o bilhete do pae de Luciano. Não soltou um grito, os seus olhos permaneceram seccos; mas o tremor dos labios, a agitação das palpebras e a expressão da sua physionomia, revelavam n'ella um soffrimento horrivel.

Em seguida leu a carta de Luciano; e então não pôde conter um soluço... Os seus olhos tiveram ainda duas lagrimas, que oscillaram um momento como duas perolas nas suas palpebras, e cahiram por fim sobre o papel.

Ficou ainda durante alguns segundos com a cabeça curvada e o olhar fito sobre a carta, como se ainda a estivesse lendo.

Por fim levou as duas folhas de papel aos labios, e voltando-se para o velho creado da familia Luranne, pronunciou as seguintes palavras:

—Diga ao sr. Affonso de Luranne que dirigirei a Deus as minhas orações por o seu filho e que o acompanho com magoadas lagrimas no seu desgosto...

O velho servidor inclinou-se profundamente, e sabiu recuando, sem ter pronunciado uma palavra unica. A condessa

dirigiu-se para o seu quarto, abriu um pequeno cofre de prata cinzelada, e guardou dentro piedosamente o bilhete do pae e a carta do filho.

O conde de Bussiéres depressa teve conhecimento de que a condessa mandara preparar as suas malas, e estava resolvida a partir para longe n'aquelle mesmo dia. Esta decisão, sem que o surprehendesse absolutamente, causou n'elle uma commoção muito viva. Mandou immediatamente perguntar a sua mulher se poderia recebê-lo.

—O sr. conde pode vir aqui quando queira, respondeu ella muito naturalmente.

Passados apenas alguns momentos, o conde de Bussiéres entrava nos quartos de sua mulher, onde tudo se achava já em uma grande desordem, que annunciava uma partida proxima.

—É então verdade que quer partir? perguntou elle.

—Hoje mesmo, respondeu Valentina.

—Sem mesmo pensar em que posso oppôr-me á sua partida?

—Pelo contrario, pensei que tal não faria.

—Mas tenho esse direito.

—É possível, mas não ha de usar d'elle.

—Valentina, tornou o conde com voz vibrante: medite em quanto é tempo ainda, renuncie ao seu projecto. Amo-a sufficientemente para poder esquecer o passado.

A condessa abanou a cabeça e replicou:

—Ha coisas que não podem esquecer-se, sr. conde: é o sangue que derramou, é o cadaver que lançou entre nós que nos separa!

O semblante do conde contrahiou-se, e no olhar brilhou-lhe um subito relampago.

—É imprudencia da sua parte fallar-me d'esse modo, disse elle com voz abafada. Bem vê que não lhe dirijo uma unica palavra de censura, que não lhe peço contas do ultrage que me fez, e deveria imitar o meu silencio. Não é criminoso quem usa do seu direito de defeza contra o ladrão da sua honra; matei um miseravel, um infame...

—Não insulte a sua victima, sr. conde! exclamou ella.

—Oh! atreve-se a defendel o diante de mim!

—Diante do mundo inteiro, pertence-me esse direito.

—Mas isso é cynismo!

—Não, sr. conde; é a indignação de uma alma revoltada.

—Eu sei que amava aquelle homem antes de casar.

—Amava-o, sim; não preciso, nem quero negal-o.

—Mas então para que casou comigo?

—Casei... porque era sorte minha ser desgraçada, porque estava condemnada a soffrer eternamente... Mas já que se julgou offendido, visto que vingou a sua honra, sem mesmo procurar saber se ella estava em perigo, porque razão me não matou tambem a mim, sr. conde?... Ah! livrando-me d'esta miseravel vida, ter-me-hia prestado um grande serviço!

Estas palavras perturbaram o conde de Bussiéres, que por primeira vez pensou em que sua mulher podia talvez estar innocente.

—Sim, poderia ter-lhe dado a morte, replicou elle com voz tremula e mal segura. Confesso mesmo que, no meio do meu furor, cheguei a ter essa ideia; mas a lembrança do meu filho, do nosso filho, Valentina, conteve o meu braço, e acalmou subitamente a raiva que de mim se apoderara.

«O nosso filho defende-a contra mim, e protege-a. É elle, mais ainda do que o amor que lhe consagro, Valentina, que me ordena que esqueça o passado, e me brada: «perdôa!»

«Ah! deve agradecer-lhe... é a elle, a elle só, que deve a minha indulgencia!

«Mas as suas palavras de ha pouco impressionaram-me... Disse-me que «eu vingara a minha honra sem mesmo procurar saber se ella estava em perigo...» Que significam estas palavras, Valentina? Quiz acaso dizer-me que não tinha faltado aos seus deveres de esposa?

A condessa ficou silenciosa.

—Em nome de Deus, explique-se, Valentina, insistiu elle com agitação. Diga-me a verdade: era ou não culpada?

—Pergunte-o a si proprio, sr. conde, respondeu ella friamente. Eu nada lhe direi.

Os labios do conde contrahiram-se em um sorriso de amargura.

—Louco, louco que sou! murmurou elle. Quero duvidar, quero illudir-me; mas é impossivel.

Depois de uma breve pausa, continuou:

—Este assumpto é penoso para ambos, não voltaremos a discutil-o... O que ora me preoccupa é a resolução que parece ter tomado. Não saia d'esta casa, Valentina.

«Fique, se não por mim, ao menos por o seu filho, pela sociedade...

—É inabalavel a minha resolução, sr. conde. Creia que reflecti profundamente antes de adoptar este partido. A situação é dolorosissima; foi o sr. conde quem a dispôz assim, e agora não a poderá já alterar. Afasto-me para longe, porque não podemos já viver juntos.

—Sim, comprehendo que lhe causo horror, disse elle em tom guttural, e com os dentes cerrados. E sobeja razão ha para isso... Odeia-me porque matei o seu amante!

A condessa tremeu de colera, e despediu do olhar um re-

lampago sombrio; mas, resolvida como estava a não se defender, teve a coragem de não protestar.

—Sim, é verdade que não o amo, replicou ella com mal contida irritação; não direi que me causa horror, mas o sentimento que ora me inspira é uma especie de medo. Mas se não o amo, a culpa é sua.

«Conheço que são nobres e elevados os seus sentimentos, sr. conde, e eu respeitei sempre e acatei essas suas qualidades. Mas o sr. conde não sabe, decerto, nunca chegará a saber, quanto me tem feito soffrer o seu estranho character, o seu ciume verdadeiramente feroz.

«Nos primeiros tempos do nosso casamento teria eu podido chegar a amal-o; mas que diligencias empregou para esse fim o sr. conde? nenhuma... Tratou-me sempre como uma creança, e não como deve tratar-se uma mulher.

«Eu nada sabia da vida, é verdade; ignorava tudo, e era ingenua, simples; estúpida talvez... Que conselhos me deu? Procurou acaso encaminhar-me, esclarecer-me, dirigir-me? Não, nunca.

«O que fez foi abandonar-me a mim propria, ao mesmo tempo que me sujeitava á sua authoridade verdadeiramente despotica. Tinha aspirações, que tratou de extinguir; assim como de comprimir todos os impulsos espontaneos dos meus sentimentos; em uma palavra, aniquilou-me.

«Lançou uma especie de crepe lutuoso sobre a minha alegria, e sobre a minha mocidade. Foi uma ideia sua, uma phantasia; satisfez o seu capricho, mas não conquistou o coração de sua mulher.

«E todavia, visto que era amor o sentimento que tinha por mim, devia ter feito todos os esforços possiveis com este intuito... Oh! e não creia que as minhas palavras constituam

censura; o que unicamente quero é mostrar-lhe toda a verdade no momento de nos separarmos.

«Não me arvore em seu juiz, não; quero apenas que, vendo bem qual a existencia que me proporcionou, se julgue a si proprio...

O conde de Bussiéres, surprehendido, curvava a cabeça.

A condessa continuou:

—Depois mandou-nos Deus um filho, e eu tinha o direito de esperar que o pequenino ente o tornaria menos injusto para comigo, e faria finalmente nascer entre nós a intimidade cheia de confiança, sem a qual nenhuma união pode ser feliz.

«Não aconteceu, porém, assim... A partir d'esse dia foi mais do que indiferença, foi quasi desprezo o sentimento que passou a manifestar-me, como se, tendo-lhe dado um filho nada mais esperasse nem carecesse de mim.

«Essa creancinha, que podia ser a minha consolação, a minha alegria, foi roubada aos meus carinhos pelo seu capricho inexplicavel.

«Mostrou-se como ciumento da afeição que eu podia consagrar ao nosso filho, e nem mesmo pareceu permittir-me o direito de o amar! E fui forçada a supportar esta nova prova, mais cruel do que todas as outras...

«Eis como humilhou a minha dignidade de esposa e de mãe, como me feriu nos meus mais caros sentimentos. Era preciso um abalo violento, como foi o de hontem, para acordar essa minha dignidade, e para me restituir o meu bem entendido orgulho. É a primeira vez que lhe fallo tão longamente, sr. conde; mas termino aqui... Nada mais tenho para dizer-lhe.

—Acaba de mostrar-me os erros que, segundo a sua opinião, commetti, replicou o conde surdamente; pois bem, reco-

—Peço-os, já que elles constituem a sua desculpa. Peço-lhe, porém, mais uma vez que não parta.

—E eu tambem mais uma vez lhe repito: é impossivel que continuemos a viver juntos.

O conde mordeu os labios e fez um movimento de mal contida irritação.

—Pois bem, disse elle com os dentes cerrados; visto que parte, não mais tornará a ver o seu filho!

A pobre mãe foi agitada por um estremecimento doloroso; teve, porém, a força necessaria para se center e para se mostrar tranquilla. Respondeu friamente:

—Já contava com isso.

—Nada ha então que possa mudar a sua resolução?

—Nada.

—Muito bem; já que assim o quer, não empregarei a força para a deter. Tenho ao menos o direito de lhe perguntar para onde vae?

—Vou para Arfeuille, para o castello dos meus antepassados, onde nasci, e onde me consolarei com a recordação dos dias da infancia, os unicos felizes da minha vida. Ahi, vivendo longe dos bulicios do mundo, esperarei resignada que a morte traga para mim o esquecimento, e seque a fonte das minhas lagrimas, fechando-me os olhos para sempre.

—Sim, tem talvez razão, respondeu o conde seccamente; a solidão é-lhe necessaria. Parta, pois. Desejo que um dia não tenha de arrepender-se de tão pouco caso haver feito das minhas observações e de ter repellido a mão que eu estava prompto a estender-lhe para a levantar...

Em seguida saudou-a friamente, e sahio dizendo-lhe unicamente:

—Adeus!

A condessa de Bussiéres ficou durante alguns momentos immovel, e como suffocada. Pensava no seu filho...

De tarde, antes de partir, mandou pèdir ao conde que lhe permittisse beijar a creancinha uma ultima vez. O conde accedeu ao pedido e mandou-lhe o filho.

A pobre mãe, vendo-o, não pôde conter um grito. Tirou-o dos braços da ama e apertou-o, febrilmente, de encontro ao coração, cobrindo-o de beijos, e chorando copiosamente. Aquella despedida durou mais de um quarto de hora.

Por fim entregou a creança á ama, que a levou em seguida.

—Ah! eis o verdadeiro sacrificio! murmurou a condessa, soluçando.

Passados alguns minutos a carruagem de posta, que devia conduzir a condessa a Arfeuille, sahia do pateo do palacio.





X

Sempre o mesmo capricho!

A subita desapareição da condessa de Bussiéres foi commentada de mil modos differentes, e deu logar a um grande numero de falsas interpretações. Interrogado pelos seus amigos mais intimos, o conde respondia com evasivas, e guardava sobre o assumpto a mais obstinada reserva.

Não confiou o seu segredo e o seu desgosto senão a um unico d'esses amigos, ao môço advogado Nestor Dumoulin, cujo debute na carreira que escolhera havia sido brilhantissimo, e que já então gosava de uma certa celebridade.

O conde, que já n'essa epocha havia restringido muito as suas relações, deixou completamente de apparecer na sociedade, e não voltou a receber pessoa alguma em casa. Embre-

nhou-se cada vez mais nos seus pensamentos sombrios, e passou a viver unica e exclusivamente para o seu filho, do qual fez o seu idolo, o seu Deus.

Nos primeiros tempos todos o lastimavam; mas depois em razão do seu completo retrahimento, cessou todo o interesse que merecia, e ninguem mais se lembrou d'elle.

E d'este modo conseguiu elle a vida completamente isolada e só, que tanto desejava.

A primeira pessoa, a quem elle fechou implacavelmente a porta foi Laura. Como por instincto tinha adivinhado o odioso papel que ella representara no drama de Asnières.

A miseravel creatura tinha satisfeito a sua vingança, mas sem attingir o fim a que ella visava... O conde não queria ser consolado.

Digamos desde já, para não termos de voltar a fallar na miseravel creatura, que, n'aquelle mesmo anno, soffreu uma doença horrivel: as bexigas.

Depois de dois mezes de um soffrimento atroz, curou-se; mas a doença tinha-lhe roubado a formosura, de que tão ufana e orgulhosa ella era. Ficou horrorosamente desfigurada.

Chegara a haver o receio de que ficasse completamente cega; a medicina, porém, conseguiu conservar-lhe o olho direito. A primeira vez que passou diante de um espelho, Laura soltou um grito de terror e de raiva. Teve medo de si propria.

Nunca vira um rosto tão horroroso, tão repugnante, como era agora o seu.

Deus não fizera esperar o castigo... Ao cabo de algum tempo, conhecendo que era objecto de compaixão e de horror para todos os que d'ella se approximavam, entrou em um convento.

A condessa de Bussières sentiu-se relativamente tranquilla

e consolada, logo que se achou installada no castello de Arfeuille, que deixara na idade de dez annos para ir viver em Paris em casa do seu tutor, e onde desde então não fizera senão curtas e raras aparições.

Ali foi recebida com grandes demonstrações de jubilo.

Todos se lembravam ainda dos serviços prestados áquella região por a sua familia, e do bem que seu pae e sua mãe haviam feito aos pobres da provincia.

A sua installação em Arfeuille foi de uma simplicidade extremã. Tendo levado consigo a creada Marietta, não tomou para o seu serviço senão uma cosinheira, e uma outra creada, filha de um dos seus rendeiros.

O jardineiro, sua mulher, o ajudante do jardineiro, e um outro creado, já anteriormente em serviço no castello, continuaram a estar sob as ordens do administrador da propriedade, o qual occupava uma parte do velho edificio, completamente separado e independente d'aquella em que a condessa se installara.

Se não fôsse a saudade por o seu filho, a condessa, rodeiada do respeito e da affeição de todos, teria podido julgar-se relativamente feliz na sua solidão.

Mas o seu coração tinha frequentes vezes umas vibrações dolorosas, e a pobre mãe cabia em tristeza profunda.

Consolar todos os soffrimentos que lhe eram indicados, soccorrer os desgraçados, extinguir a miseria em redor de si, eis qual foi a sua mais cara distracção logo desde os primeiros dias da sua chegada.

Só assim conseguia sabir do seu abatimento, e eximir-se ao desgosto e ao desalento que podiam fazel-a aborrecer a vida.

Procurava e achava conforto tambem na oração, a qual in-

cutia n'ella a coragem necessaria para viver sósinha com as suas recordações e com as suas saudades.

Um dia a condessa comprehendeu que Deus ia conceder-lhe mais um filho, e o seu coração innundou-se de uma alegria verdadeiramente delirante. Tinham-lhe arrebatado o seu primeiro filho...

Deus, compadecendo-se do seu isolamento, dava-lhe outro filho! A desgraçada cahiu de joelhos, e elevou para o ceu a fervorosa expressão do seu fundo reconhecimento...

Ia começar para ella uma vida nova; ia poder exhumar do seu coração toda a ternura, todo o amor, toda a dedicação, todos os sentimentos de abnegação e de affecto, que ali se achavam sepultados sob a pesada pedra das desillusões, da amargura e do desgosto.

Chorou longamente... Eram as suas primeiras lagrimas de felicidade.

—Se me apparecesse agora, disse ella de si para si, pensando em seu marido, abrir-lhe-hia o coração... dir-lhe-hia a verdade inteira e completa, estender-lhe-hia os braços!

No dia seguinte escreveu ao conde as seguintes palavras:

«Deus não me abandonou. Separou-nos, mas deu a cada um de nós um filho. D'aqui a alguns mezes terei tambem um pequenino ente, para tornar menos doloroso o meu viver.»

E teve intenção de acrescentar: «venha abraçar-me; estou disposta a esquecer todos os seus desvarios. Nada quiz dizer-lhe no dia da nossa separação; mas hoje não devo já esconder-lhe coisa alguma. Venha, e saberá que fui sempre digna de usar o nome de Bussiéres, que me deu á face de Deus.»

Infelizmente, dominada pelos seus antigos terrores, e mal aconselhada pelo seu orgulho, não escreveu estas palavras. Concebida em termos pouco precisos, a carta da condessa devia lançar uma nova desordem nas ideias do conde e augmentar o delirio do seu espirito. E foi precisamente isto o que aconteceu.

A noticia, que lhe dava sua mulher, foi para elle fulminante como um raio. O effeito foi tão terrivel, que os creados chegaram a ter sérias inquietações por a sua saude, e a receiar que elle perdesse completamente a razão.

O desgraçado conde martyrisou-se fazendo mil calculos, em que encontrava as mais terriveis coincidencias com a epocha das suppostas entrevistas da condessa em Asnières...

Para o seu espirito, dominado por aquella ideia fixa, não podia haver duvidas: a creança, que ia ver a luz do dia, era fatalmente um filho illegitimo... era o fructo de uma união criminosa.

Esta ideia passou a ser o seu maior tormento. Deixou sem resposta a carta da condessa, e este facto foi para ella uma nova affronta, uma nova desillusão.

A condessa comprehendeu que estava tudo definitivamente acabado entre ella e seu marido, e que nada poderia haver de commum entre elles, nem mesmo os seus filhos.

O que mais profundamente perturbava o espirito do conde era que a creança, que ia nascer, havia de usar o seu nome, e havia de ter um dia o direito de reclamar de seu irmão ametade dos seus titulos de nobreza, e ametade da sua fortuna. E era isto o que o conde, no seu amor insensato pelo filho, não queria admittir de modo algum; mas a lei lá estava, perfeitamente inatacavel, a ameaçá-lo, e elle nada podia contra ella.

A inexoravel lei legitimava aquelle que o conde considerava filho do crime. Os direitos d'este ultimo eram absolutamente innegaveis.

E perguntava a si proprio, com intima angustia, o que deveria fazer. Reflectiu durante muito tempo.

A questão não era ainda urgente, mas o conde calculava já as difficuldades que teria de vencer... Tratava-se de se oppôr aos effeitos de uma das mais importantes das leis civis.

Era grave e de uma audacia inaudita; mas o conde não estava em circumstancias de raciocinar.

Havia chegado a um tal estado de sobreexcitação, a uma tal aberração de senso moral, que não distinguia já o bem do mal, o justo do injusto.

No interesse do seu filho, por causa de quem queria adoptar um qualquer procedimento, que o deixasse nas circumstancias de filho unico, pensava em desherdar o que julgava intruso na familia, e fazel-o desaparecer.

A difficuldade e o perigo estavam ahi, porque não pode fazer-se desaparecer uma creança que foi inscripta nos registos dos nascimentos.

E quando esse desaparecimento se produza, esse acto cria-lhe direitos que a lei lhe conserva... Fazel-o declarar filho de pae e de mãe desconhecidos? Isso pode fazer-se em Paris; mas em Arfeuille, essa mentira, permittida pela lei, não seria possivel.

E portanto o conde fixou-se na ideia de que o nascimento do segundo filho de sua mulher não deveria ser registado nos competentes livros officiaes.

Pensou por um momento em levar a condessa para fóra do paiz, quer ella quizesse quer não.

Ahi poderia encerral-a, e sequestral-a em uma casa isolada, até que o segundo filho da condessa visse a luz do dia; depois, occultando cuidadosamente o seu nome, confiaria a creança a uma qualquer familia pobre que, a trôco de uma fortuna, quizesse recebê-la como sua.

Mas depois de haver acariciado esta ideia, abandonou-a para procurar outro expediente, e encontrou-o.

O conde de Bussières tinha já então feito uma viagem á America. O plano que concebeu, e que resolveu pôr em execução, era digno dos pelles vermelhas que encontrara nos campos e nas florestas, e cujos habitos e costumes observara e estudara com verdadeiro interesse.

Uma ideia tão extraordinariamente excentrica não podia nascer senão em um espirito enfermo.

Logo que a estranha ideia que concebera se lhe firmou no espirito, o conde de Bussières fez aquisição de um enorme cão das montanhas, e começou a tratá-lo com o maximo cuidado, quasi com carinho, fazendo a sua educação com uma incrível paciencia.

O conde dava de dia para dia mais accentuadas razões á surpresa dos creados, os quaes diziam uns para os outros, sorrindo com ironia:

—Uma nova e singular mania do sr. conde! eil-o agora educador e instructor de um cão!! É realmente muito extraordinario o que está acontecendo!!

Só o creado Germano não entrava n'estes ditos da ante-camara; mas andava tambem desgostoso e cheio de inquietação. Tinha pelo conde uma verdadeira affeição, uma dedicação sem limites, a ponto de que por elle se deixaria matar sem hesitar. Comprehende-se bem quão penoso devia ser para elle tudo o que via.

—Que quererá dizer tudo isto, grande Deus? repetia elle a cada momento, pensando na nova mania que ultimamente assaltara o conde.

O pobre Germano perguntava com intima angustia a si proprio se seria obrigado um dia a conduzir o homem, a quem servia, e que tanto amava, a um hospital de alienados.

Quatro mezes decorreram assim.

O conde de Bussiéres tinha acabado a educação do seu cão, educação mysteriosa que só Germano conhecia, sem que todavia pudesse adivinhar o projecto que a determinara.

—Decididamente, dizia elle com os seus botões, o sr. conde mostra-se cada vez mais extraordinario, e são cada vez mais singulares os seus caprichos.

«Que elle se mostre louco de amores pelo filho, comprehende-se; mas que á ultima hora se mostre tão fanaticamente apaixonado por um cão... oh! é forte!!





XI

O projecto do conde de Bussiéres

Um dia o conde de Bussiéres chamou secretamente ao seu gabinete o seu fiel creado Germano.

—Amigo, lhe disse elle: sei que me és dedicado e já muitas vezes me tens dado provas de uma affeição sincera, a que eu tenho correspondido sempre com a mais illimitada confiança.

«O que eu não podia dizer-te, adivinhaste-o tu, decerto, e portanto conheces uma parte dos meus segredos.

«Agora, Germano, quero confiar-te uma missão importante: é uma nova prova de que é illimitada a confiança que em ti deposito.

«Antes, porém, de te dizer o que é que espero da tua dedi-

cação e do teu affecto por mim, preciso saber se estás prompto a servir-me cegamente.

—O sr. conde, respondeu o creado particular, sabe que pode contar comigo em todas as circumstancias.

—Pois bem; n'esse caso principio por dizer-te, Germano, que a sr.^a condessa de Bussiéres será muito depressa mãe de um outro filho.

—Já sabia, sr. conde.

—Como assim?! sabias...?

—Um dos seus lacaios, sr. conde, o que tem por nome Firmino, está sériamente apaixonado por Marietta, creada particular da sr.^a condessa, e a formosa Marietta por seu lado não é indifferente aos galanteios do seu adorador.

«Até mesmo combinaram já que casariam um com o outro no dia em que possuirem alguns milhares de francos de economias.

«No entretanto escrevem um ao outro as mais apaixonadas cartas, e Firmino, que é um rapaz expansivo, dá-me sempre a ler as cartas de Marietta.

«É d'este modo, sr. conde, que eu sei um pouco o que se passa em Arfeuille. O sr. conde, que tem uma verdadeira paixão pelas creanças, deve estar contentissimo...

Um olhar irritado do conde cortou de repente a palavra ao creado Germano.

—Não sabes o que estás dizendo, Germano! pronunciou elle com voz surda.

«Não tenho senão um filho unico, e não reconheço, não quero reconhecer, como filho meu a creança que depressa ha de ver a luz do dia!

Germano sentiu que subito estremecimento lhe agitava todo o corpo.

Depois de uma breve pausa, e olhando fixamente para o creado, o conde perguntou:

—Adivinhaste o motivo que determinou a sr.^a condessa a retirar-se para Arfeuille?

—Visto que o sr. conde se digna interrogar-me, devo responder: adivinhei, senhor.

—Sabes então que a sr.^a condessa faltou aos seus deveres de esposa?

Immediatamente Germano baixou tristemente a cabeça, e ficou calado.

—Sim, tornou o conde de Bussiéres com voz lugubre; a desgraçada esqueceu a sua posição, esqueceu tudo! Tinha um amante!

—O sr. conde vingou se!

—Ah! tambem sabes isso?

—Tambem, sr. conde.

—N'esse caso deves comprehender-me bem, Germano...

Essa creança, que depressa ha de vir a este mundo, não deve de modo algum ter o nome de Bussiéres!

O creado particular olhou para o conde com manifesta surpresa.

—A creança, que vae nascer, não é minha filha! accrescentou este ultimo.

—O sr. conde de Bussiéres permite me que eu diga o que penso?

—Diz, sim.

—Pois bem; o sr. conde pode talvez enganar-se.

Os labios do conde de Bussiéres contrahiram-se em um sorriso de amargura.

—Sobre esse ponto não tenho duvidas, Germano, replicou elle em tom breve e incisivo.

—O sr. conde disse ha pouco que queria incumbir-me não sei que missão.

—Sim; preciso de ti, Germano, para me auxiliares na execução de um projecto...

—Terei o direito de saber de que se trata?

—Está entendido; de outro modo como poderias tu auxiliar-me?

—Qual é o projecto do sr. conde?

—Quero raptar a creança á condessa, e fazel-a desaparecer.

—Oh! sr. conde! murmurou o creado Germano, em cujo semblante transpareceu uma expressão dolorosa.

—Germano, replicou o conde de Bussiéres, contrahindo as sobrancelhas: enganar-me-hia acaso, contando com a tua dedicação?

—Já tive a honra de dizer ao sr. conde de Bussiéres que estou completa e inteiramente á sua disposição. No entanto...

—Vamos; acaba!

—O que o sr. conde quer fazer é por tal modo grave e perigoso...

—Já pensei em todas as eventualidades, Germano.

—E não receia coisa alguma, sr. conde?

—O que receio unicamente é não obter bom resultado da empreza.

—Tenciona acaso o sr. conde incumbir-me de raptar a creança?

—Como já te disse, espero que me auxiliarás.

«A sr.^a condessa não tem junto de si senão mulheres, e entre ellas a sua creada particular, Marietta, da qual havemos de fallar d'aqui a pouco.

«Poderíamos talvez muito facilmente introduzir-nos no castello, e sem que fôssemos forçados a exercer uma qualquer violencia, acharíamos, decerto, meio de nos apoderarmos da creança, logo depois do seu nascimento.

«Mas d'esse modo não poderíamos deixar de ser vistos, e provavelmente reconhecidos, quaesquer que fôssem as precauções que tomássemos, para que tal caso se não desse.

«De mais, ainda mesmo que não fôssemos vistos nem reconhecidos, o que aliás me não parece admissivel, a condessa não teria muita difficuldade em adivinhar o nome do author do rapto.

«E n'esse caso a empreza poderia ter consequencias muito graves, porque a condessa havia de necessariamente empregar todos os meios possiveis e imaginaveis para conseguir a restituição do seu filho.

«Tomei, pois, a resolução de não entrar na questão directamente, e arranjei para esse effeito um terceiro associado.

—Quem é?

O conde de Bussiéres estendeu a mão, e mostrou ao creado estupefacto o seu cão, que, estendido sobre o tapete, volvia para os dois homens os seus olhos intelligentes.

O creado Germano comprehendeu então qual o fim com que o conde tinha obrigado o cão a fazer numerosos exercicios com uma grande boneca, muito embrulhada em faixas de creança, e qual a razão por que nos ultimos tempos elle chamava todos os dias a casa uma mulher do povo, que levava comsigo uma creancinha de mezes.

—Comprehendes, não é verdade? tornou o conde.

—Perfeitamente, sr. conde, respondeu Germano.

—Será elle só que ha de penetrar no castello. Se o animal puder chegar até junto da creança — e vamos já fazer as ne-

cessarias combinações no intuito de conseguirmos esse fim — tenho a certeza de que ha de raptal-a, tirando-a mesmo dos braços da mãe para ir em seguida deposital-a nas nossas mãos, ainda que estivessemos a uma legua de distancia do castello.

«O ensino, que com este intuito lhe tenho dado, está completo, e o animal está perfeitamente sabedor do que ha a fazer.

Germano não sabia o que havia de dizer. Estava litteralmente estupefacto.

Depois de um curto silencio, o conde proseguiu:

—Todavia, para que o meu plano produza os resultados que desejo, é necessario que tenhamos junto da condessa uma pessoa nossa. Mandar-lhe para lá alguém seria dar logar a desconfianças.

«Quando ha pouco me fallaste de Marietta, fazendo-me conhecer certos factos interessantes, que eram por mim ignorados, lembrei-me logo de que essa rapariga pode talvez servir-nos de muita utilidade.

«Conforme me disseste ha pouco, ama o creado Firmino, e por consequencia deseja, decerto, casar com elle. Pode, pois, offerecer-se-lhe um dote de dez mil francos.

«Julgas que esta somma será sufficiente para decidir Marietta a prestar-nos o seu auxilio?

—Não conheço sufficientemente o character da creada Marietta, e por isso não posso fazer uma qualquer supposição sobre o assumpto, respondeu Germano.

—Tratarás de indagar e saber se poderemos contar com ella. De mais o que ella terá a fazer não será grande coisa: unicamente abrir as portas para que o cão possa penetrar até o quarto em que se achar a creança, e proceder de modo que

esteja bem envolvida em faixas, afim de que o animal, embora muito industriado, não possa fazer-lhe mal, quando a agarrar entre os dentes.

«Eis o que unicamente ella tem a fazer. Até mesmo desejo que Marietta não tenha conhecimento previo do meu projecto; abrirá as portas sem saber porque motivo, e, depois da creança raptada, a sua cumplicidade constituirá para nós uma garantia da sua discrição.

«Em todo o caso, se ella se prestar a servir-me, fallar-lhe-hei pessoalmente, e dar-lhe-hei as necessarias instrucções para que a creança possa ser raptada pelo cão sem correr o mais leve perigo, pois que de nenhum modo quero que a creança morra; não, não quero!...

—E, depois de raptada a creança, que tenciona fazer?

—Confiar-t'a-hei, Germano, pois que debes tratar desde já de estudar a questão, de modo a conseguirmos que a creança seja entregue a pessoa que a trate convenientemente.

«Tens ainda muito tempo para pensar n'esse detalhe, visto que a creança só deve vir a este mundo d'aqui a tres semanas, pouco mais ou menos. Encontrarás facilmente uma familia pobre que se preste a adoptal-a.

«Dar-se-ha a essa familia uma avultada somma, e, como não quero que a creança seja desgraçada, garantir-se-lhe-ha uma pensão sufficiente para poder viver independente e ao abrigo da miseria.

«O essencial é que a creança não chegue nunca a saber o segredo do seu nascimento.

«Além da pensão, que ha de ser-lhe constituida, e cujo capital será sériamente garantido, receberá, quando chegar á maioridade, e qualquer que seja o seu sexo, uma somma de cem mil francos.

«Se fôr uma rapariga, essa quantia constituirá o seu dote para um casamento conveniente; se fôr rapaz, e se fôr activo e intelligente, servir-lhe-ha de base para poder fazer fortuna. Serás tu, Germano, ou o que melhor será ainda, uma pessoa, que te mereça plena confiança, quem depositará em seu nome o capital que porei á tua disposição, afim de produzir o rendimento que deverá ser entregue á familia, que tomar conta da creança, aos mezes, aos trimestres, ou mesmo aos semestres.

«Como bem podes comprehender, em toda esta questão o meu nome nem por sombras deverá ser pronunciado. Sobre esta parte da tua missão havemos de ainda fallar mais de espaço, afim de combinarmos juntos todos os detalhes.

«Por agora precisamos tratar de outro assumpto. Diz me: estás bem decidido a auxiliar-me?

—Não me pertence discutir as vontades do sr. conde, respondeu o creado com intima commoção.

«Pode dar-me as suas ordens, que hão de ser rigorosamente cumpridas.

—Bem, Germano; affirmo-te que não esperava menos de ti, e crê que has de ter tambem a tua recompensa.

—A minha ambição unica, sr. conde, é viver e morrer no seu serviço.

—Decerto; tenho toda a esperanza de que nunca me separarei de ti.

«Mas eu posso morrer, meu bom Germano, e não quereria que depois fôsses forçado a ir servir outra casa.

—O sr. conde fará o que entender em favor d'este seu servidor dedicado, disse Germano, inclinando-se.

—Em primeiro logar agora precisas fallar com a criada Marietta.

—Partirei quando o sr. conde assim o ordenar.

—Amanhã, Germano, amanhã. E não tenho necessidade de te recommendar que sejas prudente e circumspecto, porque te conheço bem.

—Farei quanto possa no intuito de justificar a confiança que o sr. conde se digna depositar em mim.

O conde de Bussiéres em seguida tirou de dentro de uma gaveta seis rolos de mil francos cada um, e passou-os para as mãos do creado particular, ao mesmo tempo que lhe dizia:

—Se a creada Marietta se mostrar bem disposta, poderás entregar-lhe logo ametade da somma.

«O resto é para as despesas da tua jornada. Supponho que não estarás mais de oito dias ausente.

—E se a creada Marietta se recusar a dar-nos o seu auxilio, sr. conde?

—Creio que não devemos ter esse receio. Mas, se isso acontecer, tratarás de arranjar uma outra cumplicidade menos difficil.

«Em todo o caso é essencial que não entres no castello.

—Ah! decerto; isso é parte elemental da prudencia que o sr. conde me recommendou.

—Occorre-me uma ideia; não poderias tu conseguir que Firmino escrevesse hoje mesmo a Marietta? A carta chegaria ás mãos da rapariga depois de amanhã de manhã.

«Firmino convidal-a-hia a encontrar-se na noite d'esse mesmo dia na povoação de Blerzy, que fica apenas a uns vinte minutos de Arfeuille, e que confina com a extrema do parque do castello.

«Preveniria Marietta de que uma pessoa, sem dizer o teu nome, quereria fazer-lhe uma communicação muito importante.

—Tem razão, sr. conde. Vou já fallar com Firmino.

—Depois prepara-te para partir, Germano. Consegue obter bom resultado da empreza, e regressa depressa.

N'esse mesmo dia Germano lançava a carta de Firmino, dirigida a Marietta, em uma caixa da administração postal, e ia marcar para si, para a manhã do dia seguinte, um lugar na diligencia.

Não seguiremos Germano na sua jornada. Passados apenas seis dias voltou a Paris, e as primeiras palavras que disse ao conde de Bussiéres foram as seguintes:

—O sr. conde não se enganou: a creada Marietta presta-se a auxiliá-lo cegamente.





... soltaram ao mesmo tempo um grito de aflicção (Pag 104)



XII

O rapto

Estava proximo o momento em que o segundo filho da condessa de Bussiéres devia ver a luz do dia.

Havia já quatro dias, que o conde de Bussiéres se achava em Clamecy, onde se installara em um quarto do hotel, apresentando se com um nome supposto, e como negociante rico que viajava para negocio.

Esta explicação foi muito naturalmente admittida, e, como um negociante rico em viagem traz sempre consigo valores mais ou menos consideraveis, que podiam muito bem excitar a cobiça dos ladrões, considerava se o molosso, que o acompanhava, como seu guarda fiel.

Para poder estar mais perto do castello de Arfeuille, e re-

ceber assim mais promptamente as necessarias informações, Germano tinha-se installado em Blerzy em um mau quarto de uma hospedaria de má morte.

O conde tinha tido no proprio parque do castello uma entrevista secreta com Marietta, em presença de Germano. A creada tinha promettido cumprir com a maxima exactidão as instrucções do conde.

Devia abrir uma das portas do rez-do-chão, que dava accesso para os jardins, e depois abrir successivamente todas as portas interiores até o quarto em que se achasse o recém-nascido.

Nem uma palavra lhe fôra dita, que pudesse fazel-a suspeitar a verdade, de sorte que Marietta ignorava completamente qual o papel terrivel, que o conde ia fazer representar por um cão.

No entretanto, em razão das precauções que o conde e Germano tomavam, e tambem em razão do preço por que era paga a sua cumplicidade, comprehendia que ia commetter um acto de extrema gravidade.

Não hesitava porem, apesar de tudo. Estava dominada pela vertigem da cobiça.

Em conversa com Germano, Marietta havia dito:

—Se a creança fôr uma menina, ha de ter o nome de Edmunda, em memoria do marquez de Arfeuille, pae da sr.^a condessa, que se chamava Edmundo.

Se fôr um menino, chamar se ha Edmundo como seu avô.

Estava combinado que, logo que se pronuncias em os primeiros indicios, que fizessem prever o proximo nascimento da creança, a creada Marietta se apressaria a fazer a competente prevenção a Germano, para este fazer avisar o conde.

Chegou por fim a occasião propicia. Germano, prevenido

por Marietta, correu a Clamecy, e voltou d'ali com o conde, seguido pelo seu estranho auxiliar.

Depois do anoitecer, penetraram no parque por uma pequena porta, cuja chave Germano conseguira haver ás mãos, mandando-a fazer pelo molde da fechadura, tirado em cera, e dirigiram se cautellosamente para o castello.

Estava no fim o mez de janeiro; o frio era intenso.

O conde e Germano puderam entrar facilmente em uma pequena estufa, e permanecer ali escondidos.

De mais, podiam muito bem ter se dispensado de tomar aquella precaução, visto que os jardineiros estavam já recolhidos, e os jardins se achavam desertos.

O conde assentou se em um banco, e o cão deitou se-lhe aos pés. O creado Germano, em pé junto da porta da estufa, applicava o ouvido e esperava.

N'aquelle momento deviam ser estranhas e torturadoras as reflexões do conde de Bussières; mas, dominado pelas paixões da sua alma, impellido para a frente por uma força irresistivel, e agitado por uma especie de vertigem, não estava em estado de reflectir, e de comprehender quão odioso era o seu procedimento.

Parecia não ter consciencia da propria dignidade. E no entretanto aquelle homem não era mau, e tinha a loucura do amor paternal; mas tinha tambem a horrorosa loucura do ciu-me, que perturba, que desvaira, que transforma completamente a alma do homem...

Ás oito horas ouviu-se perto um ruido de passos rapidos. O cão levantou a cabeça, mas ficou silencioso. Germano sahio da estufa, e avançou ao encontro da pessoa, que caminhava para ali. Era Marietta, que sem pronunciar uma palavra unica, seguiu Germano, que a conduziu para a estufa.

—Tudo bem, disse a creada.

—É uma menina? perguntou o conde.

—Não; é um menino.

—Quem passará a noite junto da sr.^a condessa?

—A mulher que assistiu ao nascimento da creança, e eu unicamente.

—Não esqueça nenhuma das recommendações, que lhe fiz, murmurou o conde com voz abafada.

—Ser-me-ha isso facilimo, visto que até ás duas horas da madrugada ficarei sósinha no quarto da sr.^a condessa.

A outra mulher, que está muito fatigada, deitar-se-ha ás dez horas, e está combinado que irei despertal-a ás duas horas, para ir substituir-me, e poder eu ir depois repousar tambem. A que horas deverei abrir as portas?

—Depois das onze horas. Pode retirar-se, Marietta; vá para junto da sr.^a condessa.

A creada sahio da estufa, e afastou-se rapidamente em direcção ao castello.

O conde estava extremamente agitado. Á medida que o momento se approximava, augmentava a sua perturbação de espirito.

Germano, profundamente impressionado tambem, fazia apello a toda a sua energia e força de espirito para vencer os seus terrores.

Um pouco antes das onze horas, sahiram da estufa, e dirigiram-se para o castello, passando como duas sombras por entre os arbustos e os massiços de verdura. O cão seguia-os passo a passo.

O ceu estava negro de nuvens, e o vento soprava com violencia, produzindo um grande barulho entre os ramos das arvores. Era uma noite tormentosa, escura e glacial, em tudo

propria para a empresa, que o conde queria levar a effeito.

Chegados que foram junto do castello, os dois homens, depois de haverem reconhecido a pequena porta designada por Marietta, occultaram-se em um ponto mais escuro, e esperaram.

As onze horas a condessa tinha adormecido. O pequenino estava no berço junto da cama. A' excepção de Marietta, incumbida de velar até ás duas horas, tudo dormia no castello.

—É chegado o momento, disse a creada de si para si, aproximando-se do berço, e examinando a creança. Está bem assim. Porque quererá o sr. conde que o pequenino esteja muito bem envolvido em faixas?...

E sabiu sem ruido do quarto. No corredor accendeu uma vela, e desceu rapidamente ao rez-do-chão, abrindo a porta que dava sahida para o jardim. Germano estava ali já; e ouvira o rangido do ferrolho.

Marietta apressou-se a subir de novo a escada, e a voltar para o quarto da condessa, tendo o cuidado de deixar abertas todas as portas na sua passagem, conforme lhe fôra recommendado. O conde tinha ido collocar-se junto da porta, sempre seguido pelo molosso.

Depois de estar ali durante alguns momentos, disse para o cão, que olhava para elle agitando a cauda:

—Vae buscar! buscar! buscar!...

O animal entrou logo no castello, seguindo naturalmente o caminho que acabara de ser percorrido pela creada Marietta. Atraz do cão entrou tambem Germano, parando no corredor, ao fundo da escada, prompto a proteger a retirada do animal contra um qualquer perigo imprevisto.

Ouvindo o ruido que Marietta fizera entrando no quarto, a condessa acordou.

—Fôste tu que sabiste, Marietta? perguntou ella.

—Pareceu-me ouvir barulho, e fui ver...

—O vento sopra com violencia, e foi isso naturalmente o que ouviste. Dá-me o meu querido menino, Marietta ..

A creada estava pallida como um cadaver, e tremia violentamente. Dirigiu-se para o berço, e descobriu o pequenino para o tomar nos braços...

N'aquelle momento porem, a porta, apenas cerrada, abriu-se bruscamente como impellida por um pé de vento, e o cão entrou aos saltos pelo quarto dentro. A condessa e Marietta, ambas egualmente aterrorisadas, soltaram ao mesmo tempo um grito de afflicção.

O animal, que vira logo o berço, precipitou-se para ali, abriu a enorme bocca, e, agarrando entre os dentes as faixas do pequenino, correu para fóra do quarto.

A condessa tinha-se assentado na cama, com os olhos desmesuradamente abertos, e com o semblante contrahido em uma expressão de espanto e de terror. O cão porem tinha entrado e sahido com uma rapidez verdadeiramente assombrosa; o pequenino fôra raptado, sem que a pobre mãe tivesse a consciencia da desgraça, que a ameaçava.

A desgraçada soltou um segundo grito, rouco, temeroso, agitou convulsivamente os braços, cahiu pesadamente sobre as almofadas, e ficou estendida, e sem movimento como se fôra cadaver.

A creada Marietta, que esperava ver apparecer o conde ou Germano, ficára aterrorisada á vista do cão. Cahiu em um canto do quarto, e agitada por um tremor nervoso, livida, com a cabeça perdida, semi-louca, bradou:

—Acudam!... acudam!...

Passados apenas alguns minutos achava-se no quarto da

condessa todo o pessoal do castello. O velho administrador da propriedade interrogou Marietta; a qual contou com voz entrecortada de soluços, e por entre lagrimas, que de certo eram sinceras, de que modo um grande animal preto entrara subitamente no quarto, e fugira aos saltos, levando a creança entre os dentes!

Esta narração, feita pela creada particular da condessa, não obstante ser extraordinaria e inverosimil, não podia deixar de ser acreditada, tanto mais que a desaparição da creança era desgraçadamente muito real e verdadeira.

De mais, a condessa, logo que recuperou os sentidos, confirmou plenamente as palavras da creada. Os seus olhos, desmesuradamente abertos e desvairados, olhavam com expressão de terror para a porta do quarto.

Parecia prestes a enlouquecer. O administrador da propriedade, cheio de desespero e de afflicção por o que acabava de acontecer, recuperou por fim a presença de espirito, e ordenou que fôsse alguém chamar immediatamente o médico.

Depois sahiram todos do quarto, menos a creada Marietta e uma outra mulher, que deviam prodigalisar á condessa os cuidados, que reclamava o seu melindroso estado. Accenderam-se archotes e lanternas, e os homens de trabalho, reunidos á prêssa, e armados de espingardas e espadas velhas, trataram de examinar todos os cantos e recantos do castello. Cheios de estupefacção e angustia, como estavam, o administrador e os creados não notaram que muitas das portas, que davam passagem para o quarto da condessa, se achavam abertas.

Depois, mais tarde, quando quizeram ter a explicação da maneira por que o animal se introduzira no castello, e penetrara até onde se achava a creancinha, tinham já feito inves-

tigações infructíferas, abrindo e fechando inadvertidamente todas as portas.

Este facto punha de parte todas as suspeitas, que podiam recahir sobre a perfida Marietta, e envolvia o rapto da creança em um veio ainda mais mysterioso.

O medico chegou pouco depois, e correu para junto da condessa, que continuava em desmaios successivos, e que estava em perigo de morte.

Uma duzia de camponezes, residentes nas propriedades circumvisinhas, tendo tido conhecimento do terrivel acontecimento juntaram-se nas investigações com o administrador e com os creados de Arfeuille. Apesar da escuridão da noite, os quinze ou dezeseis homens, munidos de lanternas, fizeram uma batida geral no parque e nos jardins.

O administrador mandara soltar os seus dois cães de caça, excellentes animaes que indicaram claramente, com os seus latidos e movimentos, a passagem do animal que roubara a creança, e que todos suppunham ser um lobo.

Chegou por fim o dia, e as investigações puderam então continuar em melhores condições. O administrador não esperava encontrar já viva a creança, mas queria dar morte ao animal feroz, que sem duvida alguma a tinha devorado.

Em uma das aleas do jardim, foram descobertas as pegas das de um animal que devia ser de grande estatura. Os camponezes e o proprio administrador não hesitaram em reconhecer os vestigios dos passos de um lobo.

Desde esse momento desapareceram todas as duvidas. Mas ao cabo de algumas horas de batida inutil no parque, supôz-se que o animal sahira por uma qualquer brecha, ou saltara por sobre o muro.

O que ninguem podia explicar era de que modo conseguira

chegar junto do castello, e sobretudo como ali se introduzira.

O mysterio era imprescrutavel.

O acontecimento fez grande barulho n'aquelles arredores. Os caçadores das povoações circumvisinhas puseram-se em campo, e por fim mataram uma grande loba em um bosque, a umas tres leguas de distancia do castello de Arfeuille.

Toda a gente ficou convencida de que a creança recém-nascida fôra roubada por aquelle terrivel animal. A loba foi levada em procissão por todas as povoações do cantão. A colera dos camponezes acalmou-se, e o receio que tinham pelos seus filhos desapareceu.

A condessa continuava entre a vida e a morte. O medico começava a perder a esperanza de a salvar.





XIII

O pae e o filho.

Logo que chegou a Paris o conde de Bussières, tratou de se desfazer do cão, que já lhe não era util. Em seguida fez os seus preparativos de partida.

Tinha deixado em Montargis o creado Germano e a creancinha. Germano permanecera ali durante oito dias em casa de uns bons camponezes, conhecidos seus, que tomaram conta da creança.

Para satisfazer a sua curiosidade, contou-lhes que aquelle pequenino era filho de uma de suas irmãs, que fôra illudida, e que acabava de morrer, na occasião em que a creança nascia, em uma pequena povoação perto de Nemours.

Germano podia ter deixado o recém-nascido em Montargis,

em casa dos seus amigos, marido e mulher, os quaes, mediante uma pequena retribuição mensal, se teriam prestado a incumbir-se da creança; as suas ideias porem eram outras. Logo que julgou a creança em circumstancias de supportar uma jornada, tomou uma noite logar na diligencia, e dirigiu-se para Reims.

Ahi demorou-se apenas o tempo necessario para arranjar uma carruagem, que o conduzisse a Chevigny, a casa de Marianna Sudre. O que entre esta ultima e Germano se passou depois, já é sabido por os nossos leitores.

No dia immediato estava de regresso a Paris. Tres dias depois estavam tomadas todas as medidas e precauções para poder ter execução o que fôra convencionado entre elle e o conde, com relação ás pensões. A sorte da viuva Sudre, assim como o tambem tanto quanto possivel a do pequeno Edmundo, estavam garantidas.

O conde sahio de Paris, sem que dissesse a pessoa alguma para onde se dirigia. Todos os creados o acompanharam, á excepção de Firmino, que renunciara ao seu modo de vida de creado de servir.

Marietta escrevera lhe dizendo que, não podendo continuar a permanecer em Arfenille, ia regressar a Paris, onde poderiam afinal casar um com o outro, se por ventura Firmino não mudara de tenção.

O conde de Bussiéres, julgando que longe de Paris poderia esquecer um pouco os seus desgostos, e encontrar a tranquillidade, que a perturbação da sua consciencia lhe roubava, tinha tomado a resolução de se expatriar, senão para sempre, pelo menos por alguns annos.

Foi na Suissa, nas proximidades do lago de Genebra, em uma casa perto de Lausanna, que comprara dois mezes an-

tes, que o conde se installou com o seu filho, com a ama, que o amamentara, e com os tres creados que o tinham acompanhado.

O conde, na sua solidão, passou a viver unica e exclusivamente para o seu filho, cuja educação foi deploravel debaixo de todos os pontos de vista. É possivel que existissem n'elle os germens de algumas qualidades boas; mas os maus instinctos, e todos os defeitos da infancia, desenvolveram-se com uma tal rapidez, que suffocaram todos os sentimentos nobres e elevados, que teriam podido nascer no seu coração.

A sua vontade havia de fazer-se sempre e em todas as circumstancias. Tornou-se para todos os que o rodeiavam, e até para seu proprio pae, um verdadeiro despota. O conde, porem, cego pelo seu insensato affecto, obstinava-se em nada ver. Quando annos depois comprehendeu os tristes resultados da sua fraqueza, o mal já não tinha remedio...

Para não se separar do filho, trouxe para casa um preceptor, independentemente de outros professores, mas estes, como aquelle, passaram desde logo a ser escravos do discipulo indocil, que via n'elles outros tantos inimigos.

O conde não lhes dava o direito de punirem o filho, e este atirava-lhes com os cadernos e os livros á cara, fazia-lhes toda a especie de insulto, sem que elles pudessem administrar-lhe as correcções, que tanto merecia. O conde foi forçado a mudar tantas vezes de preceptores e de mestres, que por fim não encontrou quem quizesse servir-o. Era isto precisamente o que desejava o môço visconde.

A condessa salvou-se por fim. Depois de uma terrivel doença de mais de sete mezes, os medicos declararam n'a livre de perigo. A convalescença foi longa. Recuperou a pouco e pouco as forças phisicas, mas a grande violencia do choque, que re-

cebera, havia occasionado uma grande desordem nas suas faculdades intellectuais. Não estava louca; mas ficara-lhe no cerebro uma lesão grave: perdera a memoria completamente.

Este facto constituia sem duvida uma grande felicidade para a infeliz mãe, e foi isto mesmo o que pensaram os medicos. Mas o dever d'estes é procurar a cura das doenças por todos os meios possiveis.

Se se preocuparem com o que deveria soffrer a pobre enferma no dia em que readquirisse a faculdade da memoria, não hesitaram em chamar em seu auxilio todos os recursos da sciencia. Quando entenderam favoravel o momento, ajudaram elles proprios a memoria da doente, empregando porem as mais extremas precauções para não provocarem uma commoção, que poderia agravar o mal, em vez de o curar.

Um dia a condessa comprehendeu finalmente a verdade inteira e completa, e desatou a soluçar. A sua dôr foi immensa; mas os medicos triumpharam. A condessa accitou tambem o que todos acreditavam.

Contaram-lhe que annos antes um lobo, tendo-se introduzido audaciosamente em uma casa de uma pequena aldeia não muito afastada, tinha roubado uma creancinha de sete ou oito mezes, que dormia no berço. Soube que o conde de Bussières havia deixado a França, e que se ignorava completamente em que paiz fôra fixar a sua residencia.

A infeliz creatura procurou refugio e consolação nos prazeres da caridade. Resolveu empregar todos os seus rendimentos em boas obras, e começou a fundar escolas, a beneficiar todos os necessitados, que se lhe approximavam, e a espalhar o bem estar e a abundancia em redor de si. As creanças foram objecto da sua solicitude muito particular.

- Em quanto a condessa consagrava assim a sua vida ao con-

forto e á felicidade dos outros, o conde viajava por toda a Europa em companhia do filho. Tinha já vinte annos o visconde Gontran na epocha em que voltaram a Paris, onde os esperava o fiel Germano, que era agora o *factotum* do conde.

O velho palacete, que durante tantos annos estivera fechado, tomou subitamente um aspecto de vida e de alegria, que nunca tivera. O visconde, a quem seu pae nada podia recusar, teve desde logo creados seus, carruagens, cavallos, etc.

Durante aquelles dezoito annos, o conde havia feito economias forçadas, que montavam a uma somma de um milhão e quinhentos mil francos, que o pae teve a triste ideia de dar ao filho. O visconde, vendo-se rico e livre, depréssa se eximiu completamente á tutela do pae, para se lançar loucamente no turbilhão da vida parisiense, cahindo em todos os vicios e depravações.

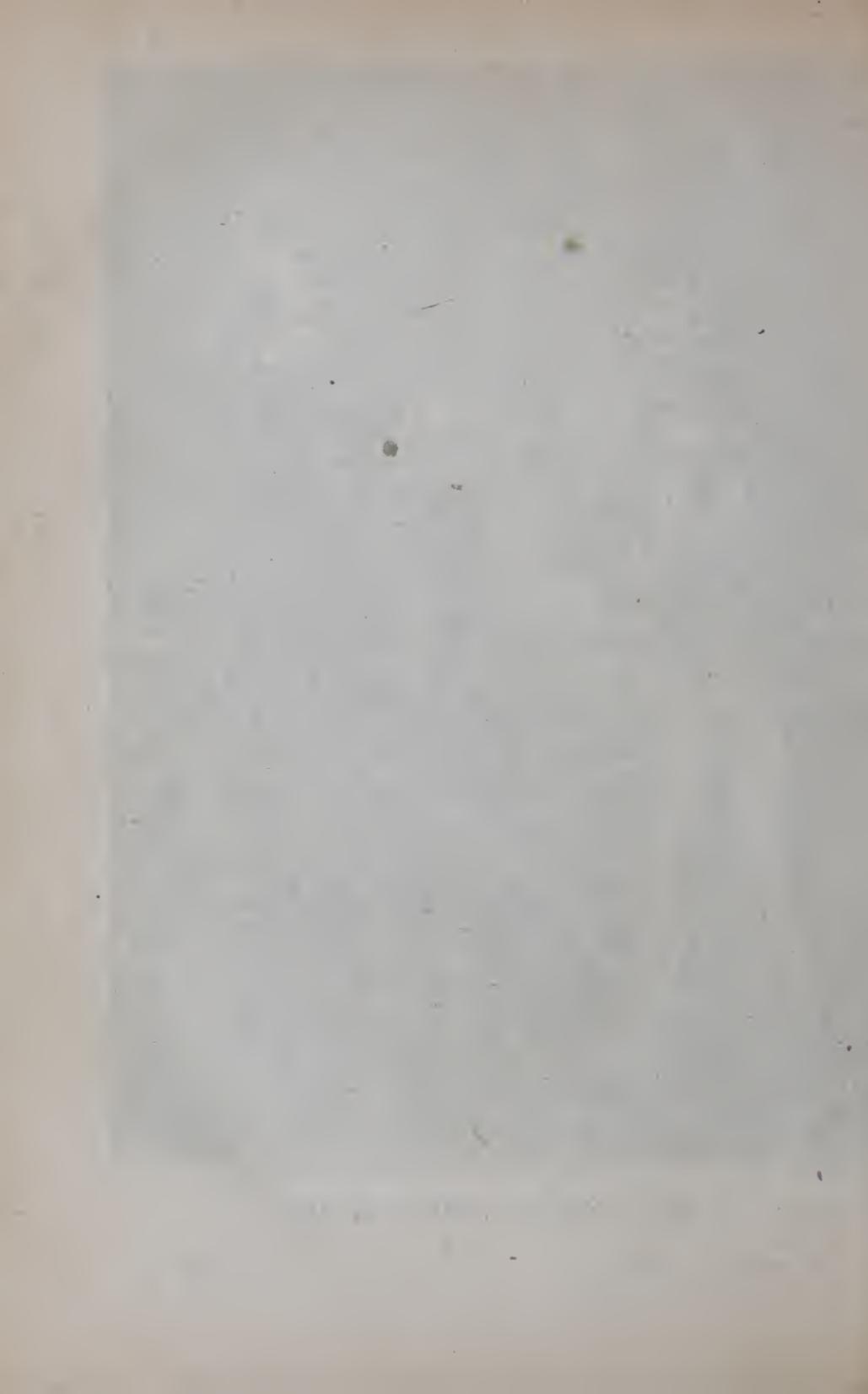
O conde de Bussiéres, assustado, entendeu que devia fazer lhe observações sobre o seu mais que irregular procedimento. O visconde ouviu pacientemente aquellas censuras, mas no dia seguinte praticou excessos e loucuras mais ruidosas ainda; era uma especie de redobramento do mal.

O conde ousou fazer ainda novas advertencias; mas o visconde, pôz então de parte todo o respeito que devia a seu pae, e respondeu lhe altiva e grosseiramente, censurando o affecto exaggerado, e as ridiculas fraquezas, que haviam acompanhado sempre a sua educação.

—Procedo como me apraz, accrescentou elle, encolhendo os hombros; se faço coisas censuraveis, a culpa é do pae, que me educou mal. Em todo o caso não estou disposto a receber reprehensões, nem estou já em idade de apanhar palmatoadas.



— Saia já d'esta casa, miseravel! (Pag. 115)



O conde tremeu de colera, e não pôde pronunciar senão as seguintes palavras, ao mesmo tempo que apontava para a porta:

— Saia já d'esta casa, miseravell

O conde acabava de ser ferido no coração. Uma punhalada não teria sido tão cruel para elle. Desde então apoderou-se da sua alma o demonio do remorso... Sacrificara tudo por o seu filho; por elle cerrara o seu coração e a sua alma a todos os outros sentimentos, descera a representar um papel indigno, e nem mesmo hesitara em praticar uma verdadeira monstruosidade, um crime!... E para o castigar, servia-se Deus do seu filho!...

Produziram-se depois muitas outras scenas violentas, em consequencia das quaes o visconde deixou definitivamente o palacete da rua Bellechasse, e afastou-se de todo de seu pae.

O que o conde soffreu, até chegar a não amar o filho, não pode descrever-se em palavras: foi um horror! Agora lançava olhares receiosos para o passado, e envergonhava-se do que tinha feito. Raciocinava e reconhecia a sua loucura, a injustiça dos seus procedimentos.

Um dia quiz saber o que se passava em Arfeuille, e Germano, perfeitamente informado, pôde satisfazer a sua curiosidade. Contou-lhe a historia da condessa, desde o rapto do filho: era a vida exemplar de uma santa. Germano não tentou esconder do conde a sua admiração e o seu enthusiasmo pela condessa.

Desde então levantaram-se no espirito do conde sérias duvidas sobre a culpabilidade de sua mulher, duvidas que constituíam para elle o tormento de um cruel remorso, e pensou em restituir á condessa o filho que lhe roubara.

N'este empenho obedecia á voz da consciencia, que lhe bra-

dava imperiosamente: se queres que Deus se compadeça de ti, repara, tanto quanto possível, o mal que fizeste!»

De certo pensava muitas vezes n'aquelle segundo filho, victima do seu desvairamento e barbaridade; mas, tendo exigido que Germano lhe não fallasse nunca em tal assumpto, ignorava absolutamente o que d'elle fôra feito. Um dia interrogou o creado, e este, logo ás primeiras palavras, empallideceu, soltou um suspiro, e curvou a cabeça.

O conde comprehendeu que havia ali uma nova desgraça para elle, e quiz saber tudo. Germano fez-lhe saber, que Marianna Sudre, a quem confiara a creança, morrera havia já dois annos, e que o filho da condessa desapparecera completamente desde essa epocha.

—Fui a Chevrigny, continuou Germano; infelizmente porem não foram boas as informações, que obtive. O sr. Edmundo partira para fazer uma viagem de alguns mezes pouco tempo antes da morte de Marianna Sudre, e desde então, ninguem mais ouvira fallar d'elle.

A opinião geral em Chevrigny é que elle já não existe, porque de outro modo teria voltado á terra, em que tinha muitas pessoas amigas. Eu tambem penso assim, pelo facto de, durante os dois annos ultimos, não terem sido reclamadas as suas pensões. Quiz saber a razão porque deixara Chevrigny, e ninguem soube responder-me; soube apenas que uma camponeza lhe escrevera para lhe annunciar a morte de Marianna, e lhe enviara ao mesmo tempo uma longa carta, escripta por sua mãe adoptiva dois dias antes da sua morte.

«Fiz as mais minuciosas investigações em casa de Marianna Sudre, com a esperanza de que encontraria ali uma carta do sr. Edmundo, que pudesse encaminhar-me nas pesquisas que desejava fazer; mas nada encontrei.

Infelizmente temos todas as probabilidades de que o pobre sr. Edmundo morreu!

O conde ficou aterrado. Eram igualmente terríveis os golpes que successivamente recebia, e sentia que era inexorável a justiça, que pesava sobre elle. O pensamento de que o pobre pequenino, arrancado aos carinhos da mãe, podia ser seu filho, perseguia-o constantemente, e enchia a sua alma de terrores lugubres. Depois das angustias do ciúme conhecia finalmente o horroroso soffrimento do remorso.

O desgraçado, cheio de desespero, e dominado por uns furores sem nome contra si proprio, estorcia-se em convulsões de loucura. Sem filhos, sem familia, e sem amigos, estava sózinho no mundo, sem consolação, e entregue aos terríveis pensamentos, que o torturavam, e que lhe lançavam gôtta a gôtta no seu ulcerado coração um veneno mortal.

Occorreu-lhe a ideia do suicidio; mas o pensamento de Deus e uma vaga esperança de ser perdoado, suspenderam n'ò á beira do abysmo. Pensou então em resgatar o passado. De que modo? Não sabia ainda.

Um dia, depois de haver dado a Germano os necessarios poderes para gerir os seus bens na sua ausencia, deixou a França paraprehender uma serie de viagens atravez dos dois mundos. Na ultima achou-se em Cayenna, em presença de João Renaud e de uma sublime dedicação a recompensar...





XIV

A cega

Um dia uma pobre mulher cega e uma pequena de uns oito annos, que a conduzia, atravessaram a povoação de Arfenille, em direcção ao castello.

A julgar pelo seu vestuario, aquella mulher não podia ser pobre. Chegadas que foram á porta do castello, a rapariguita tocou a campainha, apparecendo logo uma creada.

— Que é o que desejam? lhes perguntou ella com modo affavel.

— Fallar com a sr.^a condessa, respondeu a cega.

— Tenha a bondade de entrar e assente-se n'este banco. Vou perguntar á sr.^a condessa se pode agora recebê-la.

Passados apenas alguns minutos, a cega e a creança acha-

vam-se em presença da condessa, a qual, em pé, e vestida com o traje rigoroso de viuva, que nunca deixara de usar durante aquelles vinte annos, semelhava uma estatua de mármore negro. O rosto da condessa, pallido e sereno, destacava-se vigorosamente dos vestuários negros.

A creada retirou-se, e logo em seguida a condessa, approximando-se da cega, tomou-lhe uma das mãos entre as suas, e disse lhe com modo affectuoso:

—É grande a sua desventura; mas porque treme? Tranquillise-se: todos os desgraçados são meus irmãos... Venha comigo, pobre creatura; venha assentar-se junto de mim, e dir-me-ha o que poderá fazer em seu favor a condessa de Bussiéres.

—A sr.^a condessa de Bussiéres, logo que conheça quão indigna eu sou, ha de repellir-me com colera e desprezo, respondeu a cega com voz dolorosa. E todavia é o seu perdão que venho aqui implorar.

—Meu Deus, meu Deus! que significam essas suas palavras? exclamou a condessa.

A cega cahiu de joelhos, e começou a soluçar. A condessa, surprehendida e impressionada, quiz levantá-la.

—Não, não, exclamou a cega com uma especie de desvairamento: esta posição é a unica que pertence a uma creatura miseravel como eu sou. Compadeça-se de mim, sr.^a condessa; conceda-me o seu perdão!!... perdão! perdão!...

—Mas quem é então? que tenho eu a perdoar-lhe?

—Sou uma creatura infame, e a sr.^a condessa tem a perdoar-me um crime monstruoso!

—Isso é delirio, pobre creatura! É debalde que faço appello ás minhas recordações; não a conheço!

—A sr.^a condessa, logo que lhe diga o meu nome, ha de

reconhecer-me immediatamente. Antes d'isso porem é preciso que saiba de que modo Deus a vingou de uma creatura miseravel, que a atraçouou... Sim, foi Deus, foi o Deus da justiça, que me feriu... Cega! cega!... Cahi sobre mim um raio... o fogo do ceu levou-me os cabellos, e apagou para sempre a luz nos meus olhos!...

Devia ter ficado reduzida a cinzas; mas Deus, que me reservava uma punição mais rigorosa, não o quiz assim... condemnou-me a viver com a lembrança da minha infamia, com o remorso do meu crime... Vivo em uma noite sem fim; mas vejo na consciencia o mal que causei!...

A condessa escutava a cega tremendo, e sem que soubesse o que deveria pensar.

—Resido longe d'aqui, nas proximidades de Sois sons, tornou a cega. Acompanhada por esta creança, que é minha filha, quiz vir aqui lançar-me de joelhos, e implorar o perdão da sr.^a condessa.

Pensei que, vendo-me em um tão lastimoso estado, a compaixão entraria no seu coração tão nobre, tão generoso, e que não deixaria de attender a supplica, que lhe dirijo.

—Não comprehendo as suas palavras, respondeu a condessa com voz tremula. Por Deus lhe peço, explique-se... diga-me quem é...

—Em outro tempo tive a honra de estar ao serviço da sr.^a condessa, que me conhecia com o nome de Marietta...

—Marietta! exclamou a condessa. É Marietta?!

—Sim, minha senhora, respondeu a cega com voz entrecortada, sou essa desgraçada, para quem a sr.^a condessa foi sempre tão bondosa... E, para lhe agradecer essa bondade, a miseravel Marietta atraçouou-a.

—Meu Deus, meu Deus! que significa isto? que quer ella

dizer? murmurou a condessa, passando a mão pela testa, que tinha inundada de suor frio. Vem pedir-me um perdão, que eu lhe concedo desde já; mas eu preciso saber o que tenho a perdoar.

«Diz que me atraiçoou. De que modo? Não sei, não posso saber... Levante-se, assente-se n'esta poltrona, e diga-me tudo.

—Não, sr.^a condessa; devo ficar de joelhos. É n'esta posição humilde, e com a cabeça curvada ao peso do meu arrependimento, que quero fazer a minha confissão.

—Como queira. Falle; diga tudo.

Em seguida a cega contou com voz entrecortada de soluços, e sem procurar de modo algum attenuar o odioso do seu procedimento, a sua cumplicidade no rapto da creança.

A condessa escutou a primeira parte da narração, curvada para a cega com o olhar relampagueante, e offegante a respiração. De subito fugiu-lhe dos labios um grande grito, e ajoelhou face a face com Marietta, e com as mãos tremulas erguidas para o ceu.

A antiga creada não tinha ainda acabado de fallar; mas a condessa comprehendera. Que revelação!

O seu filho que ella tanto chorara, tinha-lhe sido roubado! Que teriam feito d'elle? Que destino teria sido o seu?... E crusaram-se-lhe no cerebro os mais desconhecidos pensamentos, o peito arfava-lhe com violencia, tinha inundadas de lagrimas as faces, e no seu olhar havia um raio de luz divina. Logo que Marietta acabou de fallar, a condessa disse lhe com voz mal segura:

—Lastimo-a, Marietta, lastimo-a de todo o coração! É horrorosa a sua desgraça; mas, quando mesmo ella não fôsse tão terrivel, não quereria, hoje que tem já o arrependimento no

coração, dirigir-lhe quaesquer censuras. Ensinarão-me as minhas proprias dôres a conhecer e a avaliar bem as dos outros, e já ha muito tempo que impuz a mim propria o dever de consolar as angustias alheias.

As suas palavras reabriram no meu coração uma chaga mal cicatrisada ainda; mas ao mesmo tempo trouxeram me uma grande esperança. Levante-se, Marietta levante-se; o seu crime está bem punido... A condessa de Bussiéres perdoalhel

A cega e a sua filha passaram a noite no castello. A condessa não precisou reflectir muito para adivinhar qual fôra a ideia fixa, que determinara o procedimento de seu marido, e qual o fim que elle tivera em vista raptando a creança.

E então arrependeu-se amargamente de não lhe haver provado que estava innocente, fazendo-lhe saber a abominavel intriga, de que ella e o pobre Luciano de Luranne tinham sido victimas. Tinha porem ainda em seu poder a carta de Luciano, e o bilhete do juiz Luranne, que provavam a sua innocencia...

No dia seguinte, depois de se despedir da desgraçada Marietta, que ia sahir do castello, partiu para Paris. Não foi sem profunda commoção que viu abrir-se para ella a porta d'aquelle velho palacio, que deixara voluntariamente, e no qual suppuera nunca mais tornaria a entrar.

Appareceu-lhe um homem, um guarda-portão que lhe era inteiramente desconhecido, e que olhava para ella com surpresa, de certo porque era caso novo ir ali uma senhora. A condessa tinha olhado em redor de si, e comprehendera que a casa estava quasi deserta.

—O sr. conde de Bussiéres está em Paris? perguntou ella ao guarda-portão.

—Não minha senhora, respondeu este ultimo. O sr. conde está em viagem ha mais de um anno.

A condessa empallideceu e cambaleou. A surpresa do guarda-portão augmentou.

—Não ha então aqui alguém, com quem eu possa fallar? perguntou a condessa com voz oppressa.

—Está aqui apenas o sr. Germano, o intendente do castello.

—Ah! bem; fallarei com Germano.

—Perdão; minha senhora; ainda me não disse quem é.

—Sou a condessa de Bussiéres.

O guarda-portão ia cahindo de estupefacção. A condessa accrescentou:

—Vá, amigo, vá dizer a Germano, que está aqui a condessa de Bussiéres.

O guarda-portão atravessou o pateo correndo como um louco, e a condessa avançou lentamente para o vestibulo. Quando ia pôr o pé no primeiro degrau, appareceu Germano, de cabeça descoberta, e com o corpo curvado respeitosa-mente. Quando chegou junto da visitante, não pôde dizer senão:

—Oh! sr.^a condessa...

E os soluços embargaram-lhe a voz.

A condessa entrou, e o velho creado Germano seguiu-a, conservando sempre a sua attitude humilde e respeitosa.

—Germano, disse ella com voz vibrante; ignorava que o sr. conde estivesse ausente de Paris, e vinha aqui para fallar-lhe. Mas, se quizer, pode responder ás minhas perguntas, Germano, porque sabe bem o que se passou no castello de Arfeuille por occasião do rapto do meu filho... Sei que foi cumplice do conde...

O velho creado recuou aterrado.

—Só ha dois dias soube o que se passara, continuou a condessa. Esqueço porem tudo, e perdô... mas com uma condição... Ha de dizer-me immediatamente, Germano, o que foi feito do meu filho e onde está. Quero que me restituam o meu filho!

Germano soltou um gemido.

—Meu Deus, meu Deus! balbuciou elle.

—Estou esperando a sua resposta, Germano!...

—Desgraçadamente nada posso dizer-lhe.

A pobre mãe agarrou-lhe em um braço com violencia.

—Porque? responda! porque? exclamou ella.

—Ah! estou cheio de desespero, de desolação!

—Germano; essas exclamações não me dizem onde está o meu filho. Peço-lhe, supplico-lhe... e se a supplica de uma pobre mãe não tem valor para si, ordeno-lhe que me restitua o meu filho... Não sahirei d'aqui sem saber onde se encontra; e, se se obstinar em guardar silencio, dirigir-me-hei aos tribunaes, embora isso me custe em extremo. Quero o meu filho, o meu filho, o meu filho!...

—Não ousou dizer-lhe, sr.^a condessa...

—Ouse tudo, Germano; falle, falle.

—A sr.^a condessa sabe de certo, que o sr. conde tem tido sérios desgostos por causa do sr. visconde...

—Sim, tive a grande tristeza de saber, que o meu filho mais velho é pouco digno do nome que usa. Mas o outro, Germano, o outro?

—O sr. conde quiz restituir-lh'o, sr.^a condessa; juro lhe que teve essa intenção. Desgostoso e desolado por ver que o sr. visconde correspondia tão mal ao seu affecto, quiz restituir-lhe o seu filho... Ah! e agora o pobre sr. conde está bem punido, porque tem duvidas...

—Sobre que é que o sr. conde tem duvidas, Germano?

—Não posso, não me atrevo a dizer á sr.^a condessa, qual a supposição que o sr. conde fizera...

—O sr. conde suppôz de certo que eu o enganara, e que o meu filho...?

—Sim, minha senhora, suppôz isso; mas agora duvida...

—Deve soffrer muito!

—Muito, sr.^a condessa, muito!!

—Porque razão me não restituiu o meu filho?

—Porque desgraçadamente ignora o que d'elle foi feito.

A condessa soltou uma exclamação de angustia.

—Morto! morto, talvez! pronunciou ella com voz soluçante.

Germano suspirou e curvou a cabeça. Ao cabo de um momento a condessa continuou com a voz estrangulada na garganta:

—É intenção sua illudir-me, Germano? Não, não é, não pode ser verdade o que me está dizendo!

—Ah! oxalá não fôsse! balbuciou o velho creado com lagrimas na voz. Apesar de todas as investigações que fiz, não consegui descobrir o filho da sr.^a condessa.

A condessa de Bussiéres não pôde conter-se por mais tempo, e desatou a soluçar.

—Afigura-se-me que o perco uma segunda vez! exclamou a pobre mãe. Germano: diga-me tudo o que sabe sobre a existencia e a morte do meu desventurado filho.

O velho servidor obedeceu, e contou á condessa a historia do seu filho desde a noite do rapto até ao dia em que, tendo sahido de Chevrigny, nunca mais déra signaes de vida.

Horas depois a condessa de Bussiéres sahia de Paris, onde nada mais tinha que fazer.

Antes porem de voltar a Arfeuille, onde ia mais que nunca

viver na solidão e na amargura, dirigiu-se á povoação de Chevigny.

Fallou ali com a viuva Violet, e com algumas outras pessoas, que todas lhe fallaram com o maior elogio do excellente mção, que fôra ali conhecido com o nome de Edmundo. As palavras de Germano tiveram ali confirmação plena.

—Morreu de certo, senão teria voltado, lhe disseram todos.





XV

Visita ao castello

Decorreram alguns annos. A condessa nunca mais sahira castello de Arfeuille, e não voltara a procurar seu marido, o qual não fazia agora senão curtas aparições em Paris, de regresso de cada uma das suas viagens.

De tempos a tempos a condessa de Bussiéres procurava informações ácerca do seu filho, visconde Gontran, cuja existencia era cada vez mais deploravel.

Soube por fim que o desgraçado, impellido por estranha vertigem, sacrificava tudo ás suas paixões, chafurdava em todos os lodaçães, e descia um a um todos os degraus da ignominia e da degradação.

As vezes, perseguido por credores implacaveis, era forçado

a occultar-se em um sótão, e então o procurador da condessa, sem se dar a conhecer, e por ordem d'esta, corria em soccorro do visconde, e pagava as suas dividas.

Logo depois este ultimo reaparecia, mais brilhante e mais louco do que nunca, no theatro das suas façanhas, entregando-se sem vergonha a saturnaes sem nome, e a todos os excessos mais abjectos e repugnantes.

Em sete ou oito annos a condessa deu assim ao seu filho mais de um milhão. Felizmente a sua immensa fortuna permittia-lhe que fizesse aquellas generosidades em favor do filho prodigo, sem prejuizo dos desgraçados que protegia.

O visconde de certo adivinhou o nome d'aquella mysteriosa Providencia que apparecia sempre a salvá-lo de um temeroso desastre, de que não poderia livrar-se senão por meio de um suicidio, ultimo acto de loucura que parecia dever coroar as extravagancias e insanias da sua horrorosa vida; mas o miseravel nunca pensou em agradecer a sua mãe e em ir fazer-lhe uma visita.

O conde de Bussiéres tinha regressado a Paris havia já muitos mezes. Conforme declarara ao seu amigo Nestor Dumoulin, pusera ponto nas suas viagens atravez dos mares.

Fatigado, gasto, e não tendo podido encontrar em parte alguma, não dizemos já a consolação, mas simplesmente um tal ou qual conforto á sua dôr, estava decidido a não mais sahir da França. Não queria morrer em terra estranha.

Um dia a condessa recebeu uma carta, assignada pelo conde de Bussiéres, e tarjada de preto. Era concebida nos seguintes termos:

«Julgo dever meu fazer-lhe saber, sr.^a condessa, que o visconde de Bussiéres, nosso desgraçado filho, deixou de exis-

tir. Mataram-n'os os excessos da sua vida desregrada. Felizmente, e é triste para um pae dizel o — morreu ainda a tempo de não deshonrar completamente o nome dos seus antepassados.

«É crueldade dizel o... mas a verdade é que esta morte não é uma desgraça. Soube indirectamente o que a sr.^a condessa fez em favor d'elle, desde que eu, completamente desilludido, fôra forçado a abandonal-o á sua triste sorte. Nem a sua mão, nem a minha, podiam obstar a que elle rolasse até o fundo do abysmo!

«A sua morte é um funesto exemplo, que ha de talvez servir de proveito, mais ainda aos paes de que aos filhos... A sua morte é finalmente, a meu ver, uma grande graça, que Deus se dignou conceder-nos.»

Depois da leitura d'esta carta, a condessa de Bussiéres encerrou-se no seu oratorio, e ali passou todo o dia e toda a noite em orações. No dia seguinte todos os creados e empregados do castello tomaram luto, em cumprimento das suas ordens.

Passados uns quinze dias uma carruagem parou em face do portão do castello, e apeiaram-se d'ella logo em seguida dois homens.

—Vá esperar nos na hospedaria, disse o mais idoso dos dois dirigindo se ao cocheiro. Se fôrmos forçados a demorar nos em Arfenille, mandar-lhe-hemos recado para que possa voltar para Clamecy depois do almocço.

O cocheiro afastou-se com a carruagem.

—Sinto que o coração me pulsa tão violentamente, como se quizesse saltar-me fóra do peito, disse o mais moço dos dois homens, fallando ao ouvido do seu companheiro.

—Tranquillisa-te, lhe disse o outro sorrindo; nada tens que receiar; pelo contrario tens tudo a esperar.

—Que silencio n'este esplendido castello!

—Não me surprehende esse facto. Já era assim em outro tempo.

—Sinto o corpo como trespassado por uma impressão glacial.

—Ha de consolar-te e aquecer-te um sorriso da sr.^a condessa. Vem comigo.

Os nossos leitores de certo adivinharam já que os dois homens eram os nossos antigos amigos Jeronymo Greluche e o môço Edmundo.

Este ultimo seguiu o seu companheiro, que foi tocar a sineta da porta da entrada. Passados apenas alguns momentos, ouviram-se uns passos pesados, e a porta abriu se. Os dois homens acharam-se em face de um velho de cabellos brancos, todo vestido de preto que, olhando para os dois visitantes, exclamou de subito:

—Oh! é o homem dos bonecos!

—Ah! o bom sr. Bricard reconheceu-me immediatamente! exclamou alegremente Greluche. Sou effectivamente o homem dos bonecos, o proprio Jeronymo Greluche em carne e osso.

—Tem-se fallado muitas vezes aqui na sua pessoa, sr. Greluche, e todos temos tido pena de que por tanto tempo nos abandonasse. Sempre tristeza, sempre, sempre, é monotono.

«Não fallo já de mim que sou velho; mas os novos teem o direito de rir um pouco. Traz consigo os seus bonecos, sr. Greluche?... Verdade é que, ainda que os trouxesse, não poderia d'esta vez alegrar nos com as suas facecias. No castello agora não pode haver alegria...

Jeronymo Greluche fez-se pallido como um morto.

—Valha-me Deus! murmurou elle com inquietação. Agora reparo que está vestido de luto! Acaso a sr.^a condessa...?

—Ah! não, graças a Deus! A sr.^a condessa está de perfeita saude. Este luto, que trago sobre mim, é por o sr. visconde de Bussières, filho unico da sr.^a condessa.

—Ah! que desgosto para a excellente senhora!

—Eu lhe digo... Aqui para nós, que ninguem nos ouve, o sr. visconde não era homem cuja morte devesse ser muito lamentada.

«De mais a sr.^a condessa mal o conhecia, pois que havia perto de quarenta annos que o não via. Mas emfim era seu filho. E depois tambem, possuir uma fortuna tão grande, e não ter herdeiros...

—É triste, é, amigo e sr. Bricard. Julga que a sr.^a condessa de Bussières, apesar da sua tristeza, se não recusará a receber-nos?

—Hoje de certo não poderá fallar com a sr.^a condessa, amigo e sr. Greluche.

—Porque?

—Pela simples razão de que não está em Arfenille.

No semblante de Greluche transpareceu uma expressão de viva contrariedade.

—A sr.^a condessa, continuou o intendente, partiu hontem do castello.

—Por muito tempo?

—Isso não sei eu. Tanto pode demorar-se tres dias como tres semanas, ou um mez.

—Sabe para onde partiu a sr.^a condessa?

—Perfeitamente; está em Paris.

—E sabe onde se acha installada?

—Na rua Bellechasse, no palacete da familia Bussières.

—Muito obrigado por as suas obsequiosas informações, amigo e sr. Bricard. Vamos retirar-nos. Desculpe nos o incommodo que lhe causamos...

—Ah! não permitto que se retirem sem que entrem no castello, e tomem ao menos um refresco.

—Obrigado, amigo e sr. Bricard. O meu companheiro e eu entendemos, que não devemos entrar no castello, achando-se ausente a sr.^a condessa.

—Mas a sr.^a condessa conhece-o muito bem, e de certo não levaria a mal...

—Embora, embora. Agora de nada precisamos; utilisar-nos-hemos do seu favor em uma outra occasião. Adeus, amigo e sr. Bricard; até á vista.

Jeronymo Greluche e Edmundo foram almoçar na hospedaria, e em seguida entraram de novo na carruagem, que devia reconduzil-os a Clamecy.

Nessa mesma noite partiram para Monthard, e no dia seguinte de manhã entravam de novo no seu pequeno e antigo alojamento da rua da Montagne Sainte-Geneviève.

—Reflecti, meu caro Greluche, disse Edmundo ao seu pae adoptivo; ticha-me prestado a acompanhar-te ao castello de Arfeuille; mas não irei contigo ao palacio da familia de Busières. Parece-me mais conveniente que, visto conheceres já a condessa, te apresentes a ella sósinho. De mais que posso eu dizer-lhe? nada... Affirmas tu que meu pae era filho da condessa... Mas que prova existe d'isso? Unica e simplesmente uma recordação passageira sobre uma sepultura. Decididamente é melhor, que eu lhe não falle.

«Ha apenas a entregar-lhe estes papeis, que constituem para ella uma recordação, mas tu poderás desempenhar essa missão tão bem ou melhor do que eu. Alem d'isto parece-me

mais conveniente que nada digas a meu respeito, para não parecer que é intenção nossa reclamar alguma coisa.

«Não tenho direito algum, nada peço, nada quero! O acaso fez-me nascer, fará de mim o acaso o que quizer. «É forçoso lutar, lutar sempre», me disse o velho Mardoche. Para quê? Não tenho um grande interesse em viver muito tempo; quanto mais cedo se morre, mais cedo cessa o nosso sofferimento! Pode acaso fazer alguma coisa em meu favor a sr.^a condessa de Bussiéres? Fazer-me rico, nada mais.

«Para que quero eu a fortuna? Para que preciso agora trabalhar, se não me é dado já pensar n'ella, n'ella que é tão boa, tão graciosa, tão perfeita... n'ella que é filha de João Renaud, do assassino de meu pae? Não quero nada, meu bom Greluche... Entendo que não devemos collocar-nos na situação de ser obrigado a regeitar uma esmola.

—Meu filho, respondeu Greluche: o que tu quizeres é o que eu quero. Irei sósinho entregar os papeis á sr.^a condessa de Bussieres. Todavia, se ella me fallar em ti, não poderei deixar de lhe responder.

—Pois bem; seja assim; mas é preciso sobretudo, que lhe faças comprehender bem, que nada peço.

Depois de algumas horas de repouso, Greluche lançou sobre si o seu melhor vestuario, e sahiu para se dirigir para o palacete dos condes de Bussiéres.





XVI

A condessa em Paris

Um dia de manhã o velho creado Germano, tendo entrado de improviso no quarto do conde, estacara estupefacto, por ver que este se achava de joelhos, e soltava gemidos surdos.

O conde de Bussiéres tinha os cotovellos apoiados sobre uma cadeira, e o rosto escondido com as mãos tremulas. Absorto na sua dôr, no seu desespero, não tinha ouvido os passos do velho servidor.

—Como elle soffre! pensou tristemente o bom Germano. Desde que regressou não faz mais que chorar e gemer.

O conde, julgando-se só, balbuciava as seguintes palavras:

—Vou caminhando a largos passos para a morte... Morrerei sem tornar a vel-a? Falta-me a coragem para me dirigir

a ella. Não, não; Valentina não pode compadecer-se de mim, não pode perdoar-me.

É bondosa e compadecida para todos; só para mim é implacavel... e ainda ella não sabe tudo! Oh! e hei de eu morrer sem lhe haver confessado o meu crime, sem ter implorado o seu perdão!...

Deus meu! condemnae-me a torturas mais cruciantes ainda; mas permitti que torne a vel a, que ouça dos seus labios uma palavra compassiva, que suavise o desespero que tortura a minha alma!

Germano, não querendo incomodar o conde, sahju do quarto com todas as precauções para não ser presentido.

No meio do dia, achando-se a sós com elle, disse-lhe:

—Sr. conde: peço-lhe que me conceda uma dispensa de serviço por dois ou tres dias.

—Não tenho o direito de te recusar isso, Germano. Mas só tres dias, não é verdade? Bem vêes que não tenho mais ninguém aqui... que nem mesmo conheço os outros creados.

—Os outros creados são-lhe todos muito dedicados, sr. conde.

—Assim o creio, Germano, porque fôste tu que os escolheste. Mas, quando a minha dôr faz explosão, é só diante de ti que posso chorar.

—Partirei esta noite, e prometto ao sr. conde, que estarei de volta depois de amanhã á noite.

—Onde vaes, Germano?

—Vou á minha terra, sr. conde. Sinto necessidade de passar algumas horas junto dos meus sobrinhos e sobrinhas.

—Ah! comprehendendo bem isso, murmurou o conde suspirando. Vae, Germano, vae abraçar os teus.

«Tu és feliz; tens familia...

No dia seguinte, Germano achava-se em Arfeuille, em presença da castellã.

—Sr.^a condessa, disse elle lançando-se de joelhos; venho aqui supplicar lhe uma graça.

—Explique-se, Germano, disse a condessa.

—O sr. conde, desde que regressou a Paris, soffre de um modo horrivel. O seu desespero aterrorisa-me!

—Comprehendo... A morte do seu filho...

—Não, sr.^a condessa, o mal que o tortura é o remorso. O desgosto, que o atribula, não tem por motivo a morte do seu filho mais velho; mas sim a perda do seu outro filho!

—Germano: disse acaso ao sr. conde que eu sabia tudo?

—Não, minha senhora; nada lhe disse.

—Mas eu não lhe prohibi que fallasse.

—Em face de uma tão terrivel dôr, não ousei dizer coisa alguma.

—Bem. Diz porem que vem solicitar de mim uma graça. De que é que se trata?

—O sr. conde está completamente transformado, e envelhece a olhos vistos. Estou convencido de que não poderá viver muito tempo.

«Não tem medo da morte, não; mas não deseja deixar este mundo sem tornar a vel-a, sem lhe dizer o que suppõe que a sr.^a condessa ignora, e sem haver implorado o seu perdão.

«É grande o seu arrependimento, e a sr.^a condessa, se visse quão funda é a sua dôr, havia de compadecer-se d'elle.

«Não se atreve a vir aqui procural-a; mas é com lagrimas, com gemidos e com soluços, que a chama constantemente.

—E foi elle que o mandou aqui, Germano?

—Não, minha senhora; nem sabe que me encontro em Arfeuille.

—E o que é que vem pedir-me Germano?

—Que vá a Paris, sr.^a condessa.

«Oh! a sr.^a condessa, que é boa, e nobre, e generosa, a sr.^a condessa que tanto bem faz a toda a gente, ha de compadece-se do sr. conde!

A condessa hesitou durante alguns momentos; mas por fim venceram os instinctos do seu tão generoso coração.

Pediam-lhe um perdão, e ella esquecia os seus passados soffrimentos, pensando em Deus, que perdôa sempre.

—Germano, disse ella com a sua voz suave, habituada a fallar aos desgraçados: estarei em Paris ámanhã.

«Se chegar primeiro do que eu, e se o julgar conveniente, prevenirá o sr. conde.

O creado deixou que a sua alegria fizesse explosão.

—Ah! está salvo o sr. conde! exclamou elle com o rosto radiante de jubilo.

Eis de que modo a condessa partira para Paris, no dia anterior áquelle em que Greluche e Edmundo haviam chegado ao castello de Arfeuille.

Germano voltou a Paris, e nada disse ao conde.

Mas, logo que a condessa chegou, e se introduziu mysteriosamente em um pequeno compartimento, contiguo ao quarto do conde, entrou ali e disse para o conde de Bussières:

—O sr. conde deseja receber uma pessoa, que lhe traz noticias da sr.^a condessa?

O conde endireitou-se de salto.

—Noticias da sr.^a condessa! exclamou elle. Onde está essa pessoa, Germano?

—Ali, respondeu o velho servidor apontando para a porta do compartimento contiguo.

Os olhos do conde mostraram uma expressão de intimo ju-

bilho. Ia correr para ali. O creado Germano cortou-lhe o passo, e disse:

—Perdão, sr. conde... espera-o uma grande surpresa, e não sei realmente como dizer-lhe... Supponha por exemplo, sr. conde, que a sr.^a condessa em pessoa...

—Germano: que significam essas palavras? exclamou o conde de Bussiéres, dominado por subita agitação.

—O sr. conde ha de perdoar-me... Eu não fui á minha terra, fui a Arfeuille...

—E a pessoa que está ali...?

—Dignou-se attender a supplica, que lhe dirigi.

«A sr.^a condessa de Bussiéres soube por mim que o sr. conde soffria, e que desejava vel-a, e immediatamente partiu para aqui.»

—A condessa aqui... perto de mim... Não, não mereço... sou um miseravel, indigno de perdão, indigno dos seus olhares!... Não, não tenho o direito de comparecer na sua presença... não pode perdoar-me!

A condessa, que tinha ouvido tudo, abriu n'aquelle momento a porta, e entrou.

O conde viu-a, soltou um grito abafado, e curvou-se como ao peso de uma maldição.

—Sr. conde de Bussiéres, disse ella com voz vibrante: sei que soffre, e que precisa conforto...

«Eu, que consagrei toda a minha vida a consolar os que soffrem, vim sem hesitar.»

O conde endireitou-se.

—Pois quêt exclamou elle. É a mim, que dirige essas palavras!...

«Quem lhe dá essa admiravel coragem?»

A condessa ergueu as mãos ao ceu, e respondeu:

—Deus!

—Ah! apesar de toda a sua indulgencia, seja embora muito acrisolada a sua caridade, ha de afastar-se de mim com terror, ha de repellir-me horrorisada, quando lhe disser...

—Nada tem que fazer-me saber, sr. conde; a minha antiga creada Marietta procurou-me ha annos, e disse-me tudo!

—E, apesar de tudo, veio aqui!!

—Sim; venho aqui para lhe dizer que lhe perdôo, e para o consolar. Ambos tivemos culpa do que aconteceu, sr. conde.

Quando sahi d'esta casa, quando nos afastámos um do outro para sempre, commetti um erro não lhe dizendo a verdade.

—A verdade? repetiu o conde com a voz estrangulada na garganta.

—Illudido, como eu, por uma creatura miseravel, cego, louco talvez, o sr. conde de Bussiéres commetteu um primeiro crime.

O meu silencio levou-o depois a praticar um segundo.

—Meu Deus! meu Deus! murmurou o conde.

A condessa endireitou-se com magestade de rainha, e com voz clara e vibrante disse:

—A condessa de Bussiéres devia dizer a seu marido: «Uma d'Arfeuille não falta aos deveres da honra e da dignidade! uma d'Arfeuille não é, não pode ser uma prostituta! uma d'Arfeuille não é, não pode ser criminosa!

O conde, aterrorisado, soltou um gemido surdo, e levou com um gesto de desespero as mãos á cabeça.

—Miseravel! miseravel! exclamou elle. Era meu filho! meu filho!!

—Nosso filho, sim, sr. conde, e ter-nos-hia consolado no

nosso desgosto! Seria o nosso orgulho, a nossa gloria, a esperanza da nossa casa! Ah! eu sei que elle era nobre, distincto, e generoso e bom!

E a condessa desatou a soluçar.

—Ah! deve maldizer-me! exclamou o conde.

—Não, não venho aqui censural-o; venho para que choremos juntos.

—Oh! oh! balbuciou o conde.

E, soluçando como uma creança, o velho conde de Bussières cahiu de joelhos, juntou as mãos, e pronunciou com voz supplicante:

—Perdão! perdão!

A condessa ajudou-o a levantar-se. Em seguida assentaram-se em face um do outro.

—Ciume fatal! murmurou o conde. Quanto mal eu causei na minha vida!

—Ah! eu tambem tenho dirigido mil vezes amargas censuras a mim propria.

«Mil vezes, prostrada perante o Deus da humildade e da misericordia, me arrependi do meu fatal orgulho de outro tempo, que nos foi tão funesto.

Os dois esposos conversaram durante longo tempo. Por fim o conde disse:

—De ora em diante fica n'esta casa, não é verdade?

—Demorar-me-hei apenas alguns dias, respondeu ella.

—Alguns dias... é tão pouco!

—Poderá ir a Arfeuille...

—Permitte m'o?

—Peço lh'ol!

O conde tomou entre as suas a mão da condessa, e cobriu-a de beijos.

Na occasião em que a condessa entrara no quarto do seu marido, o velho creado Germano retirara-se discretamente. O conde chamou-o para lhe dizer:

—Germano: a sr.^a condessa de Bussiéres quer dar-nos a alegria de passar aqui alguns dias. Manda já preparar os seus quartos.

—Ah! que felicidade! exclamou Germano.

E correu a executar a ordem, que acabava de receber.





XVII

Pae e mãe

O conde e a condessa de Bussiéres continuaram a conversar.

Tinham tantas coisas para dizer... Fallaram do visconde Gontran, mas apenas de passagem. O assumpto era penoso para ambos.

O conde tinha sempre ignorado o motivo por que, depois do drama de Asniéres, e não obstante ter ido elle pessoalmente declarar-se autor do assassinato, não tinha sido perseguido, e a razão por que a justiça não procedera a uma qualquer investigação sobre o assumpto.

Tendo cahido a conversa n'aquelle deploravel acontecimento, a condessa mostrou ao conde a carta escripta por Luciano, horas antes de morrer, e o bilhete do juiz Luranne.

O conde encontrou ali a prova evidente e cabal da innocencia de sua mulher, da qual aliás elle não duvidava já. Sentiu-se porém dominado por intima commoção, por ver quão generosa fôra com elle a sua victima. Comprehendeu então tudo.

Aquelle pobre pae, que tão cruelmente fôra ferido, em vez de pedir vingança, servira-se da sua influencia como magistrado para suspender a acção da justiça, e salvar o assassino do seu filho da vergonha de ser arrastado, como um assassino vulgar, á presença de um tribunal criminal.

—Infeliz rapaz! fatal cegueira a minha! murmurou elle em tom doloroso.

—Era um nobre coração, disse a condessa de Bussiéres tristemente.

—Ah! que terrivel vida a minha! por toda a parte tenho deixado o luto, a dôr, a desgraça! Ah! mereci bem as torturas que soffro, e nem mesmo o castigo eguala ainda a culpa! E a santa, cuja vida inutilizei e enchi de amargura, vem dizer-me palavras de perdão e de conforto! Tenho sempre recebido o bem em troca do mal que tenho feito! E nada posso fazer eu em seu favor, nada!

—Se o nosso filho Edmundo existisse ainda. . .

—Durante muito tempo foi essa a minha mais querida esperanza, respondeu o conde tristemente. Perdi-a porém. . . soube, ha apenas alguns mezes, qual fôra a sua desgraçada sorte.

—Sabe então. . .? interrogou a condessa com voz trémula.

—O nosso filho, que seria hoje a nossa esperanza, a nossa alegria, o nosso orgulho, já não existe!

—Oh! balbuciou a condessa.

—Morreu. . . morreu assassinado!!

A condessa soltou um grito de angustia, e curvou a cabeça para sobre o peito.

—E' essa uma triste e horrorosa historia! tornou o conde. Que irreparaveis desgraças causadas por mim!... Os nossos dois filhos, a minha companheira querida, a familia de Luranne... todos victimas de um criminoso unico!... Quer saber de que modo morreu o nosso filho?

A um gesto affirmativo da condessa, o conde contou a sua mulher em que circumstancias ouvira fallar, em Cayenna, de um presidiario condemnado pelo crime de assassinato, e o motivo por que se interessara por João Renaud, e concebera a ideia de solicitar o seu perdão.

Fallou-lhe em seguida do seu velho amigo Nestor Dumoulin, da jornada do celebre advogado á provincia da Haute-Saonne, e das suas estranhas descobertas, que parecia provarem a innocencia de João Renaud, e disse-lhe finalmente de que modo reconhecera, pelas investigações feitas pelo advogado, que o pobre rapaz assassinado era o seu segundo filho.

A condessa tinha-o escutado sem o interromper. Estava dominada por pungentissima commoção. Ao longo das suas faces pallidas corriam dois rios de lagrimas.

O conde, segurando entre as suas a mão de sua mulher, estava agitado por um violeuto tremor convulsivo. Esmagava-o o peso da sua desgraça, e dos seus remorsos.

Depois de alguns momentos de silencio, a condessa tomou a palavra.

—Sabe onde está enterrado o nosso desgraçado filho, sr. conde? perguntou ella soluçando.

—Está no cemiterio da povoação de Frémicourt, respondeu o conde com voz lugubre.

—Logo depois de fazer uma visita ao cemiterio, em que dorme o eterno somno o nosso filho mais velho, irei a Frémicourt ajoelhar e orar sobre a sepultura abandonada do nosso filho mais novo.

—Se m'ò permittir, acompanhal-a-hei:

—Sim; faremos juntos essa piedosa peregrinação. Sabe que destino teve o homem, cujo perdão conseguiu?

—Sei que deixou a colonia e voltou para a França.

—E nunca mais soube d'elle?

—Nunca mais. Tenho porem todas as razões para sup^{ar} que voltaria para a sua terra natal, onde esperava encontrar sua mulher. Esta já não existia; mas, a sua filha, educada por Jacques Mellier, deve tel-o consolado da perda de sua mulher.

—Procuraremos esse João Renaud, e pedir-lhe-hemos que nos fale do nosso filho. Quereria, porem, principalmente ver a filha de Mellier, a desgraçada Lucila que, segundo todas as apparencias, amava o nosso Edmundo, e era por elle amada.

—Como já disse, e se são exactas as informações dadas ao meu amigo Dumoulin, a pobre rapariga deixou a casa de seu pai, na manhã seguinte á noite em que foi perpetrado o assassinato, e ninguem mais ouviu falar d'ella.

Suppõe-se que terá morrido. Quantas sepulturas cavadas em redor de mim!...

No dia seguinte, ás duas horas da tarde, a condessa estava prompta para sahir, e esperava o conde para irem juntos ao cemiterio Montparnasse, onde o visconde de Bussiéres se achava inhumado no jazigo da familia.

A carruagem estava prompta no pateo do palacio, e o guarda portão estava no seu posto, esperando o momento em que deveria abrir a porta.

De subito appareceu um homem no pateo, que se dirigiu ao guarda-portão e lhe disse:

—Desejo fallar com a s.^a condessa de Bussiéres.

—A sr.^a condessa vai sahir, respondeu o guarda-portão, não sei se poderá recebê-lo. Ah! está ali o creado Germano, dirija-se a elle.

Jeronymo Greluche—os nossos leitores decerto o reconheceram já—dirigiu-se para o creado Germano, que estava junto da carruagem esperando que os condes descessem, e disse-lhe:

—Tenho uma commissão a desempenhar junto da sr.^a condessa de Bussiéres, e supponho que a sr.^a condessa não terá duvida em me receber.

—Como sabe o senhor que a sr.^a condessa está aqui? perguntou Germano com surpresa.

—E' simples, senhor. Estive hontem em Arfeuille.

—E' então muito importante o que tem para dizer á sr.^a condessa?

—Pelo menos eu assim o creio.

—A sr.^a condessa vae sahir; mas não importa, vou annunciar-lhe a sua visita. Como é o seu nome?

—Jeronymo Greluche. A sr.^a condessa conhece-me.

—Germano fez entrar o recémchegado em uma sala, e foi em seguida prevenir a condessa. O homem dos bonecos, em pé no meio da sala, entendeu que devia entreter o tempo examinando cinco ou seis quadros antigos que ornavam as paredes. De subito Greluche soltou uma exclamação de surpresa, e correu para um retrato de tamanho natural, que representava um rapaz de vinte annos pouco mais ou menos.

—Oh! que semelhança! exclamou elle maravilhado. Parece-me estar vendo os seus olhos negros, profundos, lumino-

sos... Que semelhança nas feições, nos cabellos, no olhar!...

E, não podendo desviar os olhos do quadro, Jeronymo Greluche estava como em extasis.

A condessa entrou no salão, e pôde approximar-se de Greluche, sem que este, absorto como estava na sua contemplação, ouvisse o barulho dos seus passos.

—Vejo que não se esqueceu de mim, amigo Greluche, lhe disse ella sorrindo.

O homem dos bonecos voltou-se vivamente, e inclinou-se respeitosaemente, diante da condessa.

—Perdão, sr.^a condessa, balbuciou elle. Estava vendo... aquelle retrato...

—Representa meu marido, o conde de Bussiéres, na idade de vinte annos.. Mas... vejo-o perturbado, sr. Greluche. Não é a primeira vez que conversamos: tranquillise-se. Digame: como está o seu filho? é Edmundo que elle se chama, não é verdade?

—Sim, minha senhora; é esse o nome d'elle.

—E' talvez por causa d'elle que vem procurar-me... Creia, amigo e sr. Greluche, que seria para mim um grande prazer, que viesse pedir-me alguma coisa para si, ou para o seu filho adoptivo.

—Oh! eu sei que a sr.^a condessa se não cança nunca de fazer bem; mas, graças a Deus, Jeronymo Greluche não tem razão para se queixar da sorte. Em todo o caso devemos accetar a vida tal qual ella é, com as suas contrariedades, com as suas tristezas. A verdade é que ninguem é completamente feliz.

—Não lhe mostra acaso gratidão o seu filho adoptivo, Greluche? tem razão para se queixar d'elle?

—Ah! não, minha senhora; pelo contrario... E todavia, se ando triste e inquieto, é por causa d'elle.

—Como assim?

—Lembra-se da mãe, sr.^a condessa, chora e lamenta-se...

—Pobre rapaz! murmurou a condessa, limpando furtivamente uma lagrima.

—Como a sr.^a condessa sabe, fil o entrar no collegio Sainte-Barbe, onde foi sempre estudante distincto.

Agora, com o seu dinheiro e com as minhas economias, poderia começar vida, e vir a ser alguma coisa; mas de repente apparece-me cheio de desalento a dizer-me: «para que trabalhar, para que viver?»

Anda em um estado de desespero, que me confrange o coração. O seu remedio seria ter uma familia, um nome. Ah! é que elle tem coração e soffre por se ver sosinho n'este mundo!

A condessa suspirou.

As palavras de Greluche não podiam deixar de achar echo no seu coração.





XVIII

Novas commoções

O homem dos fantoches continuou:

—Peço-lhe que me desculpe, sr.^a condessa; não sei, realmente, porque lhe estou dizendo todas estas coisas. Estou abusando dos seus momentos...

—Pelo contrario, Greluche; creia que o oiço com muito interesse. Precisa confortar o seu filho adoptivo; trate de o arrancar a esse desalento.

—Oh! farei para isso tudo quanto possa!

—Recordo-me de que me disse em tempo, que não havia certeza de que a mãe do seu filho adoptivo tivesse cessado de viver. Deus, vendo como elle a ama e como soffre, ha de mpadecer-se e restituir-lh'a.

—Infelizmente nenhuma razão tenho para esperar que isso aconteça. Edmundo quiz fazer pessoalmente investigações e um dia partimos ambos para Gray. Pediu informações no hospital da cidade, e nada soube.

Deixou-me em Gray, e partiu sósinbo pela estrada em que eu, como já tive a honra de contar á sr.^a condessa, o havia encontrado ao lado de sua mãe semi-morta de frio e de cansaço. O acaso conduziu-o a uma povoação da Hauto-Saone, a Saint-Irun...

—A Saint-Irun? repetiu a condessa, approximando-se de Greluche.

—Sim, minha senhora. Ahi, prepassou-lhe pelo espirito uma nova recordação, á vista de dois enormes cães de pedra, collocados como guardas fieis aos lados da porta de uma hospedaria.

Fôra d'ali que sua mãe partira, na propria noite em que eu a encontrara cahida na estrada de Gray.

Seguiram-se alguns momentos de silencio. Por fim Greluche tirou da algibeira um pequeno maço de papeis, que apresentou á condessa.

—Que é isso, Greluche? perguntou esta.

—São papeis, que a sr.^a condessa de certo ha de apreciar muito. Há ahi um manuscripto, uma especie de poema em prosa, e duas cartas.

Esses papeis foram entregues ao meu filho adoptivo, que me encarregou de vir depôl-os nas mãos da sr.^a condessa.

—Sabe-o que se contem n'estes papeis, Greluche?

—Sei que hão de fallar-lhe no filho que a sr.^a condessa perdeu, e em que fallou um dia diante de mim.

A condessa empallideceu, e, tremendo violentamente, encostou-se ao marmore do fogão para não cahir.

—De sorte que estes papeis... murmurou ella com voz hesitante.

—Pertenceram ao filho da sr.^a condessa de Bussiéres, ao que tinha por nome Edmundo.

O manuscripto foi traçado por seu punho, e eis a razão porque o meu filho adoptivo lh'o envia, sr.^a condessa...

—Ah! é letra do meu filho! exclamou a condessa de Bussiéres.

E rasgou o *enveloppe* com um movimento febril. Em seguida abriu o manuscripto, e leu avidamente algumas linhas.

Mas logo depois encheram-se-lhe de lagrimas os olhos, e beijou o manuscripto, murmurando:

—Meu Deus, Meu Deus! que irei eu saber?...

E ergueu para Greluche os olhos humidos. O seu rosto parecia illuminado.

—Greluche, tornou ella com voz oppressa, e tremulos os labios: quem foi que entregou estes papeis ao seu filho adoptivo?

—Um homem que era depositario d'elles.

—E que razão teve esse homem para fazer essa entrega ao seu filho, de preferencia a qualquer outra pessoa?

—Porque... porque... balbuciou Greluche perturbado; porque suppôz que podiam ajudal-o a encontrar a familia de sua mãe.

—Mas a de seu pae, a de seu pae...

—Perdão, sr.^a condessa. Edmundo não procura a familia de seu pae.

—Ah! hei de interrogal-o d'aqui a pouco sobre esse assumpto, Greluche. Continue a sua narração... O seu filho adoptivo chegou pois a Saint Irun por acaso.

A' vista dos dois cães de pedra, recordou-se de que sua

mãe o conduzira a Saint-Irun na sua infancia... Depois procurou mais informações?

—Sim, minha senhora.

—E que foi que descobriu?

—Nada.

—Como assim! ignora o nome de sua mãe?...

—O seu nome de familia, sr.^a condessa, não se encontra nos papeis que acabo de entregar-lhe. Vê-se por elles apenas que o nome de sua mãe era Lucila.

—Lucila! Lucila! exclamou a condessa de Bussiéres.

E apoiou as mãos sobre o coração, como para lhe conter as pulsações precipitadas.

Os seus olhos em que brilhava um fulgor estranho, erguiam-se para o ceu.

—Continue, Greluche, continue, tornou ella, diligenciando mostrar-se tranquilla; não me occulte coisa alguma... Diga-me de que modo... o seu filho adoptivo encontrou a pessoa, que lhe entregou os papeis.

—Foi um simples acaso, sr.^a condessa...

—Chame-lhe antes Providencia, Greluche!

—Pois bem, sr.^a condessa; a Providencia collocou no caminho de Edmundo um velho mendigo, por nome Mardoche, que, segundo parece, conhecera sua mãe e tambem seu pae.

Mas esse homem, por quaesquer motivos que entendeu dever occultar, recusou-se a dizer a Edmundo o appellido de familia de sua mãe.

—E' singular!

—Tanto mais, sr.^a condessa, que o velho Mardoche fez a Edmundo outras revelações muito importantes.

—Diga, diga, murmurou a condessa, meio suffocada pela commoção.

—Uma noite o velho mendigo conduziu Edmundo a um cemitério, e collocou-o em presença de uma pedra tumular, em que se via gravada uma inscripção terrivel.

—Como era concebida essa inscripção?

—Tinha apenas duas palavras e uma data, sr.^a condessa; as palavras eram: *morto assassinado*, e a data era: *24 de junho de 1850*.

Greluche sentiu que as mãos da condessa de Bussiéres se contrahiam sobre um dos seus braços.

—Depois, continuou Greluche, o velho mendigo disse a Edmundo: «está sôbre a sepultura de seu pae!» E então Edmundo recordou-se subitamente, de que havia entrado em outro tempo no cemitério de Frémicourt.

Cahiu de joelhos, e encontrou na memoria uma oração que sua mãe lhe ensinara!

—Que lhe disse depois o mendigo?

—Conduzira Edmundo ao cemitério, provavelmente com o fim de adquirir a certeza de que elle era com effeito filho do homem assassinado.

Não tendo já duvidas sobre esse ponto, fez saber ao meu filho adoptivo, que seu pae se chamava tambem Edmundo como elle, que tambem não sabia qual a familia a que pertencia, e que um miseravel d'aquelles sitios o assassinara para o roubar.

—Sei isso, Greluche. O homem, a que se refere, chamava-se João Renaud, e foi condemnado a trabalhos perpetuos em um presidio.

—Oh! a sr.^a condessa sabia...?

—Sabia, sim; sabia já qual fôra o triste fim que o meu filho tivera, Greluche. Mas o que eu ignorava, e que acaba de fazer me saber, era que esse pobre orphão, que encontrou de

noite em uma estrada, é também meu filho... meu neto! Ah! Deus compadeceu-se de mim e de meu marido!

Depois de tão cruciantes soffrimentos, e quando não havia já um unico raio de esperança para a nossa velhice, reservava-nos uma alegria suprema!... Por que razão não trouxe comsigo o meu neto, Greluche?

O homem dos fantoches curvou a cabeça, e ficou silencioso.

—Porque não me responde? perguntou a condessa. Edmundo está em Paris?

—Chegamos hoje de manhã, depois de havermos estado hontem em Arfeuille. Foi o sr. Bricard quem nos disse, que a sr.^a condessa se achava em Paris.

—Mas por que motivo o não acompanhou elle aqui?

—Porque... porque Edmundo não quer reconhecer em si um qualquer direito, e incumbiu-me de lhe declarar que nada pede, que nada quer...

—Mas isso é impossivel! exclamou a condessa com agitação. Edmundo é neto dos condes de Bussiéres.

—E' quasi certo que a mãe de Edmundo não era casada, sr.^a condessa... E portanto não existe documento algum que prove que elle é neto dos srs. condes de Bussiéres.

—Pelo contrario, Greluche, essa prova está feita, e mais que feita! Hesitei eu acaso em o reconhecer? Oh! comprehendo bem a sua delicadeza de sentimentos e as suas susceptibilidades, que são proprias de um nobre character e de uma alma elevada. Mas havemos de saber vencer os seus escrupulos. Ah! a bondade de Deus é infinita!

E, não podendo conter-se por mais tempo, começou a soluçar, não obstante transparecer-lhe no olhar uma expressão infinita de jubilo e de gratidão.

—Terei ainda muitas perguntas a dirigir-lhe, tornou ella,

ácerca do velho mendigo e de outras pessoas; mas mais tarde, mais tarde... Por agora não quero pensar senão no nosso Edmund, no meu neto...

E agitou uma campainha. A porta abriu-se logo, e o creado Germano appareceu no limiar.

—Diga ao sr. conde, que lhe peço a fineza de vir aqui immediatamente, ordenou ella.

E em seguida, continuou a conversar com Greluche:

—Quanta gratidão lhe devemos, Greluche! não, não poderemos nunca pagar uma tão grande divida! Mas ha de ficar junto do nosso neto, do nosso filho; não ha de separar-se d'elle.

De mais elle ama-o, e de outro modo seria ingrato... Meu Deus, meu Deus! que impaciencia eu sinto agora! quereria vel-o já, abraçal-o, beijal-o! Sem o conhecer senão por o que d'elle me dizia, Greluche, sentia por elle uma sympathia profunda. Diga-me: é alto? é bello? é nobre o seu porte? Oh! deve assemelhar-se a seu pae!

—E a seu avô, sr.^a condessa. Ha pouco tempo, contemplando aquelle retrato do sr. conde, parecia-me que estava vendo o meu filho adoptivo! Que semelhança!...

—E dizia que não havia provas de que elle fosse nosso filho! exclamou ella com alegria indizível. Que maior e mais convincente prova quer do que essa, Greluche?

N'aquelle momento a porta abriu-se, e o conde de Bussiéres entrou na sala.





XIX

O neto

A condessa correu para seu marido, e, tomando-o pela mão, conduziu-o para o meio da sala.

—Sr. conde, exclamou ella com voz vibrante, e os olhos brilhantes de jubilo: Deus é misericordioso, e não nos deixa sósinhos n'este mundo.

O seu nome não se extinguirá... Temos ainda um filho, um filho!!

O conde olhou para sua mulher com dolorosa surpresa. Durante um momento chegou a suppor, que a pobre senhora perdera subitamente a razão.

—Ah! vejo que hesita em acreditar-me, tornou ella. Foi um milagre... um milagre, que o bom Deus quiz fazer por nós, sr. conde!

—Por quem é, sr.^a condessa, peço-lhe que se explique, disse este ultimo com voz tremula.

—Vae já comprehender. A pobre Lucila, quando fugiu de casa de seu pae, estava prestes a ser mãe...

—E depois... depois?...

—O seu filho existe, e está em Paris. Foi creado e educado por este honrado homem, que aqui vê. Ah! pode bem agradecer-lhe o que fez por o nosso neto, porque esteve sempre á altura da missão, que a Providencia lhe confiou.

Graças ao seu trabalho e dedicação, o pobre orphão recebeu uma educação distincta e aprimorada. Dizer-lhe de que modo Jeronymo Greluche, aqui presente, encontrou a pobre creança ha treze annos no meio de uma estrada sobre a neve, e como descobriu que o seu filho adoptivo era filho de Edmundo e de Lucila, seria historia muito longa para este momento. Existem todas as provas, sr. conde; não nos é permittida a duvida. Sabe a quem se assemelha esse filho que nos é restituído, o filho de Edmundo e de Lucila? é ao sr. conde, é a seu avô!

—Contemplando o sr. conde, disse Jeronymo Greluche com os olhos fitos no conde de Bussiéres, parece-me ainda mais completa a semelhança de que com o retrato.

O conde de Bussiéres estava dominado por uma surpresa, que aliás era perfeitamente natural.

De subito, endireitou-se, e mostrou na physionomia uma expressão de jubilo infinito.

—Um filho! um filho! exclamou elle dominado por uma especie de delirio.

Ah! só n'este momento comprehendo que Deus pode perdoar-me! Não suppunha que a alegria pudesse já entrar no meu coração!

A condessa estava radiante.

O conde, voltando-se para Jeronymo Greluche, perguntou-lhe:

—O seu filho adoptivo sabe que é neto da condessa e do conde de Bussiéres?

—Sabe, sim, sr. conde, respondeu Greluche.

—Mas então porque não o acompanhou?

A condessa tomou vivamente a palavra, e respondeu:

—Vou eu dizer-lh'o. Edmundo—Lucila deu ao seu filho o nome do pae—Edmundo sabe que é filho illegitimo.

As unicas provas escriptas de que é nosso neto encontram-se n'estes papeis, que Greluche acaba de entregar-me em seu nome. Longe de querer servir-se d'elles, deposita-os nas nossas mãos.

Em taes circumstancias não quer admittir senão os direitos, que as nossas leis garantem. Em uma palavra, julga-se estranho para nós.

Embora pobre, e por um sentimento de muito apreciavel delicadeza, nada quer pedir-nos.

—Tem razão, replicou o conde; nada deve pedir-nos; mas nós é que temos o dever de lhe dar tudo. Iremos desde já procural-o...

—Era essa a proposta que ia fazer-lhe.

—Partamos; a carruagem está á nossa espera.

—Uma palavra ainda, sr. conde. Permite-me que lhe pergunte o que tenciona fazer em favor do orphão?

—O que se faz por um filho.

—Mas note que não está ainda reconhecido como tal.

—Adoptal-o-hemos.

—Precisa ter um nome.

—Terá o de Bussiéres ou o de Arfeuille, á escolha.

—Tenha o seu, sr. conde, o seu.

—Sim, será conde de Bussières.

A condessa soltou uma exclamação de jubilo, e estendeu a mão a seu marido, dizendo-lhe com voz profundamente comovida:

—E' proprio isso do seu grande coração, conde!

Em seguida, dirigindo-se a Greluche, perguntou-lhe sorrindo por entre lagrimas.

—Está contente?

O pobre Jeronymo Greluche balbuciou algumas palavras inintelligiveis.

Não podendo conter por mais tempo a commoção, de que se achava possuido, não conseguiu evitar que as lagrimas lhe deslissassem grossas como punhos, ao longo das faces.

Um longo discurso não teria sido mais eloquente.

—Não percamos um momento, tornou a condessa. Estou impaciente por ver o nosso querido neto, que é filho duas vezes. Ah! como eu vou amal-o!

Os condes de Bussières e Jeronymo Greluche, em seguida, desceram a escada. O cocheiro esperava já na almofada.

O conde e a condessa tomaram logar na carruagem ao lado um do outro. Jeronymo Greluche subiu para junto do cocheiro, e a carruagem partiu.

Passados apenas uns dez minutos parava na rua da Montagne Sainte Genevieve.

—O nosso modesto alojamento é no segundo andar, disse o homem dos bonecos.

—Permittam me que avance na frente, para lhes mostrar o caminho.

—Vamos, vamos, murmurou a condessa, que estava cheia de impaciencia.

—Meu Deus! pensava Greluche. Como elle vaé ficar surprehendido! que dirá elle?

E parou per um momento no patamar da escada para esperar o conde e a condessa de Bussiéres.

Como a maior parte das moradas de operários de qualquer cathegoria, a de Jeronymo Greluche não tinha—nem precisava ter—o luxo de uma campainha.

Greluche bateu duas pequenas pancadas. Eram assim que de ordinario se annunciava, quando á noite regressava a casa, depois de haver fechado o theatro de Rigolo.

Edmundo appareceu logo a abrir a porta.

—Ah! chegaste finalmentel começou elle.

Expiraram lhe porém as palavras nos labios, á vista do conde e da condessa.

Inclinando-se ante aquellas pessoas, desconhecidas para elle, recuou até ao fundo do quarto. Greluche afastou-se um pouco para o lado, para dar logár a que entrassem primeiro o conde e a condessa.

Edmundo não comprehendia, e olhava para todos com uma expressão interrogativa. Fez um movimento, e o seu tão sympathico semblante achou-se de subito em plena luz.

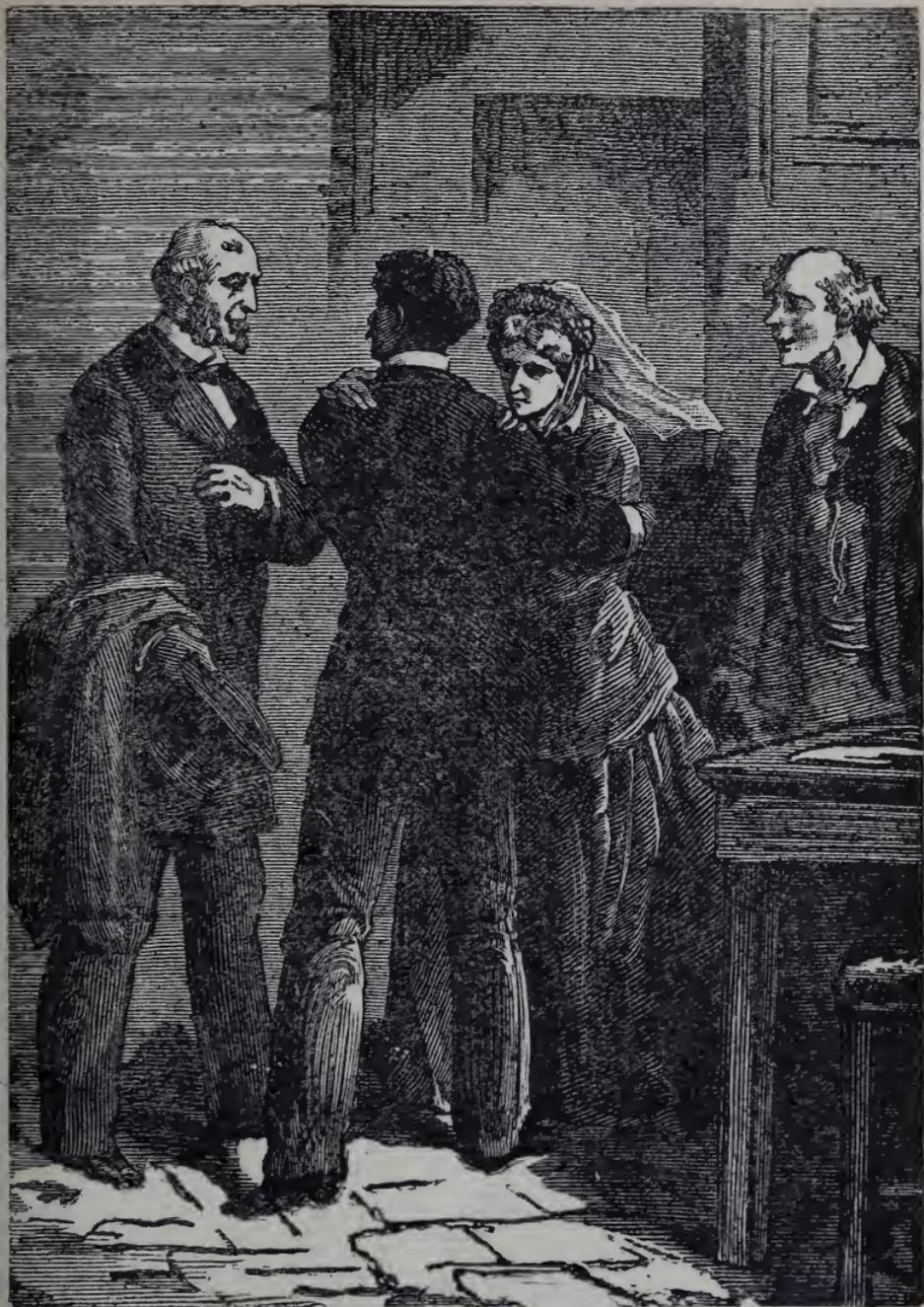
—Então, sr. conde, reconhece-o? exclamou a condessa de Bussiéres.

—Tem na propria phisionomia a certidão de identidade, respondeu o conde.

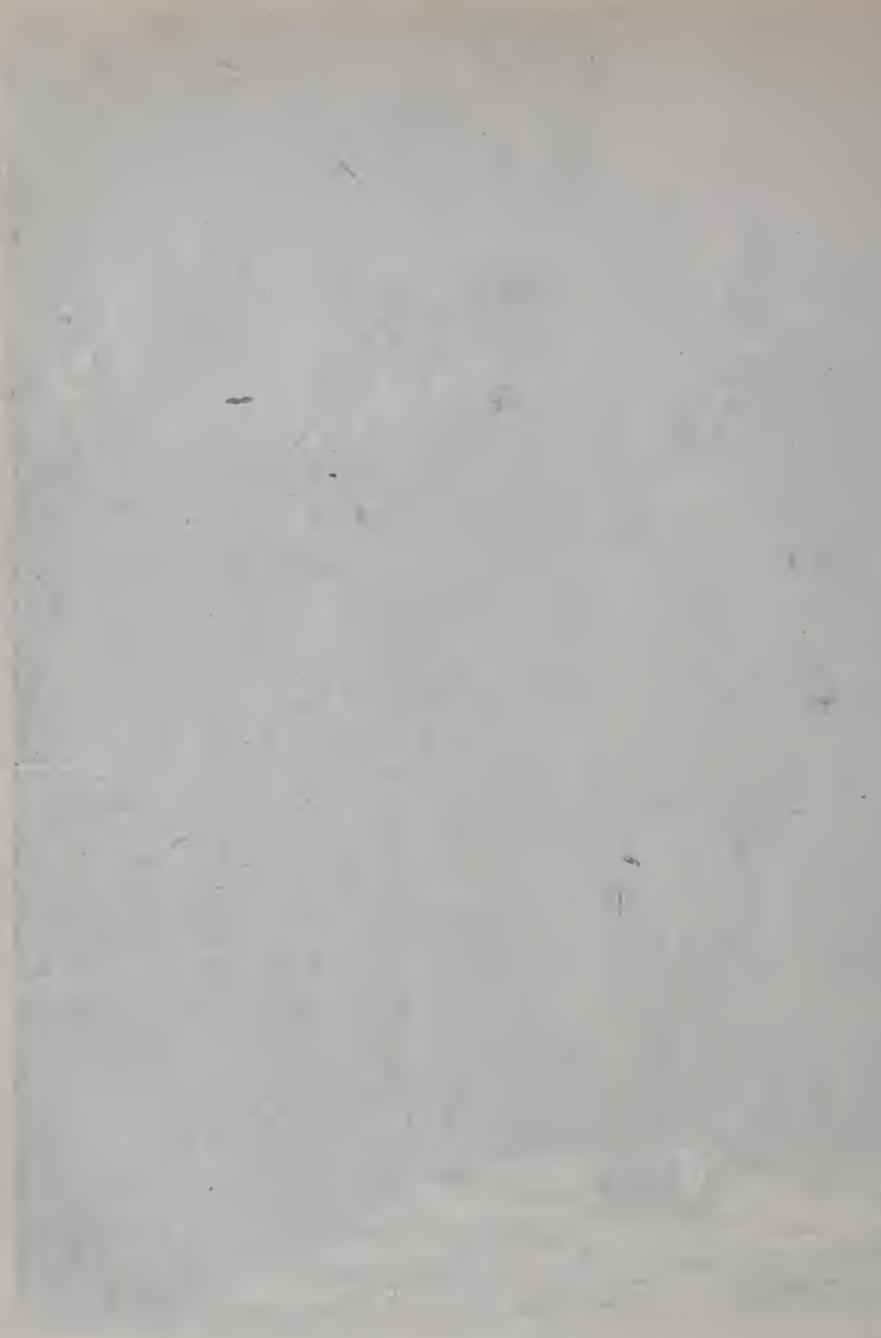
—Ah! Greluche, Greluche, que não cumpriste a tua promessa! disse o mancebo em tom de censura.

A condessa de Bussiéres, com o olhar radiante, e com o rosto como illuminado por um raio de luz divina, avançou para Edmundo, e estendeu-lhe os braços exclamando:

—Edmundo... meu filho!!



— Visconde de Bussiéros, beije as mãos de sua mãe! (Pag. 163)



O mancebo permanecia immovel, hesitante, pallido, com o olhar desvairado, e off-gante a respiração.

O conde tomou-o pela mão, e disse lhe com voz grave e solemne:

—E' nosso filho. A partir d'este momento o seu nome é Edmundo de Bussiéres.

E, impellindo-o dôcemente para os braços da condessa, accrescentou no mesmo tom:

—Visconde de Bussiéres, beije as mãos de sua mãe!

A mãe e o filho cahiram nos braços um do outro, e ficaram abraçados durante muito tempo.





QUARTA PARTE

Os mysterios do Seuillon

I

No palacio de Bussiéres

Deixámos a condessa de Bussiéres, e seu neto o visconde Edmundo, nos braços um do outro, em quanto que o velho conde e Jeronymo Greluche, testemunhas d'aquella scena commovente, diligenciavam conter as lagrimas, de que tinham rasos os olhos.

—E' um sonho! é um sonho! murmurava Edmundo.

—Não, respondeu a voz carinhosa da condessa; é a felicidade para todos nós.

—Mas en nada sou, tornou o mancebo, cheio de perturbação, nada sou!...

—E' nosso filho... o nosso unico filho.

—Eul eul

—D'aqui a tres dias, disse o conde, pertencer-lhe-ha de direito o nome de Bussiéres, que lhe dou n'este momento. Com os nossos esforços diligenciaremos fazer esquecer á condessa de Bussiéres, mãe de seu pae, tudo o que ella tem soffrido durante quarenta annos. Vae ser a alegria e a consolação de dois velhos.

—Edmundo, tornou a condessa: seu pae adoptivo fez-me saber qual o fim com que ambos tinham deixado Paris ha dias para se dirigirem á Haute-Saone. Ieis procurar a familia de tua mãe, e a Providencia quiz que descobrisses a de teu pae.

Ah! havemos de agradecer juntos ao bom Deus uma tão grande felicidade! Conhecemos nós a familia de tua mãe, Edmundo; mas, graças a Deus, nada tens agora que pedir-lhe. Desejavas ter um nome, e o conde de Bussiéres dá-te o seu.

Eu sei que não era intenção tua ires pedir-nos esse nome; o bom Jeronymo Greluche, que accusavas ha pouco de não ter cumprido as suas promessas, disse me tudo: querias viver pobre, desconhecido, abandonado, orphão, e sem familia. Pois bem; já que não querias ir procurar-nos, vimos nós aqui buscar-te.

—Buscar-me?

—Sim, meu filho, disse o conde. Irás connosco para o palacio de Bussiéres.

—Oh! e o meu Greluche? exclamou Edmundo, correndo para o antigo palhaco, que chorava silenciosamente a poucos passos do grupo.

—E' intenção nossa levar tambem connosco o excellente homem, que te educou, respondeu o conde. O homem, que te serviu de pae, pertence tambem á familia.

Pouco tempo depois a carruagem do conde de Bussiéres en-

trava de novo no pateo de honra do palacete da rua Bellechasse. Germano correu a receber os condes, que chegavam. A' vista de Edmundo soltou uma exclamação de surpresa, e ficou immovel, de bocca aberta.

O conde disse-lhe sorrindo:

—Parece se comigo, não é verdade?

—Oh! sr. conde! respondeu o velho servidor. Afigura-se-me que o estou vendo tal qual era em outro tempo, quando tive a honra de entrar para o seu serviço!

—Pois muito bem, Germano: vae dar as necessarias ordens para que seja preparada immediatamente no palacio uma installação conveniente para o meu neto, o visconde Edmundo de Bussiéres.

A condessa, levando Edmundo pela mão, conduziu-o para a grande sala, e collocou-o em face do retrato do conde de Bussiéres.

—Não te parece, filho, lhe disse ella, que uma tão perfeita semelhança vale bem uma certidão de identidade?

—O' minha mãe! minha mãe! exclamou Edmundo lançando-se-lhe ao pescoço.

—Ah! vou finalmente viver e amar! murmurou a condessa, que se sentia feliz.

O conde entrou n'aquelle momento, e surprehendeu os nos braços um do outro. Contemplou-os durante alguns momentos com enternecimento, e com os olhos rasos de lagrimas.

—Sabe, conde? lhe disse a condessa semi louca de jubilo. O nosso neto chamou-me «mãe»!

O conde aproximou-se.

—Valentina, disse elle, dando por primeira vez este nome familiar á condessa: é principalmente sua avó que o nosso neto deve amar!

Edmundo voltou-se para o conde, e exclamou em um impulso de reconhecimento:

—O meu amor será igual para ambos.

O avô e o neto abraçaram-se com effusão.

N'esse mesmo dia o conde de Bussiéres mandava entregar uma carta em casa do seu velho amigo, o advogado Nestor Dumoulin, em que o convidava instantemente para almoçar no dia seguinte, no palacio de Bussiéres.

.....

No dia seguinte, depois do almoço, em quanto o conde de Bussiéres conferenciava com o juriconsulto, e lhe fazia saber as suas intenções com respeito ao seu neto, a condessa e Edmundo estavam absortos nos encantos de uma dôce conversa intima.

Estavam assentados ao lado um do outro, com as mãos unidas. Edmundo, respondendo ás perguntas da condessa, fallou-lhe longamente da sua infância, das suas recordações, das suas revoltas intimas contra o destino, dos seus desalentos, das suas tristezas e das suas impressões.

A condessa queria saber tudo, e não se cançava de o ouvir. Suspensa dos seus lábios parecia beber as suas palavras. Admirava-o, estava como em extasis. A cada momento, e á medida que elle fallava, descobria n'elle uma qualidade, um sentimento, uma perfeição.

O mancebo exprimia-se com facilidade, e a sua voz era suave. A condessa envolvia-o com o seu olhar cheio de ternura, e embriagava-se de amor maternal. Edmundo contou-lhe o que lhe acontecera em Saint Irun, mas não pronunciou o nome de Branca; não se atrevia a fallar do seu fatal amor pela filha de João Renaud.

Todavia, em um ponto da sua narração, a voz tremeu lhe

subitamente, e encheram-se-lhe de lagrimas os olhos. Pensando na formosa Branca, a quem durante um momento dera o nome de «fada da felicidade», não pudera dominar a commoção que d'elle se apoderava. A condessa sentiu que Edmundo lhe occultava alguma coisa.

—Meu querido filho, lhe disse ella, logo que elle cessou de fallar: em tudo o que acabas de dizer, nada indica que tua mãe tenha morrido; podemos pois ter esperança ainda... Procural-a-hemos por toda a parte, e, se ainda existir, Deus, que evidentemente te protege, ha de conduzir-nos para ella.

—Sim, murmurou elle: eu quero ter essa esperança!

—Fallemos agora d'esse velho mendigo Mardoche, que tanto interesse mostrou por ti. Ah! conhece se bem que elle sabe muitas coisas; o seu procedimento é verdadeiramente mysterioso.

«Leva-te ao cemiterio de Frémicourt, á sepultura de teu pae, e falla-te do assassinato do meu filho, perpetrado por João Renaud; completa as suas revelações entregando-te papeis importantes, e por fim recusa-se obstinadamente a fazer-te conhecer a familia de tua mãe. Porque? Que escrupulo, que receio determinaria a sua reserva?

—Nunca pude explicar a razão do seu silencio.

—Occorreu-te alguma vez a ideia de que esse homem poderia occultar a sua verdadeira personalidade debaixo dos seus andrajos de mendigo?

—Sim, minha querida avó; pensei n'isso muitas vezes.

—Tenho a convicção intima de que não te enganavas, filho! Sabes ha quanto tempo elle reside em Frémicourt?

—Não sei, nunca pensei em lhe fazer essa pergunta. Mas, para poder andar de noite por todos os recantos, e para poder dar-me informações tão exactas e completas, não pode-

mos deixar de suppôr, que conhece perfeitamente aquellas regiões, e que reside ha muitos annos nas immedições de Frémicourt.

»De mais, parece-me ter dito já que não sómente conhecera minha mãe, como vira tambem meu pae no proprio dia em que cahira ferido pela bala de um assassino.

—Vae-se formando a minha opinião ácerca d'esse homem. Estou inteiramente convencida de que elle ficaria verdadeiramente perturbado, se lhe pedisses te dissesse, por que conjuncto de circumstancias recebera o deposito de papeis, que te entregou.

—Teria naturalmente cortado a diffi:uldade não me respondendo. Mardoche, quando não quer fallar, é um homem de bronzel

—Sim; esse homem deve ter uma natureza excepcional, uma grande força de vontade, murmurou a condessa, com expressão meditativa.

E, depois de um curto silencio, tornou:

—Edmundo: fallaste muito em Frémicourt, e pareceu-me que evitavas muito intencionalmente fallar em uma bella herdade, que se encontra nas proximidades d'essa povoação...

As faces do mancebo cobriram-se de subito rubor.

—É verdade, respondeu o mancebo com voz um pouco tremula, não lhe fallei do Seuillon. Não suppunha que pudesse ter n'isso um qualquer interesse.

—Fôste alguma vez ao Seuillon?

—Não, minha mãe, respondeu elle vivamente. Passei uma vez apenas, de noite e em companhia de Mardoche, em face das edificações da herdade. Foi na noite em que fômos buscar os papeis. escondidos no pardieiro de Civry.

—Sabes o nome do proprietario do Seuillon?

—E' Jacques Mellier.

—Julgo que é um velho. Viste-o?

—Não, minha mãe.

—O velho mendigo disse-te alguma coisa a respeito d'esse homem?

—Nada absolutamente. Jacques Mellier é um homem muito considerado n'aquelles sitios, e quiz-me parecer que Mardoche tinha por elle uma especie de veneração.

—Jacques Mellier tem filhos?

—Tem... uma filha apenas.

—Que é pouco mais ou menos da tua idade, e que se chama Branca, não é verdade?

Edmundo estremeceu.

—Como assim? exclamou elle com surpresa. Sabe o nome da filha de Mellier?

—E sei tambem que Branca não é filha de Jacques Mellier.

O mancebo soltou involuntariamente dos labios um gemido, e curvou a cabeça.

—Que significa isto? perguntou a condessa a si propria, vendo a expressão de angustia, que transparecera subitamente no rosto do filho.

E perguntou em seguida:

—Essa menina, que Jacques Mellier educou, e a quem deu o seu nome, é bonita?

—Como um anjo, minha mãe! exclamou elle com enthusiasmo. E é tão boa, tão pura, como formosa!!

Os labios da condessa descerraram-se em um sorriso. Comprehendera... Edmundo acabava de denunciar involuntariamente o seu segredo.

—Diz-me, Edmundo, pronunciou a condessa com a sua voz terna e affectuosa: viste muitas vezes a formosa Branca?

—Algumas vezes, sim, respondeu elle tristemente.

—E... amaste-a?

—Oh! sim, minha mãe, respondeu o mancebo em um impulso irresistivel; amei-a, e amo-a, mas não devo pensar mais n'ella! Foi a fatalidade que a collocou no meu caminho! Deus, quando nos envia uma grande felicidade, acompanha-a sempre com um desgosto!

—Mas não comprehendendo realmente a razão d'essa amargura, Edmundo.

—Ah! exclamou o mancebo com lagrimas na voz. Envergonho-me de o dizer... A' affeição, ao carinho, que recebo aqui, quando tão pouco podia esperar uma tão grande felicidade, não sei responder senão com manifestações de desespero!

—Vejamos, filho: que razão tens tu para essa grande dôr, para esse desespero? Tem acaso por motivo o facto de te dizer eu, que Branca não é filha de Jacques Mellier?

—Ah! eu sabia-o... sabia-o!

—Foi o velho Mardoche quem t'o disse?

—Não, minha mãe, não foi elle. Como quasi toda a gente d'aquelles sitios, Mardoche julga que Branca é filha de Mellier.

—N'esse ponto fôste enganado, Edmundo. Mardoche não suppõe, não pôde suppôr isso.

—Que razão poderia elle ter para me enganar?

—Disse-te elle por ventura tudo o que sabia?... Quando te fizeram saber, que Branca não é filha de Jacques Mellier, disseram-te o nome de seu pae?

—Sim, minha mãe, balbuciou o mancebo com accento doloroso.

—E não notaste, que Mardoche consagrasse a Branca uma grande affeição?

—Ama-a como um pae ama uma filha!

—Ah! e não viste, não comprehendeste...?

—Que quer dizer, mãe?

—Agora já não tenho duvidas, exclamou a condessa com uma expressão radiante no olhar. Edmundo: esse homem, que se esconde sob os andrajos de mendigo, e que sabe tantas coisas, de que não diz senão ametade, não tem por nome Mardoche, mas sim João Renaud.

O mancebo soltou um grito, e ergueu-se de salto com relampagos no olhar.

—João Renaud! exclamou elle. Oh!

—Sim, tornou a condessa. Tenho a convicção intima e profunda de que Mardoche e João Renaud são um e o mesmo homem.

—E não o adivinhei eu! murmurou o mancebo com os dentes cerrados.

«Ah! como elle me escarneceu... como deve ter-se rido da minha ingenuidade! Com que crueldade elle torturou o meu coração! E todavia Mardoche não tem mau character... não, não é mau... Oh! parece-me que perco a razão... confundem-se, entrechocam-se os pensamentos no meu cerebro perturbado... Não comprehendo; não comprehendo...

E, pallido como um cadaver, lançava em redor de si olhares de louco. A condessa, atemorizada, levantou se, e pegou-lhe nas mãos.

—Socega, filho, socega, disse ella. Agora vou eu dizer-te tudo o que sei. Uma simples palavra bastará para esclarecer te. A tua alma ha de recuperar a sua serenidade, e uma alegria immensa vae innundar o teu coração.

«Amas Branca, meu filho? Pois muito bem; podes amal-a sem escrupulo, sem perturbação, sem susto. Unil a has ao teu destino, porque é digna de ti... Branca não é, como te disse-

ram, filha de um ladrão e de um assassino! Seu pae, o pobre João Renaud, está innocente!

—Será possível, grande Deus?

—Digo-te a verdade, filho.

—Oh! queria acreditar isso, minha mãe... mas como... como?...

E, tirando bruscamente da algibeira a carta de Branca, apresentou-a aberta á condessa, dizendo-lhe:

—Leia, minha mãe, leia!

A condessa leu, e murmurou com os olhos rasos de lagrimas de commoção:

—Pobre menina! nada sabe ainda! meu Deus, como ella deve soffrer!

—Mas... é então verdade? tornou Edmundo com voz agitada, febril.

—E' sim, filho. João Renaud, que actualmente se apresenta com o nome de Mardoche, não é criminoso!

O semblante do mancebo illuminou-se, e subiu-lhe do coração á garganta um soluço.

—Edmundo, tornou a condessa: esse pobre velho, que viste sob os andrajos de mendigo, esse homem que se furta a todos as vistas, e que nem mesmo á sua filha, se dá a conhecer, é um character verdadeiramente admiravel de coragem e de abnegação...

«Foi para o presidio pelo crime de um outro, e soffreu, e está soffrendo ainda, por não querer denunciar o verdadeiro auctor d'esse crime! A sua vida é uma verdadeira epopeia de dedicação e de sacrificio! Escuta, filho: teu pae morreu nos braços d'esse homem, que conhecia o assassino, e que se deixou condemnar em logar d'elle... Levou ao extremo a sua dedicação sublime! esse homem é um heroe!

—O' minha mãe, minha mãe! exclamou Edmundo.

E, semi-louco de jubilo e de felicidade, lançou-se nos braços da condessa.

—Iremos buscal-o, tornou a condessa de Bussiéres, e levá-lo-hemos com a sua filha para Arfeuille. Ha mezes foi lhe concedido o seu perdão: mas não é isto bastante, havemos de achar meio de o rehabilitar. Ha de haver difficuldades sem duvida; mas o advogado Dumoulin, que n'este momento está conversando com teu avô, hade de certo conseguir vencel-as.

«Sim, é necessario que João Renaud seja rehabilitado, e ha de sel-o. E a filha de João Renaud, a formosa Branca, ha de unir ao teu o seu destino! Meu Deus! depois de um tão grande soffrimento, haverá na terra uma recompensa sufficientemente grande para João Renaud?

—Ah! suffoca-me a alegria! murmurou Edmundo, deixando-se cabir de joelhos aos pés da condessa.

—Tenho ainda uma outra coisa a dizer-te, filho, tornou a condessa, contemplando o neto com uma expressão de infinito affecto. Deves saber tudo. Volta a assentar-te junto de mim.

O mancebo obedeceu.

—Escuta-me, filho. Foi o advogado Dumoulin, quem, a pedido do conde de Bussiéres, fez varias investigações ácerca do crime de Frémicourt, e descobriu que João Renaud estava innocente. Foi tambem por Dumoulin, que o conde teve conhecimento do que sabemos com respeito á historia da tua infeliz mãe.

«Adivinhaste, Edmundo: tua mãe commetteu uma falta, mas... amava! Alguns paes compadecem-se e perdôam... o d'ella foi implacavel. A colera, o sentimento funesto que leva ao coração do homem o odio e o desejo de vingança, armou

o seu braço... Matou o amante de sua filha! No dia seguinte a pobre Lucila, louca de dôr e de desespero, desapareceu da casa paterna.

Para onde dirigiria a desgraçada os seus passos? Ninguém o sabe. Foi de certo muito longe, filho, e no meio de pessoas estranhas, que viste a luz do dia. Edmundo, o assassino de teu pae é sagrado para ti, é... teu avô! Não podemos pedir-lhe contas do seu crime.

Edmundo soltou um gemido fundo.

—Resta-me dizer te o appellido de familia de tua mãe, acrescentou a condessa, depois de uma breve pausa. O seu nome era Lucila Mellier!

—Mellier! Melner! exclamou o mancebo com voz trémula. Ah! compreendo agora tudo!

E deixou cahir a cabeça nas mãos.





II

Reapparece João Renaud

Branca vivia triste. Conhecia-se bem que soffria.

A sua graciosa cabeça curvava-se para a terra, como a flôr prestes a desfolhar-se. A sua alegria, os seus sonhos de ventura tinham levantado vôo, como um enxame de abelhas ao primeiro trovão annunciador de tempestade.

Lia-se-lhe a dôr e o desgosto nos olhos, cuja luz suave amortecera, e nos descorados labios que ainda ás vezes se descerravam em um pallido sorriso, com que a pobre menina procurava tranquillisar o seu padrinho. Chorava frequentes vezes, e as vermelhas rosas das suas faces tinham mudado de côr; eram brancas agora.

Rouvenat tratava-a com a mais inquieta solícitude, mas nem o affecto commovente do padrinho, nem as boas palavras de Jacques, conseguiam consolal-a.

A revelação brutal de Francisco Parisel tinha-a ferido em pleno coração. Alem d'isto a recordação de Edmundo entrava em muito nos seus tristes pensamentos. Quebrara-se o encanto da sua vida; a pobre menina via-se condemnada a uma dôr sem fim. Para ella não podia haver esperança...

Pedro Rouvenat, na primeira vez em que a viu, caminhando a passos lentos, com os braços pendentes, curvada a cabeça, e olhando tristemente para as flôres que tanto amava, e que já não colhia, sentiu-se profundamente commovido, e cheio de terror.

—É minha a culpa! balbuciava elle, caminhando ao acaso pelos campos. Tinha jurado velar por ella, protegel-a, defendel-a contra todos os perigos, e nada fiz... E a pobre Branca chora, e vive triste, e é desgraçada... Oh! sou um miseravel!

E agitava as mãos no ar, estorcendo os braços. O pobre velho estava desesperado.

—Que fazer, grande Deus? perguntava elle a si proprio com funda angustia. Oh! infame Parisel! E o outro... aquelle que obriguei a afastar-se d'aqui?... Esse é amado por ella, de mais o conheço eu. E... Branca pode morrer! morrer!!

E o velho estacou, livido, com o olhar fulgurante e contrahidas as feições.

— Ah! exclamou elle com uma especie de energia selvagem. Se a vejo cahir doente, serei conduzido no úia seguinte ao cemiterio! Na estrada ha bastantes pedras, em que eu esmague a cabeça! Um miseravel, como eu sou, não precisa, não deve viver!

*

* * *

Quando voltou á herdade, encontrou Branca no pateo, deitando milho á criação.

O velho, sem bem saber o que fazia, e obedecendo a um impulso do coração, correu para ella, e, beijando-lhe os cabellos, estreitou-a febrilmente de encontro ao coração.

—Ahi eu sei bem que o meu padrinho é muito meu amigo! murmurou a donzella tentando sorrir.

—Não, não sou bastante teu amigo, balbuciou Pedro Rouvenat, visto que não consigo fazer-te feliz!

—Pelo contrario; o meu querido padrinho faz por mim tudo quanto pode, replicou Branca vivamente. De mais eu sou tão feliz quanto posso ser-o.

—Não, filha, disse o velho abanando tristemente a cabeça; não és a Branca de outro tempo... Perdeste a alegria; os teus labios já não sorriem, e estão pallidas as tuas faces. Tu soffres e choras, filha... Vê tu, n'este proprio momento tens rasos de lagrimas os olhos!

—Mas do que me entristece a mim nenhuma culpa tem o meu padrinho! Ora diga-me: sabendo... o que sei, posso acaso viver alegre? Ah! se soubesse quanto bem me faz chorar! Se estivesse alegre, se cantasse e risse como em outro tempo, não estaria eu contente comigo propria, e o meu padrinho seria o primeiro a pensar que eu não tinha coração... Sabe? penso constantemente no meu pobre pae, e na minha

desgraçada mãe, que dorme para sempre no cemiterio de Civry!

— Diz-me, Branca: é n'elles, e só n'elles, que tu pensas?

— Quer saber toda a verdade, padrinho? Pois bem; creio que me julgaria feliz se me casasse, e que me causaria orgulho amar. Deve ser bom ter alguém que nos acompanhe passo a passo na vida, que seja confidente dos nossos pensamentos e aspirações... Mas, quando me occorrem estas ideias loucas, trato logo de as expulsar do espirito: não quero, não devo pensar senão na desgraça de meu pael... Ah! é também immenso o affecto, que consagro ao meu padrinho! Se o meu querido padrinho morresse, que destino seria o meu?

O velho Rouvenat estremeceu.

— Não te deixes dominar por esse receio, filha, disse elle tentando sorrir. Estou cheio de vida e de saude, e nenhum desejo tenho de deixar este mundo, sem ter cumprido a missão que a mim proprio impuz.

« Não quero que chores, Branca... não posso habituar-me á ideia de que a minha adorada Branca ha de soffrer. Ah! quereria restituir-te a alegria dos teus verdes annos, as tuas gargalhadas sonoras... »

— Talvez isso volte ainda para mim, respondeu ella tristemente. Bem vê, padrinho, que, segundo se affirma, o tempo tudo apaga.

— Quer-me parecer, Branca, tornou Pedro Rouvenat julgando util mudar de assumpto, que o teu amigo Mardoche anda agora muito arredo. Se não me engano, ha já quatro dias que não apparece na herdade. Enriqueceria subitamente?

— Vi-o ainda hontem.

— Aqui?

— Não, padrinho. Encontrei-o em Civry.

—Ah! sim... tu foste hontem a Civry.

—Fui depôr uma corda na sepultura de minha pobre mãe. E, coisa singular! a pessoa desconhecida, que trata da sepultura, tinha tambem collocado ali dois grandes ramos, cujas flôres estavam cobertas ainda com o orvalho da madrugada.

—Sim, é singular isso! replicou Rouvenat pensativo. Por maiores diligencias, que para esse fim tenho feito, não posso adivinhar quem seja a pessoa, que conserva uma tão piedosa recordação da pobre Genoveva. Emfim, que importa?

—Confesso que me seria muito agradavel conhecer essa pessoa para lhe agradecer.

—Pedirei informações em Civry, e conseguirei facilmente saber o seu nome. Fallemos porem em Mardoche. Desejo conversar com elle. Disse-te acaso a razão porque não tem vindo ao Seuillon?

—Ao que parece, foi dar uma longa volta para os lados de Saint-Irun.

—Mas isso é absurdo! disse Rouvenat com expressão descontente. Que necessidade tem elle de andar a mendigar pelas estradas, sendo certo que tem aqui, na herdade, tudo o que lhe é necessario?

—Foi isso precisamente o que eu lhe disse.

—Emfim, quando apparecerá elle por abi?

—Um d'estes dias.

—Isso é muito vago. Se não vier hoje até ás duas horas, irei visital-o aos seus rochedos. Tenho necessidade absoluta de conversar com elle.

—Para quê, padrinho?

—Em uma das ultimas noites, Branca, o velho Mardoche prestou-me um grande serviço. Salvou-me a vida, nada mais nada menos. Desejo mostrar-lhe a minha gratidão.

—Mardoche nada me disse. Que foi o que lhe aconteceu, padrinho?

—Um terrível accidente... Contar-te-hei isso mais tarde. Ah! o velho Mardoche é um homem realmente extraordinario! Imagina talvez que, não vindo ao Seuillon, conseguirá furta-se ás minhas manifestações de gratidão. Engana-se porem: Rouvenat não esquece os favores que lhe fazem.

Não quero que ande mendigando! Todas as vezes que elle vinha ao Seuillon, e que eu o via, levando ás costas o saquitol, experimentava uma sensação dolorosa, que nunca soube explicar a mim proprio. Por bem ou por mal, hei de forçal-o a aceitar um pequeno rendimento, que o ponha ao abrigo das privações nos seus ultimos annos de vida.

E depois tambem occorreu-me uma outra idéi: os pedreiros começaram hoje o seu trabalho de reedificação da casa de João Renaud. Logo que a obra termine mandarei guarnecer de mobilia a tua casa, e, como depois ha de ser necessario para ella um locatario, dal-a-hemos ao velho Mardoche para que resida n'ella. Que me dizes tu a esta lembrança?

A donzella saltou-lhe ao pescoço.

—Ah! não ha ninguem como o meu padrinho para ter essas boas ideias, exclamou ella.

*

*

*

Não era de certo para se esquivar ás manifestações de reconhecimento de Rouvenat, como este suppunha, que o velho Mardoche deixara de apparecer no Seuillon. A verdade era

que nem já pensava no grande serviço, que tivera a felicidade de prestar ao padrinho de Branca; o seu espirito e o seu pensamento tinham preocupações muito mais sérias. Não tinha ido á herdade unicamente por ter receio de se denunciar. Sentia que uma palavra, uma lagrima, um simples olhar da sua filha, podiam produzir uma explosão entre elle e Rouvenat.

Ah! se a questão fôsse apenas de Branca e [de Edmundo, sabia elle muito bem o que deveria fazer; mas Jacques Mellier erguia-se fatalmente diante d'elle.

—Que fazer, grande Deus? que fazer? perguntava elle a si proprio cheio de angustia.

*

* *

Conforme dissera a Branca, o velho Rouvenat, vendo que Mardoche não apparecia, decidiu-se a ir procural-o. Surprehendeu o em pé sobre os rochedos, em uma attitude pensativa, e espraiando a vista pelo valle.

—Oh! o sr. Rouvenat... aqui! exclamou o velho mendigo, sem procurar occultar a sua surpresa.

—Bom dia, Mardoche, disse Rouvenat em tom amigavel. Vejo que não esperava a minha visita.

—Não esperava, não, sr. Rouvenat.

—Se o incommodo, a culpa é sua, Mardoche. Vendo que esquecia o caminho da herdade, decidi-me a vir procural-o aqui.

—Seja bem vindo, sr. Rouvenat, e diga-me o que pode fazer o velho Mardoche que lhe seja agradavel.

—Em primeiro lugar deixe que lhe aperte as mãos Mardoche. Por que razão não tem apparecido no Seuillon ha já quatro dias? É para não receber agradecimentos por uma acção boa e generosa que praticou? Escute, Mardoche: tirando-me do fundo d'aquelle horrivel pôço, fez mais do que salvar a minha vida: conservou á menina do Seuillon o seu melhor amigo, o seu protector mais seguro e dedicado! Hoje de manhã, conversando com Branca, disse-lhe que o nosso amigo Mardoche me salvara a vida, sem que todavia lhe fizesse saber de que modo eu fôra parar ao fundo do pôço. Tel a-hia assustado inutilmente, e isso não queria eu.

—Oh! houve de certo alguem que o ajudou a descer, sr. Rouvenat... disse o velho Mardoche sorrindo.

—Sabe o que se passou, Mardoche? viu?

—Nada vi, mas adivinhei. No domingo, passando eu no bosque de Artemont, avistei os dois Parisel, correndo por entre as arvores. Andam com medo dos gendarmes.

—São parentes de Jacques Mellier, não quero denunciá-los; nada quero dizer.

—Não o censuro por ter esse escrapulo, sr. Rouvenat, replicou Mardoche abanando a cabeça.

«Mas sempre é bom acautelarmo-nos contra os maus, collocando-os em circumstancias de não nos prejudicarem; e a verdade é que tenho medo de que a impunidade os faça mais audaciosos ainda.

Tenha cuidado, sr. Rouvenat, e não se arrisque muito de noite pelas immediações da herdade. Os Parisel não deixaram estes sitios. Como os animaes ferozes, que tem medo da luz do dia, é de noite que vagueiam pelos campos, promptos a lançar-se sobre a presa.

—Seguirei o seu conselho, Mardoche, e acautelar-me-hei.

Parece-me porem que estamos fazendo muita honra a esses miseraveis, fallando n'elles. Fallemos de si, Mardoche.

—De mim?!

—A vida que passa por estes sitios não é muito alegre, Mardoche.

—Não é, não, sr. Rouvenat; mas agrada-me. Tenho de certo mais dias tristes, do que alegres; mas eu sei contentar me com pouco.

—A vida de mendigar é sempre penosa!

—Já não posso trabalhar, sr. Rouvenat.

—Sei isso muito bem, e não creia que venho aqui dizer-lhe que trabalhe. A minha intenção é fazer alguma coisa em seu favor. Trabalho ha muito tempo, Mardoche, e tenho avultadas economias para poder fazer algum bem aos meus amigos.

«Desejo collocar-o ao abrigo de privações para sempre, Mardoche. Fallei d'este meu projecto a Branca, e ella é inteiramente da minha opinião. Não ha de recusar-se a acceitar uma pequena pensão de seiscentos francos, que desejo estabelecer-lhe.

Ao longo das faces do velho mendigo rolaram duas lagrimas grossas como punhos.

—E depois tambem não quero que continue a residir no meio d'estas rochas, em companhia das cobras e dos morcegos. Mandei começar hontem as obras de uma pequena casa, situada em Civry, que pertence a Branca...

—Ah! balbuciou o velho Mardoche vivamente commovido.

—D' qui a tres semanas essas obras estarão terminadas, e a casa ficará prompta a recebel o, pois que Branca decidiu que ha de ir residir n'ella o amigo Mardoche.

«Creio que não se recusará tambem a ser agradavel á sua

amiguinha. D'aqui até lá dar-lhe-hemos um quarto na herdade. Ficamos entendidos e combinados, não é verdade?

—Sr. Rouvenat, respondeu Mardoche com voz tremula: é possível que aceite os seus generosos offerecimentos; mas mais tarde...

—Porque não immediatamente?

—Dependerá isso dos acontecimentos, sr. Rouvenat.

—Que quer dizer, Mardoche?

—Ajudando-o a sahir do pôço, nada mais fiz do que cumprir o meu dever, sr. Rouvenat. Quer recompensar-me, e eu nada tenho que dizer a isso. Eu sei que é generoso, muito generoso... Ha porem uma coisa, que não sabe talvez, ou que esqueceu. Não fui eu só que o salvei, sr. Rouvenat; estava comigo uma outra pessoa...

Rouvenat estremeceu.

—Até mesmo é dever meu dizer-lhe, que n'aquellas circumstancias fiz muito menos do que o valente môço, que me acompanhava.

Muito querer recompensar-me tão liberalmente, sr. Rouvenat, permita-me que lhe pergunte o que tenciona fazer pelo homem que, com risco imminente da propria vida, desceu ao fundo do pôço, afim de lhe atar a corda em redor do corpo.

Rouvenat olhou fixamente para o velho mendigo.

—Mardoche, disse elle bruscamente: conheço que me não diz todo o seu pensamento.

«Por que razão andava em sua companhia esse homem? Que foi o que elle lhe disse?

—Tem muito interesse em sabel-o?

—Tenho, sim, Mardoche. Diga tudo.

—Pois bem, direi tudo. Um dia o acaso conduziu esse rapaz para aqui, para o logar em que nos achamos. Estava

cheio de desespero e chorava. Eu quiz saber a razão de uma tão grande angustia, e interrognei-o.

«Confessou-me então, que amava a menina Branca Mellier, e que o sr. Pedro Rouvenat, padrinho da menina do Seillon, o prohibira de tornar a procurar vel-a, e lhe ordenara que não voltasse a apparecer nas terras do Seillon.

«Escutei-o com interesse, direi mesmo que tomei parte no seu desgosto... Pobre rapaz! ama realmente a menina Branca. Quer que lhe diga o que penso, sr. Rouvenat? estou absolutamente convencido, de que elle havia de fazer feliz a sua afilhada.

—Não, não, retorquiu Rouvenat com voz alterada; não quero pensar n'isso.

—Porquê, sr. Rouvenat? Não quer que a menina Branca se case?

O velho Pedro Rouvenat soltou um suspiro, e não respondeu.

—Hontem encontrei eu a menina Branca, que sahia do cemiterio de Civry, tornou Mardoche depois de um momento de silencio. Pareceu-me muito mudada; as suas faces empallideceram, os seus olhos perderam um pouco o seu brilho habitual. A pobre menina soffre, e o sr. Rouvenat, que tão amigo é d'ella, de certo notou já o facto...

—Sim, eu sei que Branca soffre, mas a sua dôr tem uma causa differente da que suppõe.

--E' possivel sr. Rouvenat; creia porem, que o bom rapaz, de quem fallamos, não é estranho ao seu desgosto.

—Interessa-se bem vivamente por esse rapaz, Mardoche!

—Sim, é verdade... Se dissesse o contrario, mentiria.

—Onde está elle residindo?

—Estava alojado na hospedaria Bertaux, em Saint-Irun; mas

para cumprir a promessa, que lhe fez, deixou estes sitios, e voltou para Paris.

—É de boa familia?

—O pobre rapaz não tem familia, respondeu Mardoche abanando a cabeça.

—Oh!

—Nunca chegou a conhecer seu paé, e tinha apenas seis annos quando perdeu sua mãe, a qual, tendo sido encontrada por uns saltimbancos, cahida na estrada sobre a neve, enregelada e moribunda—aconteceu isto em uma noite tormentosa do mez de dezembro—morreu, ao que parece, sem que ninguem pudesse saber o seu nome, nem de onde vinha...

—É horrivel! murmurou Rouvenat.

—Um dos saltimbancos tomou conta do pequenino, educou-o, deu-lhe instrucção, fez d'elle um homem emfim; mas quando o pobre môço o interrogou ácerca da sua familia, nada pôde dizer-lhe, porque nada sabia.

«Se não receiasse aborrecel-o com uma coisa, que tem talvez pouco interesse para si, dir-lhe-hia tudo o que sei da historia do orphão.

—Diga, diga, Mardoche.

—No entretanto a verdade é que isto não pode ter interesse algum para o sr. Rouvenat, disse Mardoche com um sorriso de expressão singular.

—Esse rapaz salvou-me a vida, Mardoche, e se eu puder fazer alguma coisa em seu favôr...

—Segundo o que elle proprio me disse, o fim que o trouxera a estes sitios fôra o seu desejo de encontrar a familia de sua mãe.

—Como assim? sua mãe era d'estes sitios? perguntou Rouvenat vivamente.

— Sobre esse ponto nada sabe elle. Mas foi na estrada que conduz de Vesoul a Gray, que a pobre mulher foi encontrada pelos saltimbancos, como já lhe disse, tendo o filho junto de si... Imagine, sr. Rouvenat, que ha dias, chegando elle a Saint Irun, recordou-se subitamente de que já estivera ali na sua infancia, só por ver os dois cães de pedra, que se acham postados á porta da hospedaria de Bertaux.

E com effeito, o proprio estalajadeiro recorda-se tambem de que ha uns treze ou quatorze annos, recebeu em sua casa uma mulher nova ainda, e muito formosa, que levava comsigo um menino de uns cinco ou seis annos...

Pedro Rouvenat fez um movimento brusco. Os seus olhos fulguraram.

— Continue, Mardoche, continue... disse elle com voz oppressa.

— Veja como é bom ter uma memoria feliz, sr. Rouvenat. O rapaz, de quem estamos fallando, recordou-se de que um homem fôra visitar sua mãe no quarto do hotel, e de que esse homem, cujo nome o estalajadeiro Bertaux não pôde dizer infelizmente, o t'vera sobre os joelhos e o beijara carinhosamente.

Dominado por uma perturbação extraordinaria, o velho Rouvenat cambaleou, e apoiou-se de encontro a uma arvore para não cahir.

— Decididamente, continuou Mardoche, vejo que a historia o interessa cada vez mais.

— Mardoche: como se chama esse rapaz? como é o seu nome? exclamou Rouvenat com a voz offegante.

— Como assim? não sabe o seu nome?

— Nunca lh'ó perguntei... Por Deus lhe peço, Mardoche; diga-me o nome d'esse rapaz!

— Tem apenas o que sua mãe lhe dava...

— Edmundo, não é verdade? Edmundo?

— Oh! é maravilhoso! respondeu Mardoche, fingindo-se surprehendido. Adivinhou! É com effeito Edmundo que elle se chama!

O velho Rouvenat levou as mãos ao coração como para lhe conter as pulsações, e respirou com força. No semblante transparecia-lhe agora a expressão de uma alegria delirante. Parecia transfigurado...

Mardoche, com a cabeça meio inclinada, sorria. Ao cabo de um momento, continuou:

— Devo tambem dizer-lhe, sr. Rouvenat, que um dos salimbancos, um excellente homem chamado Greluche, aquelle que tomou a seu cargo a educação do orphão, encontrara em um sacco de couro, pertencente á mãe d'este, uma somma de dôze mil francos em ouro. Como vê, velava pela creança uma especie de Providencia.

Com esta somma pôde o pobre palhaço occorrer ás despezas da educação do pequeno Edmundo, educação que foi muito esmerada e bem dirigida.

O velho Rouvenat não pôde conter-se por mais tempo, e desatou a soluçar.

— Chora, sr. Rouvenat? que é o que tem? perguntou Mardoche.

— Sim, choro, e é caso estranho... Desculpe-me, Mardoche... não pude conter-me... Diga-me, amigo: Edmundo está ainda em Saint-Irun?

— Como já disse, partiu ha quatro dias.

Dos labios do velho Rouvenat soltou-se um gemido.

— Como poderemos agora encontral-o? murmurou elle como allando comsigo proprio.

—Contraria-o a sua partida, sr. Pedro Rouvenat?

—Enormemente, Mardoche; estou desolado, cheio de desespero!

—Mudou então de tenção?

—Oh! sim, mudei.

—E foi o que acabo de contar-lhe...?

—Foi, sim, Mardoche: foi o que acaba de dizer-me que me fez mudar de ideia subitamente, mas não pode... não pode comprehender-me...

—Engana-se, sr. Rouvenat; comprehendi perfeitamente a razão d'essa mudança subita.

Rouvenat abanou a cabeça.

—Não... não é possível, disse elle.

O velho Mardoche endireitou-se com o olhar relampagueante, e disse com voz tremula, mas energica:

— Vou mostrar-lhe que comprehendi... O sr. Rouvenat acaba de reconhecer n'esse rapaz, que ama a sua afilhada, e que lhe salvou a vida, o noivo que ha treze annos escolhera para a menina Branca! acaba de reconhecer n'elle o filho de Lucila Mellier, o neto de Jacques!

Rouvenat fez um movimento de estupefacção, quasi de terror, e olhou para Mardoche com espanto. Depois, de subito, agarrando-lhe nos dois braços, exclamou com a voz estrangulada na garganta:

—Como pôde saber isso?

—E sei muitas outras coisas ainda, respondeu Mardoche com voz lenta e grave: existem tres homens, que conhecem os mysterios do Senillon: Jacques Mellier, Pedro Rouvenat, e... e um outro!

—Mas... mas então...? balbuciou o velho Rouvenat.

—Olhe bem para mim, sr. Rouvenat. Ah! estou completa-

mente transformado de certo, visto que nem agora me reconhece ainda!

Pedro Rouvenat soltou um grito de expressão intraduzível, recuou tres passos, e ficou durante alguns segundos, tremulo, com os olhos desmesuradamente abertos, a contemplar o velho mendigo.

Depois, precipitando-se para Mardoche, lançou-lhe os braços ao pescoço, e apertou-o de encontro ao peito vigorosamente.

—João Renaud! dizia elle com a voz entrecortada de soluços. És tu, João Renaud! tu, meu querido João Renaud, coração dedicado, pobre victima! és tu que tenho nos meus braços?! E não te reconheci eu na primeira vez em que te vi! Ah! comprehendo agora a razão da estranha sympathia, que experimentava pelo pobre mendigo... Mas porque razão me não dissestê logo: «Pedro, sou eu, sou João Renaud!»? Agora reconheço te, amigo; tens ainda o mesmo olhar franco e leal... Ah! João Renaud! meu querido João Renaud! deixa-me abraçar-te mais uma vez!!

E os dois velhos, abraçados um ao outro, beijaram-se de novo com effusão. Por fim foram assentar-se em uma pedra.

—O que tu soffreste, meu pobre Renaud! murmurou Rouvenat com voz soluçante. E foi por Mellier, foi...

—Não fallemos do passado, Rouvenat. A tua promessa foi generosamente cumprida: educaste a minha filha, e tens por ella verdadeiro amor de pae...

—Estás contente com ella, não é verdade? É formosa, é boa, é um anjo, a tua... a nossa filha... Vê tu, João Renaud: em todo o mundo não ha, não pode haver uma creatura mais adorável, do que é a tua filha, a nossa querida Branca!

—É verdade, Rouvenat. Deus é bom, concedendo-me essa recompensa!

—E entravas tu na herdade sem que disseses coisa alguma... Ah! representaste sempre muito bem o teu papel de mendigo.

—Mas eu nada mais sou, Rouvenat.

—Sabes bem que com uma simples palavra Jacques Mellier teria posto toda a sua fortuna á tua disposição.

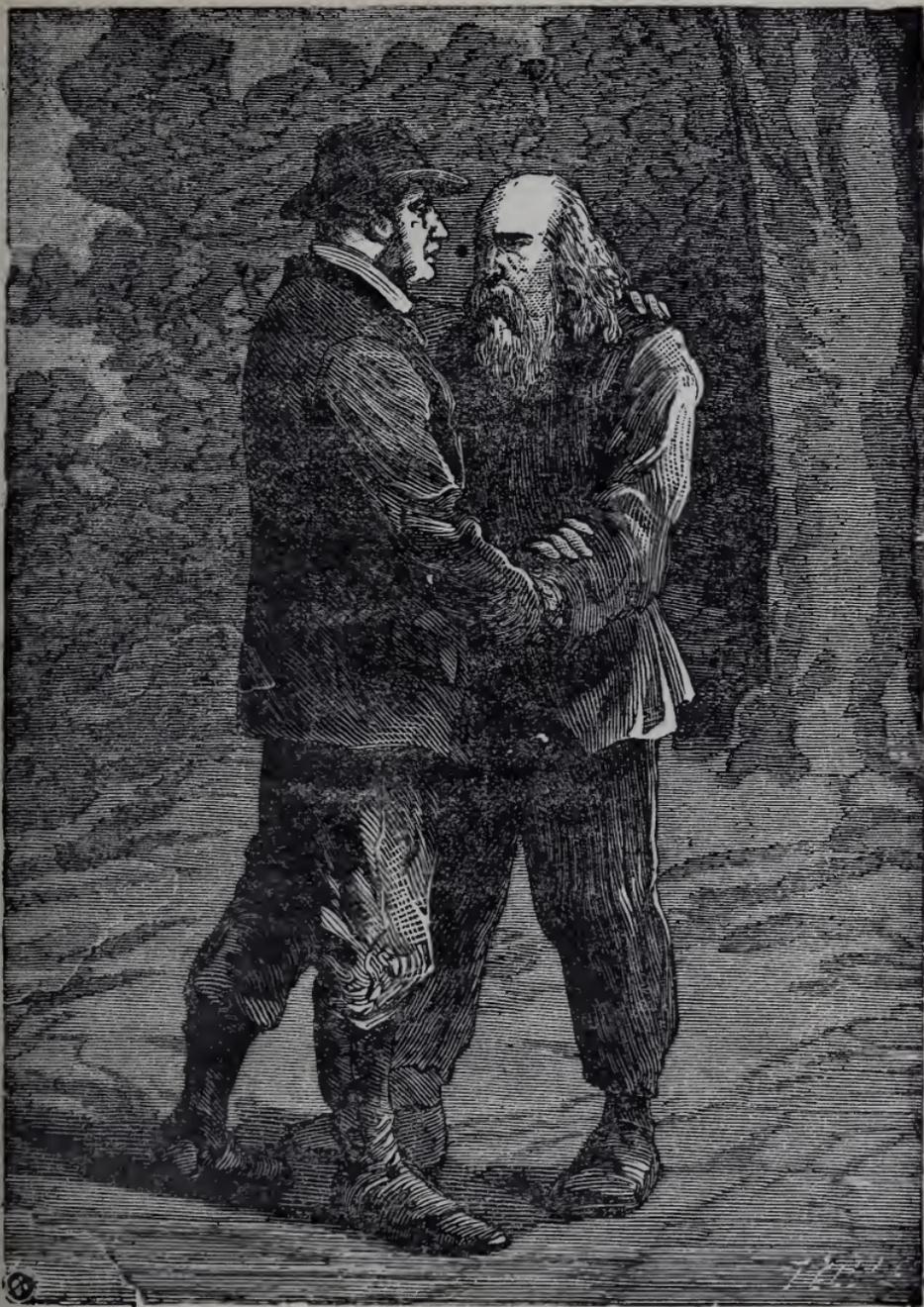
—Mas eu não queria dar-me a conhecer.

—Porque?! Ah! compreendo... és forçado a esconder a tua verdadeira personalidade.

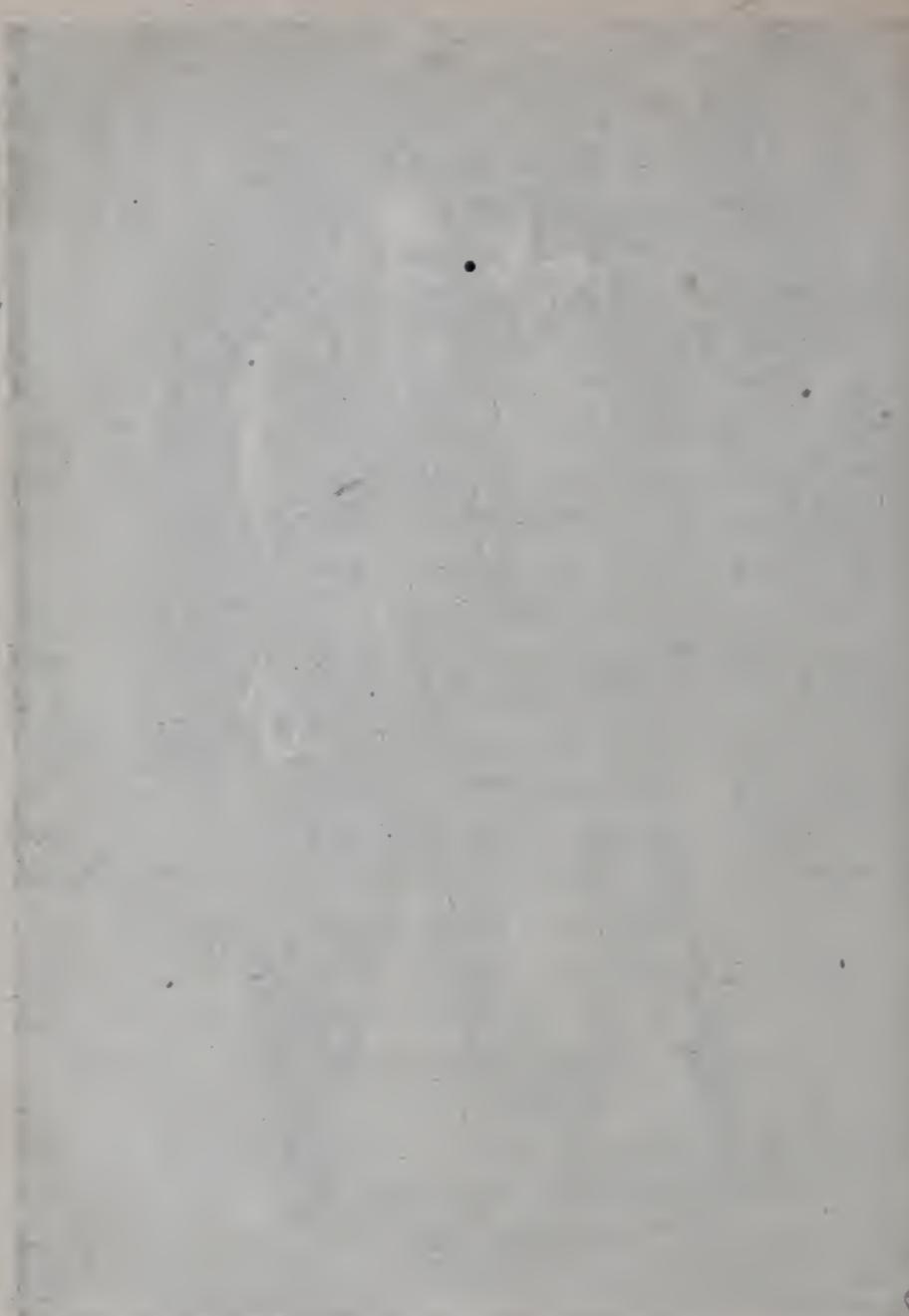
«Quizeste tornar a ver a França e Civry... quizeste ver a tua filha, e evadiste-te de Cayenna. Mas tranquillisa te; esconder-te-hemos, defender-te-hemos contra todos e contra tudo... Ninguém ha de saber que já regressaste.

—Não, Rouvenat, não tenho receio de que me prendam, replicou João Renaud sorrindo. Nem mesmo sou já presidiário: possuo papeis que me protegem. Um dia—vão já passados alguns mezes depois d'isso—o director da colonia penitenciaría mandou-me chamar, e disse-me: «João Renaud: está livre! um personagem muito importante e influente interessou-se por si, e conseguiu o seu perdão... Acabo de receber ordem para o pôr em liberdade».

«Livre, livre! Ah! Pedro, não sabes não podes saber o effeito, que esta palavra produz em um desgraçado prisioneiro. É como se o tirassem de uma noite profunda, e o collocassem subitamente em plena luz, em presença dos esplendores da criação! Livre! é o céu que se abre, o coração que volta a pulsar, o pensamento que acorda, a esperança que renasce, a vida que recomeça! ser livre, Pedro, é para o prisioneiro uma ressurreição!



... deixa-me abraçar-te mais uma vez, (Pag. 191)



THE UNIVERSITY OF CHICAGO

—Não perdi tempo, como bem pode suppôr-se. No dia seguinte deixei Cayenna. Eis de que modo e por que razão voltei á patria.

Quando cheguei—deves recordar-te, Rouvenat—achei-me subitamente em presença de Branca, sem que tivesse fallado ainda com uma qualquer pessoa d'estes sitios. N'esse momento nem por sombras suppuz, que tinha diante de mim a minha filha.

E como poderia ter-me occorrido uma tal ideia? Pareceu-me tão formosa, tão encantadora, tão angelical! Separou-se de mim para ir ter contigo, e eu continuei o meu caminho para Civry, regosijando-me de antemão com a srupreza, que ia causar á minha pobre Genoveva.

Encontrei porem em ruinas a minha casa. Interroguei uma mulher velha, e por ella soube que a pobre Genoveva dormia no cemitério o eterno somno.

—E desde então enfeitadas a sua sepultura com flores todos os dias. E's tu que tens esse piedoso cuidado?

—Sou eu... balbuciou o pobre velho, limpando as lagrimas, e falando com voz soluçante. Diz-se que os mortos gostam de flôres...





III

Sobre as rochas

Pedro Rouvenat tinha tomado entre as suas as mãos de João Renaud, e estreitava-as com affectuosa effusão. Depois de um momento de silencio, o pae de Branca proseguiu:

—A mulher velha de Civry disse-me tambem que Genoveva deixara uma filhinha... mas não quiz dizer-me onde poderia vel-a.

—Para que Branca se julgasse filha de Jacques Mellier, disse Rouvenat, recommendei em Civry, em Frémicourt, e por estes arredores, que nada se dissesse, e os nossos camponezes, pelos quaes Branca é adorada, apressaram-se a obedecer.

—Como bem podes suppôr, Pedro, não disse á mulher, que

eu era aquelle miseravel, aquelle scelerado João Renaud, que fôra mandado para o presidio, por ter assassinado um homem na estrada de Frémicourt, e que fizera morrer de desgosto a sua infeliz companheira.

—Ah! João Renaud! João Renaud! murmurou Rouvenat.

—Foram estas as expressões de que a mulherzinha se serviu fallando de mim. Adiante... Entendeu porem que não devia occultar-me, que a filha de Genoveva se chamava Branca, e se desenvolvera a ponto de ser agora uma bonita e muito bem educada menina.

Ora a deliciosa creança, que de manhã encontrara na margem da ribeira, dissera-me que se chamava Branca. Adivi-nhei pois... Aquella formosa menina, que me apparecera como um anjo consolador, aquella flôr de primavera, aquelle raio de sol, aquella maravilha era a minha filha!... Pedro Rouvenat e Jacques Mellier não se tinham esquecido ainda de mim... não abandonaram a orphã... adoptaram a minha filha.

—E porque não correste desde logo á herdade bradando: «sou João Renaud»? perguntou Rouvenat com intima commoção.

—Sim, podia fazer isso. Mas que aconteceria depois?

—Tens razão, disse Rouvenat, tristemente; comprehendo o motivo que te força a não proceder d'esse modo. Ah! João Renaud, não posso dizer-te como te admiro, como respeito o teu nobre e generoso character!

—Não sei se é generoso e nobre o meu character, Rouvenat; mas o que eu sei bem é que, se neste momento fôsse necessario dar a minha vida para a felicidade da minha filha, a daria sem hesitar... Não, não podia, não devia dar-me a conhecer.

Branca julgava-se filha de Jacques Mellier; vivia tranquilla, alegre e feliz... E havia de eu dizer-lhe: «Branca: enganam-te: sou eu, João Renaud, o antigo presidiário, sou eu teu pae!» Oh! se tal fizesse, seria um mau pae, seria um miseravel... De mais precisaria dizer-lhe e provar-lhe que não sou um assassino. E eu, que me deixei condemnar em logar de Jacques Mellier, havia de ir accusal-o? Não, nunca!

—Nobre coração! murmurou Rouvenat.

—Compreendi de outro modo o meu dever, continuou João Renaud. Em Cayenna os meus companheiros de desgraça tinham-me dado, não sei bem porque, o nome de Mardoche.

Resolvi conservar esse nome, sob o qual o pobre João Renaud, envelhecido, gasto, e requeimado pelo sol abrasador da Guayana, podia esconder-se facilmente. E, como não queria morrer de fome, continuei a profissão que exercera quando atravessara a França em direcção a Civry.

Eis como João Renaud, conhecido em outro tempo com o nome de matador de lobos, passou a ser o velho mendigo Mardoche.

—E nem mesmo diante da tua filha te denunciaste! Não sentiste a tentação de a apertar de encontro ao coração, de a beijar?

—Oh! mil vezes, Rouvenat!

—E tiveste força para dominar esses impulsos do coração. João Renaud! Como devias soffrer!

—Não. Sabia feliz a minha filha.

—Que coragem a tua, João Renaud!

—Desgraçadamente, hoje, a situação não é já a mesma! Branca sabe já que não é filha de Jacques Mellier...

—Quem te disse isso?

—Ella própria. Escuta, Rouvenat: no dia em que ella me

disse com a sua voz dôce, adoravel que lhe não pertencia julgar João Renaud, que o seu dever era orar por elle, e pedir a Deus que lhe perdoasse o seu crime, e que, se elle voltasse do presidio se lançaria nos seus braços para chorar com elle, para o consolar... n'esse dia, Rouvenat, não pude conter-me... tomei-a nos braços, apertei-a enthusasmado e comovido de encontro ao coração, e beijei-a! Oh! tenho ainda nos lábios o perfume d'esse beijo... o primeiro que dei na minha filha!

—E guardaste silencio n'esse momento ainda? E não lhe bradaste: Branca: sou teu pae?

—Guardei silencio, sim. Ah! a prova foi cruel! Pareceu-me que mão de ferro me apertava o coração... Branca estava diante de mim, desolada, cheia de desespero, lavada em lágrimas... Por um momento senti fugir-me a coragem, e ia fallar; mas resisti, Desde sabe com que esforço reagi contra a minha dôr, e suffoquei os soluços que me subiam do coração á garganta! Faltar a um tal dever, na minha idade, seria renegar a minha vida inteira, seria uma vergonha!

—João Renaud, exclamou Pedro Rouvenat com enthusiasmo: é uma verdadeira vida de exemplo, a tua.

—Não quero perturbar a tranquillidade dos ultimos dias de vida de Jacques Mellier... está n'esse empenho o segredo da minha força! replicou o velho Mardoche.

—Bem, bem, voltaremos a fallar n'esse assumpto muito depressa. Tu tens sabido sempre ser dedicado e generoso, e nós havemos de saber cumprir o nosso dever. E' preciso que Branca seja feliz, e ha de sel-o... Ah! é hoje decerto o melhor dia da minha vida! Lucila morreu de certo; mas existe o seu filho.

Ha de ser elle o marido de Branca; é esse o meu mais dou-

rado sonho ha treze annos... desde o dia em que tive sobre os joelhos o pequeno Edmundo em Saint-Irun, em um pobre quarto de uma hospedaria.

A herdade do Seuillon e toda a fortuna de Jacques Mellier, é tudo para a tua filha e para Edmundo, João Renaud; é essa a vontade de Jacques.

«Foi em Gray que Branca e Edmundo se encontraram, e amaram-se desde logo. Assim devia acontecer. Como o acaso, ou antes, como a Providencia dispõe bem as coisas! João Renaud: devemos acreditar em que ha nas coisas do mundo uma intervenção divina. Deus protege os nossos filhos!...

«E dizer que ha poucos dias se achava elle diante de mim, que lhe fallei, que bastaria estender os braços para o estreitar de encontro ao coração, e que não adivinhei... que não houve uma voz intima, que me dissesse: «E' elle, é Edmundo, é o filho de Lucila Mellier, o noivo que procuras para a tua filha, para Branca!» E elle dizia-me: «amo Branca», e eu respondi-lhe brutalmente: «faz mal, prohibo-lhe que a ame».

E ordenei-lhe que fôsse para longe, forcei-o a prometter-me que não procuraria tornar a ver Branca, que não mais apparecia nas terras do Seuillon! Ah! se eu soubesse!... Era pequenino quando o vi em Saint-Irun; mas embora, devia tel-o reconhecido.

E no entretanto a verdade é que me inspirava uma secreta sympathia; era o coração que fallava, e eu não o comprehendí!... Mas ha de voltar, não é verdade, João Renaud?

—Tenho essa esperanza.]

—Como? não tens a certeza.

—Rouvenat: para que elle volte, é preciso que tu proprio o chames.

—Paris é grande. Onde encontral-o?

—Sei eu a sua morada.

—Ah! és previdente, salvás tudo!

—Eis a indicação da sua morada, disse João Renaud, tirando da algibeira um papel. Elle proprio a escreve em uma folha da sua carteira.

No semblante de Rouvenat transparecia a expressão de uma alegria indescriptivel.

—Ah! não lhe escreverei, irei eu proprio buscar-o! exclamou elle. João Renaud: depois de descobrires que era filho de Lucila Mellier, por que razão não obstaste a que Edmundo partisse? Porque não fôste dizer-me?...

—Deteve-me a mesma razão, que me induzira a não me dar a conhecer. Ser-me-hia preciso dizer que Branca não é filha de Jacques Mellier, e dizer-lhe o motivo porque Lucila deixou o Seuillon.

Edmundo sabe que seu pae morreu assassinado, e julga que foi João Renaud o assassino; não quiz, não ousei desilludil-o. Não podia dizer-lhe, a elle, o que entendera dever occultar á minha propria filha.

—Tens razão. Devo então suppôr que, se não viesse aqui procurar-te, terias continuado a guardar silencio?

—Durante algum tempo ainda, sim. Mas por fim, vendo que Branca continuava a soffrer, sinto que perderia a coragem, e que não poderia calar-me.

—Mas não seria eu que iria dizer a Branca que seu pae não é um assassino; teria ido procurar-te, e ter-te-hia supplicado de mãos erguidas, que não lhe occultasses por mais tempo a verdade...

Depois de um momento de silencio, João Renaud continuou:

—Que tencionas agora fazer, Rouvenat? Vês tão bem como eu, ou mesmo melhor do que eu, as difficuldades, e o perigo

da situação. Em quanto assim o entenderes conveniente, João Renaud continuará a ser o mendigo Mardoche.

Assim como tenho tido força até hoje, continuarei a tel-a. Até mesmo, se o julgares necessario, deixarei de ver a minha filha durante algum tempo; mas que ella não soffra. Rouvenat, que ella não soffra.

Queres ir procurar o filho de Lucila? Tem cuidado, Rouvenat, tem cuidado... Edmundo, se souber que Branca é filha de João Renaud, ficará aterrorisado, e terá vergonha do amor que ella lhe inspirou!

«E então serás forçado a dizer-lhe que João Renaud, condemnado como assassino, estava innocente, e ser-te-ha difficil occultar-lhe o nome do assassino de seu pae. E ainda isto não é tudo, Rouvenat: o que revelares ao filho de Lucila, serás forçado a fazel-o saber tambem a Branca.

Tenho a certeza de que ella ama Edmundo; como te disse ha pouco a pobre menina, julgando não ter o direito de amar, e não esperando ser feliz por causa do nome deshonorado de seu pae, sente um violentissimo desgosto, a que não é estranho o amor que consagra a Edmundo.

Fico certo de uma coisa, Rouvenat: Branca, em quanto se julgar filha de um assassino, não voltará a ter sorrisos, nem alegria, nem rosas nas faces... E' evidente que, suppondo-se filha de um assassino, se julga indigna do affecto de um homem honrado e bom. E' horrivel que ella tivesse uma tal ideia!

—Sim, mas não ha de conserval-a por muito tempo, disse Rouvenat levantando-se resolutamente. Vamos, João Renaud.

—Onde vamos, Róuvenat?

—Ao Seuillon.

—Que intenção é a tua, Pedro?

—João Renaud; ha um proverbio que affirmo que quem

quer o fim há de pôr os meios... Vou vêr se saberei pôr este principio em pratica.

Em outro tempo, meu caro João Renaud, acceitei a tua sublime dedicação por causa de Jacques Mellier e de Lucila. Depois da dedicação o sacrificio, seria muito... O velho mendigo Mardoche deixa de existir desde este momento.

—Como assim? queres...?

—Quero que Branca, que a nossa filha seja feliz!

—Pensa bem, Rouvenat... Tens o direito de esperar ainda um anno antes de cumprires a promessa, que me fizeste na prisão de Vesoul.

—Se esperasse até amanhã somente, seria um miseravel!

—Oh! e vaes dizer a Branca...?

—A verdade.

—Meu Deus! meu Deus! murmurou João Renaud com as mãos erguidas para o ceu.

—Depois, tornou Rouvenat, quando Branca souber o que fizeste, quando conhecer bem o character generoso e grande de seu pae, lançal-a hei nos teus braços.

João Renaud cahiu chorando nos braços de Pedro Rouvenat.

Passados apenas alguns momentos, os dois homens desciam rapidamente os degraus naturais, que conduziam dos rochedos para o valle.



IV

Boas palavras

No pateo do Seillon dois creados de lavoura tratavam de afiar o corte das suas foices.

—Começaremos amanhã a ceifa, disse Rouvenat a João Renaud; mas isto não obstará a que eu me ponha a caminho amanhã mesmo para Paris. Olha; alem anda Jacques Mellier...

—Parece que se vê envelhecer, respondeu João Renaud. Dia a dia se curva mais e mais para a terra!

—Sim, curva-se para a sepultura, replicou Rouvenat tristemente. O desgraçado foi implacavel para a sua pobre filha, e devora-o o remorso! Quando, d'aqui a tres ou quatro dias, lhe trazer aqui Edmundo, ha de experimentar um grande

jubilo. Mas para o consolar, para que a sua consciencia pudesse recuperar uma tal ou qual serenidade, seria necessario restituir-lhe Lucila, a sua pobre filha!

Os dois homens entraram na casa da herdade do Seuillon.

—Onde está a menina? perguntou Rouvenat a uma creada.

—Creio que está no seu quarto, respondeu esta ultima.

Rouvenat fez um signal a João Renaud, que o acompanhou, entrando ambos no quarto de Pedro, que disse:

—Espera-me aqui, João Renaud. Não te impacientes muito; serei breve tanto quanto possa.

—Oh! não lhe digas bruscamente toda a verdade. Rouvenat, respondeu João Renaud com voz tremula. Bem sabes que Branca é dotada d'uma grande sensibilidade.

—Socega, João Renaud; Branca é forte. Demais a felicidade não mata...

Os dois homens abraçaram-se ainda, e em seguida Pedro Rouvenat foi bater duas pequenas pancadas na porta do quarto de Branca, ao mesmo tempo que dizia:

—Sou eu, filha.

—Pode entrar, padrinho, respondeu de dentro a donzella, que reconhecera a voz.

Rouvenat entrou e fechou a porta. Branca estava assentada junto de uma janella tendo nas mãos um bordado em que trabalhava. Rouvenat collocou perto d'ella uma cadeira, e assentou-se.

—Conhece-se que choraste, filha, lhe disse elle affectuosamente.

—Não ralhe comigo, padrinho, respondeu Branca. Diligenciarei ser mais rasoavel no futuro, para não lhe causar inquietações.

—Parece-me que não é habito meu ralhar contigo!

—E' verdade, padrinho. Esteve muito tempo ausente. Fallou com Mardoche?

—Fallei, sim, minha querida Branca. Até mesmo conversamos longamente um com o outro.

—Acceitou os seus offerecimentos?

—Acceitou, sim.

—Ah! quanto eu estimo isso!

—Branca: não te lembras de que posso ter ciumes?

—Ciumes!

—És tão amiga do velho Mardoche...

—Sim, sou muito amiga d'elle; provavelmente porque é desgraçado. Todas as vezes que o vejo, sinto uma commoção extraordinaria, que não posso definir!

Pedro Rouvenat sorria.

—O padrinho sorri? tornou ella com melancholia. Sabe bem que é immenso o affecto que lhe consagro. No entretanto é para mim uma grandissima satisfação saber que o pobre Mardoche não será forçado a continuar a mendigar. Presta-se tambem a ir viver para Civry?

—Não me disse ainda que sim nem que não; sobre esse ponto nada está ainda decidido. Pode mesmo acontecer, que elle passe a viver aqui permanentemente.

—Nada direi então. O meu padrinho sabe decerto muito melhor do que eu o que mais conveniente será.

N'aquelle momento a donzella ergueu os olhos de sobre o bordado, e fixou-os em Rouvenat, notando desde logo a expressão de jubilo que transparecia no semblante d'este ultimo.

—Parece estar muito satisfeito, padrinho, disse ella. Conhece-se bem que ficou contente com o resultado da visita, que foi fazer ao velho Mardoche.

—Contentissimo, Branca! e até mesmo pergunto a mim pro-

prio se esta palavra será sufficientemente expressiva para dar uma ideia do grande jubilo, que me vae na alma!

A donzella olhou com surpresa para Rouvenat.

—Não quero ser egoista, proseguiu elle sorrindo: Vou repartir contigo essa alegria.

As faces de Branca coloriram-se levemente, e no seu olhar brilhou uma tal ou qual expressão interrogadora.

—Agora já não és creança, Branca, e posso já confiar-te um segredo...

—Um segredo!

—Sim, um segredo importante e terrivel!

—Assusta-me, padrinho!

—Tranquillisa-te, filha, trata-se do teu futuro e da tua felicidade. Para que a tua alma recupere a sua antiga serenidade, para poderes affastar do espirito preoccupações sombrias, para que entrem de novo no teu coração a paz e a esperança, e finalmente para que desabrochem de novo os sorrisos nos teus labios, é preciso que conheças esse segredo.

Prepara-te para sentires uma alegria infinita, a maior de todas as felicidades; para ti, como para mim, está n'esse segredo a mais completa e inesperada felicidade!

—Que irei eu saber? perguntou a si propria a donzella, palpitante de commoção.

—Escuta-me, filha... Sabes que Jacques Mellier tinha uma filha?

—Sim, a pobre Lucila.

—Lucila era a alegria e o orgulho de Jacques, que tinha amado extremosamente a mãe, e cujo affecto se concentrara todo e inteiro na sua filha, que bem cedo ficara orphã.

Maç Lucila commetteu uma falta, da qual foi cúmplice um garboso rapaz, cujo appellido de familia nunca pôde ser co-

nhecido. Mellier teve conhecimento d'essa desgraça; a sua colera foi pelo menos tão intensa como a sua dôr, e jurou que vingaria a deshonra de sua filha.

N'essa epocha, Branca, vivia n'estes sitios um excellente homem, um coração nobre e generoso, como poucos se encontram... Esse homem chamav-se João Renaud.

—Meu pae!

—Teu pae, sim, Branca. Era conhecido com a denominação de matador de lobos. João Renaud, infatigavel, intrepido e excellente atirador, matava todos os annos um não pequeno numero d'essas fêras, que tão cruel guerra fazem aos gados dos cultivadores e dos proprietarios.

Sem que nem mesmo fôsse obrigado a tirar a competente licença, João Renaud podia andar armado com uma espingarda, e dar caça aos lobos, qualquer que fôsse a epocha do anno.

Creio não precisar dizer-te, que João Renaud era muito conhecido n'estes sitios, e que todos o estimavam.

Os olhos da formosa Branca encheram-se de lagrimas. Era tão profunda a anciedade com que escutava as palavras de Rouvenat, que parecia ter concentrado na do ouvido todas as outras faculdades.

Com os olhos fitos no velho servidor do Seuillon, e com uma expressão de interrogação no semblante, e estudando os movimentos da sua physionomia, parecia querer adivinhar as palavras de Rouvenat, antes mesmo de serem por este pronunciadas.

—Devo tambem dizer-te, proseguiu Rouvenat, que em outro tempo, Jacques Mellier tinha conseguido salvar a vida de João Renaud, que cahira no gelo da presa de Frémicourt.

Desde então, embora fôsse um muito rico, e pobre o outro,

tinham os dois homens ficado unidos por muito affecto. João Renaud não sabia de que modo poderia provar a Jacques Mellier o seu reconhecimento.

«Por fim o matador de lobos foi tirar a sorte no recrutamento, e fez-se soldado.

«Quando regressou a Civry, depois de haver passado uns dōze ou quatorze annos na vida militar, João Renaud foi recebido aqui, na herdade, de braços abertos.

«Encontrou Genoveva, a suanamorada de outros tempos, que esperava o seu regresso; era, porém, tão pobre como elle, e não podiam casar um com o outro por não possuirem um milhar de francos para começarem vida.

«Jacques Mellier teve conhecimento d'aquella difficuldade, e deu a João Renaud os mil francos que lhe faltavam para ser feliz. O ex-soldado em seguida casou com Genoveva.

«Dir-te-hei logo de que modo teu pae provou a sua gratidão a Jacques Mellier. Por agora voltarei a fallar em Lucila.

«Um dia o seu apaixonado escreveu-lhe uma carta, em que lhe aprasava uma entrevista, ás dez horas da noite, nas margens da Sableuse.

«A carta cahiu nas mãos de Jacques. Nada houve que pudesse acalmar o seu furor, a sua raiva, e occorreu-lhe desde logo um sinistro pensamento.

«Ora, na tarde d'esse mesmo dia, João Renaud passou no Seuillon, e demorou-se ali algum tempo.

«Levava comsigo a espingarda. Como era já tarde, e como tinha de ir a Terroise antes de voltar para sua casa em Civry, deixou a espingarda na herdade, encostada em um canto da sala grande, ao lado da de Jacques Mellier.

«Um pouco antes das dez horas a desventurada Lucila deixou furtivamente o seu quarto, e sahio pela pequena porta

que abre para o jardim. Jacques espreitava-a, e sahio tambem do seu quarto. Lançou mão da espingarda de João Renaud, sem reparar em que não era a sua, e correu em seguimento de sua filha...

«No dia seguinte de manhã era encontrado na estrada, em face do Seuillon, o cadaver do amante de Lucila Mellier...

Branca não pôde conter uma exclamação.

—Mas então... então... balbuciou ella com a voz estrangulada na garganta.

—Em seguida, continuou Rouvenat, o juiz de paz e os gendarmes de Saint-Irun correram para Frémicourt, e logo depois tambem os competentes magistrados de Vesoul. Proce-deu-se ás necessarias investigações.

«João Renaud tinha voltado de manhã á herdade, e levava comsigo a espingarda, que ali deixara na tarde anterior, espingarda de dois canos, um dos quaes estava descarregado, sem que elle tal suppusesse.

«Como fôra visto no dia anterior com a espingarda ao hombro, e sendo certo que se achara já de noite em Frémicourt, as suspeitas cabiram desde logo sobre elle...

—Oh! oh! oh! murmurou a donzella em três tons diferentes.

—Os gendarmes dirigiram-se logo para Civry, e prenderam-n'o.

—Innocente! innocente!

—Socega, filha; prometti-te uma grande alegria, e hei de cumprir a minha promessa. Não te direi quantas e quão esmagadoras provas se accumularam contra teu pae.

«Tenho no meu quarto um extracto de todo o processo, e has de lê-lo. Para não accusar Jacques Mellier, o seu amigo e bemfeitor, para não accusar o homem que lhe salvara a vida

em outro tempo, João Renaud recusou-se a responder ás perguntas dos juizes, e não quiz provar a sua innocencia, o que lhe era facil.

«Deixou-se condemnar, Branca, deixou-se condemnar a trabalhos forçados por toda a vida. Eis o que fez teu pae, Branca, eis de que modo elle testemunhou o seu reconhecimento a Jacques Mellier, eis a sua dedicação sublimet... Ah! podes orgulhar-te de ser filha de um tal homem, Branca!

A donzella juntou as mãos, e cahiu de joelhos, soluçando.

—No dia da sua condemnação, proseguiu Rouvenat, fui eu visital-o na sua prisão em Vesoul. Chorámos nos braços um do outro. N'essa occasião supplicou-me elle que cuidasse da sorte da pobre Genoveva, e da tua tambem, Branca, porque depressa havias de vir a este mundo.

«Fiz-lhe essa promessa, e prometti-lhe tambem que, no dia em que completasses vinte annos, te diria toda a verdade. Produziu-se, porém, um acontecimento feliz, e posso dizer-te essa verdade hoje mesmo.

—Oh! Deus lhe pague, padrinho, Deus lhe pague o bem que me faz!

—Mas ainda isto não é tudo, Branca. Tenho ainda outras coisas para dizer te.

—Agora que conheço a grandeza d'alma de meu pae, agora que o sei innocente, que mais pode dizer-me o meu querido padrinho?

—Branca, tive hoje noticias de João Renaud.

—Ah! meu pae vive ainda? exclamou Branca.

—Vive, sim.

Nos olhos de Branca brithou um raio de luz divina.

—Devo tambem fallar-te da pobre Lucila Mellier, proseguiu Rouvenat. Na propria manhã immediata á morte do seu aman-

te, e depois de umas palavras violentas, trocadas entre ella e seu pae, fugiu do Seuillon.

«Foi para muito longe, para as montanhas do Jura, onde viveu miseravelmente á custa do seu trabalho. Ignoravamos absolutamente qual teria sido a sua sorte, quando um dia, passados uns cinco annos e meio, recebi d'ella um bilhete em que me pedia que fôsse vê-la.

«Estava em Saint-Irun. Pobre Lucila! como estava mudada! Quiz fazel-a voltar ao Seuillon, a ella e ao seu filho, que tinha então cinco annos; mas foram completamente inuteis todos os esforços que fiz com esse intuito.

«—Estou condemnada a soffrer, me respondeu ella; compra-se a minha triste sorte! Meu pae expulsou-me, e eu sou uma filha maldita!...»

«A desgraçada Lucila voltara a estes sitios para orar uma vez sobre a sepultura do pae de seu filho!... Tive nos braços o filho de Lucila, e beijei-o, chorando. Lucila tinha lhe dado o nome que seu pae tinha: Edmundo.

Branca fez um brusco movimento, que não passou despercebido a Rouvenat, que continuou:

—N'esse dia, filha, contemplando o innocentinho, e pensando em ti, uni no meu coração o destino dos dois. Esta ideia nunca mais me abandonou. Mais tarde fallei n'este meu projecto a Jacques, e ficou combinado entre nós que a filha de João Renaud seria um dia esposa do filho de Lucila Mellier.

«Eis a razão porque todos os noivos, que até hoje se tem apresentado para ti, tem sido despedidos... Tinham, porém, decorrido mais de treze annos, sem que soubessemos coisa alguma acerca de Lucila e do seu filho. Todas as investigações por nós feitas haviam dado resultados completamente

nullos. E apesar d'isso conservavamos a esperanza de que, mais tarde ou mais cedo, conseguiriamos descobrir o paradeiro da pobre Lucila. Desgraçadamente podemos suppôr que morreu...

«Hoje, porém, Branca, a mesma pessoa que me deu noticiaes de teu pae, disse-me tambem onde poderia encontrar o neto de Jacques Mellier, o unico herdeiro do dominio do Seuilon... Escuta, Branca: aquelle rapaz que encontraste em Gray, que viste uma segunda vez em face da porta da igreja de Frémicourt, e que encontraste ainda uma terceira vez nas margens da Sableuse... esse rapaz, que amas, é o teu futuro marido, é Edmundo, filho de Lucila Mellier!

A donzella ergueu para o céu o semblante, em que brilhava uma alegria indescriptivel; depois cahiu, tremula de ventura, nos braços de Rouvenat, que a beijou carinhosamente.





V

Um novo personagem

O padrinho e a afilhada ficaram silenciosos durante alguns momentos.

—Ah! é delicioso o que estou sentindo, meu querido padrinho! balbuciou Branca por fim. Afigura-se-me que é mais do que alegria, mais do que felicidade!

—Deves então pôr agora de parte as tuas tristezas, os teus pensamentos sombrios... disse Rouvenat.

—Isso não posso eu prometter... respondeu Branca, sorrindo.

O velho Rouvenat olhou para ella com inquietação.

—Hei de pensar muitas vezes no pobre prisioneiro, acrescentou ella. Quem lhe contou todas essas coisas, padrinho?

—Não adivinhaste, filha?

—Foi Mardoche?

—Sim, foi o teu amigo Mardoche!

—Ah! sempre tive o presentimento de que havia de vir-me por intervenção d'elle uma grande alegria! Mardoche fallou muitas vezes com Edmundo, e foi, decerto, em resultado d'essas conversas que Mardoche pôde saber que elle é filho de Lucila Mellier. Mas como teve elle noticias de meu pae?

—Mardoche, quando ha perto de dois mezes chegou a estes sitios, em que residira em outros tempos, chegava de Cayenna...

—E viu lá meu pae? conhece-o? exclamou a donzella.

—Sim.

—Ah! quantas perguntas eu vou fazer-lhe!

Era chegado o momento de fazer saber a Branca que sob os andrajos de Mardoche se occultava João Renaud; mas, receiando causar á donzella uma commoção muito violenta, Rouvenat hesitava em fallar.

—Padrinho, lhe disse Branca, olhando para elle fixamente: conheço nos seus olhos que tem ainda alguma coisa mais para dizer-me.

—Tenho, sim; mas não me atrevo...

—Porquê?

—Tenho receio de que te falte a fôrça...

—Trata-se de uma coisa triste?

—Oh! pelo contrario.

—N'esse caso pode fallar, padrinho. Bem sabe que fui forte na dôr; hei de sel-o tambem na felicidade.

—Pois bem, Branca; dir-te-hei então que... has de ver teu pae.

—Hei de vel-o? hei de vel-o?! Ah! quando?

—Muito depressa.

Branca levou vivamente as mãos ao coração como para lhe comprimir as pulsações.

—Ha de então voltar? perguntou ella com voz tremula e mal segura.

—Já voltou, Branca.

A donzella quiz fallar, mas não pôde senão soluçar de júbilo.

—Sim, filha, tornou Rouvenat, voltou... está livre... livre!...

—Onde está? exclamou Branca, dominada subitamente por uma especie de loucura delirante. Onde está meu pae? Ah! quero ver meu pae! quero vel-o!

Rouvenat correu á porta do quarto e abriu-a bruscamente.

—João Renaud! meu querido João Renaud! bradou elle com exaltação. Vem beijar a tua filha!

Abriu-se immediatamente uma outra porta.

Branca, em pé no meio do quarto, relampagueantes os olhos, com o rosto afogueado, e o seio palpitante, viu apparecer o velho Mardoche, cujo semblante lhe pareceu resplandecente de luz. O velho avançava com os braços estendidos.

Os olhares do pae e da filha cruzaram-se como dois relampagos, e ouviram se dois gritos:

—Filha! filha!

—Meu pae!

Branca saltou ao pescoço de João Renaud, cujos braços estreitaram a donzella com uma especie de furia affectuosa. Que delicioso abraço aquelle!

De subito, porém, a donzella empallideceu e fechou os olhos. Rouvenat não se enganara; a commoção era demasiadamente forte para ella.



... bradou elle com exaltação. Vem beijar a tua filha! (Pag. 216)

João Renaud soltou uma exclamação de angustia, ergueu a filha nos braços, e conduziu-a para sobre uma poltrona.

Felizmente aquella especie de desmaio durou apenas alguns momentos. Branca abriu de novo os olhos, as faces animaram-se-lhe, e os seus braços lançaram-se de novo ao pescoço de seu pae, que estava de joelhos diante d'ella.

O velho Rouvenat sahio furtivamente do quarto, e fechou a porta atraz de si.

—Estes dois são felizes, dizia elle de si para si, ao mesmo tempo que descia a escada; tratemos agora dos outros.

No pateo encontrou o velho Jacques, que regressava do seu passeio, e que acabava de passar junto do velho pôço, para dentro do qual tinham n'esse dia sido lançados alguns carros de entulho.

—Decidiste-te finalmente a mandar entulhar o pôço do pastor, disse elle para Rouvenat.

—Ah! viste?

—Vi, sim. De onde vem o entulho?

—De Civry. São os materiaes velhos da casa de João Renaud, que estou mandando reconstruir.

—Mandaste reconstruir a casa de João Renaud? perguntou Mellier com surpresa.

—D'aqui a tres semanas estará ella erguida, tal qual era em outro tempo.

—Que razão tiveste para isso, Pedro? perguntou Jacques Mellier com agitação. Pensará, acaso, Branca em deixar o Seuillon?

—Ah! não.

—Mas então para que reedificar a casa?

—É esse o desejo da nossa filha.

—Mas qual é a sua ideia?

—Tem esperança de que João Renaud voltará ainda um dia...

Jacques Mellier abanou tristemente a cabeça.

—Pobre Branco! murmurou elle. Tambem eu tive essa esperança, Pedro; mas já ha muito tempo que a perdi, como perdi tambem a de tornar a ver a minha pobre Lucila... Ah! Deus obriga-me a exgotar até ás fezes o calix da amargura! Deus não se compadece de mim!... Não me queixo, Pedro; sei muito bem que mereci a minha sorte. Mas não será já bastante que sejam punidos os criminosos? Para que hão de tambem os innocentes ser condemnados a soffrer? Pedro: ha pouco passou um côrvo, voando pesadamente, por sobre o valle.

«Precisamente quando passava acima da minha cabeça lançou nos ares um grasnido lugubre, um unico... Será um presagio sinistro?

—Ah! acreditas agora n'essas pateticas?

—A velhice é supersticiosa, Pedro. Não será um presagio, mas é um presentimento... Pedro: morrerei antes de tornar a ver a minha filha, e antes de haver pousado as minhas mãos tremulas sobre a cabeça do seu filho!

—Não quero que tenhas essas ideias sombrias, Jacques. Fallemos de outra coisa. Estás satisfeito com o teu passeio?

—Estou, sim, Pedro. Que prosperidade! que riqueza! Nunca vi tão bons trigos. Entrei nos campos, e o centeio é muito mais alto do que eu; as espigas estão soberbas! Os prados estão admiraveis; as foices teem muito que cortar.

—Estás então contente, Jacques? perguntou Rouvenat alegremente.

—Sim, estou contente principalmente contigo, Pedro, que tão bem sabes fazer prosperar estas terras e estes prados,

que meu pae me confiou. Vê tu, Pedro: a dôr e o desgosto não me tornaram indifferente ás coisas da nossa profissão. Quando lanço um olhar para estes bellos campos, e vejo as nossas culturas, sinto-me dominado por uma especie de orgulho. Pedro: pondo mesmo de parte a tua dedicação verdadeiramente admiravel, és o homem do trabalho, e tudo fructifica nas tuas mãos. És um grande cultivador, Pedro!

—Sim, porque te tenho a ti para me aconselhares.

—Ha quarenta annos que trabalhas aqui, Pedro, e sabes muito mais do que eu. Ah! em que mãos cabirá o Seuillon, quando tu deixares este mundo?!

—Graças a Deus, Jacques, os homens que sabem trabalhar a terra não faltam n'este nosso bello paiz, cuja terra é tão rica e tão fecunda.

«Nada temas, Jacques: o Seuillon é um cantinho da França; ha de conservar a sua prosperidade.

—Queira-o Deus assim, Pedro, e oxalá se lembrem sempre de ti os que depois de nós possuirem a herdade!

—Porque fallas sempre de mim, Jacques?

—Porque é o unico meio que tenho de recompensar-te.

—Se porventura tenho direito a uma recompensa, tel-a-hei quando vir terminada a minha tarefa.

—Tens ainda esperanza?

—Agora mais do que nunca!

—Como tu dizes isso, e que jubilo intimo transluz no teu olhar, Pedro! Soubeste acaso alguma coisa?

—Sonbe, sim.

O semblante do velho Mœllier illuminou-se.

—Que foi o que soubeste, Pedro? perguntou elle com voz commovida. Falla, nada me occultes.

—Amanhã, Jacques, partirei para Paris muito cedo.

—Está em Paris a minha filha? exclamou Mellier com os olhos desmesuradamente abertos.

—Ella... não sei... Por agora vou procurar o seu filho.

—O seu filho!

—Edmundo Mellier, sim... Já vês, Jacques, que a fatalidade também se cança de perseguir uma creatura. Has de ter ainda dias felizes n'este mundo ..

—E Lucila?

—Encontrei o filho d'ella, Jacques... Por agora não pensemos senão n'elle...

—Tens razão, Pedro... Põe a mão no meu peito, amigo; vê como pulsa violentamente o meu pobre coração... Ha mais de dez annos que o não sentia... Ah! como é bom sentir uma impressão de prazer! Sinto-me reviver!

Rouvenat entendeu que era prudencia não fallar ainda n'aquella occasião a Mellier em João Renaud.

N'essa noite ficou combinado entre elle, e Branca e João Renaud, que este conservaria ainda até nova ordem o seu pseudonimo de Mardoche, e continuaria a representar o seu papel de mendigo.

—No meu regresso, disse Pedro Rouvenat, havemos de encontrar meio de dizer a verdade a Jacques Mellier, sem que elle experimente um abalo muito violento.

O velho servidor do Seuillon manifestou o desejo de que, durante a sua ausencia, que não deveria durar mais de tres ou quatro dias, João Renaud se installasse no seu proprio quarto, afim de estar sempre mais perto da filha.

João Renaud, porém, combateu esta opinião.

—Não, disse elle; esse facto daria motivo a surpresas, não só a Jacques Mellier, como também aos empregados da herdade.

«Provocando a sua curiosidade, damos-lhe o direito de fazer supposições, e é isso o que devemos evitar a todo o transe. Entendo que mais conveniente será ir eu dormir no quarto da casa do pastor, quarto que já ha tempo fôra posto á minha disposição por a minha querida Branca.

—Dou-te liberdade inteira e completa para fazeres o que melhor entendas, respondeu Rouvenat.

No dia seguinte, ás tres horas da madrugada, depois de ter beijado Branca, e depois de haver abraçado Jacques Mellier; Pedro Rouvenat subia para a carruagem que devia conduzi-lo a Saint Irun, onde ás cinco horas tomaria logar no carro que faz o serviço do correio para Vesoul.

—Regressa depressa, lhe dissera Jacques Mellier na despedida. Traz contigo o meu neto.

*

* *

Em todo o prado ouvia-se o som agudo e estridente, produzido pelo roçar das fources nas pedras de afiar.

A' hora do almoço os creados da herdade, e os outros trabalhadores eventualmente contractados, sabiam já que Rouvenat partira de madrugada para Paris.

Este facto dava muito naturalmente razão a grandes surpresas, pois era evidente que só um negocio muito importante e urgentissimo podia obrigar o velho Pedro Rouvenat a afastar-se do Senillon no primeiro dia da ceifa.

Durante todo o dia houve entre elles um verdadeiro tiro-

teio de perguntas; todos queriam saber o que Rouvenat fôra fazer em Paris.

Uma das creadas da herdade, uma rapariga muito gorda e muito vermelha, que tinha a seu cargo varios serviços ordinarios, e que sob uma apparencia de estupidez escondia os mais vis e falsos instinctos, era a que se mostrava mais particularmente curiosa, e a que com maior ardor interrogava os outros servidores.

Aquella rapariga, cuja fealdade physica egualava a sua imperfeição moral, chamava-se Gertrudes. Havia já um anno que se achava em serviço no Seuillon.

Com quanto estivesse muito longe de ser perfeita, ou mesmo só irreprehensivel, na execução dos trabalhos que tinha a seu cargo, Pedro Rouvenat tinha-a conservado não só por compaixão como tambem porque não gostava de ver caras novas.

O ar varonil e alivo, e os bigodes retorcidos, do garboso Francisco tinham feito uma impressão muito viva na creada Gertrudes.

O moço Parisel depressa notou este facto, e entendeu que uma rapariga de vinte e tres annos, embora feia e estúpida, não era para desprezar, e podia, pelo menos em quanto se lhe não deparava fortuna melhor, servir-lhe de passatempo.

A rapariga acreditou parvamente tudo o que elle lhe disse, e convenceu-se muito facilmente de que era amada.

O garboso Francisco fez d'ella nada menos do que sua escrava.

Desde que fôra despedido da herdade, o garboso Francisco encontrava-se de noite com ella nas immediações da casa.

Os Parisel, pae e filho, sabiam por ella tudo o que se passava no Seuillon.

Gertrudes tinha sempre abertos os olhos e os ouvidos, e não levava o seu escrupulo ao extremo de hesitar em escutar ás portas.

Felizmente Jacques Mellier pouco fallava, e Pedro Rouvenat não dizia em voz alta senão as palavras, que por todos podiam ser sabidas.

Em uma palavra, o garboso Francisco tinha agora um espião cuidadoso e permanente no interior da herdade: era a criada Gertrudes.





VI

Festa na herdade

Depois de um esplendido dia, o sol estava prestes a envolver-se no seu manto de ouro e purpura. O astro de luz enviava ainda uma derradeira caricia, um ultimo sorriso á grande e formosa natureza, e as flôres e as arvores, mostrando uma côr já mais sombria, e levemente agitadas ao sabor da brisa da tarde, parecia despedirem-se do sol.

Chegara o primeiro momento do crepusculo, a suave claridade, que tão docemente se vae apagando, e fundindo nas sombras da noite.

Algumas estrellas mais vaidosas appareciam já, aqui e ali, no limpido azul do espaço.

Ao longe escurecia a pouco e pouco a linha das montanhas.

O horizonte estava tambem aqui e ali povoado por uns vapores brancos, em que reluziam ainda uns pequenos clarões phosphorescentes.

A herva, cortada durante o dia e já meio secca, havia sido collocada em pequenos montes symetricamente alinhados.

Aquella parte do prado semelhava uma toalha immensa, semeiada de pontos escuros.

As aves soltavam os ultimos gritos de despedida ao astro rutilante, e escondiam se entre a folhagem; as borboletas aconchegavam-se para passarem a noite na corolla das fl. reş.

De todos os lados se ouviam exclamações, vozes que chamavam, gargalhadas, e estriblhos alegres de canções populares.

E quando deixavam de ouvir-se as vozes humanas, o ouvido distinguia ainda rumores longiquos; um numero infinito de outras vozes, que parecia reclamarem para si o direito que têm todos os seres da creação de se fazerem ouvir.

Os ceifeiros e as ceifeiras regressavam alegremente dos prados para tomarem na herdade a refeição da tarde.

Era um verdadeiro exercito de trabalhadores, cada um dos quaes levava a sua arma, ou antes, o seu instrumento de trabalho.

Entre as mulheres, havia algumas novas, e mesmo bonitas deveras. Não tendo já que receiar os raios muito ardentes do sol de junho, levavam descobertos os braços, a cabeça e os cabellos, mais ou menos em desordem.

Por debaixo do panno leve das camisinhas, desenhavam-se distinctamente os seus hombros robustos e bem conformados. Nos pés levavam uns pequenos tamancos muito decotados.

O seu vestuario compunha-se unicamente de uma saia curta, feita de um panno de riscas de variegadas côres, de um

grande lenço encarnado com grandes ramos que lhes resguardava o seio por sobre a camisa.

Mostravam uma grande animação, e levavam o sorriso nos labios, e o brilho no olhar. Viam-se-lhe ainda a escorrer ao longo das faces as grossas gôttas de suor do trabalho.

Levavam pendentes de um dos braços, á guiza de cabaz, cuja aza era formada pelas suas fitas atadas, os seus grandes chapéus de palha ornados com um laço de fita da côr das riscas das saias.

Vestidas d'aquelle modo, as ceifeiras do Seuillon, reunidas em um grupo unico, apresentavam á vista um quadro de um effeito impressionante.

As saias, os chapéus e os tamanquinhos tinham-lhes sido offerecidos por Pedro Rouvenat, o qual tinha por habito fornecer, antes do começo da ceifa, ás mulheres que deviam trabalhar nas terras do Seuillon, durante o resto do anno, os seus trajos de trabalho.

Depois da ceia, que fôra servida na sala grande, onde haviam sido convenientemente dispostas as necessarias mezas, todos os trabalhadores se reuniram no pateo da herdade, os homens de um lado, e do outro as mulheres.

Uns e outros fallavam em voz baixa, e ninguem tinha pressa de partir. Verdade era que havia ainda alguma claridade, e que Frémicourt ficava a muito pequena distancia do Seuillon.

Jacques Mellier appareceu no pateo, levando Branca pelo braço. Immediatamente foram rodeiados, e quarenta ou cinquenta vozes bradaram quasi ao mesmo tempo:

—Boa noite, sr. Mellier! Boa noite, menina Branca!

N'aquelle momento entrava tambem no pateo, vindo de Civry, o velho Mardoche, de sacola ás costas, e apoiado no seu bordão.

—Boa gente, que tanta festa faz á minha querida filha! murmurou elle.

E approximou-se dos grupos com passos lentos.

—Boa noite, meus bons amigos, dizia Jacques Mellier, dirigindo-se a toda a *troupe*. Folgo muito por os vêr bem dispostos e de bom humor.

—Oh! alegria não nos falta, sr. Jacques, respondeu o decano dos ceifeiros, que trabalhava no Seuillon havia já pelo menos uns trinta annos. E mais alegres estaríamos ainda, se tivéssemos na nossa companhia o nosso velho amigo Rouvenat.

—Pedro Rouvenat, meus amigos, foi forçado a partir hoje de manhã para Paris por causa de um negocio muito importante.

—Sabemos isso, sr. Mellier, replicou um outro ceifeiro mais ousado, e menos respeitador de conveniencias; mas a verdade é que para nós teria sido muito melhor, que tivesse addiado para amanhã a partida.

—Porque? tinham acaso algum pedido a fazer-lhe esta noite?

—Tinhamos, sim, sr. Mellier.

—Pois bem: se o velho Jacques Mellier, embora já pouco valha, póde de algum modo substituir o amigo Rouvenat...

—E na verdade, porque não hei de eu dizer tudo? Se entender que é demasiada franqueza, desculpe, sr. Mellier... É que amanhã é dia de S. Pedro, e nos outros annos, n'este dia, o sr. Rouvenat manda-nos dar umas garrafas de vinho para festejarmos a vespera do santo...

—Ah! porque não me disseram isso antes de se levantarem da meza? O nosso Pedro Rouvenat não está na herdade, mas a adega de Jacques Mellier está sempre aberta n'esta epocha para os amigos. Branca, minha querida filha: vae dar as or-

dens necessarias para que os creados vão á adega buscar vinho do melhor...

—Viva Jacques Mellier! viva! viva! bradou o ceifeiro com voz atroadora.

E todas as vozes responderam com enthusiasmo:

—Viva Jacques Mellier! viva a menina Branca! viva Rouvenat!

—Vamos, amigos, tornem a entrar, disse o velho Mellier, que estava menos sombrio, do que era costume.

Passados apenas alguns momentos, homens e mulheres estavam de novo assentados em volta das mezas, sobre as quaes a formosa Branca, alegre, risonha, e com uma expressão radiante na phisionomia, punha por sua mão grandes pratos de bolos caseiros, e broas de mel, e enchia os copos dos comensaes, que, diga-se a verdade, nem sempre esperavam que ella fôsse servil-os.

João Renaud estava tambem ali. Encostado a um movel, não perdia um unico dos movimentos da sua filha. Contemplava-a com intimo jubilo, admirava-a com verdadeiro enthusiasmo.

A presença de seu pae não era de certo estranha á grande alegris, que brilhava nos olhos da donzella, que se sentia como envolvida no delicioso fluido do olhar paternal.

Exactamente como João Renaud, o velho Jacques Mellier tinha ficado em pé. Branca lançou mão de um côpo, encheu-o, e apresentou-o em seguida a Jacques.

—Minha filha, disse este ultimo: bebamos em primeiro lugar á saude de Mardoche.

«Creio que elle aproveitará com prazer esta occasião de fraternisar com os nossos amigos aqui presentes, e de beber á saude do teu padrinho ausente.

Branca pegou em um outro copo, e foi offerecel-o a seu pae, que o recebeu com mão trémula.

—De certo, de certo, disse elle com voz vibrante; beberei com muito prazer á saude do sr. Pedro Rouvenat, á sua tambem, sr. Jacques Mellier, e brindarei finalmente pela eterna prosperidade do Seuillon, que tantos braços occupa, sempre, e que sustenta tantas familias.

—Velho Mardoche, approvou o decano dos ceifeiros, erguendo o copo; fallaste bem, e exprimiste desejos que estão no coração de todos nós. De pé, camaradas; bebamos á saude do sr. Jacques Mellier, de Pedro Rouvenat, e da menina Branca! Oxalá viva em constante prosperidade a herdade do Seuillon, cuja terra nos dá o pão que comemos. Viva, viva o Seuillon!

Levantaram-se todos, e entrechocando os copos bradaram em côro:

—Viva o Seuillon! viva! viva!

Em seguida levantou-se uma mulher, que disse:

—São sempre tristes as festas sem canções. Ha quem affirme, que a menina Branca sabe cantar como um verdadeiro rouxinol.

«Ora muitas de nós nunca a ouvimos, e seria para todos os presentes um grande prazer que a menina Branca, com a sua permissão, sr. Mellier, nos regalasse os ouvidos com uma das suas canções.

A donzella fez-se córada como uma romã.

—Branca, disse Jacques Mellier sorrindo: este dia é sempre de festa para teu padrinho. Canta, filha; estamos em familia.

Branca lançou um rapido olhar para João Renaud, em cujos olhos brilhava uma grande alegria, e que parecia dizer:

—Canta, minha querida Branca; será para mim um grande jubilo ouvir-te.

Em seguida a donzella cantou com a sua voz pura e suave uma canção popular, cuja letra celebrava em versos simples, mas encantadores, as bellezas da natureza, e os encantos dos trabalhos campestres.

Bem disposta de espirito como estava, deu á musica uma expressão de alegria, que traduzia com toda a verdade não só o character da canção, como tambem a impressão de descuído jubilo, de que todos os presentes se achavam dominados.

Logo que terminou, fez-se ouvir em toda a sala uma verdadeira trovada de applausos e de exclamações, que davam bem ideia do sentimento de gratidão, por que todos se achavam dominados pela condescendencia que a donzella quizera ter.

—Está contente, meu pae? perguntou ella sorrindo a Jacques Mellier.

—Cantaste como um anjo, filha, respondeu o velho enternecido.

Depois Branca, passando junto de João Renaud, disse-lhe em voz baixa:

—Foi para si que eu cantei, meu querido pae!

O pobre ex presidiario não pôde agradecer-lhe senão com um olhar expressivo.

—Dir-se-hia que a menina Branca tem uma flauta na garganta! dizia com admiração um dos homens, que tinha uma rouquidão chronica.

—A menina Branca, canta como eu já ouvi cantar na Opera de Paris! amplificou uma camponeza, que tinha sobre as suas companheiras a grande vantagem de ter já visto a capital da França.

Em seguida, a mãe de uma bonita rapariga de cabellos louros quiz também fazer admirar a voz da sua filha, e logo depois a mãe de uma rapariga de cabellos e olhos negros fez outro tanto. Por fim um moço ceifeiro cantou com voz muito agradável uma velha canção rustica.

E assim se passou deliciosamente uma grande hora, durante a qual se esvaziou um não muito pequeno numero de garrafas, e se fizeram mais de cem saudes.

Por fim o decano dos ceifeiros levantou-se, e deu o signal de retirada, e todos, homens e mulheres, se levantaram também, e partiram, depois de haverem saudado os donos da casa com entusiasticas acclamações.

João Renaud foi o ultimo que sahio. No momento em que punha o pé no limiar da porta, sentiu que a mão da formosa Branca lhe pousava sobre o hombro.

—Pae querido; pensarei em si toda a noite... lhe murmurou a donzella ao ouvido.

O velho voltou a cabeça lentamente, sorriu com uma expressão de ventura ineffivel, e tocou com os labios na testa da encantadora creança.





VII

O fantasma

Haviam descido sobre a terra as sombras da noite. O firmamento, marchetado de estrellas rutilantes, brilhava com irradiações sem numero. O ar estava impregnado de penetrantes perfumes. A lua lançava por sobre a pittoresca e agreste paisagem o seu dôce clarão.

Os trabalhadores, reunidos no pateo, dispunham-se para a partida.

De subito uma coruja, que voejava de certo em perseguição de uma qualquer avesinha estraviada, lançou nos ares um grito lugubre.

As mulheres estremeceram, e como por instincto aconchegaram-se umas para as outras.

—Então que é isso? perguntou rindo um dos ceifeiros, que se tinha em conta de espirito forte.

—Não ouviste? balbuciou uma das ceifeiras.

—O que? o grito da coruja?

—Oh! se estivesse aqui sósinha, disse uma camponeza gorda, que tremia como vara verde, não me atreveria a voltar agora para Frémicourt.

—Já todos sabem, que não és das mais valentes, Clarisse.

—Pois sou eu como ella, disse uma outra camponeza, a mãe da rapariga dos cabellos louros. Morreria de susto só com a ideia de que poderia apparecer diante de mim o fantasma!

—Palavra de honra, que tenho vontade de rir quando ouço fallar no tal fantasma! replicou um dos ceifeiros, que não tinha fallado ainda. E o peor é que nos ultimos tempos não ouço fallar em outra coisa. Quem é que acredita em fantasmas?

—Acredito eu! e eu! e eu... responderam muitas vozes, na sua maior parte femininas.

—Pois eu hei de acreditar quando as gallinhas tiverem dentes, disse o espirito forte.

—Tu és d'aquelles, que em nada acreditam! Pergunta ao pescador Martin, se o fantasma existe, ou não. Elle viu-o!

—Matheus viu-o tambem.

—Pois eu, tornou o ceifeiro incredulo, gostava immenso de me encontrar uma noite face a face com o tal fantasma, palavra de honra!

—Ora! o fantasma lançar-te-hia por terra com um sopro, e tu ficarias todo o anno com ictericia.

—Onde é que apparece o tal fantasma?

—Na margem da ribeira, ao lado do pontão do despenha-

deiro Merlin. Segundo parece já ha muito tempo que anda pelo valle. Passa diante dos olhos de quem o vê como um relampago, e deixa atraz de si um largo rasto de chispas. Além d'isto não caminha, vôa. Ai credol abrenuncio!

—Ora adeus! o vosso fantasma não é mais do que um fogo fatuo, disse um dos ceifeiros, que tinha pretensões a sabichão.

—Chama-lhe o que quizeres; mas a verdade é que tem braços, pernas e cabeça. O pescador Martin affirmou-me, que uma vez o terrivel fantasma passara tão perto d'elle, que poderia tel-o agarrado com a mão, se não tivesse sentido de repente o braço como entorpecido!

—O que elle teve foi medo.

—Seria, seria; mas esse facto mais prova ainda, que elle viu e ouviu o fantasma.

—D'aqui a pouco, retorquiu o ceifeiro rindo, ha de haver quem diga, que Martin e o fantasma estiveram conversando muito á mão um com o outro, e até mesmo foram pescar juntos.

A ceifeira encolheu os hombros.

—Para ver se ficavas menos incredulo, tornou ella já um pouco despeitada, quereria que a alma do outro mundo, que vagueia pelo valle todas as noites, te applicasse uma boa correcção.

—Minha amiga: não havia de ter muita facilidade em bater-me, affirmo-t'ó.

—Pódes ser forte e vigoroso á tua vontade; a verdade é que ninguem é capaz de lutar contra um ente sobrenatural. Tens uns bons braços e pulsos de ferro; pois embora, o fantasma quebrar-t'os-hia como se fôsem de palha!

—Accomoda-te, leão! replicou o incredulo.

E desatou a rir ás gargalhadas.

—Depois da passagem do fantasma, continuou a camponeza, dirigindo-se mais directamente ás suas companheiras, que a escutavam com commção sempre crescente, ouvem-se em todo o valle gritos, soluços e gemidos.

—E' muito grande o fantasma? perguntou uma voz.

—Enorme!

—Ah! deve ver-se bem. De mais, como todos os fantasmas são brancos...

—Este do despenhadeiro Merlin é negro.

—Negro! mas então é o proprio diabo!

As mulheres benzeram-se apavoradas.

—Não ha que ter medo, o diabo foge, logo que vê fazer o signal da cruz.

—Decididamente, disse um homem, que não fallara ainda, começo tambem a acreditar no fantasma.

—Quem quizer vê-lo póde ir á meia noite ao pontão do despenhadeiro Merlin.

—A coisa é realmente tentadora; mas eu antes quero dormir muito tranquillamente na minha cama, do que andar a essa hora a patetar pelos campos. É então á meia noite, que o fantasma apparece no despenhadeiro?

—Precisamente quando bate a ultima das dôze badaladas.

—É a hora das almas do outro mundo, e dos vampiros! Abrenuncio!

—Talvez o fantasma seja um vampiro.!

—É possivel, sim.

—O que é um vampiro? perguntou curiosamente a rapariga loura.

—Eu lhe explico, menina, responden o decano dos ceifeiros, dando-se uns ares importantes. O vampiro é um mons-

tro, que não é homem nem mulher, e que não se alimenta senão de sangue humano.

«Se se mata, resuscita, se se mette em um caixão, e se se enterra, abre de noite a sepultura, embrulha-se no sudario, e vae correr atravez dos campos, ou anda em pena ao clarão da lua em volta das casas.

«E n'essa occasião, desgraçada a rapariga que o monstro encontra: lança-se sobre ella, aperta-a nos seus braços enregelados, leva-a para a sua sepultura, e abi, para satisfazer a sua sede insaciavel, suga-lhe todo o sangue.

«E escolhe sempre a sua preza entre as mais bonitas, e as mais novas, e até mesmo se tem notado sempre que prefere as que tem cabellos louros.

—Ai, que horror! exclamou a pobre rapariga, que sentiu que se lhe erriçavam os cabellos.

Um ceifeiro, que tinha escutado toda aquella conversa muito attentamente e sem dizer coisa alguma, tomou tambem por sua vez a palavra:

—Não creio nos fantasmas nem nas almas do outro mundo, e muito menos ainda nos vampiros e feiticeiras, disse elle em tom grave; mas o que é certo — e eu posso dizel o porque o vi — é que um ente qualquer extraordinario, homem, mulher, ou demonio, anda de noite errante nas margens da Sableuse como uma alma em pena.

Imaginem os nossos leitores de que modo faria este exordio redobrar as atenções. Produziu-se immediatamente um silencio profundo.

—Ha uns tres annos pouco mais ou menos, continuou o ceifeiro, no dia de S. João Baptista, ás onze horas da noite pouco mais ou menos, andava eu pescando ao candeio na Sableuse. Devia ir no dia seguinte ás bodas do meu primo d'Ar-

temont, e desejava levar meia duzia das nossas excellentes trutas.

«Toda a gente sabe que para pescar de noite, e principalmente para a pesca da truta, é preciso fazer o menor barulho possivel. De outro modo ella põe-se ao largo, e não espera pela rede.

«Caminhava silenciosamente pela margem da ribeira, quando de subito ouvi perto de mim soluços e gemidos. Julguei que estivesse por ali alguem, que carecesse de ser soccorrido, e dirigi-me rapidamente para o lado de onde partiam os gemidos.

«Logo que dei alguns passos n'aquella direcção, vi erguer-se subitamente diante de mim um vulto negro, como se acabasse de sabir das entranhas da terra,

«—Quem está abi? bradei eu.

«O vulto negro, em vez de me responder, afastou-se correndo com uma velocidade verdadeiramente prodigiosa. Fui em seu seguimento, mas o vulto passava como o vento por entre as arvores.

«Chegou um momento em que estive a ponto de o alcançar; achava-me já tão perto d'elle que ouvia a sua respiração offegante, e via os seus longos cabellos em desordem, fluctuando ao sabor do vento.

«Desappareceu porém de repente diante de mim com uma tal rapidez, que não pude ver se tinha passado á direita ou á esquerda.

«Eis o que eu vi ha tres annos n'esta epocha, porque foi precisamente na noite de São João, que uma tal aventura se deu comigo.

«Foi tambem na noite de S. João, ha precisamente dezenove annos e quatro dias, que um homem foi assassinado na estrada de Civry por João Renaud, o matador de lobos.

«Recordo-me d'isto como se acontecesse ainda hontem, e a coisa foi n'essa epocha muito fallada por estes sitios.

—Não devemos acreditar tudo o que se diz ácerca das aparições do fantasma do despenhadeiro Merlin, disse um velho ceifeiro; mas em todo o caso somos forçados a acreditar, que nem tudo o que se affirma seja falso.

«Falla-se no fantasma ha já bastantes annos; a questão não data de oito dias, nem de quinze, nem de mezes. O camarada Bertrand affirma que viu o fantasma ha tres annos na noite de São João.

«Pois bem; tambem eu o vi ha uns cinco ou seis annos, e, caso estranho, foi tambem na mesma noite de S. João! E já n'essa epocha havia quem affirmasse, que se ouviam de noite, havia já muitos annos, gemidos e soluços, que, segundo parecia, sabiam do desfiladeiro Merlin. Como vêdes, o caso do fantasma da Sableuse já ha muitos annos que é fallado em Frémicourt.

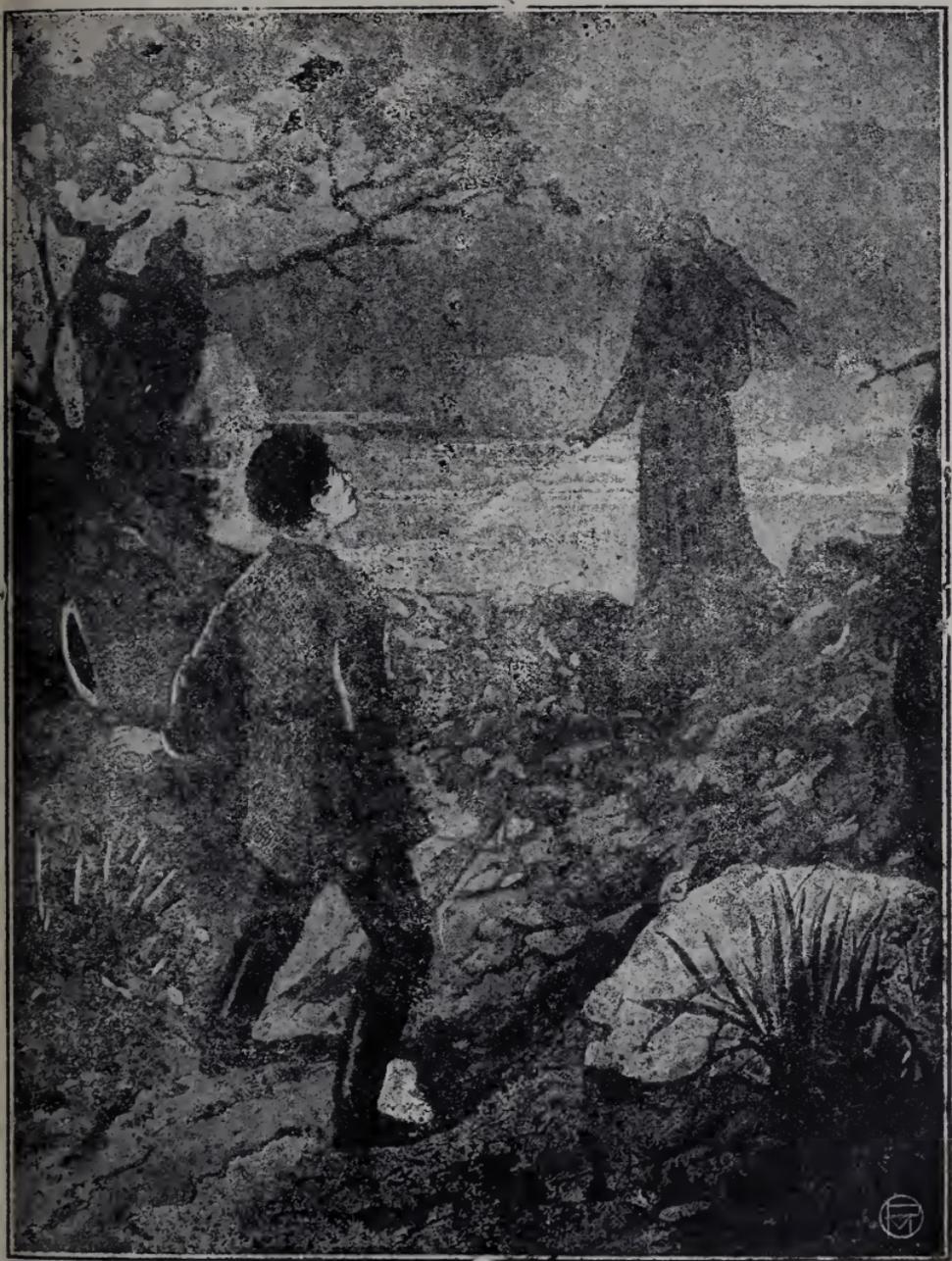
—Não ha que duvidar, disse a camponeza medrosa, é uma alma do outro mundo! É de certo a alma do homem que morreu assassinado, que vem todos os annos, na noite de S. João, reclamar as orações dos mortaes.

—Seria bom mandar dizer algumas missas por sua intenção, replicou zombeteando o ceifeiro sceptico.

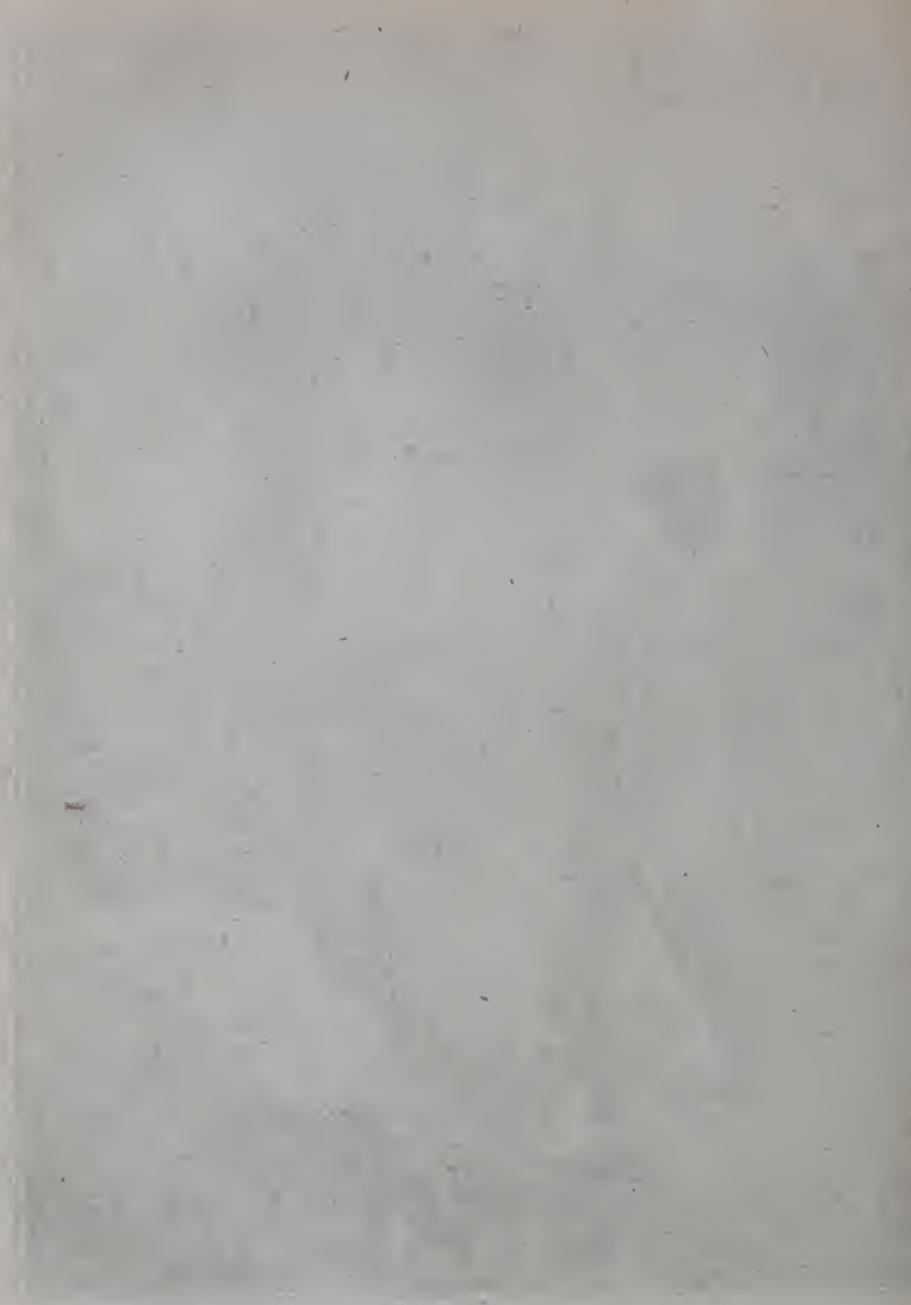
—Parece-me que já temos fallado de mais de vampiros, de fantasmas e de almas do outro mundo, e que pelo menos as raparigas vão ter pesadellos esta noite, disse o decano dos ceifeiros.

«Estão quasi batendo dez horas no relógio da freguesia. A minha opinião é que vamos todos já para a cama, pois que das tres para as quatro horas temos de estar de novo em pé.

«Deixemos lá os fantasmas, que nenhuma outra coisa tem



... vi erguer-se subitamente diante de mim um vulto negro. . (Pag. 239)



que fazer mais do que andar vagueando pelos valles. Vamos descansar, camaradas. O bom Deus fez a noite para descanso dos que trabalhãem.

Em seguida os ceifeiros partiram.

No quarto de Branca havia ainda luz; mas no quarto de Jacques Mellier estava já tudo ás escuras. Os creados da lavoura, que tinham já ido inspeccionar os estabulos e curraes, pensaram tambem em ir deitar se.

João Renaud ficou sósinho no pateo, assentado em um banco de pedra. Parecia absorto em meditação profunda.

Tinha escutado, com o mais vivo interesse, e sem perder uma palavra unica, a conversação dos ceifeiros. Parecia evidente que havia um tal ou qual cunho de verdade n'aquellas historias.

Era realmente estranho e singular, que as aparições se produzissem sempre na noite de São João, anniversario do assassinato. Por que razão n'aquella noite, e não em qualquer outra?

Ouvindo aquellas historias, João Renaud tinha-se lembrado d'aquella mulher desgrenhada, que apenas entrevira, e cujos gritos o tinham tão felizmente attrahido para o lado do velho poço abandonado, em que Pedro Rouvenat acabava de ser precipitado.

Para elle e para Edmundo fôra uma verdadeira aparição. Quasi nem tempo tinham tido para a verem passar. Deslizando como uma sombra, parecia ter-se fundido na noite.

Havia toda a razão para se suppôr que aquella mulher desgrenhada era o fantasma, de que havia fallado a gente de Frémicourt.

—Todos gostam de exaggerar as coisas, pensava elle. Os factos mais simples, e mais ordinarios, passando de bocca em

bocca, são sempre mais ou menos desfigurados, e tomam a pouco e pouco proporções enormes. E' a imaginação dos cred'u'os que cria os fantasmas.

E tinha razão para pensar assim. O maior inimigo dos medrosos e dos espiritos fracos é a sua propria imaginação, que lhe muda a fórma dos objectos, e lh'os apresenta como a través dos vidros de um telescópio. Um pequeno arbusto afigura-se-lhe uma arvore collossal; um ratinho, um elephantel!

O que se contava das aparições do desfiladeiro Merlin tinha um certo character fantastico e sobrenatural, que não podia deixar de impressionar vivamente a boa gente dos campos, para quem as velhas crenças constituem ainda uma especie de religião, e que conserva com um tal ou qual respeito as superstições dos seus antepassados.

Depois de haver reflectido durante um longo espaço, João Renaud convenceu-se de que n'aquellas aparições havia um qualquer mysterio, que merecia ser esclarecido.

—Preciso verificar o que isto é, murmurou elle, levantando-se bruscamente. Se o fantasma apparecer esta noite nas margens da Sableuse, hei de vel-o!

E, sabindo do pateo da herdade, começou a caminhar pela vereda que descia para a ribeira. Atravessou o portão, e deu uns cem ou cento e vinte passos no caminho, que sóbe para Frémicourt.

Achava-se em face da escura abertura, cavada entre rochas, a que os habitantes d'aquelles sitios davam o nome de despeñhadeiro Merlin.

Escolheu o ponto mais sombrio, e deitou-se ali sobre a herva na margem da ribeira. D'ali a sua vista, passando a través dos ramos pendentes dos salgueiros, podia alcançar a grande distancia, e avistava o portão illuminado pela lua.

—Aqui estou muito bem installado, disse elle de si para si. Se o tal fantasma, como tenho toda a razão para suppôr, chega da margem esquerda e passa para a margem direita, ha de atravessar o pontão, e n'este caso não poderei deixar de o vêr.

João Renaud esperou silencioso e immovel. Decorreu mais de uma hora. Havia já muito tempo que o relógio da igreja de Frémicourt tinha batido as onze horas.

Apesar da grande paciencia, de que era dotado, João Renaud começava a julgar demasiadamente longo aquelle quarto de sentinella.

—Verdade é, que só á meia noite é que apparecem os fantasmas, dizia elle de si para si. Esperemos pois. Se á meia noite nada vir chegar, será signal de que a apparição não quer hoje obsequiar-me, e então irei muito tranquillamente deitar-me na casa do pastor.

«Virei amanhã á noite collocar-me aqui de novo á espreita. Eu não acredito nas almas do outro mundo; mas aqui ha de certo uma pobre mulher, uma louca talvez, que vagueia de noite pelo valle. Quero ver se posso descobrir...

E expirou-lhe nos labios o resto da phrase...

A poucos passos de distancia acabava de surgir um vulto negro, que atravessou rapidamente o pontão. Illuminada por um raio de lua, João Renaud tinha podido reconhecer uma mulher...

—E' ella, murmurou elle; é a pobre creatura que ha poucas noites nos chamou para corrermos em soccorro de Pedro Rouvenat.

E sentiu que lhe pulsava com violencia o coração.





VIII

Desespero e conforto

João Renaud, que se havia erguido, prompto a correr em seguimento da apparição, applicou o ouvido. Um leve ruido de passos, que de momento a momento era mais distincto, annunciou-lhe que o fantasma se dirigia para o seu lado.

Cosendo-se com o retorcido tronco de um salgueiro gigantesco, esperou, agitado por uma pungentissima angustia. O rosto tinha-se-lhe coberto de suor subitamente.

A mulher passou rapidamente junto da arvore, com os cabellos desgrenhados, cahindo em desordem sobre os seus hombros, e agitando febrilmente os braços acima da cabeça.

Onde irá ella? perguntou elle a si proprio.

Precisava saber-o, e para isto devia proceder com a maxima

prudencia, e seguil-a sem que ella nem por sombras de tal desconfiasse. O essencial era não a atemorisar.

Logo que o vulto se achou a uns trinta ou quarenta passos de distancia do ponto, em que elle estava occulto, lançou-se em seu seguimento.

O fantasma caminhava com extraordinaria rapidez, mas João Renaud, apesar de não ser já muito moço, corria ainda com grande facilidade. Conseguiu pois manter sempre a mesma distancia.

De momento a momento via-a desaparecer por detraz de um grupo de arvores; mas não se inquietava com este facto, porque tinha a certeza de que ao cabo de um instante a veria reaparecer de novo, illuminada pelo clarão da lua.

O vulto atravessou segunda vez a Sableuse na ponte de pedra; mas, em vez de seguir o caminho que conduzia para Frémicourt, continuou a correr atravez da planicie, como se a dominasse o receio de se approximar muito das casas da povoação.

Agora não havia já arvores, arbustos ou accidentes de terreno, que a furtassem á vista de João Renaud. A lua espargia toda a sua luz por sobre aquella parte do valle.

Temendo que a mulher dos cabellos desgrenhados o avistasse, João Renaud affrouxou subitamente o passo, e depressa ficou duplicada a distancia, que entre elles existia. Aquella precaução não era inutil, porquanto o vulto voltou-se umas poucas de vezes para a rectaguarda, afim de se certificar de que não eram seguidos os seus passos.

E nada viu, que se lhe tornasse suspeito, por isso que João Renaud se achava agora fóra do circulo, que a sua vista podia abranger.

A desgraçada mulher deu assim volta em redor da povoa-

ção. Depois começou a avançar por uma estreita vereda muito accidentada, e desapareceu.

João Renaud apressou um pouco o passo, e depressa chegou também ao principio d'aquelle caminho estreito.

Ali, agitado por um sentimento de profunda contrariedade, perguntou a si proprio, se teria gasto o seu tempo em uma perseguição inutil.

No entretanto, depois de um rapido momento de reflexão, e apesar de que aquelle caminho conduzia para a povoação, ficou convencido de que o fantasma não podia ter seguido outro, e readquiriu a coragem.

Como não tinha agora a receiar que o fantasma, voltando-se, o avistasse, continuou a avançar, redobrando de velocidade.

De subito parou bruscamente, dominado por estupefacção profunda.

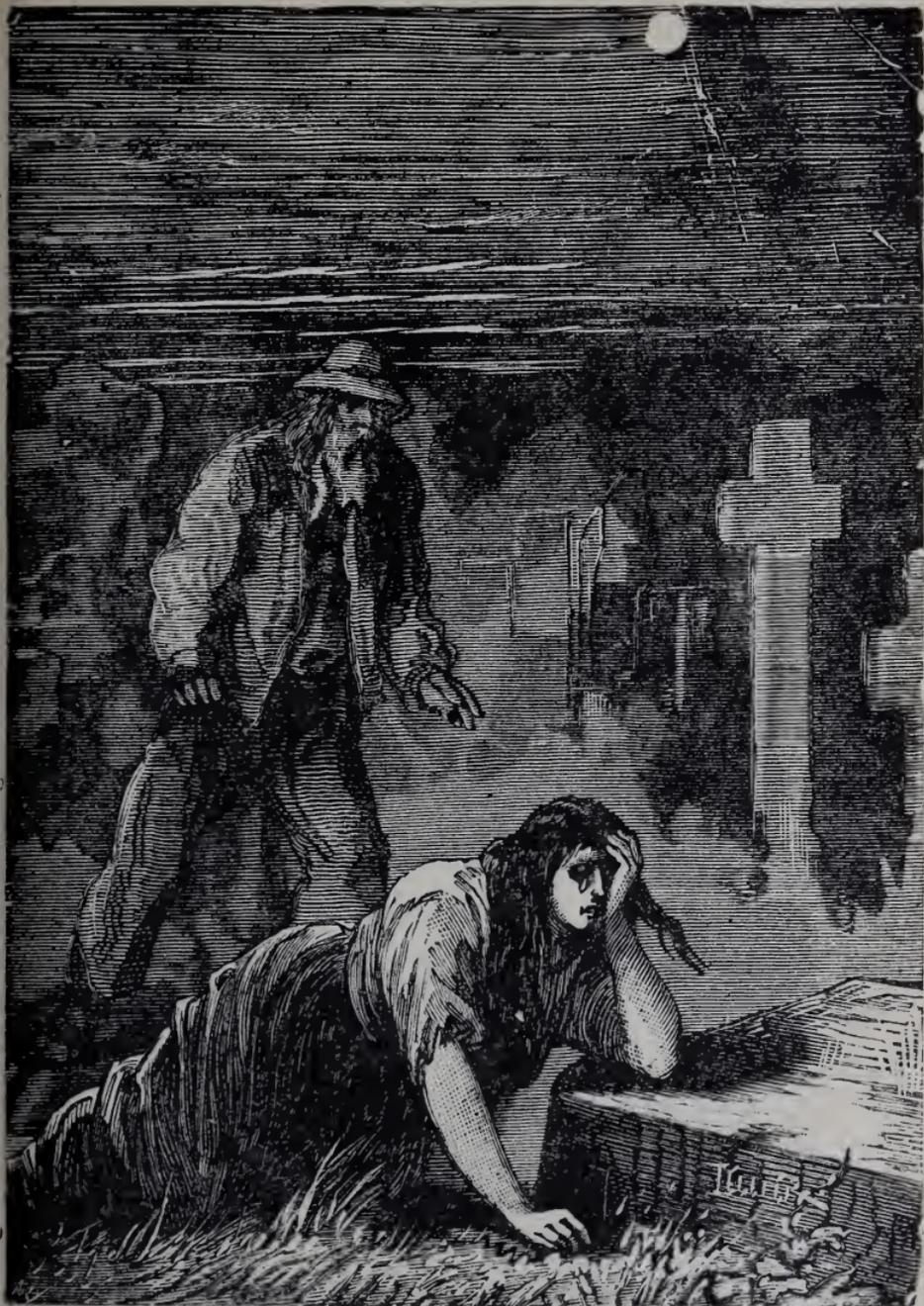
A uns trinta passos de distancia na sua frente, acabava de ver que o fantasma abria o portão de ferro gradeado do cemiterio, e se introduzia na mansão dos mortos.

Muitas pessoas, no lugar de João Renaud, teriam fugido confrangidas de terror, e convencidas de que se achavam em presença de uma alma do outro mundo, ou de alguns d'aquelles vampiros, em que n'aquella mesma noite se fallara no pateo do Seuillon.

João Renaud ficou durante alguns momentos como paralyzado pela surpresa.

Achava-se agitado por uma commoção extraordinaria; mas o que estava sentindo nem por sombras podia chamar-se medo.

Que razão teria aquelle ente, que perseguia, para penetrar de noite, e a occultas, no cemiterio?



Lucila arrastava-se de joelhos por sobre a pedra, que regava com as suas lagrimas
(Pag. 251)



Foi esta a pergunta, que a si proprio dirigiu n'aquelle momento, passando a mão por sobre a testa abrasada.

No seu pensamento brilhou um subito clarão, e fulgurou-lhe no olhar um relampago de alegria, e de intima felicidade.

—Ah! se fôsse ella... ella! murmurou elle.

E, caminhando precipitadamente em direcção á porta do cemiterio, entrou tambem ali.

Avançando com passos lentos, e diligenciando fazer o menor barulho possivel, dirigiu-se para o canto da necropole, em que repousava o corpo do pobre Edmundo assassinado.

Quando estava já proximo d'aquelle ponto, chegou-lhe aos ouvidos um gemido surdo, e viu que o vulto se rolava, e se estorcia, convulsivamente sobre a sepultura.

Agora não duvidava já.

Aquella mulher, cuja voz havia produzido n'elle um estranho effeito, aquella desgraçada que vagueiava todas as noites pelo valle nas visinhanças da herdade, e a que os habitantes de Frémicourt davam o nome de fantasma, era nem mais nem menos do que Lucila Mellier.

Approximou-se mais ainda, occultando-se por detraz dos troncos dos cyprestes, e parou a uns tres ou quatro passos de distancia.

*

*

*

Lucila arrastava-se de joelhos por sobre a pedra, que regava com as suas lagrimas.

João Renaud ouviu que ella balbuciava as seguintes palavras:

—Quando dormirei eu tambem o pesado somno, de que não se acorda? Quando deixarei de soffrer, grande Deus? Ah! hei de vir aqui todas as noites, porque é perto de ti, meu pobre Edmundo, é com a cabeça assente sobre esta fria pedra, que quero morrer! Deus ha de um dia compadecer-se da minha desventura... Ha já tanto tempo que lhe supplico a morte... Porque não quererá Deus conceder-me o descanso eterno? Não terei soffrido já bastante? Quererá Deus que me mate a mim propria?

«Deus repelle me... estou condemnada... pertenço ao inferno!... Oh! o inferno... eu conheço-o bem! não pôde ter torturas mais horrorosas, do que as que tenho soffrido n'este mundo... Pois bem; já que assim é preciso, matar-me-hei... quero livrar-me da vida.

«Importa pouco que eu morra d'este ou d'aquelle modo. Para mim já não pôde haver esperança n'este mundo... Sou maldita, maldita, maldita!

E ergueu-se dominada por uma grande exaltação, com estranhos clarões no olhar.

—É dura esta pedra, tornou ella com expressão sinistra. Fazendo appello á minha coragem, hei de conseguir despedaçar a cabeça. E ficará tudo acabado para mim...

E, querendo juntar a acção ás palavras, dispôz-se a bater com a cabeça de encontro á pedra.

João Renaud não podia esperar mais tempo; chegara o momento de apparecer. Dando um salto lançou-se para ella, e agarrando-lhe em um braço, exclamou:

—Que é o que quer fazer, desgraçada?

A pobre creatura soltou do peito um grito rouco e como

estrangulado na garganta, e o seu olhar ardente fixou-se em João Renaud com uma expressão terrível.

—Deixe-me, deixe-me! murmurou ella surdamente, procurando desprender-se.

E agitava-a um violentissimo tremor nervoso.

—Comprehendo que quer fugir de mim, replicou João Renaud com accento affectuoso: mas faz mal... faz mal porque tenho coisas muito serias e muito importantes para dizer-lhe. Depois de ouvir-me, ha de comprehender que não é para augmentar os seus dias de soffrimento, que Deus afasta de si a morte.

«É precisamente no momento em que, cheia de desespero, pensa no suicidio, que Deus, compadecendo-se finalmente da sua desventura, lhe manda o conforto, e lhe faz antever longos dias de tranquillidade e alegria!

—Mentira, mentira! exclamou ella com desvairamento.

—Juro-lhe que é verdade o que lhe digo, replicou João Renaud.

—Mas quem é então, para fallar-me d'esse modo?

—Sou um dos mais dedicados amigos de Lucila Mellier.

A pobre mulher recuou um passo.

—Cale-se, cale-se! murmurou ella com voz sombria. Lucila Mellier já não existe. Hoje existe só a filha maldita... maldita!

—Lucila: amanhã, se quizer, seu pae abrir-lhe-ha os braços paternaes com a mais affectuosa eflusão. O desventurado velho diligencia a todo o transe viver porque espera ainda com a mais angustiosa impaciencia o seu regresso, e porque quer abençoal-a antes de morrer.

A desgraçada olhou para João Renaud como quem não comprehendera de modo algum o sentido das suas palavras.

—Em outro tempo dava-me Lucila o nome de amigo, exclamou o ex-presidiario com melancolia. Compreendo porém que não me reconheça agora, visto que os proprios Jacques Mellier e Pedro Rouvenat não me reconheceram tambem.

«Escute, Lucila: eu tambem fui muito desgraçado, e nunca perdi a esperanza. O homem, que repousa debaixo d'aquella pedra, morreu nos meus braços pronunciando o seu nome querido. Por causa d'elle, e por causa de seu pae, Lucila, usei durante dezenove annos o trajo infamante de presidiario.

—João Renaud! João Renaud! exclamou Lucila com voz estrangulada.

—João Renaud, sim; mas mudei de nome, Lucila. Hoje em Frémicourt sou para todos o pobre mendigo Mardoche.

—Mardoche! por que motivo adoptou agora esse nome?

—Mais tarde saberá a razão d'esse facto que é secundario, Lucila.

A desgraçada curvou a cabeça com acabrunhamento.

—Aqui... no cemiterio de Frémicourt, pronunciou ella em tom lugubre, estão n'este momento tres victimas de Jacques Mellier: um morto e dois vivos!

—Precisamos esquecer o passado, e não pensarmos senão no futuro, Lucila!

—A si, João Renaud, resta-lhe uma filha, uma creança adoravel que já duas vezes avistei... Póde pois e deve pensar no futuro. Eu nada tenho a esperar...

—Tem o seu filho, Lucila...

—Perdi-o!! murmurou a desgraçada com expressão dolorosa, soltando do peito um gemido.

—Lucila, tornou João Renaud: não comprehendeu a razão

por que lhe disse ha pouco, que estavam passados os seus dias de soffrimento? Sim, perdeu o seu filho, ou para melhor dizer, tem vivido separada d'elle desde a noite em que cahiu moribunda sobre a neve, na estrada que conduz de Vesoul a Gray.

—Como sabe isso, João Renaud? exclamou Lucila com agitação.

—Adejavam já por sobre o seu corpo enregelado as negras azas da morte, continuou João Renaud, quando foi encontrada por uns saltimbancos, que passaram na estrada.

—Ah! sim... balbuciou ella. Os miseraveis roubaram-me o meu filho! Que fariam da pobre creança esses infames?

—Escute, pobre Lucila: um d'esses homens, o mais pobre, o mais desgraçado, o mais infimo d'elles, por nome Jeronymo Greluche, levou comsigo o seu filho...

—Roubou-m'o, roubou-m'o juntamente com o ouro de Rouvenat! exclamou a infeliz creatura com o olhar desvairado.

—O saltimbanco Greluche não fez do seu filho um saltimbanco; educou-o com esmero, e tem por elle uma affeição verdadeiramente paternal.

«Actualmente o seu filho é um bonito rapaz, distincto, instruido, honrado, cheio de coração e dotado dos mais elevados sentimentos...

—É verdade isso, João Renaud? pronunciou Lucila com voz offegante. É verdade que o meu filho existe?

—É verdade, Lucila. Que razão teria eu para enganar-a?

—Que sei eu? Elles mentiram-me tantas vezes!

—Elles... quem?

—Os saltimbancos.

—Socegue, Lucila. João Renaud respeita-a e consagra-lhe um fundo affecto; não quer illudil-a. Sim, o seu filho existe,

juro-lh'o pela memoria da minha pobre Genoveva, pela felicidade da minha adorada filha!

—Acredito-o, João Renaud, acredito-o! Ah! se não fôsse verdade o que me está dizendo, se com um fim qualquer quizesse illudir-me.

E a desventurada, cabindo de joelhos, começou a soluçar.

—Como esta desgraçada deve ter soffrido! pensava João Renaud commovido.

Tomando a pelo braço, forçou-a a levantar-se.

—Venha comigo, Lucila, disse elle; fallaremos a respeito d'elle, do seu filho.

E levou-a pela mão para fóra do cemiterio. Depois, caminhando lentamente um ao lado do outro, seguiram por um caminho muito accidentado, conservando-se silenciosos durante os primeiros momentos. Foi Lucila a primeira a quebrar o silencio.

—Sinto a cabeça abrasada, disse ella, e pulsa-me com violencia o coração. No entretanto a verdade é que acabo de me sentir invadida por um sentimento de suprema tranquillidade.

«Desde a fatal noite, em que cahi extenuada e exanime sobre a neve da estrada, nunca mais tinha sentido um tão grande bem-estar.

«As suas palavras, João Renaud, lançaram uma especie de balsamo consolador sobre as ensanguentadas chagas do meu coração tão torturado! Ah! existe o meu filho! o meu filho existe!! Agora afigura-se-me que não pésa já sobre mim a maldição de meu pae e a de Deus!...

«João Renaud: creio que nunca perdi a razão, mas a verdade é que durante muitos annos tenho vivido em uma especie de delirio constante, com uma perturbação, com uma desordem estranha no espirito.

«Nem mesmo podia reflectir; do naufragio das minhas ideias ficara-me apenas uma unica: a da minha desgraça. Não tinha senão um pensamento, uma aspiração unica: o meu filho, o meu querido Edmund! De dia e de noite, e sem cessar, afigurava-se-me que andava perseguida por demonios horrendos, por furias de garras aduncas, implacaveis, atormentadores, encarniçados contra mim.

«Ha pouco, no cemiterio, senti uma commecção violentissima; afigurou-se-me que se me abria o craneo. Depois rasgou-se diante dos olhos do meu espirito uma especie de véu espesso, e retomei completamente a consciencia de mim propria. Falle-me do meu filho, João Renaud; sim, falle-me d'elle... Posso ouvi-lo; terei a força necessaria para esental-o. Como sabe que elle existe?

—Vi-o.

—Viu o meu filho?

—Viu o, sim. E tambem o viu a minha querida e boa Lucila na passada semana.

—Como assim?

—Não se lembra, Lucila, de que o velho Rouvenat foi precipitado em um poço?...

—Sim, pelos miseraveis Parisel, pae e filho!... assassinos!...

—Achava-se n'aquelle ponto? viu commetter o crime, Lucila?

—Cheguei junto do poço quasi no momento em que o bom Rouvenat era precipitado no fundo; mas eu sei que Rouvenat foi salvo.

—Graças aos seus gritos, Lucila. Dois homens que se achavam proximos, e que os ouviram, correram logo para aquelle ponto, e acharam-se bruscamente na sua presença.

— Sim, recordo-me.

— Um d'esses homens era eu.

— E o outro, o outro?...

— Era Edmundo, o seu filho.

— O meu filho! o meu filho!... exclamou ella. E não o reconheci eu!

A pobre creatura appoiou-se cambaleando sobre o hombro de João Renaud.

Tornou-se-lhe radiante o olhar, e ergueu para o céu o rosto, em que transparecia a expressão de um reconhecimento infinito.





IX

Desventurada Lucila!

Ao cabo de um momento, e passada que foi aquella primeira commoção, a pobre Lucila continuou:

—João Renaud: n'esse momento ainda eu tinha diante dos olhos do espirito o véu, em que lhe fallei ha pouco.

«E depois tambem, sendo certo que durante tanto tempo havia procurado o meu filho, não podia realmente suppôr que elle estivesse tão perto de mim.

«N'aquella occasião o perigo, que o bom Rouvenat corria, fizera-me esquecer toda a prudencia: creio mesmo que o terrivel accidente, de que, sem querer, fôra testemunh , me havia transtornado completamente a cabeça.

«Nem mesmo tive tempo para ver o rosto do meu filho; não

vi senão as suas longas barbas brancas... Que lhe disse eu n'esse momento? Não sei... nem já me recordo...

«Sei apenas que me senti desde logo dominada pela convicção de que, se o meu velho amigo pudesse ser salvo, o seria pelos dois homens, a quem me dirigira, e afastei-me rapidamente com o receio de ser reconhecida.

«De sorte que o velho servidor de meu pae, o unico ente que n'este mundo se mostrou dedicado por mim no meio da minha desventura, a creatura boa e leal que nunca me esqueceu, o bondoso Pedro Rouvenat foi salvo por João Renaud e por o meu filho! Ah! é infinita a bondade de Deus!

—N'aquelle terrivel lance, Lucila, o procedimento do seu filho foi verdadeiramente admiravel. E' a elle, a elle principalmente, que Rouvenat deve a vida.

—Seja mil vezes bendita a Providencia d'vina. O filho pagou até certo ponto a divida de gratidão da sua desgraçada mãe.

«E agora, meu bom amigo, tenho muitas perguntas a dirigir-lhe; desejo saber muitas coisas que ignoro.

«Diga-me em primeiro logar como foi que o meu filho veio ao Seuillon, como pôde elle fazer-se reconhecer.

«Pedro Rouvenat é bom e generoso, e abriu de certo os braços ao meu filho; mas meu pae, de que modo o recebeu elle?

—Lucila: o seu filho não conhece ainda senão uma parte do segredo do seu nascimento.

«Por motivos especiaes, que hei de explicar-lhe, entendi que devia occultar-lhe por agora que sua mãe se chama Lucila Mellier, e que é neto do rico proprietario do Seuillon.

«Não chegou mesmo a entrar na herdade, e encontrou se duas vezes em presença de Pedro Rouvenat, que não o reconheceu. Sabe que seu pae morreu assassinado — fui eu pro-

prio que lh'o disse — mas acredita como toda a outra gente que o assassino foi João Renaud.

—Mas onde está elle? onde está o meu filho?

—Dois dias depois da noite em que o viu em minha companhia, Lucila, regressou para Paris.

—Para Paris? exclamou Lucila com expressão lamentosa.

—Tranquillise-se, Lucila. Elle indicou-me a sua morada, a qual eu fiz saber a Pedro Rouvenat hontem, no momento em que lhe disse que o filho de Lucila Mellier, que ha treze annos elle procura, viera a Frémicourt, passara como estranho diante do Senillon, que deve pertencer-lhe um dia, e tivera a immensa felicidade de lhe salvar a vida.

—E elle?

—Creio não precisar dizer-lhe, quão funda foi a alegria de que o bom Rouvenat ficou possuido. Hoje mesmo partiu para Paris o bom velho.

—Foi buscar o meu filho?

—Foi, sim, e ha de trazel-o consigo.

—E meu pae... sabe...?

—Jacques Mellier espera com impaciencia o seu neto.

—Ah! Deus é bom, é grande, é misericordioso!

—Esperando sempre e seu regresso, Lucila, o seu infeliz pae nunca quiz fazer testamento. No entretanto, não sabendo coisa alguma a seu respeito, e tendo todas as razões para supôr, que a morte podia talvez tel-a ferido, ficou decidido hontem, entre Jacques Mellier e Pedro Rouvenat, que logo depois do regresso d'este ultimo em companhia de Edmundo, Jacques Mellier mandaria chamar o seu tabellião, e reconheceria como seu neto e unico herdeiro o filho de Lucila, Edmundo Mellier.

—Ah! meu pae quer fazer isso? disse Lucila com voz tré-

mula de commoção. Muito bem, João Renaud, muito bem! O bom Deus tocou o coração de meu pae!

—Agora porém as intenções de seu pae vão ser modificadas, Lucila.

—Porque?

—Porque Jacques Mellier, logo que saiba que a sua filha existe, não pôde já ter receio de que a sua fortuna vá parar ás mãos dos Parisel, que são dois miseraveis.

—Pôde dizer que são dois scelerados da peor especie, dois assassinos.

—Rouvenat não quiz denunciá-los á justiça, e é opinião minha que fez mal. Os dois miseraveis, quando virem que lhes escapa sem remedio a fortuna de Jacques Mellier, hão de ficar cheios de raiva e de exaspero.

«Será esse o seu castigo, que valorá bem o que a justiça poderia infligir lhes. No entretanto a verdade é que não estou tranquillo, por saber que elles andam ainda por estes sitios.

—Eu sei isso.

—Tornou a vel-os?

—Muitas vezes. O filho vagueia todas as noites pelas immedições da herdade.

—Atrever-se-hão elles ainda...?

—De certo andam meditando alguma nova infamia, João Renaud: sabe que Francisco Parisel se apaixonou por a sua filha, e quiz a todo o transe casar com ella?

—Sim, sei isso, respondeu elle surdamente.

—Para satisfazer a sua paixão brutal e insensata, é capaz de tudo o miseravel. Tenho a convicção de que nem mesmo diante de um crime recuará. Na ausencia de Pedro Rouvenat, deve vigiar cuidadosamente a sua filha, João Renaud. Com taes scelerados ha tudo a receiar sempre.

No olhar de João Renaud fulgurou um terrível relampago de coler .

—Tenho ainda solidos os pulsos, Lucila, disse elle com os dentes cerrados. Se Francisco Parisel se atrevesse a tocar na minha filha, estrangulal o hia com as proprias mãos.

«Mas, não percamos tempo em fallar n'esses miseraveis... Sinto já que me está fervendo o sangue nas veias!

—Tem razão, João Renaud; temos outra coisas mais interessantes em que fallar...

—Lucila: quer que a conduza immediatamente para junto de seu pae?

—Não, oh! não, respondeu a desgraçada com um movimento de terror.

—O pobre velho está arrependido do que fez. Não é já a filha que elle maldiz, mas sim o seu furôr cego, que causou a desgraça da pobre Lucila.

«O desventurado tem expiado cruelmente o seu crime. O remorso e a dôr tem feito d'elle um verdadeiro martyr... Viu-o já alguma vez, desde que regressou a estes sitios, Lucila?

—Sim, uma vez unica, de longe.

—Achou n'elle uma profunda mudança, não é verdade?

—Sim, uma grande transformação!

—O infeliz Jacques Mellier nem parece já o mesmo homem! É uma sombra do que foi.

—Julga que elle me receberia bem?

—Já ha pouco disse, que o pobre homem vive cheio de arrependimento, principalmente por não ter tido compaixão com a sua filha Lucila: seu pae ha de abrir-lhe os braços, e está prompto a humilhar-se, e a implorar o seu perdão. Depois de a ter ferido com a sua maldição, ha de bemdizel-a.

—Mas... expulsou-me de casa, João Renaud!

—Está arrependido, Lucila, está arrependido!... De mais, no dia em que a desgraça aconteceu, no dia em que deixou o Seuillon, Lucila —vão passados depois d'isso dezenove annos — Jacques Mellier estava louco!... Mostrou-se implacavel o pae, mas a filha ha de ser indulgente, Seu pae amava-a, adorava-a, e julgou esse affecto estrangulado pelo seu resentimento.

«Mas pôde acaso o amor paternal ser destruido pelo commettimento de uma falta? Se assim fôsse, quantas desgraçadas, que se deixam illudir, as mais das vezes por ignorancia ou por fraqueza, ficariam eternamente perdidas! Não, não, Lucila; seu pae nunca deixou de a amar, adora-a agora mais talvez do que em outro tempo.

«Hoje a sua maior dôr, o seu tormento mais cruel é a ideia de que a repelliu em um momento de colera, e de que não comprehendeu que o seu dever era lastimal-a, consolal-a, e offerecer-lhe um refugio no seu coração.

A pobre Lucila chorava silenciosamente.

—João Renaud, tornou ella depois de um momento de silencio, e fallando com a voz entrecortada de lagrimas: havia jurado a mim propria, que nunca mais voltaria a entrar na casa de meu pae; mas a desgraça venceu o meu orgulho.

«Tambem eu estou muito mudada, João Renaud. A desventurada Lucila de hoje em nada se assemelha á menina do Seuillon de ha vinte annos. A dôr alquebrou-me; hoje estou sem força, sem energia, sem coragem.

«Ha já muito tempo que sinto o nada das coisas humanas. Córei considerando a estupidez do meu orgulho, e humilhei-me perante o Deus da eterna justiça, que fizera de mim uma das suas mais desgraçadas creaturas.

Não me atrevo a dizer, que nenhuma outra mulher soffreu

mais do que eu, João Renaud; não creio porém que exista alguma, que mais digna seja de compaixão!

«Deus compadeceu-se de mim, porque não só conservou o meu filho, mas até vae restituir-m'o. Ah! é uma felicidade, que eu não me atrevia já a esperar.

«Não posso dizer-lhe o que estou sentindo em mim; creio mesmo que não póde exprimir-se em palavras. Nem mesmo me recordo já do que tenho soffrido; julgava ter já vertido todas as minhas lagrimas, e, bem vê, choro ainda; mas são lagrimas de jubilo e de ventura as que ora derramo!

«As suas boas palavras, João Renaud, embriagaram o meu pobre coração, tranquillisaram a minha alma desfallecida e torturada, restituiram-me o coragem, e fizeram penetrar na minha alma uma alegria verdadeiramente Celeste e incomparavel.

«Chegou a tempo, meu amigo; estava completamente exgotada a minha coragem. Aniquilada pela desventura, julgando que não poderia já nunca mais vencer a fatalidade, ia deixar que o desespero levasse a cabo a sua obra de desanimo e de loucura!

«A sua voz, meu bom João Renaud, dissipou as trevas do meu pensamento; a allucinação deixou me como por encanto, os horrorosos monstros, que me torturavam, abandonaram-me repentinamente; agora não os vejo, não os ouço... Sinto que respiro mais facilmente; a minha alma está livre completamente dos seus terrores.

«Como está formosa a noite! Agora vejo as estrellas, que scintillam por sobre a minha cabeça, a afigura-se me que me sorriem.

«Abre-se diante dos meus olhos deslumbrados um novo horizonte illuminado. Deus de bondade e de misericordia, que

tiveste compaixão d'esta pobre mãe, que me restituiste o meu filho, sede bemdito!

De subito parou. Depois, segurando João Renaud por um dos braços, disse:

—Estamos no caminho do Seuillon, João Renaud. Para onde me conduz?

—Para casa de seu pae.

Lucila estremeceu.

—Não, hoje não, murmurou ella.

—Porque?

—Em que dia deve Pedro Rouvenat regressar de Paris com o meu filho?

—Deve ter chegado hoje de tarde a Paris, respondeu o velho João Renaud; e pôde talvez estar de volta amanhã á noite. Em todo o caso creio que não estará ausente mais do que tres dias.

—Pois bem, meu amigo; no dia em que o meu filho entrar no Seuillon, conduzido por Pedro Rouvenat, Lucila Mellier dará a sua mão a João Renaud para que a acompanhe para casa de seu pae. Não quero voltar a entrar na herdade, senão depois de que seja recebido ali o meu filho.

—Perdão, Lucila; agora não comprehendo o seu pensamento.

—Oh! não creia que obedeça agora a um qualquer sentimento de desconfiança, disse ella vivamente. Deposito em si a mais completa e inteira confiança.

«Desejo porém que Pedro Rouvenat e o meu filho estejam presentes. Além d'isto desejo tambem que até esse momento ninguem saiba...»

—Que existe Lucila Mellier, não é assim? perguntou João Renaud.

—Exactamente.

—Por mim prometto lhe que nem uma palavra pronunciarei, que possa dar ideia d'esse facto Mas d'esse modo precisará esconder-se...

—E' facil.

—De que modo?

—De dia permanecerei escondida no ponto mais sombrio e escuro do bosque, e é isto o que eu faço ha mais de um mez: de noite, se o amigo João Renaud quizer, poderemos encontrar-nos aqui ou ali, e conversaremos a respeito do meu filho... a respeito dos nossos filhos.

João Renaud abanou a cabeça.

—Minha querida Lucila, disse elle tristemente: será acaso intenção sua continuar a sua vida errante?

—Tres dias depressa passam, respondeu Lucila Mellier, entreabrindo os labios em um dôce sorriso.

—Não, não pôde ser assim... Na choupana do pastor existem dois quartos e duas câmas. Iremos habitar juntos ali. Esperaremos assim o regresso de Pedro Rouvenat.

Lucila reflectiu durante um momento. Depois respondeu:

—Pois bem; seja assim.

—Foi pois no bosque do Seuillon que se occultou durante o ultimo mez?

—Foi, sim.

—Oh! desgraçada creatura!... E de que modo viveu? como conseguiu alimentar-se?

—Nos dois primeiros dias bebi agua apenas, respondeu Lucila, e nenhuma outro alimento tomei; no terceiro dia porém senti mais duramente a atroz tortura da fome. Para a acalmar comi folhas e raizes de arbustos.

—Oh! é horrivel, horrivel! murmurou João Renaud com voz abafada.

—Possuia ainda algum gínheiro, continuou ella. Até mesmo possuo ainda uma duzia de francos, e poderia ter ido comprar provisões em Frémicourt, em Sæure, em Civry, ou em Artemont.

«Poderia tambem ter mendigado, como tantas vezes fiz desde o desgraçado momento em que me vi separada do meu filho; embargou-me porém o passo o receio de ser reconhecida. Não, não queria que alguém visse em mim a filha desgraçada de Jacques Mellier... Prefiriria morrer de fome.

--E isso a dois passos da casa de seu pae, Lucila! exclamou dolorosamente João Renaud.

A filha de Jacques Mellier soltou um fundo suspiro.

—A sua voz, meu bom João Renaud, replicou ella com accento de suave tristeza, não me havia dito ainda, que a fatalidade ia cessar de me perseguir, e que o Deus generoso e bom não havia ratificado a maldição paterna senão por um tempo limitado!

E, depois de uma breve pausa, Lucila Mellier continuou:

—Ao entardecer do quarto dia encontrei o velho Fremy, o cego de Sueure, conduzido pelo meio do bosque por o seu cão.

«Voltava de fazer uma longa digressão de mendicancia, e trazia a sacola cheia de bocados de pão, e entre elles uns pedaços de queijo e de carne.

«Comprei-lhe ametade d'aquellas provisões. O cego ficou contentissimo por se ver possuidor de umas poucas de moedas de cobre, e eu tinha garantida a minha existencia para mais de uns oito dias.

«Antes de nos separarmos, elle para continuar o seu caminho, e eu para ir esconder no bosque as minhas provisões, ficou convencionado entre nós que todas as segundas feiras,

depois do anoitecer, iria eu procural-o na sua cabana em Saeure, e lhe compraria uma parte das esmolas, que por ventura elle tivesse recebido no domingo. Eis de que modo, João Renaud, eu consegui não morrer de fome.

—Oh! Lucila... se seu pae e Pedro Rouvenat soubessem isso, morreriam de dôr!

—Diga-me, João Renaud: o meu filho reside habitualmente em Paris?

—Reside, sim.

—Trabalha? Tem uma profissão, um modo de vida? Por que razão veio elle a estes sitios? Sabe acaso o motivo, que induziu o meu filho a vir aqui, João Renaud?

—Sei-o, Lucila, e vou dizer-lh'ô.

E em seguida, no menor numero de palavras, que era possivel, João Renaud contou a Lucila tudo o que sabia ácerca de Edmundo e de Jeronymo Greluche, que o recolhera e educara.

A pobre mãe ouvia-o com a maior attenção, e sem o interromper uma unica vez, mas não sem verter lagrimas de intima commoção.

—Por ahí se vê, disse ella, logo que João Renaud cessou de fallar, que a Providencia nunca deixou de velar por o meu filho.

«Foi a Providencia que o conduziu a Saint-Irun, e em seguida a Frémicourt, onde encontrou o bom João Renaud.

«Ab! saber que o meu filho me não esqueceu, que tem por mim o mais carinhoso affecto, que alegria, que felicidade para o meu pobre coração ulcerado!

N'aquelle momento chegavam em face da casa do pastor. João Renaud abriu a porta, e entrou levando Lucila pela mão, parando com ella no primeiro compartimento.

Depois de accender uma lanterna, fêl-a entrar no segundo compartimento, ao mesmo tempo que lhe dizia:

—Eis o quarto que foi posto á minha disposição, e que lhe fica pertencendo desde este momento. Ficarâ aqui installada provisoriamente, e ninguem poderâ penetrar aqui sem a sua permissão.

«A porta, que dá sahida para o jardim, tem uma chave, e esta pôde fechar-se por dentro com aquelle ferrolho.

«E agora deve estar fatigada, Lucila; e por isso, apesar do grande desejo que eu teria de saber sem perda de tempo que vida tem sido a sua desde o dia, em que, separada do seu filho, foi levada por uns saltimbancos para o hospital de Gray, prefiro deixal-a dormir e descançar.

«Mas amanhã ha de contar me tudo, não é verdade? Tere-mos todo o dia para conversar.

—Sim, meu amigo, contar-lhe-hei em todos os seus detalhes a historia das minhas miserias e dos meus soffrimentos.

«Nada lhe occultarei, João Renaud; e a quem poderia eu dizer tudo, que melhor me comprehendesse, do que ao homem que tanto tem soffrido, e que, depois de haver salvo o meu filho do desespero, acaba de lançar na minha alma a esperança mais radiante e mais consoladora?

—Levantar-me-hei muito cedo, replicou João Renaud; irei á herdade buscar um cabaz de provisões, e voltarei aqui em seguida para almoçarmos juntos.

Os pallidos labios de Lucila descerraram-se em um dôce sorriso.

—Amanhã, disse ella, verá que estou perfeitamente serena e tranquillã. Estarei já preparada para a immensa alegria, que me prometteu, de tornar a ver, e beijar o meu filho.

Sinto porém que careço de algumas horas de repouso para o corpo, e de recolhimento para o espirito.

Em seguida, estendendo a mão ao velho, acrescentou:

—Até amanhã, João Renaud; até amanhã.

E separaram-se.

João Renaud foi lançar-se mesmo assim vestido sobre a pobre cama do pastor.

De joelhos no meio do quarto, com as mãos erguidas e a cabeça inclinada para sobre o peito, a pobre Lucila orou durante longo espaço de tempo com fervor.



X

Um espião feminino

Tinha acabado de bater uma hora da madrugada, João Renaud dormia profundamente. Lucila acabava de apagar a lanterna.

No momento porém em que ia lançar-se vestida sobre a cama, exactamente como fizera João Renaud no quarto contíguo, sentira a necessidade de respirar a plenos pulmões o ar da noite.

Abrira pois a janella, e curvara-se um pouco sobre o peitoril.

O ar, que se respirava ali, era embalsamado pelo delicioso perfume das flôres do proximo jardim.

Com o olhar absorto no infinito, e deixando fluctuar o pen-

samento nos sonhos dourados de um futuro tranquillo e sereno junto do filho, de que tantos e tão longos annos estivera separada, cahiu a pouco e pouco em uma especie de extasis.

Decorreu assim um tempo bastante longo.

De súbito, um ruido de passos perturbou o silencio profundo que em redor d'ella reinava. Instintivamente retirou um pouco o corpo para a rectaguarda.

Reflectindo, porém, logo no primeiro momento, que nada tinha a receiar alli, approximou-se de novo da janella, e applicou o ouvido.

Ouviu de novo o ruido dos passos que parecia produzir-se agora mais perto ainda do ponto em que se achava. Depois tendo cessado subitamente aquelle ruido de passos, ouviu um cochichar de vozes cautelosas.

—Quem pode estar por estes sitios a taes horas? perguntou ella a si propria.

Uma voz intima, e como instinctiva respondeu-lhe:

—Os Parisel de certo!

Pareceu-lhe que os dois passeiantes nocturnos acabavam de parar cautelosamente por de raz da alta sebe, que rodeiava o jardim.

Mas seriam elles realmente os seus dois parentes Parisel, pae e filho?

Em todo o caso os dois personagens, que estavam ali conversando a poucos passos de distancia, ignoravam de certo que estivesse alguém na casa do pastor.

Já uma vez tinha ouvido a conversa dos seus dois miseraveis parentes, e agora sabia bem que elles eram capazes de todas as maldades.

—Se são elles com effeito, disse Lucila de si para si, estão de certo a preparar alguma nova infamia!

Mas os dois individuos, que provavelmente estavam parados por detraz da sebe, fallavam em voz baixa.

Lucila nada podia ouvir, apesar dos grandes esforços que fazia no intuito de comprehender uma ou outra palavra isolada.

Occorreu-lhe a ideia de saltar pela janella para o jardim.

Não podia porém fazel-o sem ruido, por isso que a distancia, que a separava do solo, era de perto de dois metros.

Ora o menor ruido, que por ventura fizesse, podia fazer afastar d'ali os conversadores, e não era isso o que ella queria.

O quarto estava em uma escuridão completa; mas ella conhecia muito bem aquelles logares, que nenhuma alteração haviam soffrido desde o tempo em que vivera no Seuillon, e sabia por isso bem onde estava a porta.

Não precisou pois precural-a muito, mesmo no meio da escuridão.

A chave estava na fechadura. Deu-lhe volta com precaução, e usando de prudencia em todos os seus movimentos, entreabriu a porta, que não fez ouvir senão um leve rangido no momento de girar sobre os gonzos.

Lucila sabiu cautelosamente para o jardim.

Os dois conversadores nocturnos, não podendo desconfiar de modo algum de que alguem pudesse espreital-os, nada tinham ouvido.

Lucila avançou com passos lentos, contendo a respiração, e quasi nem pousando os pés no chão. Chegada que foi junto da sebe, estendeu-se ao comprido sobre a herva.

.....

N'aquella mesma noite, perto das onze horas, em quanto João Renaud, escondido na margem da Sableuse, esperava a

aparição do fantasma, tão fallado entre os habitantes de Frémicourt, tudo dormia já profundamente no Seuillon. Gertrudes, que exercia o seu mister de espião por conta do garboso Francisco, havia sahido do seu quarto para correr á sua entrevista.

O filho do velho Parisel começava já a sentir-se cheio de impaciencia.

— Por que razão chegas hoje tão tarde? lhe perguntou elle em tom rude.

— Não foi minha a culpa, respondeu ella. Ninguem se deitou hoje na herdade senão depois das dez horas.

— Ah! isso é differente. Passou-se acaso alguma coisa extraordinaria no Seuillon?

— Ha novidade, ha.

— Diz, diz depressa.

— Em primeiro logar devo dizer-te a razão porque todos se deitaram tarde na herdade. Como é amanhã a festa de S. Pedro, o velho Mellier, depois da refeição da tarde, mandou distribuir vinho aos ceifeiros, e houve na herdade uma pequena festa.

— Em honra de Rouvenat, cujo primeiro nome é Pedro, murmurou o garboso Francisco com voz concentrada.

— A menina cantou.

Os labios de Parisel contrahiram-se em um sinistro sorriso.

— Bem, bem, disse elle com expressão quasi furiosa; nenhuma necessidade tenho de saber essas coisas. Disseste ha pouco que ha novidade na herdade; diz depressa.

— Hontem appareceu na herdade o velho mendigo Mardoché. Pedro Rouvenat fel-o subir ao quarto da menina Branca, onde o velho ficou encerrado com ella durante mais de uma hora.

—Oh! oh! isso é realmente singular! Preciso vigiar de perto esse velho louco.

Tenho já contra elle umas certas razões de queixa... que tenha cuidado!... Se me força a ir procural-o no seu covil das pedras, não mais tornará a descer ao valle.

—O pobre homem não é de certo muito perigoso... murmurou Gertrudes com surpresa.

—Não gesto d'elle.

—Que te fez elle?

—Com isso nada tens tu. Pudeste acaso saber o que se passou entre elle e Branca?

—Não. Vi porem que a menina Branca, á noite, quando desceu do seu quarto, se mostrava cheia de contentamento.

—Que quererá dizer tudo isto? perguntou a si proprio Francisco Parisel, que tinha contrahido o semblante.

—Ao mesmo tempo Jacques Mellier e Pedro Rouvenat pareciam tambem muito contentes, tornou a creada Gertrudes

—Essa alegria tinha de certo uma causa qualquer. Qual seria ella? Não ouviste algumas palavras que pudessem dar-te ideia do motivo d'esse facto?

—Nada absolutamente. Sabes muito bem como elles são reservados; nunca fallam. Quando querem conversar uns com os outros, encerram-se nos seus quartos.

—Sim, tens razão, resmungou o garboso Francisco, retorcendo os bigodes. É a casa do silencio e do mysterio.

—Mas ainda isto não é tudo. Hoje de manhã o velho Rouvenat partiu para Paris.

O garboso Francisco endireitou se com o olhar relampagueante.

—Foi para Paris Rouvenat, dizes tu? repetiu elle.

—Foi, sim.

—Fazer o quê?

—Quer-me parecer que, á excepção do sr. Mellier, e talvez tambem da menina Branca, ninguem sabe coisa alguma na herdade.

—Ah! eis o que seria muito conveniente descobrir-se.

—Devemos suppôr, que uma qualquer questão muito importante...

—De certo, de certo. Pedro Rouvenat não foi provavelmente a Paris para se divertir. Verdade é que mesmo na herdade ha negocios muito importantes... Oh! é singular!

E, curvando a cabeça sobre o peito, pareceu ficar durante um longo espaço absorto em meditação profunda.

De momento a momento refulgia-lhe no olhar um estranho clarão.

—Hoje, tornou ainda a creada Gertrudes, o sr. Mellier escreveu ao tabellião de Saint-Irun.

—Ao tabellião! escreveu ao tabellião! exclamou com manifesto espanto o garboso Francisco.

—Fui eu que entreguei a carta ao distribuidor quando vinha de Civry, e pude ler o sobrescripto.

O moço camponez permanecia immovel e como fulminado, com o olhar desvairado, horrivelmente contrahidas as feições, e os labios lividos e tremulos.

De subito modificou-se-lhe completamente a expressão da phisionomia. Ordinariamente dura e astuciosa, mostrava agora uns longes de ferocidade.

Os labios contrahiam-se-lhe em um sorriso cruel. Agitava-lhe os membros um violento tremor convulsivo; os dentes rangiam-lhe uns contra os outros.

Devia ser horroroso o que no seu intimo se estava passando.

—Branca está alegre, murmurou elle em tom guttural; Rouvenat partiu para Paris, e Jacques Mellier escreveu ao seu tabellião... Comprehando... comprehendendo....

—O que é? perguntou timidamente a creada Gertrudes.

Francisco Parisel olhou para ella com expressão de colera. A desgraçada estremeceu de terrôr, e recuou vivamente dois passos.

—Muito bem, muito bem, tornou elle com um accento in-traduzivel, e com os labios tremulos e contrahidos, irei pessoalmente levar as minhas felici ações á noiva.

É fugiu-lhe de entre os labios uma gargalhada secca e estridente.

Gertrudes, com os olhos desmesuradamente abertos, e immovel em face do garboso Francisco, olhava para elle com manifesta estupefacção.

Não comprehendia a razão d'aquelles esgares e d'aquellas palavras um pouco mysteriosas; presentia porem que havia em tudo aquillo uma qualquer coisa seria e terrivel.

O garboso Francisco ficou silencioso durante alguns momentos.

Depois, approximando-se mais ainda da creada Gertrudes, disse-lhe baixando um pouco a voz:

—Na proxima noite hei de entrar na herdade, Gertrudes,

—Horrorisa-me a expressão do teu olhar, Francisco! replicou o espião feminiac. Que ideia é a tua? Por que razão queres tu penetrar de noite na herdade?

O moço Parisel agarrou-lhe em um braço, e apertou-lh'o com força, a ponto de quasi lhe enterrar os dedos pelas carnes dentro.

—Oh! vê que me fazes mal! exclamou ella.

—Já mais de uma vez te tenho dito, que não quero ser in-

terrogado. E's demasiadamente curiosa, e é preciso que de uma vez para sempre te corrijas d'esse defeito. Entendes bem?

—Descança, Francisco; não mais te interrogarei.

—Bem; bom será isso. Escuta o que vou dizer-te, para saberes o que terás de fazer na proxima noite. A' meia noite deverás abrir-me a porta pequena. Feito isto, voltarás logo em seguida para o teu quarto.

—Mas é que... balbuciou Gertrudes.

—Não ha aqui mas que valha, atalhou elle com accento imperioso. Quero que assim seja e ha de ser.

A creada Gertrudes começou a tremer.

—Comprehendeste bem o que de ti exijo? tornou elle.

—Sim... murmurou Gertrudes.

—A' meia noite, amanhã...

—Abrirei a porta pequena.

—Estarei a essa hora no jardim.

—Francisco, tu nada queres dizer-me... e todavia parece-me que deveria saber...

—Nada precisas saber, respondeu elle bruscamente.

—Tem cuidado, Francisco, vê bem o que vaes fazer. Sinto em mim um presentimento, que me adverte de que estamos ameaçados d'uma desgraça.

—Nada temo, replicou elle surdamente. Só as mulheres teem medo. Que demonio! és ave de mau agoiro, Gertrudes!

—Tenho medo, Francisco, tenho medo.

—Adeus; estás louca!

—Não sei o que se passa em ti, Francisco; mas é certo que me assusta o teu olhar.

O miseravel contrahiui de novo os labios em um sorriso de demonio.

—Escuta, Francisco, insistiu ainda Gertrudes; tenho medo

de que penses em commetter alguma acção má, que possa comprometter-te.

—Cala-te, cala te, que não sabes o que dizes.

A creada abanou a cabeça, e olhou para elle fixamente.

Dir-se-hia que procurava a todo o transe adivinhar o segredo dos seus pensamentos.

—Agora vaes recolher-te, disse elle ao cabo de um momento de silencio. Ver-nos-hemos de novo amanhã á meia noite. Não te esqueças.

—A' meia noite, sim.

—Boa noite, Gertrudes!

—Boa noite, Francisco!

O garboso Francisco deu alguns passos para se afastar. Gertrudes correu após elle.

—Francisco, lhe disse ella, com voz hesitante, ao mesmo tempo que o segurava por um braço; confesso que me sinto cheia de inquietação. Diz-me a razão, porque queres ir na proxima noite á herdade...

—Ah! que curiosidade! disse elle, franzindo as sobrancelhas e fallando com mau modo.

—Não é curiosidade, Francisco; é susto.

—Pois bem, tornou elle em tom breve; é absolutamente necessario, que eu saiba a razão porque Rouvenat foi a Paris. Quero ir perguntal-o á menina Branca.

—Mas a essa hora estará ella deitada e a dormir.

—Embora; acordal-a-hei.

—E se ella não souber coisa alguma?

—Tenho a certeza do contrario.

—Nota, porem, Francisco, que a menina Branca, ainda mesmo que saiba o que o padrinho foi fazer a Paris, ha de recusar-se a responder-te.

—Tenho maneira de a obrigar a fallar.

—N'esse caso nada tenho que dizer mais.

—Estás satisfeita?

—Sim.

—Ficas tranquilla?

—Não muito. Parece-me muito ousado o que queres fazer.

—Sei isso tão bem como tu. E' tarde porém; devemos separar-nos.

—Uma palavra apenas.

—Diz, diz depressa.

—Amas me ainda, Francisco?

—Que pergunta essa! Está visto que sim!

—E lembras-te da tua promessa?

—Lembro, sim.

—Serei tua mulher muito depressa?

—Sim, logo que meu pae consiga ser senhor do Senillon. E' negocio concluido.

—Jura, Francisco.

O filho do velho Parisel encolheu os hombros com manifesta impaciencia.

—Prometto-t'ó, juro-t'ó, tudo o que tu quizeres, disse friamente. Com esta são de certo já viute vezes que te faço este juramento.

—Ah! é que se me enganasses, Francisco...

—Bem; agora põe-te ahi a dizer asneiras!

—Não, não creio que deva ter esse receio. Deposito em ti a mais completa e absoluta confiança. Bem vês que me presto a fazer tudo o que me pedes, que faça.

—E' que obedecendo-me, isto é, prestando-nos serviço, a mim e a meu pae, trabalhas não só para nós, mas tambem para ti, Gertrudes.

—Sim, tens razão.

—Queremos a todo o transe haver ás mãos a herança do primo Jacques Mellier, e é preciso que não nos escape. Eis a razão porque eu não recuo ante coisa alguma.

—Em todo o caso sê prudente, Francisco.

—Descança, sei muito bem o que hei de fazer e não preciso conselhos. Até amanhã.

E afastou-se rapidamente.

A creada Gertrudes encaminhou-se para a herdade com passos lentos, e de cabeça baixa.

Sentia-se opprimida.

Afigurava-se-lhe que tinha sobre os hombros e sobre o peito um peso enorme.

O garboso Francisco não tinha conseguido tranquillisa-la completamente.

Gertrudes conhecia que Parisel lhe não havia dito toda a verdade.

Faltava-lhe a intelligencia, é verdade; mas em compensação tinha o instincto da mulher que ama, e esse instincto segredava-lhe que pairava um grande perigo sobre a cabeça do homem que amava.

Mas, incapaz de raciocinar, porque para tanto lhe não chegava o espirito, não podia achar a explicação dos seus terrores, e menos ainda descobrir o verdadeiro incentivo, que determinava o estranho procedimento do garboso Francisco.

Este ultimo, momentos depois de se separar da creada Gertrudes, ia encontrar-se com seu pae, que o esperava por detraz dos estabulos da herdade, deitado no meio de um campo de feno.



X

Conversa nocturna

—Fallaste com a creada? perguntou o velho Parisel ao seu filho logo que este se approximou. Que te disse ella? O nosso querido primo não está disposto a marchar d'esta para melhor?

—Parece não estar ainda muito resolvido a isso, respondeu o garboso Francisco. E' como Rouvenat; tem a vida dura, e a alma presa devéras ao corpo.

—Pois é preciso que te diga, que começo a estar cansado d'este nosso modo de vida.

—Nada • obriga a viver assim.

—Ingrato que és, Francisco! Bem deves conhecer que, se fiques por estes sitios, depois de haver falhado a perigosa em-

preza que tentaramos, foi única e exclusivamente por tua causa.

—Que excellente pae eu tenho! replicou Francisco Parisel com ironia. E eu que julgava que estava esperando a occasião de tirar a desforra!

—Não, já não penso em Rouvenat, desde que o diabo se incumbiu de o tirar do fundo do pôço, em que o precipitamos. Escuta, Francisco: o odio é mau conselheiro, e levou-nos a proceder como dois imbecis.

Desde o momento em que tão parvamente te fizeras expulsar da herdade, devíamos ter deixado Pedro Rouvenat, e dirigir os nossos ataques contra Jacques Meillier, que está meio louco.

Não sei que caprichos são aquelles que lhe passam constantemente pelo espirito. Tem de certo alguma outra preocupação mais do que o desgosto de haver perdido a filha.

Quasi sempre encerrado no seu quarto, não recebendo nem querendo ver pessoa alguma, a sua existencia mysteriosa é motivo de surpresa para toda a gente.

«Pois bem; se um dia tivesse sido encontrado morto no seu quarto, dir-se-hia: «Jacques Meillier suicidou-se de certo. Verdade é que nos ultimos tempos dava os mais manifestos indicios de alienação mental.» E toda a gente teria julgado verdadeira e incontestavel está razão.

Sem que de modo algum se desconfiasse de que teríamos sido nós que lhe passaríamos a corda em volta do pescoço conseguiríamos haver ás mãos a herança, e n'este momento estaríamos dormindo regaladamente nas excellentes camas do Seuillon. Agora é já tarde para isso.

—Tarde, porquê?

—Porque, depois do facto acontecido com Pedro Rouvenat, poderia já por-se em duvida que a morte de Jacques fôsse de

vida a suicídio. A justiça havia de querer investigar, e... Não, não devemos pensar em nos desembaraçarmos de Jacques Mellier por esse meio.

—Em todo o caso, se é certo que o diabo correu a outra noite em soccorro de Rouvenat, devemos também pensar que nos protege igualmente a nós.

E' evidente que o velho caturra nos não reconheceu, e não desconfia de que fomos nós que o atacámos, porque de outro modo ter-se-hia apressado a denunciar-nos, e andariam já os gendarmes em nossa perseguição.

O velho Parisel abanou a cabeça.

—Pedro Rouvenat é um grande espertalhão, respondeu elle, e não é sem razão que eu desconfio d'elle ha já muito tempo.

Tenho a convicção de que elle sabe perfeitamente, que fomos nós que o precipitamos no pôço, e a prova d'este facto está em elle ter feito acreditar aos creados da herdade, que havia cabido no pôço, em consequencia de uma perturbação de cabeça.

Para mim é de fé que não nos denunciou, pelo facto de sermos os parentes mais proximos do homem, a quem serve.

—Havemos de agradecer a sua generosidade, tornou ironicamente o garboso Francisco.

—Antes de haveres sido despedido da herdade, era excelente a nossa situação. Tu, com as tuas imprudencias e asneiras, comprometteste tudo.

Felizmente Mellier não poderá ter vida longa, e portanto, em quanto não pensar em fazer testamento, não devemos julgar perdida a questão.

—Ha de fazel-o.

—Como assim?

—Ha de fazel-o, repito.

—Mas tens algum indício, alguma razão para...?

—Tenho a convicção íntima, de que está resolvido a fazer testamento.

—Ah! se eu soubesse a certeza...

—Que faria?

Nos olhos do velho Parisel brilhou um relampago sinistro.

—Não, não sei, respondeu elle surdamente; mas procuraria evitar por todos os modos que elle nos desherdasse!

—Ignoro quais são as verdadeiras intenções do nosso primo Mellier; tenho porém todas as razões para suppôr, que pensa em garantir o futuro da filha de João Renaud.

—Mas naturalmente não lhe deixará tudo o que possui, balbuciou o Parisel pae. No fim de contas Branca não é para elle mais do que uma pessoa estranha.

—Jacques Mellier não tem vontade própria, bem sabe. É um velho tonto, que faz e diz, tudo o que Pedro Rouvenat lhe diz que deve dizer e fazer. Para elle as palavras de Rouvenat são textos do evangelho!

—Sim, isso é verdade. Miseravel Rouvenat! Se por causa d'elle ficamos desherdados, mata-o-hei, palavra de honra!

—N'essa occasião já isso não será remedio para a catastrophe, replicou Francisco, encolhendo desdenhosamente os hombros. Vou dizer-lhe o que acabo de saber...

—Diz, diz.

—Pedro Rouvenat partiu hoje de manhã para Paris.

—Oh! quiz ir ver a capital! exclamou o velho com um sorriso sarcástico.

—E hoje de dia, continuou o garboso Francisco, Jacques Mellier escreveu ao seu tabellião.

—Para o testamento?

—Ou talvez para alguma escriptura de casamento, replicou

Francisco Parisel com voz sombria, e cerrando os punhos com raiva.

—Para uma escriptura de casamento! repetiu o velho com surpresa.

—Sim.

—Pensará acaso o velho Mellier em se casar outra vez, para mais facilmente nos desherdar?

O moço Parisel encolheu os hombros.

—Não comprehendeu a minha ideia, disse elle.

—Explica-te.

—É decerto Branca quem vae casar.

—Jacques Mellier ha de dar lhe um grande dote; cem mil francos, talvez. É uma somma enorme, mas a verdade é que está no seu direito, e que não temos meio de obstar a isso. Como soubeste tu que se trata do casamento de Branca?

—Adivinhei.

—Sim, essa supposição explica com effeito a carta de Jacques Mellier ao tabellião. Mas o que eu não vejo é a razão da ida de Pedro Rouvenat a Paris.

—Naturalmente tem por causa tambem o casamento de Branca.

—O casamento de Branca? Confesso-te que ainda não comprehendo.

—Escute-me, e comprehenderá.

—Diz, diz depressa; affirmo-te que estou impaciente por saber...

—Ha apenas alguns dias appareceu por estes sitios um pe-timetre da cidade, de Paris, que encontrou Branca muitas vezes, e que lhe fallou.

A filha de João Renaud, que me desprezou, e que não quiz corresponder ao meu amor, cuviu com o sorriso nos labios

todas as patéticas, que quiz dizer-lhe o patarata das mãos alvas. Sei que ella o ama.

As raparigas são todas umas como as outras; deixam-se illudir pelas palavras assucaradas, e pelas bonitas maneiras. De ordinário gostam de uns manequins, com figuras de tísicos...

«O parisiense em questão, uma especie de aventureiro, que provavelmente não tem onde caia morto, foi muito mal recebido por Pedro Rouvenat, que, segundo as minhas informações, lhe disse, como dissera já a todos os outros que antes se haviam apresentado: «E' inutil pensar em Branca; ella não quer casar.»

Ora depois d'essas explicações, o petimetre fallou com o velho mendigo Mardoche, fez-lhe as suas confidencias, e naturalmente incumbiu-o de dizer uma coisa e outra a Branca e a Pedro Rouvenat.

Logo depois tornou a partir para Paris, o que eu soube por uma conversa que tive com o creado da hospedaria dos *Dois Cães*.

«Mais tarde o mendigo, que é um velhaco de primeira força, e que achou meio de se fazer confidente de Branca, appareceu na herdade, onde permaneceu durante mais de uma hora em conferencia secreta com Pedro Rouvenat e com a sua afilhada.

Que foi o que n'essa conferencia se passou? Que disseram elles uns aos outros? Sobre esse ponto nada pôde dizer-me a creada Gertrudes. Mas hoje de manhã Pedro Rouvenat partiu para Paris, e isto explica tudo: foi procurar o apaixonado de Branca. Esta ultima, que andava triste e chorosa, appareceu hontem á noite risonha e cheia de alegria. Só um estúpido não comprehende isto.

O velho Parisel parou bruscamente, e, olhando pára o filho, disse com uma expressão manifesta de admiração:

—Decididamente és um rapaz intelligente e perspicaz!

O garboso Francisco contrahiou os labios em um falso sorriso.

— Se esse rapaz de Paris, tornou o pae Parisel, é pobre, como suppões, admiro-me de que Jacques Mellier e Pedro Rouvenat se prestem a dar-lhe Branca em casamento.

—Ella... ama-o! respondeu o garboso Francisco com a voz estrangulada na garganta.

—Sim, para Rouvenat, que não vê outra terra senão a que a afilhada pisa, é essa uma razão de peso.

—Mas ha ainda uma outra.

—Qual é?

—Branca tem sido já muitas vezes pedida em casamento; tem se-lhe offerecido partidos excellentes...

—Teem, sim; mas que relação...?

—A verdade é que nenhum d'esses pretendentes obteve uma solução favoravel ao seu pedido. Por que razão?! Esse ponto tambem tem uma explicação facil.

Não sabiam que a rapariga, conhecida com a denominação de menina do Seuillon, é filha do assassino João Renaud, e, para se lhes dar uma resposta affirmativa, era forçoso dizer-lhe a verdade inteira e completa.

Ora, como esta declaração não podia deixar de produzir um rompimento immediato, o velho Rouvenat, que é intelligente devéras, preferia responder negativamente desde logo.

D'este modo evitava um escandalo, que era obrigado. Todos quereriam casar com a filha de Jacques Mellier, com a herdeira do Seuillon; mas não com a filha de um assassino, de um presidiario de grilheta no pé!

«E portanto Branca não terá de certo muita facilidade em achar um casamento, que lhe convenha. Para mim é de fé que, sabendo quem ella é, nenhum d'aquelles, que a teem pedido em casamento quereria casar com ella, nem mesmo levando um dote de cem mil francos.

«Pedro Rouvenat comprehendeu isto perfeitamente. É provavel que o parisiense seja menos difficil, e que os seus prejuizos, se por ventura tem alguns, se calem e se amoldem ante a avultada somma do dote.

—Fallas como um advogado, palavra de honra... tornou o velho Parisel.

—Convencido agora de que d'esta vez poderá dizer sem perigo, que Branca é filha de João Renaud, Pedro Rouvenat resolveu-se a casal-a, e eis a razão porque partiu para Paris.

Caminhando com passos lentos ao lado um do outro, e conversando em voz baixa porque sabiam que, mesmo no meio da noite e no meio dos campos, podem existir aqui ou ali ouvidos indiscretos, o pae e o filho haviam chegado junto da sebe, que separava os jardins da casa do pastor.

Os dois homens assentaram-se sobre o tronco de uma velha arvore, que o vento derrubara quinze dias antes, e que havia sido provisoriamente encostada á sebe, afim de esperar ali o machado e a serra.

—O que acabas de dizer-me não é realmente muito tranquillizador para nós, tornou o velho Parisel.

Jacques Mellier não tem por nós um grande affecto, e ainda é motivo de surpresa para mim o facto de nos ter elle mostrado tanto agrado durante algum tempo.

Agora começo a sentir-me dominado pelo receio, de que seja realmente intenção sua dar á filha de João Renaud tudo o que possui.

—Estou convencido de que hão de leval-o a isso as sugestões de Rouvenat.

—Mas então ficamos roubados!

—Pode ter isso como certo, meu pae, respondeu Francisco.

O velho Parisel mostrou nos olhos um fulgor sinistro, que relampagueou no meio da escuridão da noite.

—Irei amanhã procurar Jacques Mellier, disse elle. Quero saber com o que posso contar.

—Naturalmente recusa-se a recebê-lo.

—E eu entrarei á força até onde possa encontrá-lo.

—E que lucrará com isso? Conhece-o bem; nada lhe dirá de certo.

—E pensar eu que elle tem no seu quarto, no seu cofre, mais de duzentos mil francos de valores diversos!

—E então?

—Se ao menos eu possuísse isso!

—Deve tomar o seu partido, e resignar-se, meu pae; não é para si essa fortuna, nada ha a esperar. Todos esses valores hão de constituir o dote da filha de João Renaud.

—Escuta, Francisco, tornou o velho Parisel, baixando mais ainda a voz: afigura-se-me que, se possuísse mesmo só o que o velho Mellier guarda no seu cofre, abandonaria de bom grado tudo o resto.

—Sim, seria esse um premio de consolação, como dizem na cidade os amantes de corridas, replicou o filho.

—Quando regressa Rouvenat de Paris? perguntou o velho.

—Não sei bem; d'aqui a dois ou tres dias.

—Mellier está sósinho, e eu sei que elle dorme tão profundamente como um morto.

—Sim, depois que lhe aconselharam o uso de um medicamento que tem opio.

— Pode muito bem entrar-se no seu quarto sem o acordar.

— Creio que sim.

— Sabes se elle continua a trazer na algibeira do colete a chave do cofre?

— Traz, sim.

— Em quanto elle dorme, pode tirar-se-lhe a chave, abrir o cofre, e...

— Atrever-se hia a isso, meu pae?

— De certo.

— E se Jacques Mellier acordar?

Nos olhos do miseravel brilhou um novo relampago sinistro.

— Se acordar... tanto peor para elle! respondeu elle com voz sombria.

— Realmente a aventura é para tentar, replicou o garboso Francisco depois de uma breve pausa. Duzentos mil francos, talvez mesmo tresentos mil! Se se obtem bom resultado — e com audacia tudo se consegue — arranja-se uma fortuna!

— Em seguida para o estrangeiro, ser-nos-ha facil partir, visto estarmos a dois passos da fronteira.

— Repartiremos?

— De certo; mas com uma condição.

— Qual é?

— Em primeiro logar é preciso que arranjes meio de fallar com a creada Gertrudes ámanhã de dia, afim de que, á noite, quando estiverem dormindo todos os habitantes da herdade, ella nos faculte a entrada na casa.

— Já está isso prevenido. A creada Gertrudes abrirá amanhã, á meia noite, a porta pequena do jardim.

O velho Parisel olhou para o filho com surpresa.

O garboso Francisco tinha os labios contrahidos no seu terrivel sorriso.

—Tiveste a mesma ideia que eu tive, Francisco? interrogou o velho.

—Não, respondeu elle bruscamente. Tive uma outra.

—Poderei sabel-a?

—Entraremos juntos na casa da herdade, tornou o filho.

—E' tambem assim que eu entendo que devem correr as coisas. Em quanto eu abrir o cofre, permanecerás tu junto da cama do velho, e, se este dormir com um somno muito leve, applicar-lhe-has sobre o rosto um pesado travesseiro para lhe tapares a bocca e os olhos.

O garboso Francisco abanou a cabeça.

—O pae ha de tratar sósinho da sua empreza, respondeu elle, em quanto que eu trabalharei para outro lado na minha.

—Que queres dizer?

Fôra precisamente no momento em que o velho Parisel fazia esta pergunta ao filho, que Lucila, sabindo da casa do pastor, se dirigira com passos cautelosos para a sebe, e se estendia junto d'esta sobre a herva.

Os olhos do garboso Francisco brilharam como os de um tigre.

—Quero fazer uma visita á formosa Branca, disse elle com expressão sarcastica. Desejo deixar-lhe uma recordação. Jurei a mim proprio, que havia de pertencer-me, e na proxima noite...

—Escuta, Francisco, disse o pae Parisel: essa paixão louca, de que deixaste dominar-te pela rapariguita, já foi para nós motivo de coisas desagradaveis, e por fim ha de perder-nos.

—Não sei o que sinto, replicou o filho. Afigura-se-me ás

vezes que tenho fogo nas veias e na cabeça. Ah! sim, amava-a... teria sacrificado tudo por ella...

—Mesmo teu pae?

—Sim, mesmo meu pae. Agora porem creio que a odeio mais ainda do que a amo! Quero...

—Mas ella não te ama, desgraçado! Logo que te presinta junto de si, bradará por soccorro!

—Estrangula-a-hei! rugiu elle com raiva.

—Has de perder-nos com essa loucura, repito.

—Eu de nada tenho medo, nada receio. Branca desprezame, Pedro Rouvenat expulsou-me, reduziram-me ao desespero, hei de vingar-me! Nem mesmo a vista da guilhotina e do carrasco poderia embargar-me o passo.

O velho Parisel, ouvindo pronunciar estas palavras sinistras, não pôde deixar de estremecer violentamente.

—De mais, accrescentou o garbozo Francisco com cynismo, desejo dar á formosa noiva o meu presente de noivado.

E, depois de pronunciar estas palavras, Francisco Parisel levantou-se. O velho imitou-o, e os dois homens afastaram-se com passos vagarosos.





XII

O que João Renaud pede á filha

Logo que o ruido dos passos dos dois homens deixou de se fazer ouvir, perdendo-se ao longe, Lucila, tremendo violentamente, ergueu-se junto da sebe.

Nos olhos brilhava-lhe um relampago de colera e de indignação; no pallido rosto transparecia-lhe uma expressão manifesta de terror.

Tinha ouvido, sem que perdesse uma palavra unica, a ultima parte da conversa do pae e do filho.

—E dá-se a taes creaturas o nome de homens! murmurou ella com repugnancia.

«Não, não são homens, são feras, são verdadeiros monstros! E não é já bastante terem querido assassinar Rouvenat; que-

rem satisfazer a sua raiva, o seu rancor com uma outra vingança odiosa e covardissima! Pobre Branca! Está tranquilla, feliz, e sem desconfiança sob a protecção de meu pae, e um perigo temeroso a ameaça! Pobre creança, innocente e sem força, seria para aquelle miseravel uma presa facil... Ah! foi o bom Deus que me inspirou a idéia de abrir a janella.

É Elle que me ordena, que defenda eu a filha de João Renaud.

«Agora melhor reconheço eu que desceu sobre mim o seu olhar misericordioso! Sim, hei de defendel a, hei de salvall-a! O miseravel ha de encontrar-me no seu caminho. Deus não pode permittir que se consumma uma tão odiosa infamia.

Nem sempre os bons e os innocentes hão de ser victimas dos maus e dos perversos. Ah! pobre Rouvenat, se soubesses o que se está tramando contra Branca, contra a filha dilecta do teu coração, arrepende-te-hias amargamente da tua generosidade.

A impunidade torna mais audaciosos os scelerados, é um estímulo para o mal... Depois de um crime, outro crime, e sempre victimas, sempre!

E, entrando de novo em casa, fechou a porta e a janella, e foi deitar-se sobre a cama. Não era com a intenção de dormir, não, pois sentia que não poderia conciliar o somno, tendo o cerebro tão povoado de pensamentos tumultuosos.

Para não assustar o pae de Branca, resolveu não lhe dizer coisa alguma ácerca do que ouvira.

Actuava n'ella o mesmo sentimento, que levara Pedro Rouvenat a não fallar no attentado, commettido contra elle pelos dois Parisel: repugnava-lhe fazer-se accusadora dos seus odiosos e terriveis parentes.

Procurou pois o meio de poder socorrer a donzella, e de



... e cobriu-lhe de beijos as faces (Pag. 301)

a salvar dos ataques selvagens do seu brutal adorador. Occorreu-lhe uma ideia, que lhe pareceu rasoavel, e adoptou-a.

Logo que os primeiros clarões do dia appareceram no horizonte, levantou-se. Como as aves matinaes, que esvoaçavam contentes no ar, saudou os primeiros raios do sol.

Ouvia o ruido das foices e as vozes dos trabalhadores, conversando e galhofando no prado.

Lembrou-se então da sua mocidade, da sua alegria simples e franca de outro tempo. Sentiu-se enternecida e saudosa, e as lagrimas deslisaram lhe vagarosas ao longo das faces emaciadas.

Aquella commoção, embora triste, pareceu-lhe deliciosa. Para ella, cuja vida havia tantos annos se passava entre as amarguras e os desesperos de uma profunda noite sem esperanza, era uma especie de ressurreição.

Depréssa poderia ver o seu filho, e poderia lançar-se aos pés de seu nae, que lhe retiraria a maldição, com que em outro tempo a fulminara, substituindo-a por uma benção affectuosa e cheia de amor. Que mais podia ella desejar?

Todavia, vendo os miseraveis andrajos com que se achava mal coberta, as suas pernas nuas rasgadas pelos espinhos dos silvados, e os sapatos meio despedaçados, que fingiam occultar-lhe os pés, não pôde deixar de se sentir dominada por um tal ou qual impulso de repugnancia. Subiu-lhe a côr ás faces, e sentiu-se envergonhada.

— Oh! não me atreverei a apparecer assim n'este estado em presença do meu filho! disse ella de si para si.

N'aquelle momento perguntou a si propria, como pudera viver em um tal abandono, em uma tão grande miseria. Pela primeira vez, depois de muitos annos tinha a consciencia da temerosa desgraça, que durante tanto tempo supportara.

—E fui eu que tive em outro tempo o nome de *menina do Seuillon!* murmurou Lucila com profunda tristeza.

De subito porem, sacudindo a cabeça como para expulsar aquelles pensamentos sombrios, mostrou no olhar um fulgor extraordinario, e illuminou-se-lhe o semblante.

O Deus misericordioso conservou-me o meu filho! exclamou ella. Não, já não sou a filha maldita!

*

*

*

Em quanto isto se passava, João Renaud, suppondo que Lucila estaria dormindo ainda, tinha se dirigido para a casa da herdade.

Depois de passeiar durante alguns momentos no pateo, entrou no jardim.

Branca, que n'aquelle dia se levantara mais cedo do que costumava, tratava dos seus arranjes matinaes. Approximando-se casualmente da janella do seu quarto, avistou seu pae.

Apressou-se a segurar as fartas tranças dos seus cabellos louros, e passados apenas alguns momentos achava-se no jardim.

Tomando entre as suas uma das mãos de João Renaud, e sem pronunciar uma palavra unica, conduziu-o para um caramanchel de verdura, que se achava a pequena distancia, e ali, com uma voz adoravel pelo affecto que n'ella transluzia, disse-lhe:

—Bom dia, meu querido papá! Aqui ninguem pode ver-nos. Abrace-me, beije a sua querida filha!

E, lançou os braços ao pescoço do feliz João Renaud.

João Renaud apertou a encantadora donzella de encontro ao coração, e cobriu-lhe de beijos as faces.

—Como eu o amo, pae querido! como me sinto feliz agora! cochichava ao ouvido do velho a voz deliciosa da donzella.

João Renaud, profundamente commovido e incapaz de pronunciar uma palavra unica, continuava a abraçal-a com paixão, com verdadeiro delirio. Sentia-a palpar de encontro ao coração.

Via aquelle olhar innocente, cheio da mais affectuosa candura, procurar o seu, e via aquellas faces rosadas e frescas, que se offereciam aos seus beijos, e ás suas caricias. Incomparavel embriaguez!

Passada que foi aquella primeira expansão, Branca murmurou:

—Foi n'este mesmo caramanchel, n'este mesmo lugar em que ora nos achamos, que Francisco Parisel me fez saber que era filha de João Renaud. N'esse momento julguei morrer, e cahi redondamente sem sentidos.

«Ah! estava bem longe de imaginar, que havia de estar hoje nos braços do meu querido pae, e que o beijaria tão jubilosamente, como o faço!... Não pude adormecer em toda a noite; o meu pensamento esteve sempre com o meu querido pae!

O velho João Renaud, que estava meio suffocado pela commoção, não pôde responder ainda a estas palavras senão com beijos e caricias.

—Estive lendo o seu processo, tornou Branca depois de uma breve pausa. Li-o tres vezes seguidas, decorei-o... sei-o todo

de cór! Os velhos jornaes, em que elle se encontra, ficaram molhados pelas minhas lagrimas.

Ah! meu querido pae, como foi grande, como foi generoso, como foi sublime o seu procedimento! Pensem os outros o que quizerem ácerca de João Renaud; eu tenho o mais enthu-siastico orgulho por ser filha de um tal homem!

—Filha querida! balbuciou o velho.

—Hei de amal-o tanto, pae adorado, que hei de fazer-lhe esquecer tudo o que soffreu!

—No dia em que soube que anjo era a minha filha, esqueci tudo! Deus recompensou-me generosamente, e creio que nada mais podia fazer por mim. Haverá n'este mundo uma felicidade, que possa comparar-se com a minha?

—É tambem o que eu penso; afigura-se-me demasiada a minha ventura... É tão bom amar, e saber, e ter a certeza de que ha n'este mundo alguém que nos ame!

—Se o bom Deus recusasse a felicidade aos seus anjos, a quem a daria Elle?

—O meu querido pae era bom, e todavia foi mais que ninguém desgraçado!

—Não fallemos do passado, mas sim do futuro, minha querida Branca. Terei agora a minha parte em todas as tuas alegrias. Vêr-te risonha e feliz, eis a minha aspiração unica. Agora já não tenho que pensar em mim.

—Incumbir-me hei eu d'esse cuidado, pae querido, respondeu Branca com um adoravel sorriso.

—Branca, disse o velho depois de um momento de silencio: quereria pedir-te uma coisa.

—Diga, diga depréssa, pae.

—Existem acaso na herdade alguns objectos, que em outro tempo tivessem pertencido a Lucila Mellier?

—Tudo o que era d'ella foi guardado preciosamente em um armario.

—E esse armario está...

—No quarto do meu padrinho.

—Existem então ahi vestidos, roupas brancas?...

—Sim, tudo o que pertenceu á pobre Lucila; não se deu para fóra um unico d'esses objectos. Tinha rendas de muito valor, joias, etc.; mas meu padrinho preferiu sempre comprar outras para mim, do que tocar n'aquellas, que eram sagradas para elle.

—Pois muito bem, filha; quereria que me desses um vestido de Lucila Mellier, o mais simples, o menos rico, e escuro tanto quanto possivel.

«Quereria tambem um chale, ou um d'esses outros objectos que as mulheres costumam lançar sobre os hombros, uma camisa, meias, sapatos... enfim um vestuario completo.

A donzella olhou para seu pae com surpresa.

—Encontrei hontem uma pobre mulher muito desgraçada, que mal tem com que cobrir as carnes, continuou João Renaud, respondendo á muda interrogação do olhar da filha. De-sejo dar-lhe um vestuario; com que possa agasalhar-se.

Branca tinha baixado os olhos, e parecia agora um pouco perturbada.

—Meu pae, disse ella por fim com intima commoção: quereria antes dar-lhe uma centena de francos da minha pequena bolsa particular para essa pobre mulher. Com essa somma poderia ella comprar muitas coisas.

—Não, não, respondeu vivamente João Renaud; não é dinheiro o que quero dar-lhe.

—Receio que o meu padrinho fique descontente. A verdade é que elle conserva os vestuarios, que pertenceram a Lucila,

como se fôsem verdadeiras reliquias... Ah! como elle amava a pobre Lucila!

—Tranquillisa-te, Branca; põe de parte esses receios. Rouvenat, quando souber que, a pedido meu, tocaste nos vestuários de Lucila, longe de censurar-te, ha de ficar contentissimo.

—Seja embora como fôr. Desde que meu pae me faz esse pedido, quero satisfazel-o. Prepararei logo uma trouxa com esses objectos, e mais tarde...

—Branca: quereria que tratasses d'essa questão immediatamente. Depréssa poderias reunir esses objectos, e eu esperaria aqui mesmo o teu regresso.

—Conheço eu acaso essa pobre mulher?

—Não, filha, não a conheces.

—É de Frémicourt, ou de Civry?

—Não posso dizer-t'ó, filha.

—É então segredo?

—É segredo, sim.

—N'esse caso não o interrogarei mais, sr. mysterioso.

—Poderás tambem metter dentro da trouxa alguns dos teus ganchos do cabello, um pente, tudo enfim o que é necessario a uma mulher para poder pentear-se.

—O meu querido pae está augmentando cada vez mais a minha curiosidade; mas, visto ser segredo... Espere-me aqui, meu pae; não me demorarei muito tempo.

E, leve como um passaro, lançou-se correndo para fóra do caramanchel. Passado apenas um quarto de hora tornou a apparecer com os objectos pedidos, embrulhados em um grande lenço.

—Está contente, pae querido? lhe perguntou a adoravel creança.

—Contentissimo, filha.

—Virá almoçar na herdade?

—Não, filha. Em quanto o nosso bom Rouvenat não regressar de Paris, tomarei as minhas refeições no meu quarto, e para isso virei logo buscar as competentes provisões.

—Vou eu propria preparal-as.

—Vê lá; vaes estragar me com mimos, como acontece ás vezes com as creanças.

—Não, meu querido; vou tratál-o, como se trata um pae, que se adora!

E, radiante de intimo jubilo, Branca saltou de novo ao pescoço do velho.

João Renaud voltou á choupana do pastor, depois de haver dado uma grande volta para não passar junto da casa da herdade.

Chegado que foi ali, bateu duas pequenas pancadas na porta do quarto de Lucila, que foi immediatamente abril-a.

—Ah! eil-a já levantada, lhe disse elle. Dormiu bem, Lucila?

—Não dormi, meu amigo, respondeu ella sorrindo. Não tive somno; mas sinto-me bem, sinto-me repousada de corpo e de espirito.

—Aqui tem, Lucila, tornou João Renaud, pousando a trouxa sobre a meza; isto é para si.

—O que é isso?

—Veja.

Lucila desatou as pontas do lenço, e viu logo um vestido e outros objectos de vestuario, que reconheceu.

Encheram-se-lhe de lagrimas os olhos, e do peito soltou-se-lhe um soluço.

—Ah! até n'isto pensou! murmurou ella dominada por vivissima commoção. Mas como pôde...?

—Fallei com a minha querida Branca... respondeu João Renaud sorrindo.

—E contou-lhe...?

—Nada absolutamente. Disse-lhe que queria dar esses vestuários a uma mulher muito pobre...

—Ah! e não lhe mentiu, não. Bem pobre sou eu... mais do que ninguém! Veja, meu bom João Renaud, veja de que modo estou vestida! veja que horrorosa miseria a minha!

—Vi isso mesmo hontem á noite, e ahí tem a razão por que logo de manhã tratei de dar remedio ao mal.

Lucila estendeu-lhe a mão, ao mesmo tempo que lhe dizia com commoção:

—Deus lhe pague, João Renaud.

—Agora deve tratar já de vestir-se, tornou João Renaud.

—Sim. Nem pode imaginar quão grande vae ser o meu prazer por me vêr livre d'estes andrajos miseraveis!

E, approximando-se de novo da meza, continuou:

—Este vestido, disse ella, pegando n'aquelle objecto com mão trémula, foi comprado em Vesoul por meu pae. Não o vesti senão uma vez unica.

«Este mantelete, embora modestissimo, era muito meu querido. Punha-o sempre nos domingos, para ir á missa em Frémicourt.

«Dir-se-hia que a sua filha, João Renaud, adivinhou o que eu propria teria escolhido.

E, continuando a desfazer a trouxa, exclamou com uma alegria infantil:

—Ah! uma camisa, meias, sapatos e até um lenço, marcado com as minhas iniciaes L. M.! Branca nada esqueceu; o vestuario está completo.

João Renaud contemplava-a sorrindo. Nem mesmo suppu-

zera, que tão grande seria a alegria, que ia causar á pobre filha de Jacques Mellier.

Embrulhados em uma folha de jornal, encontrou tambem um pente e uns poucos de ganchos.

—Ah! vou-me fazer bonita para tornar a ver o meu filho! disse ella com a voz entrecortada pela commoção, e com um accentto impossivel de descrever.

Depois, não pôdendo conter-se por mais tempo, desatou a chorar e a soluçar.

—Deixo-a por agora, Lucila, lhe disse por fim João Renaud. Vou tratar do nosso almoço.

E sahio do quarto, fechando a porta atraz de si.





XIII

Historia de Lucila

Uma hora depois Lucila estava completamente transformada. Havia arranjado os cabellos, que eram ainda fartos e longos, em duas grandés tranças enroladas no alto da cabeça, e tinha lançado para longe de si os miseraveis andrajos, que tão mal lhe cobriam o corpo, substituindo-os pelo vestuario relativamente elegante, que em outro tempo lhe pertencera, e que pouco antes lhe fôra entregue por João Renaud.

Este ultimo voltou da herdade, com um cabaz cheio de vi-veres.

A' vista de Lucila transformada, e que parecia ter retrograda-do quinze annos, não pôde conter-se que não soltasse uma exclamação.

—Acha que estou bem assim, João Renaud? lhe perguntou ella sorrindo.

—Oh! perfeitamente! respondeu o velho. É uma completa metamorphose!

—Sinto-me bem; sinto-me contente.

—Deve estar muito fraca, Lucila. Se quer, faremos agora uma festança, como dizem as creanças.

Em um pequeno armario acharam alguns pratos grosseiros e alguns talheres de estanho. A mesa foi posta em um abrir e fechar de olhos.

João Renaud tirou do cabaz ametade de uma galinha, chouriço, uma soberba talhada de presunto, um queijo pequeno, ovos cozidos, um pote com dôce, pão, vinho e biscoitos.

—Ah! a minha filha sabe fazer bem as coisas! disse elle alegremente. Eis um verdadeiro festim.

Em seguida assentaram-se em face um do outro, e, como ambos tinham fome, fizeram honra áquelle excellente almoço.

João Renaud desejava vivamente saber, qual fôra a existencia de Lucila, desde que sahira curada do hospital de Gray, para onde fôra levada pelos saltimbancos.

O que Lucila lhe contou foi o seguinte:

«Segundo me foi dito, logo que tive consciencia das tristes circumstancias em que me encontrava, os medicos não tinham esperanza alguma de salvar-me; estava condemnada.

«Todavia, graças aos intelligentes cuidados, que me foram prodigalisados, e tambem de certo á minha constituição robusta, escapei á morte.

«Aquelle factó quasi foi considerado um milagre. Não tinha porém soffrido bastante ainda; Deus queria que eu vivesse mais.

«Depois de uma febre violentissima, que se prolongou por quinze dias, durante os quaes estive constantemente delirante, readquiri por fim a consciencia do meu estado.

«Recuperei primeiramente a sensação, e a pouco e pouco fui comprehendendo a situação em que me encontrava. Com a faculdade de reflectir e de achar pensamentos, readquiri tambem a memoria. Recordei-me de como, dominada subitamente pelo frio, havia cahido sem forças no meio da estrada, levando o meu pobre filho nos braços.

«Que se passara depois? Não podia recordar-me de coisa alguma; desde aquelle terrivel momento, não podia de modo algum recompôr os factos que porventura haviam occorrido.

«De mais todos os meus pensamentos eram ainda um tanto confusos. No meu espirito havia uma especie de cansaço, que me entibiava a sua lucidez.

«Logo que fazia um qualquer esforço de reflexão, com o fim de coordenar os factos, confundiam-se-me os pensamentos, e o meu pobre espirito ficava como envolvido em uma especie de nebrina densa.

«Estive assim durante muito tempo, e na verdade admiro-me de que não perdesse inteiramente e para sempre o uso da razão!...

«A religiosa, que me servia de enfermeira no hospital, mostrou-se vivamente surprehendida quando lhe reclamei o meu filho.

«Disse-me ella que uns saltimbancos me tinham encontrado moribunda no meio da estrada, e que per elles havia sido conduzida para o hospital.

«Com respeito ao meu filho nada pôde ella dizer-me; prometteu-me porém que n'aquelle mesmo dia trataria de pedir sobre o assumpto as necessarias informações.

«Não lhe fallarei das minhas inquietações, das minhas angustias, das minhas lagrimas.

«Chegou-se a saber que o meu pequenito fôra visto em companhia dos saltimbancos, os quaes, segundo todas as probabilidades, o tinham levado' comsigo na occasião em que haviam sahido da cidade.

«Tinha já ouvido dizer muitas vezes, que não era raro creanças serem roubadas assim por pelotiqueiros, que faziam d'ellas primeiramente pequenos mendigos, e saltimbancos mais tarde.

«Pensando que o meu querido filho poderia talvez estar passando aquella miseravel vida, senti-me dominada por uma dôr vivissima. As feridas do meu pobre coração tornaram a gotear sangue.

«No entretanto tinha a certeza de que o pequenito vivia, de que não morrera enregelado; e esta certeza era já alguma coisa.

«Conseguí por fim tranquillisar-me um pouco, e não mais deixei de ter um desejo, uma aspiração: procurar o meu filho.

«Jurei a mim propria, que não repousaria um momento, e que caminharia noite e dia como o Judeu Errante, em quanto não encontrasse o meu adorado Edmund.

«Creio que esta ideia apressou um pouco o meu restabelecimento, e ao cabo de pouco tempo senti-me sufficientemente forte para poder deixar o hospital, onde permanecera durante seis semanas.

«Para ver se encontrava o meu filho poderia ter-me dirigido ás authoridades de Gray, aos magistrados, ao commissario de policia. Mesmo a justiça, em taes circumstancias não me teria de certo negado o seu auxilio.

«Cheguei ainda a conceber a ideia de recorrer ás estações officiaes; mas era preciso dar o meu nome, fazer-me conhecer, e talvez mesmo revelar uns certos segredos, que eu queria guardar no fundo do coração; puz pois de parte esse projecto.

—Porque não se dirigiu n'essa triste conjunctura a Pedro Rouvenat, ou mesmo a seu pae? perguntou João Renaud.

—Nem eu sei bem. Confesso que me occorreu essa ideia. Maldita por meu pae, via-me fatalmente condemnada a soffrer durante toda a minha vida.

«Dominada por uma especie de orgulho, por um sentimento de altivez, que a mim propria não consigo ainda hoje explicar, não queria humilhar-me, não queria ir pedir perdão.

«E depois tambem a verdade era que eu, embora me julgasse criminosa, julgava meu pae muito mais criminoso ainda. Além d'isto—como já lhe disse ha pouco, meu caro João Renaud,—o meu espirito estava profundamente perturbado; creio que perdera uma parte das minhas faculdades intellectuaes...

«Tinha promettido ao bom Rouvenat que lhe escreveria, mas não o fiz nunca. Queria soffrer sósinha, não queria que ninguem me ajudasse a levar até o Calvario a cruz do meu destino!...

»A mesma razão, que me induzira a não me dirigir aos magistrados de Gray, aconselhara-me tambem a não responder ás perguntas, que no hospital me haviam sido feitas, ácerca da minha familia, do meu passado, logar de nascimento, etc., etc. Por fim comprehenderam todos que eu queria ficar desconhecida, e respeitaram o silencio que eu queria guardar, continuando mesmo assim a tratar-me com o mesmo interesse e benevolencia.

«Logo que sahi do hospital, andei durante todo o dia errando pelas ruas da cidade como uma alma em pena. Queria tratar de procurar o meu filho, e não sabia para onde ir, qual e caminho que deveria tomar.

«Cheia de anciedade e de afflicção, e com o coração torturado, vagueei successivamente pelos quatro pontos cardeaes da povoação. Interroguei differentes pessoas. Compreendi pelas suas respostas, pelos seus movimentos de cabeça, pela expressão dos seus semblantes, que me julgavam louca, louca!

«Ao anoitecer, cheia de cansaço e de angustia, assentei-me tristemente sobre uma pedra na margem do Saone. O frio era cortante. Eu tremia como vara verde, e de certo estava livida como um cadaver. Um homem, um operario, que passava, reparou em mim, e parou.

«—Sente se doente? me perguntou elle com expressão affectuosa. Por que razão está ahí, fazendo um frio tão intenso?

«—Não conheço pessoa alguma n'esta terra, lhe respondi. Sahi hoje de manhã do hospital, e não sei para onde hei de ir.

«O homem tomou-me pela mão, e disse-me:

«—Venha comigo. Em minha casa deve haver um bom lume, poderá aquecer-se, e, se tem fome, partilhará com a minha mulher e com os meus filhos a nossa modesta refeição. Não sou rico e tenho quatro filhos; mas minha mulher é bondosa, e ha de recebê-la de braços abertos.

«Deixei me conduzir.

«Ao mesmo tempo que caminhava, fallei-lhe nos saltimbancos, que tinham estado em Gray seis semanas antes.

«—Sim, recordo-me, me respondeu o homem. Esteve com effeito aqui a companhia do Trinca-ferro, que é capaz de fazer rir as pedras.

«Costuma vir a Gray de tempos a tempos, e principalmente

por ocasião da grande feira. Será acaso a senhora a mulherzinha que o Trinca-ferro achou cahida na estrada?

«—Sim, sou eu, respondi.

«O operario, ouvindo esta resposta, olhou para mim attentamente.

«—Com effeito reconheço-a agora, disse elle. Achava-me por acaso á porta da hospedaria, na occasião em que a metteram na maca para a conduzirem ao hospital.

«Affirmo-lhe que estimo muito vê-la com vida. A minha companhia tambem ha de ficar contente por saber que não morreu, pois que, quando lhe contei o caso, chorou muito.

«—Diga-me: não viu que os saltimbancos tivessem comsigo uma creança, um pequenito?

«—Sim, um rapazito muito bem vestido, e muito esperto. Recordo-me muito bem de o ter visto. Quando viu que levavam a maca, sobre que a tinham estendido, o pequeno começou a chorar, bradando: «mamã! mamã!» Compreendo agora que lhe pertencia esse menino.

«—Sim, era meu filho, respondi eu soluçando.

«—Ah! que malvados, que lh'o roubaram! exclamou elle. Em quanto dois dos saltimbancos a conduziam para o hospital, um outro, um grande figurão, magro como um arenque, levou-o comsigo para outro lado, e foi passeiar com elle pela cidade para o distrahir.

«Provavelmente suppuzeram que a mãe morreria, e guardaram comsigo o filho, para fazerem d'elle, Deus sabe o que... Ah! mas hão de restituir-lh'o, que não terão outro remedio!

«—E' isso o que eu quero. Mas onde poderei eu encontrar esse homem, a quem dá o nome de Trinca-ferro?

«—Sobre esse ponto nada posso dizer-lhe. Um dia está

aqui, outro além, hoje ao norte, amanhã ao sul, percorrendo todos os sitios em que ha feira ou mercado. Em todo o caso creio que elle raras vezes se afasta da região de leste.

«—Ainda que me veja na necessidade de percorrer a França inteira, hei de encontrar o meu filho!

«—Hum! vae empreehender uma tarefa deveras difficil para uma mulher. Parece-me que seria mais simples fazer a sua declaração ao commissario de policia.

«—Sim, sei isso, e já pensei em fazel-o; mas não... não quero contar senão comigo.

«Chegámos por fim á casa, em que residia aquelle excellente homem. Sua mulher recebeu me, como elle me disséra, com os braços abertos. Beijei os seus filhos, vertendo amargas lagrimas. Pensava no meu querido Edmundo. Mau grado meu, invejava a sorte d'aquella boa gente, que aliás parecia tão pobre. A meza estava posfa, e a ceia prompta.

«A mulher pôz mais um talher, e, cedendo ás suas vivas instancias, comi com elles. Animaram-me muito, e disseram-me, com o fim de me incutirem esperanças, tudo o que lhes inspirou o coração.

«Receiando incommodal-os, e vendo que a noite avançava, quiz retirar-me. Mas não m'o consentiram elles, e a excellente mulher preparou-me uma cama no quarto, em que dormiam os seus filhos.

«Passei pois a noite em casa d'elles. No dia seguinte dei-xei a cidade com o fim de vir procurar o Trinca-ferro.

«Possuia uns sessenta francos, pouco mais ou menos. Aquella somma era o que me restava das economias, que eu fizera com o fim de ir a Saint-Irun. Havia ficado na minha algibeira, e ali a encontrei intacta, quando me restituiram o meu vestuario, antes de sahir do hospital.

«Percorri a Franche-Comté em todos os sentidos, a Alsacia, e uma parte da Lorena. Não lhe descreverei todas as misérias, por que passei; seria muito longa e muito dolorosa a narração.

«Andava de povoação em povoação, e apparecia em toda a parte onde havia uma feira ou uma festa. O Trinca-ferro desaparecera como se a terra o tragara! Quando o procurava em Besançon, em Belfort, ou em Pontarlier, estava elle em Mulhouse, em Strasbourg, ou em Metz.

«Cinco mezes passei assim em marchas e contramarchas. Que fadigas! que crueis desillusões! Mas a minha coragem não fraquejava nunca.

«Não pensava senão unica e exclusivamente no meu filho! As difficuldades, que a cada passo se erguiam ante mim, faziam mais energica a minha vontade.

«Logo que dispendi a minha derradeira moeda de cobre, fui forçada a pôr de parte o meu orgulho e as minhas repugnancias, e, embora a muito custo, pedi esmola.

«Quando estava extenuada de cansaço, repousava em um palheiro, em um canto junto dos animaes. Outras vezes passava a noite deitada no meio de um campo, ou junto de uma arvore na estrada.

«No dia vinte de junho achava-me eu em Belfort. Na noite de vinte e quatro, anniversario da morte do pae do meu filho, fui orar sobre a sua sepultura.

«Vagueei durante tres noites em redor do Seuillon, mas sem que me approximasse muito da habitação, tão grande era o receio que me agitava, de ser reconhecida.

«Ajoelhei na estrada de Civry, no logar em que fôra encontrado o cadaver, e passei ali longas horas em lágrimas e em soluços.

«Voltei assim muitas vezes a Frémicourt, sempre no mez de junho. Sentia um triste prazer, se assim pôde dizer-se, em me encontrar no meio das recordações da minha infancia, no cemiterio onde, a poucos passos de distancia do desgraçado Edmund, dorme o eterno somno a minha pobre mãe, que tanto amei.

«Era para mim uma especie de peregrinação. Evocava as sombras do passado, e durante um momento julgava-me com ellas!

«De dia escondia-me, e só de noite eu me atrevia a apparecer nas immedições da herdade, nos proprios logares em que um sangrento drama me precipitara em um insondavel abysmo.

—Eu tinha já adivinhado isso mesmo, disse João Renaud. Algumas pessoas a viram n'essas occasiões n'estes sitios, e julgaram-n'a um ente sobrenatural, uma apparição phantastica.

«A pouco e pouco espalhou-se o boato de que o valle era frequentado pelos espiritos das trevas, e de que todas as noites apparecia um fantasma em um determinado ponto da margem do rio. Mas peço-lhe que continue, Lucila. Ah! quão horrosamente soffreu!

—A tudo nos habituamos n'este mundo, mesmo até ao sofrimento. Às vezes, nas horas de desfallecimento e de sombrio desespero, quando me achava absorta nas minhas terribes recordações, sentia uma especie de voluptuosidade em torturar-me, avivando as minhas dôres.

«Afigurava-se-me que achava um tal ou qual conforto na contemplação da minha immensa desgraça.



XIV

Lucila e o Trinca-ferro

Depois de uma breve pausa, Lucila continuou:

—Debalde procurei durante dois annos o saltimbanco Trinca-ferro. Dir-se-hia que um qualquer genio malfazejo escar-necia das minhas angustias, e se comprazia em dirigir os meus passos para o lado opposto áquelle para que deveria en-caminhar-me. Por fim encontrei-o um dia.

«A feira de Saint-Mammés, em Langres, dura quinze dias, e é uma das mais concorridas dos nossos departamentos de leste. Eu, que sabia isto mesmo, dirigi me para Langres, e foi boa esta inspiração.

«O Trinca-ferro achava-se ali com a sua companhia, e a sua barraca occupava um dos mais bellos logares no campo da

feira. Uns grandes cartazes de papel amarello e vermelho, annunciavam um espectáculo maravilhoso, e a multidão, deslumbrada por aquelles annuncios, acotovellava-se á entrada do theatro.

«Alguem me mostrou o Trinca-ferro, que se apresentava com um ar magestoso, e que parecia dizer a toda a gente: «Olhae bem para mim! Sou o Trinca-ferro! Parecia radiante. Soube depois que o seu bom ou mau humor era subordinado ao facto de ser maior ou menor a receita.

«N'aquelle dia estava de certo muito satisfeito, porque lhe brilhava a alegria nos pequeninos olhos acinzentados.

«Approximei-me do estrado, em que elle estava, no meio de outros saltimbancos, convidando o publico a entrar, e pedi-lhe que me concedesse alguns momentos de attenção.

«O Trinca-ferro olhou para mim, e pareceu ficar muito surprehendido com a minha audacia. Respondeu-me porém:

«—É muito mal escolhida a occasião. Se tem alguma coisa a pedir-me, procure-me amanhã ás dez horas na hospedaria do Cavallo Branco.

«Compreendi que com effeito não podia elle n'aquelle momento distrahir-se do seu trabalho, e retirei-me.

«No dia seguinte ás dez horas apresentei-me a procural-o na hospedaria do Cavallo Branco, e entrei na sala em que o Trinca-ferro acabava de almoçar. Approximei-me d'elle tremendo. Como por instincto, tinha medo d'elle.

«—Ah! reconheço-a, me disse elle com uma falsa bonhomia; é a senhora que hontem disse desejar fallar-me. Estou ás suas ordens. De que é que se trata? Deseja acaso alistar-se na minha companhia. Já representou alguma vez em algum theatro? Que papeis fez? Vejamos, poderei fazê-la debutar, se...

«—Não me reconhece, senhor? interrompi eu.

«O saltimbanco olhou para mim fixamente, dizendo-me ao cabo de um momento:

«—A sua cara não me é desconhecida, não; mas não posso recordar-me... vejo tanta gente...

«—Não se recorda, sr. Trinca-ferro, de uma pobre mulher, que encontrou enregelada pelo frio, e cahida sobre a neve, na estrada de Gray?

«O Trinca-ferro abriu desmesuradamente os olhos, e fez um movimento brusco.

«—Como assim? exclamou o Trinca-ferro. Não morreu?

«—Bem vê que não, respondi eu.

«—Tem razão, acabo de dizer uma patetice.

«—Sr. Trinca-ferro: tenho-o procurado por toda a parte desde o dia em que sahi do hospital.

«—Tem-me procurado?... Mas eu não me escondo e sou pessoa muito conhecida... Mas enfim que é o que quer de mim?

«—Preciso acaso dizer-lh'o?

«—De certo, visto que não sou feiticeiro.

«—Venho reclamar o meu filho.

«O homem empallideceu ligeiramente.

«—E era para isso que me procurava? me perguntou elle.

«—Para isso, sim. O senhor não é de certo mau homem, e não ha de querer reduzir ao desespero uma pobre mulher. Vae restituir-me o meu filho, não é verdade?

«Lancei-me de joelhos aos seus pés, e procurei commovel-o com as minhas lagrimas, e com as palavras de afflicção e de angustia, que me subiam do coração aos labios.

«—Mas eu não tenho o seu filho, não o tenho! exclamou elle.

«Suppoz que o saltimbanco estava mentindo, e, levantando-me de salto, disse-lhe com colera:

«—Se não me restitue immediatamente o meu filho, irei d'aqui denuncial-o ás authoridades como um ladrão!

«—Está louca de certo! disse elle encolhendo os hombros.

«—Estou louca, sim, louca de dôr; mas estou ainda assim em circumstancias de provar que me roubou o meu filho em Gray. Não me ha de ser muito difficil achar testemunhas...

«Disse-lhe as coisas mais duras, que me occorreram ao espirito. Estava exasperada, fóra de mim, e nada queria ouvir.

«Devia ser terrivel o meu furor, porque fiz tremer o Trinca-ferro, não obstante ser elle um homem, que nada teme e que parece de marmore... Por fim tranquillisei-me, e o saltimbanco jurou-me, que não tinha em seu poder o meu filho, contando-me de que modo um homem da sua companhia, o palhaço, desaparecera com a creança no proprio dia em que eu fóra conduzida para o hospital.

«Confessou-me que com effeito tivera a intenção de conservar consigo o meu filho, por estar persuadido de que eu ia morrer. Nunca pudera explicar a si proprio a razão por que o palhaço fugira com o pequeno.

«Mas quando lhe disse que eu levava doze mil francos em ouro dentro de um sacco de couro, soltou uma exclamação de furia, e começou a bater murros sôbre a mesa, ao mesmo tempo que bradava:

«—Ah! comprehendo agora! o miseravel, o grande ladrão fugiu com a dinheirama!

«Julgara-me uma pobre de Christo, e affirmou-me que ignorava absolutamente, que eu possuísse uma tão importante somma.

«Nem elle, nem nenhum dos homens da sua *troupe*, tinham visto o sacco de coiro.

«—Tranquillise-se, me disse elle; havemos de encontrar o ladrão.

«Pode considerar perdido o seu dinheiro; mas prometto-lhe que hei de obrigar-o a restituir-lhe o seu filho.

«Que me importava a mim o dinheiro? Confesso que nem em tal pensava.

«O que eu procurava era o meu filho, era o meu querido Edmundo que queria encontrar!

«O Trinca ferro olhava para mim attentamente. Occorreu-lhe uma ideia. Perguntou-me se tinha familia ou parentes, e qual era a minha posição, de que vivia.

«Respondi-lhe que estava sósinha no mundo, e fiz-lhe saber a minha deploravel existencia desde o dia em que, tendo sahido do hospital, começara a procural-o de terra em terra.

«O saltimbanco fingiu uma commoção, que de certo não sentia, e lastimou me com as maiores apparencias de sinceridade.

«Pareceu interessar-se vivamente pela minha desventura, repetiu a promessa de me fazer restituir o meu filho logo que encontrasse o seu antigo palhaço, e por fim propoz-me que ficasse em companhia d'elle.

«Via que eu hesitava, mas venceu a minha resistencia falando-me do meu filho. Aceitei pois.

«—Preciso de uma creada, me disse elle, e é precisamente a senhora a pessoa de que preciso. Tenho a roupa de toda a companhia para concertar, lavar, passar a ferro, fazer a cozinha, etc. Poderá pois servir nos de muita utilidade.

«Não lhe prometto ordenado desde já, mas terá roupa, cama e mesa, e não precisará mendigar.

«Na sua idade não deve ter essa vida, e admiro-me de que a policia a não prendesse ainda como vagabunda.

«Entreí n'esse mesmo dia em serviço. Lucila Mellier passava a ser creada de um saltimbanco, depois de haver durante annos estendido a mão á caridade publica.

«Fiz tudo o que de mim dependia para satisfazer o meu novo patrão, e merecer as suas boas graças. Era um homem duro, muito exigente e cheio de avaresa.

«Que lhe direi mais, amigo João Renaud? Fez de mim uma especie de besta de carga.

«Cheio de orgulho e de vaidade, o Trinca ferro toma-se muito a sério, e julga-se um personagem importante.

«Despota, e até mesmo cruel, quando os negocios lhe não correm á medida dos seus desejos, todos os desgraçados que vivem em redor d'elle tremem sob o seu olhar, e obedecem-lhe cegamente, como se fôsem seus escravos.

«E aquelle terrivel senhor abusa odiosamente da sua authoridade. Soffri o seu despotismo, como todos os outros desgraçados sob a sua dependencia.

«Alentava-me porem sempre, e incutia em mim uma coragem sobrehumana, a ideia de que poderia um dia encontrar o meu filho.

«Contava com a promessa que o Trinca ferro me fizera, e não duvidava da sua sinceridade.

«Ás vezes perguntava lhe, quando me restituiria o meu filho, e elle respondia-me sempre com evasivas, dando-me esperanças.

«Eu julgava que elle andava fazendo quaesquer investigações.

«Nenhuma razão tinha para suppôr que elle quizesse enganar-me, e nem mesmo admittia que pudesse mentir. E toda-

via adquirir mais tarde a convicção de que nunca dera um passo unico com o fim de encontrar o meu filho.

«Precisava de uma mulher que o servisse, eu servia-lhe de muita utilidade, e, como não me pagava, queria conservar-me tanto tempo quanto fôsse possível. Fallava-me no meu filho para me reter consigo.

«E eu, cheia de confiança, redobrava de zelo e de actividade para lhe ser agradável, para de antemão lhe ir pagando, tanto quanto em minhas fôrças cabia, a alegria que d'elle esperava um dia.

«O Trinca ferro deve ser rico, mas, como já disse, é avarento. Que faz elle do dinheiro que ganha? Ninguem o sabe.

«A sua *troupe* compõe-se de ordinario de doze ou quinze individuos dos dois sexos, todos mal pagos, mal alimentados, e tendo por vestuario miseráveis andrajos. Só teem algum dinheiro nos dias de festa ou de feira.

«Trabalham, e teem o direito de exigir uma pequena parte da receita de cada dia. Mas o que o patrão lhes dá, depressa é dispendido. Tive occasião de observar ali, que em geral os mais miseraveis são os menos previdentes.

«Quando nada teem, de que vivem? E' problema que não sei resolver. Evidentemente devem jejuar frequentes vezes forçadamente.

«O Trinca ferro porém nunca soffre privações. Anda sempre vestido como um burguez abastado, e dorme e come na hospedaria.

«Devia dar-me alimento e vestuario; dava-me apenas o pão, e não era todos os dias. O meu corpo, porem, estava, havia já muito tempo, habituado á miseria.

«Para andar coberta, fiz eu própria o meu vestuario com velhos farrapos, que para nada serviam já, e que elle dignava

pôr á minha disposição. Julgava elle que se mostrava assim muito generoso, e que procedia com munificencia.

«Tal era o senhor, de quem eu, com a esperanza de encontrar o meu filho, me resignara a ser escrava. Deixara de ter vontade, cahira em uma especie de apathia; transformara-me por assim dizer em um automato.

«Apesar da minha docilidade, e dos esforços que fazia para não merecer uma qualquer censura, não era raro dirigir-me elle palavras brutaes, e até mesmo um dia teve a audacia de bater-me.

«Quando a multidão não concorria em massa ás suas representações, o que frequentes vezes acontecia, todos os que o rodeiavam tinham que soffrer em razão do seu mau humor.

«Tinha necessidade de se vingar do mau tempo ou da indifferença do publico sobre alguém, e era quasi sempre sobre mim que cahia a sua irritação.

«Envergonhada da minha escravidão, e querendo quebrar aquella corrente ignominiosa, que me prendia, abandonei-o muitas vezes.

«Durante um mez, dois mezes, e mesmo mais ás vezes, vagueava pelos caminhos ao acaso, e para não morrer de fome, estendia de novo a mão á caridade publica.

«Mas depois, como não tinha esperanza alguma de encontrar o meu pequeno Edmundo sem auxilio do Trinca ferro, decidia-me a voltar para elle, e a entrar de novo para o seu serviço, sempre com as mesmas condições.

«Devo dizer que nunca tentou desanimar-me com respeito ao meu filho; pelo contrario, promettia-me sempre activar cada vez mais as investigações, que dizia fazer, e jurava me pela sua honra, por tudo o que para elle era mais sagrado, que, custasse o que custasse, havia de restituir-me o meu filho.

«O Trinca-ferro promettia e jurava tudo, fôsse o que fôsse; que lhe custavam as palavras?

«Um dia descobriu elle que eu sabia escrever e contar muito bem, e desde então teve por mim uma tal ou qual consideração, e até mesmo me tratou com uma certa defferencia.

«D'aqui deprehendo eu que até então não vira elle em mim mais de que uma idiota. Estavamos então em Epinal.

«Comprou em uma loja de adelo um bom vestuario, que naturalmente fôra vendido por uma qualquer creada de casa rica, e, por sua ordem, trabalhei n'elle durante toda a noite para o ajustar ao meu corpo.

«No dia seguinte, quando começaram as representações, installou-me sobre o estrado do theatro, assentada em face de uma especie de secretaria.

«Elevava-me sem transição ás funcções de caixeira; para me investir n'este posto de confiança, era necessario que tivesse reconhecido que eu era incapaz de guardar uma parte, embora minima, da receita na algibeira.

«Segundo parecia, as mulheres da companhia, que incumbia de receber a importancia das entradas, não hesitavam em tirar em seu proveito uma tal ou qual percentagem. A sordida mesquinhez do Trinca-ferro podia até certo ponto justificar aquellas infidelidades.

«Se os pobres saltimbancos nem sempre são demasiadamente escrupulosos, nem por isso pode dizer-se que todos elles são desprovidos de honradez e probidade.

«Apesar da sua existencia de miseria e de tristeza, muitos d'elles são dotados de bons sentimentos...

—A prova de que isso é verdade está em Jeronymo Greluche, disse João Renaud.

—E esse não é talvez uma excepção, tornou Lucila; em

todo o caso não quero comparar esse homem bom e honrado e cheio de dedicação, que educou o meu filho e lhe serviu de pae, com os saltimbancos que conheci, e com os quaes vivi durante muitos annos.

«Voltemos a fallar no Trinca ferro. Fiquei sendo a sua caixa, mas accumulei estas funcções com as de creada, que já exercia.

«Exigiu tambem de mim algumas vezes, que lançasse sobre mim vestuarios de variegadas côres e cobertos de ouro-peis e lantejoulas para figurar nas suas grotescas exhibições.

«Apesar da minha repugnancia, do meu horror por aquelle *serviço*, obedecia. Fazia tudo por o meu filho. De mais o Trinca-ferro dominava-me completamente.

«No entretanto devo dizer que nunca pôde conseguir, que eu representasse um papel qualquer nos seus dramas. Com este fim empregou successivamente a supplica, a ameaça, as mais sedutoras promessas: a tudo resisti.

«Depois de haver tentado debalde vencer a minha resistencia n'aquelle ponto, desenganou-se de que nada conseguiria, e deixou-me por fim tranquilla.

«No entretanto os annos decorriam, e o Trinca-ferro não me restituia o meu filho, conforme me promettia constantemente. Se quizesse dizer-lhe o que durante treze annos soffri, não mais acabaria esta narração.

«Conheci todas as amarguras, todas as angustias, todas as dôres; descí um a um todos os degraus da escada da desgraça; soffri todas as humilhações possiveis e imaginaveis.

«Como pude eu resistir à tantos soffrimentos, a tanta miseria? Nem eu sei... Admiro-me de que a morte me não tivesse levado dez vezes...

«Só uma coisa não soffreu em mim: a minha honra: Ah! é

que n'esse ponto nem a fatalidade podia vencer-me. Não me restava senão o respeito e a estima de mim propria.

«Se tivesse perdido essa estima e esse respeito, não poderia sobreviver a essa vergonha! Era ainda nova e bella, e a natureza, dando-me belleza, fizera-me um triste dom... Mais de uma vez fui forçada a repellir tentativas odiosas.

«Para me guardar, para me defender contra todos os perigos, tinha no coração o amor maternal, e a recordação das virtudes de minha mãe.

«No mez de maio ultimo chegámos a Gray, alguns dias antes da feira.

«O Trinca-ferro não é desprovido de imaginação. Afim de attrahir o publico á sala dos espectaculos, inventa sempre uma coisa nova, e a sua maior preocupação é compôr um cartaz attrahente, irresistivel.

«Segundo a sua opinião, o cartaz é tudo. Um cartaz mal organizado tem como consequencia um *fiasco*.

«Ora para a feira de Gray occorreu-lhe a ideia de ter uma mulher selvagem. A difficuldade estava em a arranjar. Mas o Trinca-ferro não se prende com pequenas coisas.

«Sabe que o publico é credulo, e que diante d'elle pode sem perigo exhibir-se impudentemente uma mulher com barba, um gigante e outros phenomenos que o não são.

«Antes mesmo de me haver consultado, decidiu que seria eu a mulher selvagem, á qual entendeu dever dar, no interesse da sua algibeira, a amavel qualidade de antropophaga.

«Veiu ter comigo. Poucas vezes o vira com um ar tão alegre, tão risonho.

«—Com paciencia e tempo tudo se consegue, me disse elle. Afinal consegui saber qual o paradeiro do meu antigo palhaço...

«E o meu filho? exclamei eu. Vive ainda?

«—Vive, sim.

«Dominou-me subitamente um accesso de alegria delirante. O Trinca-ferro esperou que eu me tranquillisasse, e depois continuou:

«—O seu filho é hoje um bello rapaz. D'aqui a uns quinze dias pouco mais ou menos ha de vel-o.

«Mas note que só eu—eu só—tenho a necessaria influencia sobre o meu antigo palhaço, para o obrigar a dizer onde está actualmente o seu filho.

«E por tanto, por bem ou por mal, o maroto ha de restituir-lh'o.

«Tomei entre as minhas as mãos do saltimbanco, e manifestei-lhe o meu reconhecimento com effusão.

«—Devo porem dizer-lhe, tornou elle, que, se quer que trabalhe para que lhe seja restituído o seu filho, ha de prestar-me um serviço.

«—Estou prompta, respondi eu impensadamente.

«—Quero distribuir-lhe um papel para representar.

«—Mas eu não posso, bem sabe que não posso.

«—Ha de poder, replicou elle com dureza. Em todo o caso é esta a condição que ponho á restituição do seu filho. Escolha.

«—Oh! é implacavel!

«—Acceita, ou não?

«—Que deverei dizer, ou fazer?

«—Não precisará dizer coisa alguma. O seu papel consistirá apenas em se apresentar com um vestuario apropriado. Aparecerá no palco disfarçada em mulher selvagem.

«Soltei uma exclamação de horror e de repugnancia.

«—Careço de uma mulher selvagem, proseguiu elle, e quero

annuncial-a no meu cartaz. Não tenho ninguém que possa representar esse papel magnífico.

«A coisa ha de dar muito dinheiro. O essencial é saber lançar poeira nos olhos do publico.

«Disse-me ainda muitas outras coisas, de que não me recordo agora. Por fim, empregando todos os recursos do seu espirito vivo e astucioso, e fallando-me sempre do meu filho, obtève de mim o que desejava.

«Prestei-me a representar o papel de mulher selvagem! Tratou elle proprio do meu disfarce. Pintou-me as pernas, os braços, e a cara com varias côres.

«Vestiu-me em seguida, e, não sei bem como, cobriu-me de objectos de vidro, e foi d'aquelle modo que elle me mostrou ás duzentas ou trezentas pessoas, que enchiam a sala de espectáculo.

«Desde que me prestara a deixar-me transformar em mulher selvagem, talvez tivesse a coragem de representar até o fim aquelle ridiculo papel.

«De subito porem, reconheci Pedro Rouvenat entre os espectadores.

«Junto d'elle achavam-se duas formosas meninas, que me contemplavam com uma curiosidade impregnada de compaixão. Que se passou em mim n'aquelle momento? Não sei dizel-o. Fugiu-me a luz dos olhos, e o sangue subiu-me todo á cabeça.

«Dominada por uma especie de vertigem, afigurou-se-me que tudo dançava em redor de mim; não via senão caras horrendas; não ouvia senão uivos ferozes...

«O Trinca-ferro quiz obrigar-me a comer um pedaço de carne crua. Era uma das partes do meu papel. Repelli-o com espanto. O miseravel quiz bater-me para me forçar a obede-

cer. Recordo-me de que soltei um grande grito, e de que fugi.

«Uma das mulheres da companhia, que tinha por mim uma certa afeição, ajudou-me a tirar aquelle hediondo vestuario de mulher selvagem, em quanto que o saltimbancó procurava desculpar-se perante o publico.

«—O Trinca-ferro é um impostor, e engana-a, me disse essa mulher. Nunca procurou saber o destino do seu filho. Prometteu-lhe que lh'o entregaria muito depressa, e é falso.

«Affirmo-lhe que o miseravel nada sabe. Mentiu-lhe, com o interesse de que se prestasse a representar o papel de mulher selvagem.

«—Oh! que miseravel! exclamei eu exasperada. É bem verdade o que me diz?

«—Eu nenhuma razão tenho para querer enganar-a, me respondeu ella. O Trinca-ferro illudiu a sua boa fé, repito. Se não tivesse por si uma grande sympathia, nada lhe diria.

«Quero que saiba toda a verdade, e a importancia que deve dar a todas as bellas promessas do patrão.

«Lancei á pressa sobre mim o meu vestuario, e, sem mesmo pensar em lavar o rosto, que tinha sarapintado, sahi da barraca, e fugi correndo como louca. Fugia do miseravel Trinca-ferro, com a ideia bem assente de me eximir para sempre áquella escravidão. Perdera completamente a esperanza; admittindo mesmo que o meu filho existisse ainda, via-me separada d'elle para sempre....

«Corri durante duas ou tres horas atravez dos campos, sem mesmo procurar saber para que lado me dirigia. Estava quasi louca; sentia mais vivas todas as minhas dôres, levava a morte na alma. Agora já não me amparava o pensamento de que tornaria a vêr o meu filho. N'aquelle dia pensei no suicidio. Se me tivesse encontrado perto de um rio, ter-me-hia pro-

vavelmente lançado na agua para pôr fim á minha desgraçada vida.

«Um pouco antes do pôr do sol, parei junto de uma fonte á entrada de uma pequena povoação. Tinha esquecido completamente o trabalho do pincel do Trinca-ferro.

«Tinha ainda na cara, nos braços, e nos tornozellos uns desenhos caprichosos, que haviam sido feitos com o fim de imitar a pintura que usam certos selvagens.

«Consegui, não sem custo, que a minha pelle readquirisse a sua côr natural. Restava me apenas a recordação de haver representado por um momento o papel de rainha dos Okanda.

«Em troca de um qualquer concerto, que lhes faria no vestuario, ou de um ou outro serviço, que de bom grado lhes prestava, os saltimbancos davam-me de longe em longe algumas moedas de cobre, quando podiam, isto é, quando tinham dinheiro. Graças a estas liberalidades, conseguira eu reunir umas tres ou quatro dezenas de francos.

«Como já lhe disse, esse dinheiro deu-me ensejo a poder viver perto de Seuillon nos ultimos dois mezes, sem que fôsse forçada a mendigar, o que eu me não teria atrevido a fazer com o receio de ser reconhecida.

«D'este modo, se não tivesse este dinheiro, que provem das minhas economias de muitos annos, ou teria morrido de fome, ou teria sido forçada a afastar-me do Seuillon. E não o teria encontrado meu bom João Renaud. Em vez d'esta luz que me cerca, estaria ainda mergulhada nas trevas... e o meu coração não estaria inundado de alegria e de esperança radiante!

«Onde estaria eu n'este momento?...

«Ah! João Renaud; seria ingratidão da minha parte não dar graças ao Deus da Misericordia pela ventura que me concedel! Já não sou a filha maldita! Já não sou maldita!



XV

A porta da adega

João Renaud esteve quasi todo o dia junto de Lucila para lhe fazer companhia;

Fallaram longamente do passado, e traçaram brilhantes projectos para o futuro, não para elles, porque nem em si pensaram, mas sim para os seus filhos queridos.

E todavia Lucila não se esquecia das palavras ameaçadoras do Parisel, filho, e do horroroso perigo que corria a pobre Branca, se o miseravel conseguisse introduzir-se na casa da herdade, conforme a sua intenção.

Podia fazer que a donzella fôsse prevenida para que se acautelasse; mas isso seria aterrorisal-a, sem a subtrahir á vingança do garboso Francisco. Se avisasse João Renaud,

este havia de querer defender a sua filha, e Lucila pensava com terror no que aconteceria, se o pae de Branca e o filho de Parisel se achassem em face um do outro. D'esse encontro era facil resultar uma desgraça...

Tendo resolvido guardar silencio ácerca do que ouvira junto da sebe do jardim, mas querendo a todo o transe defender a donzella contra o seu feroz inimigo, occorrera-lhe, como já dissemos, uma inspiração subita.

Todavia nada podia fazer sem o valioso auxilio de João Renaud. Depois de haver conversado com elle ácerca dos seus filhos, do casamento e da felicidade d'estes, Lucila disse para o velho:

—Á noite, quando todos estiverem dormindo na herdade, desejaria entrar em casa sem que ninguem o soubesse.

João Renaud olhou para ella com surpresa.

—É uma ideia minha, proseguiu ella. Desejaria passar esta noite perto de meu pae, no quarto de Pedro Rouvenat.

—É esse o seu desejo, Lucila? replicou o velho. Nenhuma objecção tenho a fazer, e nem mesmo lhe pergunto a razão por que lhe occorreu essa ideia. Desde hontem á noite, se tivesse querido, poderia estar installada na herdade, e ter retomado o logar que de direito lhe pertence.

O que precisamos agora é arranjar maneira de a fazer entrar na casa, o que é difficil, visto ficarem fechadas todas as portas.

—Contei com o seu auxilio, João Renaud. Em outro tempo, se bem me recordo, a porta da entrada para o pateo tinha duas chaves: seria preciso haver ás mãos uma d'ellas.

—O mais simples seria prevenir Branca; mettel-a no segredo.

—Não, não, replicou Lucila vivamente; mais que nunca de-

sejo que Branca e meu pae nada saibam antes da chegada de Rouvenat e do meu filho ao Seuillon. Desejo por isso que seja absolutamente ignorada a minha presença esta noite na casa de meu pae.

Comprehendo que se sinta surprehendido, meu amigo; mas eu propria não sei explicar-lhe as razões, que me levam a proceder assim. Obedeço n'este momento a uma inspiração, a uma voz intima que me aconselha.

«Seria realmente mais natural, que eu fôsse immediatamente procurar meu pae, e lhe dissesse: «a sua filha vive; sei que a chama, que a deseja junto de si... aqui estou... Amaldiçoou-me em outro tempo; mas Deus cançou-se afinal de me fazer soffrer... volto pois, abençoe-me!» Sim, poderia fazer isto; mas a voz intima, em que ha pouco fallei, segreda-me que não chegou ainda o momento proprio para fazel-o. Obedecendo a essa voz, afigura-se me que é a Deus que obedeço.

—Sim, murmurou João Renaud, ás vezes existem instinctos mysteriosos, que se impõem á nossa vontade.

E, depois de um momento de silencio, perguntou a Lucila:

—Está bem assente a sua resolução de dormir esta noite no quarto de Rouvenat?

—Tenho n'isso o maximo empenho.

João Renaud levantou-se em seguida, e disse:

—Vou á casa da herdade.

—Quando voltará? perguntou Lucila.

—Logo que tenho arranjado meio de a fazer entrar na casa, sem que seja vista.

—Estou convencida de que ha-de conseguil-o.

—Assim o espero.

João Renaud sahio. Passados apenas alguns momentos en-

trava na casa da herdade, e assentava-se em face do lume, conservando o bordão entre os joelhos. De espaço a espaço trocava algumas palavras com a cosinheira que andava de um lado para o outro muito atarefada, vigiando as panellas e excitando o fogo.

Era já tarde, estava proximo o regresso dos trabalhadores, e a creada sabia bem que estes gostam de se assentar á mesa logo que chegam. Ora preparar uma farta refeição para quarenta e tantas pessoas não é trabalho insignificante.

João Renaud, para não estar sem fazer nada, alimentava o fogo lançando um ou dois troços de lenha sobre o brazido, logo que a chamma se tornava menos viva. No entretanto a creada punha os pratos e os talheres sobre as mesas.

—Está hoje muito atarefada, lhe disse por fim João Renaud.

—Ah! é que não tenho tempo a perder. É preciso que a ceia esteja prompta quando os homens chegarem. O que elles querem, logo que chegam, é sentar-se á mesa e comer. E, coitados, veem fatigados, e com fome, não devem esperar.

—Mas a outra creada não a ajuda?

—Cada uma de nós tem aqui o seu trabalho destinado. Gertrudes não tem pouco que fazer para mugir as vaccas, conservar o leite, e tratar da vaccaria.

As vezes, quando ha muito trabalho, ajuda-me um pouco a menina Branca, e ella estava aqui trabalhando; mas o sr. Mellier chamou-a haverá uma hora, e a menina não tornou ainda a apparecer.

—Estará acaso doente o sr. Mellier?

—Doente, não direi; mas tem o quer que seja, e parece muito agitado.

—Naturalmente effeito da ausencia do sr. Rouvenat.

—Deve ser isso. Afigura se-lhe de certo que, não estando aqui o sr. Rouvenat, as coisas não correm regularmente. E na verdade o sr. Rouvenat é a mola real de tudo isto.

Quando elle não está, a casa não parece a mesma. Oh! não me lembrava já, de que tenho de ir á adega buscar vinho.

João Renaud fez um brusco movimento.

—Não poderá a menina Branca fazer esse serviço? perguntou elle.

—Podia, sim; mas não está habituada a isso, e depois também não me atreveria agora a chamal-a. De ordinario é o sr. Pedro Rouvenat quem vae buscar o vinho.

—Se isso pode ser-lhe agradável, tornou João Renaud, que tinha a sua ideia reservada, poderei eu prestar-lhe esse pequeno serviço.

—Pois não regeito o offercimento, porque é agora precisamente o momento em que não posso abandonar as panellas, sem perigo de que se estrague o comer. Tinha pedido aocreado João que voltasse do campo um quarto de hora antes dos outros para me fazer esse serviço, mas elle provavelmente esqueceu se d'isso.

João Renaud tinha-se levantado.

—Pois bem; vou eu á adega, disse elle Não precisa mais do que indicar-me em que ponto fica a vasilha, de que deve tirar-se o vinho, e dizer me o numero de garrafas, que devei encher.

—Hontem trouxe dezeseis litros, isto é, os dois cabazes cheios de garrafas, e chegou; não me parece que bebam hoje mais.

Em quanto á vasilha..., descerei eu correndo á adega, e indicar-lh'a-hei. De caminho trarei também o vinho para os patrões.

A creada estava bem longe de imaginar que o velho mendigo, tão bem disposto a prestar-lhe serviço, se achava ali, junto d'ella, havia meia hora, esperando justamente a occasião de se offerecer para ir á adega.

A creada accendeu uma lanterna e sahiu da cosinha com passos rapidos, depois de haver lançado um ultimo golpe de vista ás caçarollas.

João Renaud seguiu-a. Teria podido muito bem descer á adega sósinho, porque a conhecia havia já muito tempo.

Em um pequeno compartimento terreo, que ficava no fundo da escada, João Renaud pegou nos dois cabazes proprios em cada um dos quaes se achavam as oito garrafas de litro vacias. Em seguida entraram na adega.

—A vasilha é aquella, disse a creada designando uma pipa pequena.

Em seguida tirou de uma prateleira duas garrafas cheias, e retirou-se immediatamente, deixando na adega João Renaud.

—Tudo corre bem, disse este ultimo de si para si; não esperava levar a questão a bom fim tão facilmente, mas não tenho tempo a perder.

Para a entrada dos vinhos, a adega tinha uma porta grande e forte, que abria para o pateo. Não tinha chave essa porta, e era fechada interiormente por meio de uma tranca de ferro, que estava segura de um dos lados, e encaixava do outro em uma especie de gancho.

João Renaud levantou a tranca de ferro, deixando assim aberta a Lucila a entrada da casa. Feito isto, João Renaud tratou de encher as garrafas vacias, subindo em seguida, e entregando os cabazes á creada, que agradeceu muito aquelle favor.

N'aquelle momento nada mais tinha que fazer ali. Voltou

pois á choupana do pastor, para dizer a Lucila de que modo poderia, n'aquella noite, penetrar em casa de seu pae.

A's nove horas e meia os jornaleiros tinham deixado a herdade. Os creados voltaram dos estabulos, fecharam as portas, e foram deitar-se. A cosinheira estava já dormindo.

A creada Gertrudes estava no seu quarto; tinha apagado a luz, mas não pensava em procurar o repouso, de que carecia tanto como os outros serviçaes. Estava devorada por uma inquietação mortal.

Assentada junto da cama, com a cabeça apoiada sobre o travessêiro, reflectia tanto quanto o seu acanhado espirito e a sua perturbação o permittiam.

Comprehendia que ia praticar uma acção má; mas o garboso Francisco assim o queria, e ella devia obedecer.

—Que irá passar-se? que acontecerá? perguntava ella a si propria de momento a momento.

E, depois de uma breve pausa, continuava:

Se amanhã se souber, que fui eu que abri a porta, serei expulsa da herdade.

Que interesse terá elle em saber o que Pedro Rouvenat foi fazer em Paris? E será com effeito com esse fim, que elle quer entrar esta noite na herdade? Ah! se soubesse, nada lhe teria dito.

Ha de certo em tudo isto uma coisa qualquer occulta, que não adivinho, que não posso comprehender.

Assustava-a, fazia-a estremecer o mais pequeno barulho. Estava inundada de suor frio. Como não podia explicar coisa alguma, de tudo tinha medo.

.....

Depois de haver permanecido durante meia hora junto de Jacques Mellier, do qual se não separara durante quasi todo

o dia, porque elle a queria ter constantemente junto de si, Branca tinha-se retirado para o seu quarto.

Permaneceu durante alguns minutos na janella, ouvindo, absorta em meditação profunda, os ruidos da noite. Pensava em seu pae, em Rouvenat, e no homem que amava; mas pensava menos na felicidade e nos jubilos, que podia antever, do que nos deveres e na dedicação que a si propria queria impôr.

Afigurava-se lhe que o seu coração nunca poderia conter tanto affecto, tanto amor, quanto ella quereria prodigalizar áquelles, para quem ia d'ali em diante viver.

Sentiu o frio da noite cahir-lhe sobre os hombros mal resguardados, e fechou a janella para ir ajoelhar ante um Christo, e fazer a oração da noite.

Em seguida despediu-se, apagou a vela, e deitou-se. Não adormeceu porém immediatamente. Eram tantos os pensamentos que a agitavam!

Havia meia hora que estava deitada, e continuava a sonhar acordada, quando julgou ouvir no corredor um ruido de passos leves.

Durante o dia, embora elle não se queixasse, parecera-lhe que Jacques Mellier se achava um pouco adoentado e inquieto com um qualquer pensamento sombrio.

Occorreu lhe pois a ideia de que poderia elle ter-se sentido talvez mais indisposto.

Saltou abaixo da cama, lançou sobre si uma ampla-capa, que achou á mão, e correu a abrir a porta. O corredor estava illuminado por um raio de luar, que passava atravez das grandes arvores do jardim, e penetrava ali por uma janella.

Olhou, e não viu ninguem. Applicou o ouvido e verificou que a casa estava silenciosa.

—E' o pae que anda ahi? perguntou ella.

Nenhuma voz lhe respondeu.

—Enganei me de certo, pensou ella.

E fechou de novo a porta. Um quarto de hora mais tarde dormia profundamente.

.....
Um pouco antes da meia noite, a creada Gertrudes, tremendo violentamente, sahiu do seu quarto sem barulho, e foi abrir a pequena porta, conforme a ordem que recebera do garboso Francisco.

Logo em seguida ergueram-se dois homens a poucos passos de distancia, sahindo de detraz de um arbusto, e entraram na casa.

—Meu pae quiz acompanhar-me, disse o Parisel, filho, para Gertrudes estupefacta. Agora estamos no coração da fortaleza, e não precisamos já de ti.

Faz-me a fineza de recolher sem perda de tempo ao teu quarto. Aconselho-te mesmo que te deites e durmas. Ouviste?

E, agarrando-a por um braço, Francisco Parisel conduziu a creada quasi violentamente, até o fim do corredor.





XVI

Scenas da noite

A creada Gertrudes foi quasi correndo para o seu quarto, repetindo *afflicta*:

—Que irá passar se, grande Deus?!

Os dois Parisel ficaram durante um momento no meio do corredor em completa escuridão. O filho tivera a prevenção de fechar a pequena porta, correndo o ferrolho interior.

Ambos tremiam como varas verdes, e tinham offegante a respiração.

No momento de commetterem um crime premeditado, nem os maiores scelerados são isentos de commoção.

Domina os o medo de uma surpresa, de não obterem o resultado desejado, e tambem de serem perseguidos pela justiça que, cedo ou tarde, fere o criminoso.

—Agora chega cedo a madrugada, disse o pae em voz baixa; não temos tempo a perder.

—Está bem decidido? perguntou o filho no mesmo tom.

—Estou, sim. E tu?

—Eu... estou aqui para me vingar.

—Pensa bem em quanto é tempo. Entendo que deverias renunciar ao teu projecto.

—E o pae renuncia ao seu?

—Eu quero ser rico.

—E eu quero vingar-me. Mellier dorme, e não accorderá, tenha a certeza d'isso. Só Branca poderia incommodal-o, e incumbo-me eu de obstar a que ella saia do seu quarto.

E accendeu cautelosamente uma pequena lanterna de furto-fogo.

Os dois homens entreolharam-se. Estavam lividos como dois cadaveres; mas o fogo dos seus olhares indicava bem a resolução e a audacia, de que se achavam animados.

—Vamos, disse o pae.

Sahiram em seguida do corredor, e pararam á entrada da grande sala do rez do chão, applicando o ouvido. O profundo silencio, que ali reinava, tranquillizou-os.

—Estamos aqui como em nossa casa, cochichou o garboso Francisco, affectando uma tranquillidade, que estava bem longe de sentir.

Atravessaram a sala pé ante pé, e subiram a escada lentamente, seguindo o pae na frente e o filho logo em seguida, e parando bruscamente a cada estalido que se produzia na madeira sob o seu peso.

Chegaram assim até o patamar, e pararam em face da porta do quarto de Jacques Mellier, de encontro á qual o velho Parisel collocou a cabeça applicando o ouvido.

—Não ouço ruido algum, disse elle em voz sumida.

—Prova de que elle dorme tranquillamente, respondeu o filho no mesmo tom.

O velho Parisel, livido como um cadaver, e innundado de suor frio, permanecia immovel, hesitante.

—Tem medo, pae? lhe perguntou Francisco Parisel com os dentes cerrados.

—Não, respondeu o velho, mas é com difficuldade que respiro. É commoção momentanea. Vae já passar.

—Sim, quando tiver aberto o cofre.

Os olhos do Parisel, pae, relampagueavam.

O garboso Francisco levantou surrateiramente a tranque a de ferro, e abriu a porta.

Introduziu a cabeça pela abertura, e revistou com o olhar o quarto, que estava frouxamente illuminado.

Jacques Mellier não tinha feito um movimento unico. Via-se que dormia.

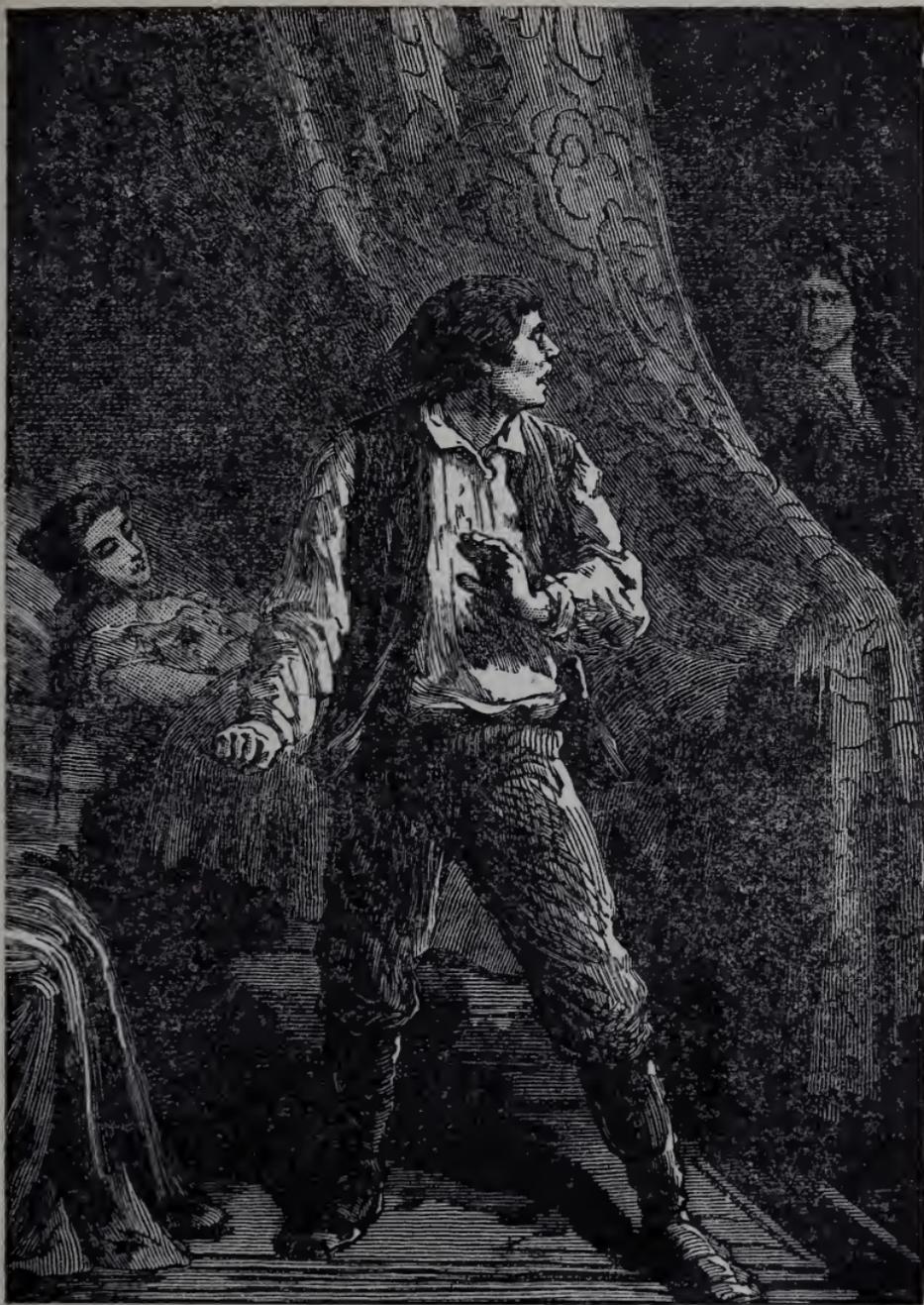
—Conhece-se bem que tomou o remedio opiado, disse Francisco ao ouvido do pae. Pode entrar sem receio.

O velho introduziu-se no quarto. O Parisel, filho, entrou logo em seguida, e foi collocar a lanterna de furta-fogo no chão, junto do cofre-forte, de modo que a luz não batesse no semblante de Jacques Mellier adormecido.

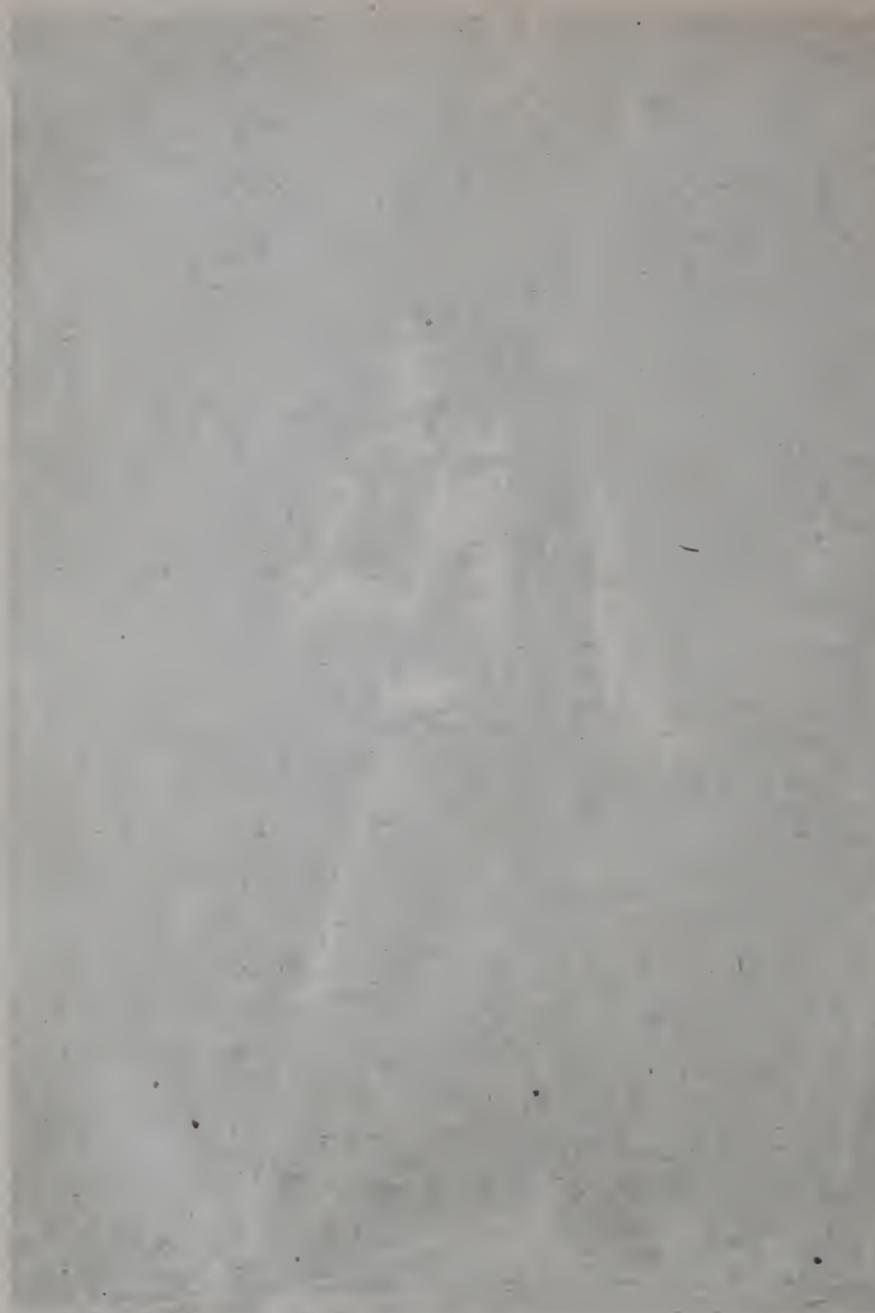
Acocorado por detraz de uma cadeira de braços, para sobre a qual o velho Jacques havia lançado o seu vestuario no momento de deitar-se, o Parisel, pae, estava procurando nas algibeiras a chave do cofre.

As janellas do quarto estavam guarnecidas de grandes cortinas verdes, que o garboso Francisco tratou de sobrepôr, com o fim de augmentar mais ainda a escuridão.

Feito isto, sabiu do quarto, deixando entreaberta a porta.



.. produziu no garboso Francisco um terror indisciplinavel (Pag. 351)



111
The
12

José Parisel acabava n'aquelle momento de se apoderar das chaves.

Caminhando, ou para melhor dizer, arrastando-se sobre os joelhos e sobre as mãos, com os olhos fulgurantes de jubilo, e julgando ter já nas mãos, o que tão ardentemente ambicionava, dirigiu-se sem ruido para o cofre.

Via-o no meio de uma especie de deslumbramento, e, tendo o já aberto em pensamentos, parecia-lhe estar vendo o ouro a relampaguear aos seus olhos, e imaginava ouvir o fru fru das notas bancarias entre os seus dedos contrahidos.

De subito Jacques Mellier agitou se na cama, e murmurou duas vezes:

—Rouvenat, Rouvenat.

Estava sonhando.

José Parisel conteve a respiração, e estendeu-se sobre o chão. Tivera medo.

Apesar de toda a sua audacia, os maiores miseraveis não são isentos de fraqueza.

Convencido porém de que Jacques Mellier não tinha acordado, depressa recuperou a presença de espirito.

Transpoz a distancia, que o separava ainda do cofre-forte, arrastando-se como um reptil. Depois endireitou-se sobre os joelhos, lançou um olhar sinistro para a cama, e procurou entre as cinco ou seis chaves, de que o molho se compunha, aquella que deveria abrir o cofre.

A primeira, que escolheu, não entrou na fechadura. Com a segunda aconteceu outro tanto. A terceira penetrou no orificio.

As mãos do velho Parisel tremiam violentamente, e, pulsava lhe desordenadamente o coração.

Olhou ainda uma vez para o lado da cama; depois, certo

de que Mellier continuava dormindo, deu duas voltas redondas com a chave dentro da fechadura.

De subito produziu-se um estalido metallico bastante forte; acabava de jogar uma das molas interiores da fechadura e em seguida a tampa do cofre ergueu-se automaticamente.

Os olhos do ladrão abriram-se desmesuradamente. Jo-è Parisel curvou-se com avidez sobre o cofre, para ter a satisfação de contemplar os valores, de que estava quasi cheio o cofre-forte.

Sobre uma especie de banquetta de metal via-se um grande maço de titulos diversos, acções e obrigações, ao lado de grossos maços de notas bancarias.

Sobre uma outra banquetta, collocada do outro lado symmetricamente, via-se uma grande quantidade de rôlos de moedas de ouro.

Em baixo, no fundo do cofre, viam-se uns poucos de saccos contendo prata.

Parisel estava deslumbrado; sentia-se agitado por uma especie de vertigem. Os labios contrahiam se-lhe sem sorrisos de cobiça diabolica.

N'aquelle momento nada mais via do que aquelle cofre forte aberto, e dentro d'elle uma fortuna immeusa, que ia pertencer-lhe.

Esquecera completamente o dormiente... que já não dormia.

Jacques Mellier acabava de acordar. Ouvindo o estalido metallico da mola da fechadura do cofre, ruido que lhe era tão familiar, abriu os olhos, e ergueu-se sem barulho sobre a cama.

Na meia escuridão, que ali reinava, viu que em face do cofre se achava um homem acororado. Mas, como o ladrão es-

tava com as costas voltadas, não poude reconhecê-lo. Apesar da surpresa, que o facto lhe causou, o pae de Lucila não se assustou. Deitou as pernas uma apoz a outra para fóra da cama, e pôz-se em pé.

—Não, não poderei levar comigo tudo isto, dizia José Parisel de si para si. Comecemos pelo ouro e pelas notas bancarias...

E, mettendo as duas mãos com os dedos contrahidos dentro do cofre forte, lançou as sobre os rôlos de ouro, como se fôsem as garras de uma ave de rapina.

No mesmo momento, Jacques Mellier, em camisa e tendo nuas as pernas e os pés, lançou lhe as mãos aos hombros, e puchou o violentamente para traz bradando com voz surda:

—Ladrão! ladrão!

*

* *

Agitado pelo ciume e pelo rancôr que d'elle se apoderara, o miseravel Francisco Parisel, contando com o pesado somno produzido pelo opio, tinha deixado seu pae, persuadido de que este poderia levar a sua empreza a cabo sósinho e sem perigo, e de que Jacques Mellier não acorria.

O miseravel queria a todo o transe vingarse do desprezo da innocente Branca, e da especie de antypathia e até repugnancia, que ella lhe testemunhara sempre. Alem d'isto Jacques Mellier e Pedro Rouvenat tinham n'ô burlhado, expulsando-o da herdade como a um cão. Ora, vingando-se como queria da pobre Branca, vingava-se ao mesmo tempo dos dois

outros, e principalmente de Rouvenat, que não conseguira assassinar.

Não hesitara em commetter um primeiro crime, não devia hesitar tambem em praticar um segundo. O garboso Francisco transformara-se em pouco tempo e com a maxima facilidade em um monstro odioso e repellente.

Entrou do quarto da innocente Branca com o olhar fulgurante, e os labios contrahidos em um sorriso atroz, resolvido a tuço, mesmo até a embeber-lhe uma faca no peito, se não pudesse vingar-se d'ella de outro modo.

Sem tremer, de cabeça levantada, e com as mãos estendidas, prompto a lançar-se sobre a donzella e a apertar-lhe o pescoço ou a amordaçal-a, afim de obstar a que ella gritasse, avançou ousadamente para a cama virginal.

Ouviu o murmurio da respiração lenta e regular da donzella, que naturalmente esvoaçava n'aquelle momento no paiz encantador dos dourados sonhos. O garboso Francisco sentiu uma impressão estranha, uma especie de embriaguez subita.

Agitou-lhe todo o corpo um tremor violento, e pareceu-lhe que, em vez de sangue, lhe corria nas veias um qualquer metal candente. O seu sorriso satanico mais se accentuou ainda.

Como o tigre, que contempla na sombra a presa que espreita, parecia gosar de antemão dos soffrimentos da sua victima.

Como o tigre tambem, e não menos feroz do que a sanguinaria féra, ia precipitar-se bruscamente sobre a pobre menina...

De subito porem abriu-se a porta de um compartimento contiguo, e o quarto de Branca achou-se illuminado. O miseravel Francisco deu dois passos á rectaguarda.

Uma mulher sabiu do quarto contiguo, e se dirigiu para elle com o olhar relampagueante. Era Lucila.

Aquella apparição estranha e inesperada, produziu no garboso Francisco um terror indescritivel. Ficou como pregado no chão, immovel, com os braços pendentes e inertes, de bocca aberta, e com o olhar desvairado.

A luz, que sahia do gabinete, batia em cheio no rosto de Lucila, cuja pallidez extrema fazia sobresahir vigorosamente.

Em presença d'aquella mulher, que n'aquelle momento se assemelhava mais a um espectro sahido do seu tumulo, do que a uma creatura viva, outros mais ousados ainda do que o garboso Francisco, teriam ficado aterrorisados.

—Infame! disse ella com voz sepulchral, e estendendo a mão para elle.

Que vens tu fazer aqui? Procuras acaso Pedro Rouvenat, para mais uma vez tentares assassinal-o? Enganaste-te na porta, miseravel Francisco Parisel.

Aqui é o quarto de Branca Mellier, que, como vês, não está sósinha; estou eu aqui para a defender.

Ah! tua mãe era uma boa e honrada mulher! mal pensava ella, quando te mandou a este mundo, que triste brinde fazia á humanidade! Francisco Parisel: de homem não tens senão a figura: és um monstro, és uma fera!

«Se quizesse satisfazer a minha indignação e a minha colera, acordaria todos os habitantes de herdade, e d'aqui a pouco sabirias tu d'aqui entre dois gendarmes.

Mas não quero; és novo, e podes talvez arrependerte, e voltar ao caminho do bem.

Escuta o conselho que vou dar-te; se tens interesse em conservar a tua liberdade, se não queres ser entregue nas mãos

da justiça, e arrastado até o banco dos criminosos, afasta-te sem perda de tempo para longe do Seuillon.

Fuge, vae esconder te para bem longe, e sobretudo não andes divagando de noite em redor da herdade como um ladrão, ou como um lobo esfaimado...

Olha que no fundo do velho pôço ha uma voz que brada sem cessar: «Francisco Parisel é um assassino!...».

Vae-te, vae-te! Depois de teres violado este asylo da innocencia e da pureza, que devia ser sagrado para ti, não debes corrompel o mais tempo com a tua presença!

Francisco Parisel permanecia immovel, e como petrificado.

Tremia-lhe porém convulsivamente todo o corpo; o medo tinha lhe por um momento, paralyzado os movimentos.

Com o olhar relampagueante e tremulos os labios, Lucila Mellier avaçou para elle, e repetiu com voz ameaçadora:

— Vae-te! vae-te!

E ao mesmo tempo apontava-lhe para a porta com um gesto imperioso.

Agora estava mesmo junto de Parisel, que recuou tremendo. De livido que estava, passara agora a esverdeado; o seu olhar parecia o de um louco.

— Oh! o fantasma, o fantasma! pronunciou elle com a voz estrangulada na garganta, e continuando a recuar.

Depois soltou da garganta um grito rouco.

Agitado pelo terror, e julgando sentir os primeiros desvairamentos da loucura, curvou se sob o terrivel olhar que sobre elle pesava, correu para fóra do quarto, e encaminhou-se para a escada, cujos degraus desceu a quatro e quatro. Esquecera-se completamente de seu pae.

Fugira-lhe a memoria, e perdera a faculdade de pensar.

Lucilia tinha parado um momento no limiar da porta do quarto.

O barulho, que fizera o garboso Francisco quando descera a escada aos saltos, obstara a que ouvisse o ruído de uma lucta no quarto de seu pae.

Quando se voltou, viu Branca, pallida, tremula, desgrenhada, com o terror pintado no semblante, em pé no meio do quarto...





XVII

Lucila e Branca

Branca estava dominada por uma agitação extraordinária. Olhava com uma especie de estupefacção para aquella mulher desconhecida, que se achava junto d'ella sem que soubesse de que modo, e que acabava de a salvar de um horroroso perigo.

Depois de um momento de indecisão, durante o qual perguntou a si propria se deveria ficar ali ou retirar-se, Lucila tomou uma resolução subita, e avançou para a donzella.

As duas mulheres ficaram em face uma da outra.

—Como é formosa! que adoravel creança! pensava Lucila Mellier.

—Que bondade transluz no seu olhar! dizia Branca de si para si.

E permaneceram durante um momento silenciosas contem-
plando-se.

Depois, estendendo a mão a Lucila, Branca disse:

—Entrou um homem n'este quarto, não é verdade?

—Sim, um miseravel, um infame!

—Vi-o, e reconheci-o... Sei que me odeia aquelle ho-
mem... Seria intenção sua assassinar-me? Felizmente tive
quem me defendesse contra o seu furor...

Vi que elle tremia, como esmagado sob o peso do seu
olhar... Vi que o expulsou d'aqui, e ouvi tudo o que lhe
disse...

—Ah! não foi sufficientemente profundo o seu somno, re-
plicou Lucila.

Queria que ignorasse o que se passou.

—Agrada-me mais sabel-o, reorquiou vivamente a donzella;
ao menos posso agradecer-lhe o immenso serviço, que me
prestou.

Mas... como é o seu nome? diga-me quem é...

—Quem sou?... uma amiga sua, e tambem do velho Mar-
doche.

Branca examinou-a mais attentamente.

—Conhece Mardoche? perguntou ella.

—Muito bem.

—Ha muito tempo?

—Ha muito tempo, sim, respondeu Lucila com os labios
entreabertos em um sorriso de expressão intraduzivel.

—Foi elle quem lhe proporcionou o meio de entrar n'esta
casa?

—Foi elle; não lhe disse porem que a minha querida Branca
estava ameaçada de um grande perigo.

—Ah! fez muito bem, fez muito bem... Mas... como soube...?

—Hontem á noite ouvi uma conversa entre e o pae o filho Parisel.

—Compreendo. E em razão da sua amisade por Mardoche, resolveu vir proteger-me.

—Vim aqui por causa de Mardoche, e tambem pela muita affeição que consagro á minha querida Branca!

—É então minha amiga, mesmo sem me conhecer?

—Não a amam acaso todos os que a conhecem, e os que a não conhecem?

—Entrou pois no meu quarto, e foi occultar-se n'aquelle gabinete... Vê-se bem que conhece a casa em todos os seus detalhes!

Lucila estremeceu.

—Sim, murmurou ella; conheço a casa.

—Diga-me o seu nome, tornou Branca.

—Não posso.

—Não pode? porquê?

—Sabel-o ha, logo que Rouvenat volte de Paris com o seu noivo.

—Como assim?! exclamou Branca. Mardoche disse-lhe isso tambem?...

E, baixando um pouco a voz, continuou:

—Disse-me ha pouco, que conhece ha muito tempo o pobre mendigo Mardoche.

Sabe tambem que tem um outro nome? que não é Mardoche o seu nome verdadeiro?

Lucila respondeu, tambem em voz baixa:

—Sei que o seu verdadeiro nome é João Renaud e que é seu pae.

—Oh! é estranho! é singular! murmurou a donzella com expressão pensativa.

Depois, de subito, continuou:

—Esse vestido... reconheço esse vestido, que traz sobre si; fui eu que o dei hoje mesmo a meu pae.

—É verdade.

—Esse vestido pertenceu em outro tempo a Lucila, accrescentou Branca.

Aquelle nome de Lucila Mellier, que acabava de pronunciar, constituiu um subito raio de luz para o seu espirito.

Agarrando com affectuosa effusão no braço de Lucila, conduziu-a brandamente para o ponto em que se projectavam os raios da luz, que se achava no gabinete contiguo.

Precisamente como quando se erguera face a face com o miseravel Francisco Parisel, o semblante de Lucila Mellier achou-se em plena luz.

Branca fitou n'ella demoradamente o seu ardente olhar.

Animaram-se immediatamente as suas feições, e na phisionomia transpareceu-lhe uma expressão indefinivel.

Brilhava-lhe nos olhos uma alegria intima:

De repente, e sem pronunciar uma unica palavra, lançou os braços em volta do pescoço de Lucila.

—Que significa...? que quer isto dizer? perguntou está ultima, vivamente impressionada.

Branca respondeu com voz vibrante:

—No quarto do meu padrinho existe um retrato de Lucila Mellier, que tenho contemplado muito frequentes vezes... Está agora bastante envelhecida, mas ainda assim reconheço-a... O seu nome é... Lucila Mellier!

—Cale-se! cale-se, Branca! disse Lucila com voz tremula de temor.

—Ah! exclamou Branca com exaltação. O bom Deus reservava-nos a todos nós esta felicidade suprema!

Lucila Mellier apertou Branca de encontro ao coração, ao mesmo tempo que lhe beijava com affectuosa effusão as faces e os cabellos.

N'aquelle momento ouviram um grito, que semelhava o angustioso estertor de um moribundo, e logo em seguida o barulho de uns passos pesados mas rapidos na escada.

—É elle, é Francisco Parisel que volta! exclamou Branca com terror.

E aconchegou-se com susto para Lucila.

Esta ultima tinha-se endireitado com um estranho fulgor no olhar, prompta a lutar energicamente contra um qualquer inimigo, que por ventura apparecesse.

Mas, em vez de se aproximar, o barulho dos passos afastava-se rapidamente.

Lucila Mellier correu para a janella, que abriu com precipitação.

Curvou-se um pouco sobre o peitoril, e olhou... Viu que um homem sahia do edificio, e fugia correndo atravez dos jardins.

Occorreu-lhe subitamente um horrivel pensamento.

Soltou do peito um grito abafado, correu a buscar a lanterna que se achava no gabinete contiguo ao quarto de Branca, e passou rapidamente ao corredor.

A porta do quarto de seu pae estava aberta de par em par.

Lucila correu para ali com precipitação, louca de terror, e com a respiração cortada pela angustia.

O velho Mellier estava estendido sem movimento no chão, junto do cofre-forte, que o seu corpo inerte parecia querer defender ainda.

Á vista de seu pae, que no primeiro momento julgou assas-

sinado, Lucila cambaleou, e sentiu que se lhe gelava subitamente o sangue nas veias.

Fugiu-lhe da garganta um grito rouco, e bradou com todas as suas forças:

—Acudam! acudam!

Depois, cabindo de joelhos junto de seu pae inanimado, conseguiu erguel-o nos braços, e apoiar-lhe a cabeça de encontro ao peito.

Branca correu tambem para ali.

Não tivera tempo senão para lançar sobre si um penteador, e para calçar uns sapatos.

Viu Lucila, que cobria de beijos e de lagrimas a testa e as faces do velho, e adivinhou tambem por sua vez que acabava de passar-se ali um qualquer facto extraordinario.

—Meu Deus! meu Deus! gemeu ella.

E, ajoelhando ao lado de Lucila Mellier, desatou tambem a soluçar.

Lucila tivera apenas um momento de fraqueza, que depressa passou.

Ao cabo de alguns momentos recuperara toda a sua energia e presença de espirito.

—Não está morto, graças a Deus! exclamou ella.

Já bradei por soccorro, mas ninguem apparece. De certo não foi ouvida a minha voz.

Talvez possamos, auxiliando-nos uma á outra, conduzil-o juntas para sobre a cama.

E, fazendo appello a toda a sua força e a todos os seus esforços, as duas mulheres conseguiram levantar o corpo do velho, e conduzil-o para o leito.

Branca chorava sem consolação.

—Procure conter as lagrimas, minha querida Branca, lhe

disse por fim Lucila; agora não é momento proprio para chorar.

Antes de nos affligirmos, e de cahirmos em desolação, devemos fazer tudo quanto de nós dependa com o fim de o salvar.

Não vejo que tenha ferimento algum. Parece pois que não foi ferido. Precisamos pois primeiro que tudo mandar immediatamente chamar um medico.

Pegue em uma luz, e vá acordar todos os creados da herdade.

E, depois de uma breve pausa, continuou:

—Em outro tempo havia um medico em Frémicourt. Ainda lá existe?

—Existe, sim.

—Ah! tanto melhor! Peço-lhe que ordene, que um dos creados da herdade ponha immediatamente o cavallo á carruagem, e vá já já buscar o medico.

Os outros servidores do Seuillon, deverão conservar-se promptos para cumprirem qualquer ordem, que por ventura queira dar-lhes a minha querida Branca.

—Ás suas ordens, Lucila.

—Silencio, Branca; não pronuncie o meu nome em voz alta.

Até o momento, que eu julgue opportuno para me dar a conhecer, ninguem deve saber quem sou.

Escute, Branca; na ausencia do seu padrinho, e no momento em que a morte vae talvez ferir o meu pobre pae, pertence toda a authoridade no Seuillon a Branca Mellier.

Deverá tambem não dizer a pessoa alguma os terriveis acontecimentos d'esta nocte. É absolutamente indispensavel, que a justiça não entre de modo algum na herdade, sem que

seja aqui chamada por Jacques Mellier. Se elle viver, será elle quem decidirá sobre a sorte dos criminosos; se morrer, deixaremos a Pedro Rouvenat o cuidado de o vingar.

E agora, minha querida Branca, vá dar as suas ordens. Primeiro que tudo venha o medico, o medico!

A donzella accendeu uma vela, e desceu em seguida ao andar inferior.

Passados apenas alguns momentos, Lucila ouviu o ruido das portas que se abriam e fechavam umas após outras.

Os creados, acordados em sobresalto, estavam já todos a pé.

Branca ordenou ao creado João, que preparasse sem perda de tempo uma carruagem, que deveria ser tirada por um dos mais vigorosos cavallos da herdade, e que fôsse com ella buscar o medico de Frémicourt.

Lucila afastou-se da cama por um momento, para ir fechar o cofre-forte, que estava aberto.

Em seguida lançou mão do troço de chaves, que estava pendente da fechadura do cofre, e foi introduzil-as debaixo do travesseiro da cama de Jacques.

Na occasião em que entrara no quarto, e quando vira seu pae estendido junto do cofre-forte, e este aberto, adivinhara desde logo, que se dera ali um roubo, ou uma tentativa de roubo.

Quem teria sido o ladrão? Lucila não tinha reconhecido o homem, que pouco antes vira sahir de casa e fugir; mas, sem hesitar, pronunciou logo em voz baixa o nome de José Parisel.

Não havia que duvidar; como haviam feito para precipitarem Pedro Rouvenat no poço abandonado, os dois miseraveis, contando de antemão com a fraqueza natural de um velho e

de uma creança, tinham-se associado de novo para commetterem um duplo crime sob a protecção das sombras da noite.

Branca, quando deu entrada no quarto de seu pae, encontrou a pobre Lucila lavada em lagrimas, em pé junto do leito, e segurando entre as suas uma das mãos do velho.

—Como está agora? interrogou Branca.

—No mesmo estado ainda, respondeu Lucila em tom doloroso; respira e tem as mãos abrasadas... Queria não chorar, mas, mau grado meu, saltam me dos olhos as lagrimas... Ha já dezenove annos que não o via, e venho agora encontrar-o assim, sem vista, sem voz, sem pensamento!... Oh! é horrivel!... desgraçada sorte a minha!

—Pobre Lucila! pobre Lucila! murmurou Branca com intima compaixão.

—Não, não, já não sou maldita, tornou a infeliz creatura com vehemencia. Deus compadecceu-se da minha desventura. Não me trouxe de certo ao Seuillon, não me fez entrar de novo na casa de meu pae, para o fazer morrer assim á minha vista, sem me ter visto ainda uma vez, sem me haver abençoado... Não, não, o Deus da misericordia não ha-de fazer isso, não pode praticar uma tão grande crueldade!

E, cahindo de joelhos, ergueu as mãos, e elevou para o ceu uma prece ardentissima.

Branca chorava silenciosamente, com o rosto escondido entre as mãos.

Decorreram assim uns vinte minutos pouco mais ou menos.

Lucila Mellier continuava a permanecer ajoelhada. De momento a momento fugia-lhe do peito oppresso um angustioso soluço.

De subito Jacques Mellier soltou um suspiro fundo, agitou-se convulsivamente, estendeu os braços, e logo depois abriu os olhos.

Branca soltou uma exclamação de júbilo.

—Meu pae! meu querido pae! balbuciou ella.

Lucila ergueu-se de salto, como impellida por mola occulta.

Branca estava ajudando o velho a assentar-se na cama.

Lucila permaneceu immovel com os olhos fixos em seu pae. O rosto illuminara-se-lhe subitamente com a expressão de um jubilo immenso.





XVIII

Pae e filha

Jacques Mellier lançou em redor de si olhares espantados, Como um enfermo, que sae de um lōngo delirio, procurava recordar-se, coordenar as suas ideias.

—Meu querido pae, murmurou dôcemante a voz de Branca, não me vê acaso? Não me reconhece? Não reconhece Branca, a filha do seu coração?

O effeito produzido por estas palavras foi maravilhoso. As feições do velho animaram-se e no olhar brilhou-lhe um subito clarão.

—Recordo-me, recordo-me agora... pronunciou elle com voz tremula e mal segura; ali na sombra... o meu cofre aberto... um ladrão... Roubado! estou roubado!...

—Tranquillise-se, meu pae, tornou a donzella com expressão affectuosa: não ha aqui ladrão: sou eu, é a sua filha Branca que está junto de si e que o abraça!

—Sim, sim, vejo-te bem, minha querida Branca, e conheço bem o som da tua voz. Onde está teu padrinho, onde está Pedro Rouvenat?

—Não regressou ainda. Não se recorda de que elle foi a Paris?

—Ah! sim... foi a Paris procurar o filho de Lucila, o teu futuro marido...

Depois, voltando a lembrar-se da lucta, que fôra forçado a sustentar para obstar ao roubo continuou com voz sacudida e entrecortada:

—Não, não foi sonho... Entrou n'este quarto um homem, um ladrão, e abriu o meu cofre forte... Roubou-me... roubou-me a fortuna dos meus filhos!...

Branca permanecia silenciosa; e nem mesmo sabia o que deveria dizer. Lucila, um pouco afastada, e meia occulta na sombra, tremia violentamente, e não se atrevia a fazer ouvir a sua voz.

—Branca, tornou o velho: dá-me o meu fato; quero levantar-me, quero ir vêr...

A donzella obedeceu. Jacques Mellier teve a força necessaria para se vestir sósinho sobre a cama; quando porem desceu d'ella e quiz pôr-se em pé, dobraram-se-lhe as pernas sob o peso do corpo, e de certo teria cahido, se Branca não o tivesse amparado.

Apoiado sobre os hombros da donzella, conseguiu arrastar-se até junto do cofre-forte, levando comsigo o molho das chaves.

Quando ia a abaixar-se para verificar as faltas, que por

ventura existiam no interior do cofre, o velho cambaleou, e deixou-se cahir como se fôra massa inerte.

Lucila, assustada, deu dois passos para correr em seu socorro. Parou porem bruscamente...

Fazendo um supremo esforço. Jacques Mellier acabava de erguer-se vagarosamente, até ficar de joelhos, sempre amparado por Branca.

Logo que se achou n'aquella posição, olhou para o interior do cofre, que não sem custo conseguira abrir.

—Branca, dá-me luz, disse elle.

A donzella foi buscar uma vela para o alumiar. O velho logo ao primeiro olhar reconheceu que se achavam intactos os valores contidos no cofre-forte.

O ladrão, aterrorisado por vêr que o ruído da lucta e os gritos, embora abafados, de Mellier não podiam deixar de attrahir gente ao quarto d'este ultimo, não tinha tido tempo para lançar a mão a um unico masso de notas, nem ao mais pequeno dos rôlos de ouro.

Jacques Mellier passou uma das mãos por sobre a testa, como quem faz um esforço de memoria, e permaneceu durante um momento silencioso e immovel. Era evidente que se estava fazendo no seu espirito um laborioso trabalho.

—Não, murmurou elle ao cabo de alguns momentos, e como fallando comsigo proprio; não foi sonho... Vi eu o ladrão, vi que se curvava sobre o cofre... Pousei as minhas mãos sobre os hombros do miseravel, e lancei-o por terra... queria ver-lhe o semblante, queria reconhecê-lo, mas não o consegui. O miseravel apagou a luz rapidamente...

A lanterna de furta-fogo, sobre cuja mola o velho Parisel apoiara de certo a mão para a apagar, estava ainda no lugar em que o garboso Francisco a collocara. Jacques Mellier viu

aquelle objecto, lançou mão á'elle, e mostrando-o a Branca, pronunciou:

—Vê isto, filha; era a luz do ladrão... Ah! eu sabia bem, que não fôra sonho!... Não pude ver lhe o semblante, não o conheço... Posso porem dizer que é um homem forte e reforçado... mais do que eu, que sou velho.

Para não te acordar em sobresalto, minha querida Branca, para não te assustar, não quiz bradar por soccorro; julguei poder, eu só, segurar e dominar o ladrão. Estava deitado ao comprido no chão, e eu mantinha o seguro com as mãos e com os joelhos.

Fazendo porem desesperados esforços, conseguiu desprender-se e levantar-se. A sua intenção era fugir. Mas eu agarrei-o solidamente, e não queria de modo algum largal-o. O miseravel tremia violentamente.

«Houve depois entre nós uma lucta encarniçada, terrivel... Quanto tempo durou ella? não sei dize-lo. O que eu queria era impellil-o para lo gabinete, que separa o meu quarto do de Rouvenat, para o encerrar ali.

Não sei porem de que modo, conseguiu subitamente desprender os dois braços, e logo em seguida senti, que os seus dedos contrahidos me apertavam o pescoço, como uma tenaz de ferro. Queres ver os vestigios d'essa violencia, Branca?

A donzella curvou-se um pouco, e examinou o pescoço do velho.

—Sim, disse ella; vejo umas nodoas escuras, azuladas...

—Os seus dedos apertavam-me a garganta a ponto de me suffocarem, proseguiu o velho. Tentei obrigar-o á largar-me, batendo-lhe murros no rosto. Nada consegui.

O maldito apertava cada vez com maior força, estrangulava-me... Faltou-me subitamente a respiração, e senti que me

affluia todo o sangue ao coração e á cabeça... Creio lembrar-me de que lancei nos ares um grande grito, e logo em seguida cahi... Ignoro o que se passou depois.

Naturalmente o miseravel atemorizou-se, recebeu ser surprehendido, e fugiu sem que tivesse tempo para commetter o roubo. Ah! tive medo... tive medo de encontrar vasio o meu cofre, porque o que tenho aqui... é o teu dote, minha querida Branca!

O velho tinha fechado o cofre-forte. Segurando-se com um dos braços sobre o hombro de Branca, e apoiando-se com o outro sobre um movel, conseguiu erguer-se. Tinha a pelle abrasada, e todavia tremia violentamente, como se estivera tranzido com frio.

—Está tremendo com calafrios, meu pae, disse Branca; deve ir já deitar-se de novo.

—Não, respondeu o velho; ajuda-me a ir para junto da janella. Estarei ali melhor, na minha poltrona. O horisonte começa a esclarecer-se; começa a madrugada a surgir...

E, ao passo que se encaminhava para a janella lentamente, ir murmurando:

—Sinto umas pulsações estranhas na cabeça... afigura-se-me que tenho fogo na pelle, e ao mesmo tempo no interior uma coisa qualquer gelada...

Chegado que foi junto da janella, deixou se cahir sobre a poltrona.

—Abre a janella, Branca, tornou elle. Ha de fazer-me bem o ar livre e perfumado, que vem do nosso formoso valle.

A donzella apressou-se a obedecer. O velho respirou ruidosamente.

—Sinto no peito uma grande oppressão, disse elle; mas isto passa depréssa... Branca: quero ver o sol a erguer-se.

Nos olhos um pouco vagos tinha agora um brilho singular.

—Branca, tornou elle depois de um momento de silencio: oxalá regresses hoje o nosso Pedro Rouvenat.

Estou impaciente por apertar de encontro ao coração o meu neto... E crevi hontem ao meu tabellião para o prevenir... Tenho medo de morrer, minha querida Branca, e quero casar-vos sem perda de tempo.

E depois tambem quero reconhecer como meu herdeiro, e como meu filho, o filho da minha pobre e tão querida Lucila.

Ouvindo estas palavras, Lucila, mau grado seu, deixou escapar um soluço.

O velho estremeceu violentamente, e voltou a cabeça com extraordinaria vivacidade. Viu Lucila, que se achava a poucos passos, com a cabeça baixa, occulta por detraz das mãos.

Agarrando em uma das mãos de Branca, Jacques Mellier disse com agitação febril:

—Branca, Branca... quem é que está ali? quem é aquella mulher?

—Meu pae... meu querido pae... balbuciou a donzella.

Lucila levantou a cabeça. O seu rosto estava inundado de lagrimas. Pareceu hesitar durante alguns momentos; depois, tomando uma resolução subita, curvou de novo a frente, e foi ajoelhar aos pés do velho Mellier.

—Meu pae, disse ella com a voz alterada e soluçante: é Lucila Mellier, é a sua filha arrependida a desgraçada que está prostrada aos seus pés!

Jacques Mellier ficou durante um momento sem voz, e dominado por estupefacção profunda. Dir-se-hia que não comprehendera o sentido das palavras, que acabava de ouvir pronunciar.

De subito porem os seus olhos relampaguearam, e o rosto illuminou-se-lhe com um clarão radiante. Tomou entre as tremulas mãos a cabeça da filha, e forçou-a assim a mostrar-lhe o semblante.

Durante alguns momentos, dominado por uma commoção e por um jubilo indiziveis, contemplou aquelle rosto pallido, emaciado pelos soffrimentos e pela miseria, mas bello ainda. Depois exclamou como agitado por uma especie de delirio:

—Filha! filha do meu coração!

A pobre Lucila agora não procurava já conter as lagrimas.

—Ah! deixa-me ver-te bem, tornou o velho. Ha tanto tempo que te espero!... Se soubesses quão funda é a alegria, que sinto em mim, filha!... Sim, és tu... reconheço as tuas feições tão queridas, o teu suave olhar. Ah! Deus bemdito... eis-me finalmente restituída a minha filha adorada!... E nada me dizias, Branca!...

A donzella curvou-se para o velho, e beijou-a na testa.

Jacques Mellier, que continuava a acariciar a filha, murmurou:

—Branca: Lucila é tua irmã mais velha, e muito depressa ha-de ser tua mãe!

Depois, inclinando-se para a filha, disse-lhe affectuosamente:

—Ha tanto tempo que te procuramos, filha! Onde te escondias tu? Ah! sinto que deves ter soffrido muito. Porque não voltaste ha mais tempo?

—O pae... lançara sobre mim... a sua maldição... balbuciou a pobre Lucila, sem bem saber o que dizia.

—Oh! cala-te! cala-te!

—Agora peço-lhe perdão, meu pae. Se me julga sufficien-

temente punida, peço-lhe, supplico-lhe que levante de sobre mim essa maldição.

O velho começou a soluçar.

—Oh! filha... esperam-te os meus braços... vem, filha querida... quero apertar-te de encontro ao coração!

O pae e a filha abraçaram-se febrilmente. Depois de um curto silencio, o velho continuou:

—Era leve a tua falta, porque fôra inconsciente, e expias-te-a cruelmente... Aqui ha um culpado unico: sou eu, Jacques Mellier!... Lucila: teu pae foi implacavel para ti, não o sejas tu para elle... Lucila, minha filha: o velho Jacques Mellier, teu pae, prestes a descer os degraus da sepultura... teu pae implora o teu perdão...

—Oh! meu pae, meu pae! exclamou ella, abraçando o velho com phrenetico transporte.

Jacques Mellier chorava como uma creança. Procurando segurar a voz, que se recusava a articular as palavras, balbuciou por entre soluços:

—Em outro tempo, Lucila, minha filha, lancei sobre ti... a minha maldição... hoje, filha da minha vida, hoje, pobre martyr da minha crueldade, hoje abenço-te, abenço-te, abenço-te!

Lucila ergueu para o ceu um olhar impregnado de reconhecimento.

—Meu Deus, murmurou Jacques Mellier depois de uma breve pausa: antes de me lebares d'este mundo, concedei-me a ventura de ver ainda o meu neto!

Até ali conservara uma tal ou qual energia á custa de um supremo esforço de vontade. As forças abandonaram-n'o subitamente, e deixou cahir a cabeça sobre o espaldar da cadeira. Tinha o rosto innundado de suor frio; apagara-se-lhe

o brilho do olhar, e mostrava agora no semblante uma côr livida, quasi esverdeada.

—Sente-se mais incommodado, meu pae? lhe perguntou Lucila assustada.

—Não, respondeu elle; sinto um immenso cansaço... effeito da commoção... mas não soffro.

—Branca e eu ajudal-o hemos a ir de novo para a cama...

—Não, minhas filhas; sinto-me bem aqui, tendo junto de mim as minhas filhas queridas.

E estendeu para Lucila uma das mãos, e a outra a Branca.

—Vêde, minhas filhas, disse elle em seguida, com os labios entreabertos em um sorriso; vêde alem o sol, que se levanta... os seus primeiros raios acariciam a minha cabeça. Lucila, Branca, o dia, que começa, é para todos nós um dia de ventural

E, soltando um suspiro fundo, continuou:

—Ah! queria que Rouvenat e o teu filho chegassem n'este momento!

Ouviu-se em seguida o rodar de uma carruagem. Jacques Mellier estremeceu, e endireitou o corpo. Branca, curvada sobre o peitoril da janella, olhava para o pateo, para ver quem chegava.

—É o doutor, disse ella.

Passado um momento entrava no quarto o medico da povoação proxima.

Lucila tinha-se retirado precipitadamente para a outra extremidade do quarto.





XVI

Confissão de Jacques Mellier

O medico examinou o enfermo durante longo espaço, e declarou que Mellier estava extremamente fraco, e agitado por violentissima febre.

Com quanto quizesse mostrar-se tranquillo, não conseguia disfarçar a inquietação, de que se achava possuido.

Desconfiava de que existia uma qualquer desordem grave nos órgãos essenciaes á vida: mas da auscultação, nada podia deprehender.

Lucila, immovel em um canto do quarto, esperava com ansiedade.

Branca interrogava o medico com um olhar prescrutador.

—Nada posso dizer aiuda, murmurou elle. Esperemos.

—Será doença grave, sr. doutor?

O medico não respondeu áquella interrogação directa.

—Experimentou ultimamente uma qualquer commeição muito violenta, não é verdade? perguntou elle, dirigindo-se ao velho.

Este ultimo respondeu affirmativamente com um simples movimento de cabeça.

—É evidente que se produziu uma congestão nos pulmões, tornou o doutor, continuando a examinar o enfermo, e como fallando comsigo proprio.

Só então viu os vestigios de estrangulação, que Jacques Mellier mostrava no pescoço, e que não havia notado ainda.

—Que foi isto? perguntou elle vivamente.

Jacques Mellier foi forçado a dizer-lhe, que um individuo desconhecido para elle, se introduzira no seu quarto no meio da noite para o roubar, e contou-lhe a lucta, que sustentara contra o ladrão...

—Esse facto explica tudo, disse o medico. Esse miseravel tentou assassinalo, e só por milagre o não conseguiu. O sr. Mellier podia ter morrido no proprio momento em que cabiu.

Mas tudo isto é muito grave, e é necessario que se façam as competentes participações ás authoridades, para que procedam ás necessarias investigações sobre essa dupla tentativa criminosa.

É impossivel que a justiça não descubra esse audacioso. Soube que encontraria a chave do cofre na algibeira, onde costuma habitualmente guardal-a, assim como sabia tambem que tem em casa valores importantes.

Por aqui se vê que elle conhece muito bem os costumes da casa. Mas como poderia elle penetrar na herdade? Pertencerá

acaso á gente da casa? Tem confiança nos seus creados, sr. Mellier?

—Foram todos escolhidos por Pedro Rouvenat, respondeu o velho.

A sua fidelidade está acima de toda e qualquer suspeita.

Depois de haver prestado ao doente os cuidados urgentes, que o seu estado reclamava, o medico retirou-se, declarando que voltaria ali antes do meio dia.

Jacques Mellier tinha querido permanecer assentado na poltrona, junto da janella aberta, e o medico nenhum inconveniente vira n'isso.

Logo que o doutor se retirou, Lucila voltou a ajoelhar junto de seu pae.

O velho enfraquecia de momento a momento, e a respiração tornava-se-lhe cada vez mais difficil.

—Não quiz contrariar o bom do doutor, disse Mellier, sorrindo tristemente; mas a verdade é que sinto, que a minha vida vae extinguir-se.

Ouvindo estas palavras, Lucila e Branca começaram a soluçar.

O velho passou os braços por sobre os hombros de ambas, e apertou de encontro ao peito as duas cabeças.

—Não chorem, minhas filhas, disse elle; a morte é a lei fatal da vida.

Sinto que a morte se aproxima; mas, vendo aqui junto de mim, as minhas duas filhas, não me atemoriso, não... Ah! se ao menos o bom Rouvenat regressasse depressa, e trouxesse comsigo o meu neto!...

Com os olhos meio cerrados, o velho pareceu reflectir durante alguns momentos.

Depois, fallando comsigo proprio, murmurou:

—Não, não quero morrer sem cumprir o meu ultimo dever. E para isso nem mesmo quero esperar o regresso de Rouvenat.

Oh! posso morrer sem ter fallado, e esta ideia enche-me de terror!...

—Meu pae, lhe perguntou Branca: é um padre que deseja aqui?

Durante um momento o velho Mellier olhou com enternecimento para a encantadora creança.

Logo em seguida erguendo os olhos e as mãos para o ceu respondeu:

—Sim, Branca; sou christão, e podes mandar chamar o bom cura de Frémicourt, que estimo e respeito.

Vel o-hei aqui com prazer, se por acaso a minha alma não tiver deixado o meu corpo antes de que elle chegue.

E, depois de uma breve pausa, accrescentou bruscamente:

—Branca: estou ouvindo vozes de homem no rez do chão.

Vae ver quem é que falla assim, e vem logo dizer-m'o.

A donzella sahio do quarto com passos rapidos.

Ao cabo de um momento tornou a entrar, e disse a Jacques Mellier:

—Meu pae; lá em baixo estão o creado João, a creada Seraphina, quatro ceifeiros, e o velho Mardoche.

—Que estão elles fazendo?

—Fallam a seu respeito, meu pae; sabem que está doente, e estão consternados.

—Diz me os nomes dos ceifeiros:

—São o velho M tñias, Andral, Brunet, e Simonin.

O semblante do velho enfermo pareceu illuminar-se subitamente.

—Branca: os quatro ceifeiros, cujos nomes acabas de pro-

nunciar, são amigos de Pedro Rouvenat e de Jacques Mellier.

Vae dizer a Mathias, a Andral, a Brunet, e a Simonin, que os espero aqui, no meu quarto.

Dirás o mesmo ao creado João, e ao velho Mendigo Mardoche.

A donzella olhou com surpresa para o velho.

—Vae, filha, vae, insistiu Jacques vivamente; ouvirás tambem o que quero dizer-lhes.

—Obedeço, meu pae, respondeu Branca, dirigindo-se para a porta.

—Meu pae, disse Lucila erguendo-se: adivinho o seu pensamento.

—Pois que o adivinhaste, replicou o velho, diz a teu pae se o aprovas.

—Sim, meu pae; é generoso o que quer fazer. Ninguem mais, senão Jacques Mellier, pode e deve proclamar a innocencia de João Renaud.

Peço-lhe porem que me permitta, que não assista eu á sua confissão.

—Tens razão, filha, não deves estar presente... Passa para aquelle gabinete, e retira-te para o quarto de Rouvenat.

Aproxima-te de mim, filha; deixa que te dê mais um beijo.

No entretanto Branca havia interrompido segunda vez a conversa dos ceifeiros, que João Renaud ouvia sem pronunciar uma palavra unica, assentado, com os cotovellos apoiados sobre a mesa, e o rosto assente sobre as mãos.

—Meus amigos, disse Branca, dirigindo-se aos ceifeiros: meu pae manda pedir-lhes, que subam ao seu quarto. Ao que parece, tem que dizer-lhes.

—A todos quatro? perguntou o velho Mathias com surpresa.

—A todos, sim. Quer tambem que o creado João vos acompanhe.

Os cinco homens trocaram entre si olhares de intima surpresa.

Branca aproximou-se de João Renaud, e disse-lhe em voz baixa:

—Jacques Mellier incumbiu-me de dizer a Mardoche, que snba tambem ao seu quarto.

—Eu?! eu tambem!? murmurou João Renaud estremeendo.

—Sim. Mas vejo-o com expressão contrariada e descontente. Que é o que tem?

—Branca; não quero occultar te que estou inquieto. Queria saber alguma coisa...

—Eu adivinho talvez o motivo da sua preocupação.

João Renaud olhou fixamente para a filha:

—Passaram se esta noite graves acontecimentos na herdade, tornou a donzella.

—Diz, diz depressa, murmurou o velho com grande anciedade.

—Pænetrou um homem no quarto de Jacques Mellier, e tentou rouba-lo e assassinal-o.

—Parisel, de certo!

—Sim, Parisel, pae, creio eu. O proprio Jacques Mellier não o reconheceu.

—Mas quem foi que o defendeu contra o assassino? Branca: não viste uma mulher que...?

—Escute, meu pae: no momento em que o velho Parisel, provavelmente, tentava roubar os valores contidos no cofre-

forte de Jacques Mellier, Francisco Parisell entrou no meu quarto em quanto eu estava dormindo...

João Renaud fez-se pallido como um cadaver, e nos olhos brilharam-lhe dois subitos relampagos.

—Infame! infame! murmurou elle surdamente.

—Meu pae, acrescentou a donzellar: a sua filha deve talvez mais do que a vida a Lucilla Mellier.

—Ah! sabes...?

—Sim, mas não á agora o momento opportuno para lhe contar o que se passou.

—Venha, venha comigo...

E o pae e a filha seguiram os ceifeiros, que subiam a escada.

—No momento em que João Renaud e Branca chegavam ao patamar da escada, abriu-se a porta da casa da herdade, e deu passagem a um homem de certa idade, ricamente vestido.

Tinha grisalhos os cabellos, e não usava barba alguma. O seu olhar era vivo e penetrante.

Na phisionomia, embora fria e austera, transparecia-lhe uma expressão manifesta de benevolencia e de bondade.

O seu aspecto era de homem intelligente, instruido e distincto.

A creada Seraphina estava n'aquelle momento na horta colhendo legumes.

O desconhecido não encontrou pessoa alguma na sala.

—Provavelmente estão nos estabulos, disse elle de si para si.

E dispunha-se a sair de novo, quando ouviu um ruido de vozes e de passos no andar superior.

A escada estava na sua frente.

Depois de um momento de hesitação, decidiu-se a subir ao primeiro andar.

A porta do quarto de Jacques Mellier estava entreaberta.

O desconhecido aproximou-se; mas parou junto do limiar em presença do espectáculo tocante e commovente, que se lhe offereceu á vista.

Ao lado de Jacques Mellier achava-se Branca, levemente apoiada sobre o espaldar da poltrona.

Na retaguarda da donzella via-se João Renaud, com a sua longa barba e longos cabellos grisalhos, e trajando os seus miseraveis andrãjos de mendigo.

Em face do velho Mardoche, achavam-se o creado da herdade e os quatro ceifeiros.

Mellier não havia fallado ainda.

O desconhecido avançou mais um passo, e collocou-se de maneira que a sua presença não pudesse ser notada.

Depois de haver saudado os recémchegados com uma inclinação de cabeça, o velho Jacques Mellier tomou a palavra.

Com voz grave, lenta e um pouco oppressa, á qual deu um accento solemne, disse:

—Meus amigos: tenho muito prazer em vos vêr aqui n'este momento, pois sei que todos dedicaes um certo affecto ao velho proprietario do Seuillon.

Sinto-me muito fraco, e creio que está proxima a minha hora derradeira...

—Ab! não, sr. Mellier; isso não ha de ser nada, disseram muitas vzes.

—Escutae o que vou dizer-vos; os momentos são preciosos; deixae que eu falle... Quereria que estivessem n'este momento aqui, para ouvirem as minhas palavras, todos os habitantes de Frémicourt e de Civry.

Sois apenas seïs; embora, escutae-me.,. Ides ouvir a confissão do velho Jacques Mellier.

João Renaud estremeceu. Os outros homens presentes olharam uns para os outros com estupefacção.

Branca fez um movimento, como se fôra intenção sua tapar a bocca do velho para obstar a que fallasse. Não se atreveu porém, e permaneceu silenciosa.

Mellier continuou:

—Lembraes-vos todos da minha filha?

—Sim, sim, da menina Lucila, da formosa menina do Seuillon!

—Pois bem; devo dizer-vos que fui implacavel com a pobre menina... Por uma falta, que deveria ter lhe perdoado, expulsei-a da minha casa... sim, em um momento de louco exaspero, expulsei de casa a minha filha, a minha unica filha, lançando sobre ella a minha maldição!

Os ouvintes curvaram a cabeça.

—Eis a razão porque Lucila Mellier desapareceu tão subitamente.

Mas ainda isto não é tudo; escutae-me, escutae-me todos... Ha dezenove annos, no dia vinte e quatro d'este mesmo mez, de S. João, um pobre rapaz, desconhecido n'estes sitios, foi assassinado com um tiro de espingarda na estrada, que conduz de Frémicourt a Civry, quasi em face do Seuillon...

—Recordo-me d'isso como se a coisa se tivesse passado hontem, disse o velho Mathias.

—O caso foi tão fallado, que toda a gente d'esse tempo se lembra d'elle, accrescentou Simonin.

—Esse homem, murmurou o velho com voz mal segura, esse desconhecido tinha entrevistas nocturnas com Lucila Mellier... era amante da minha filha!

A surpresa transpareceu em todos os semblantes.

—A justiça procurou o assassino, e prendeu um bom homem de Civry... Todos vós conhecesteis o pobre João Renaud, o matador de lobos... João Renaud foi julgado e condemnado a trabalhos publicos perpetuos... Onde estará elle agora?... Em Cayenna..., ou morto talvez... Pois, apesar d'essa condemnação, João Renaud, o caçador de lobos, estava innocente!...

Estas palavras foram seguidas de um murmurio.

—Tudo o accusava, exclamou Jacques Mellier diligenciando fallar com voz segura; podia defender-se, e provar muito facilmente que não fôra elle o assassino... Não quiz porem fazel-o e deixou-se condemnar... A razão d'este facto não é sabida por vós, mas vou eu dizer-vo'la...

João Renaud conhecia o verdadeiro criminoso, e deixou-se condemnar para o salvar!... Ouviste, Branca? teu pae estava innocente!... Se ainda existe, ha de ser-lhe restituída a liberdade, e has de vel-o!...

A donzella deixou-se cahir de joelhos, chorando como uma Magdalena.

—O verdadeiro criminoso, continuou o velho elevando tanto quanto podia a voz, o homem que matou o desgraçado rapaz desconhecido na estrada de Civry fui eu, eu, Jacques Mellier!...

Os homens presentes, menos João Renaud, e talvez tambem o homem desconhecido, que o acaso conduzira para ali em um tal momento, estavam literalmente estupefactos.

—Ouviram todos? tornou o velho Mellier.

Lembrae-vos bem das minhas palavras, afim de podereis repetil as na occasião em que para felicidade d'esta creança, que todos amaes, Pedro Rouvenat vos faça comparecer pe-

rante as autoridades para dizereis a verdade... Desventurado João Renaud... coração nobre e dedicado... oxalá sejas ainda d'este mundo, para veres rehabilitado o teu nome!...

O velho cessou de fallar, e deixou cahir a cabeça sobre as mãos.

Os espectadores d'aquella scena impressionante, permaneciam mudos e immoveis, como se estivessem pregados no chão.





O advogado Dumoulin

Seguiram-se alguns momentos de silencio, durante os quaes o creado João e os quatro ceifeiros, depois de se haverem consultado com o olhar, sahiram lentamente do quarto, uns após outros.

Branca permanecia de joelhos junto do velho. João Renaud tinha-se aproximado da poltrona.

O desconhecido, immovel no mesmo lugar, contemplava o velho mendigo com o mais pronunciado interesse.

De subito Jacques Mellier agitou-se convulsivamente, e ergueu um pouco a cabeça. Os olhos dilataram-se-lhe, e decompozeram-se-lhe as feições.

Estendeu os braços e as pernas, e, bruscamente, como se



A voz de João Renaud!... a voz de João Renaud? .. (Pag. 389)

tivesse recebido o choque de uma pilha electrica, levantou-se em pé. O corpo tremia-lhe violentamente.

—Sinto que me foge a luz dos olhos, balbuciou elle com voz debil e entrecortada. Não vejo... não vejo...

E levou a mão ao peito, sobre o qual se lhe contrahiram os dedos.

—Aqui... aqui... tornou elle; sinto aqui uma impressão glacial... Vou morrer... sinto que vou morrer!... Rouvenat, Rouvenat... Ah! quando chegar, já não serei d'este mundo...

E não verei o filho da minha filha... não verei o meu neto Edmundo... Sinto vertigens... confundem-me os pensamentos... os membros entorpecem-se-me... Branca, Branca, onde estás?

A donzella tinha-se levantado aterrorisada.

—Estou aqui, meu pai, aqui, ao seu lado, respondeu ella. O velho agarrou-lhe em um braço com força.

—Já te não vejo, Branca, balbuciou elle; mas ouço a tua voz, sinto-te junto de mim... não me abandones... E Lucila?... Branca, chama Lucila... chama a minha outra filha!...

—Lucila! Lucila! bradou Branca.

A filha de Jacques Mellier ouviu o chamamento e correu logo.

Á vista de seu pae, que tinha já no decomposto semblante indicios manifestos de morte proxima, soltou um grito despedaçador, e apertou o velho com uma especie de phrenesi de encontro ao coração.

O velho tornou a cahir pesadamente sobre a poltrona.

—Lucila... Branca... murmurou elle: perdoaes-me, não é verdade?...

As duas filhas de Jacques Mellier responderam com soluços.

—Haveis de ser muito amigas uma da outra, continuou Jacques, e não mais vos separareis.

Haveis de ser felizes... Branca; teu pae soffreu e soffre muito ainda por minha causa, assim como tambem tive a desgraça de concorrer para a morte de tua mãe, da boa Geneveva...

Fuí causa de grandes desventuras... Deus, que é justo, é tambem misericordioso... Reconhece o meu arrependimento, e não ha de ser inexoravel... não ha de fechar á minha pobre alma as portas do ceu!... Lucila... vou para junto de tua mãe... dir-lhe-hei que me perdoaste.

Ficou durante alguns momentos silencioso, com os braços estendidos, e com o ouvido attento, como se estivesse escutando um ruido longiquo.

—Rouvenat volta... corre... tornou elle já menos distinctamente, porque começava a paralisar-se-lhe a lingua... Se eu pudesse viver ainda duas horas... ou mesmo só uma hora...

Se o meu velho amigo Pedro Rouvenat estivesse aqui, ao meu lado... se tivesse beijado o meu neto... e se alguém me dissesse: «vive ainda João Renaud»... morreria satisfeito... Desgraçadamente porem não poderei ter esta consolação suprema!...

—Jacques Mellier, pronunciou João Renaud com voz vibrante de intima commoção: posso eu dar-lhe essa derradeira consolação, que tanto deseja: João Renaud existe ainda!

O moribundo foi agitado por um tremor convulsivo.

—Quem foi que fallou? balbuciou elle.

—Aquelle que é conhecido aqui pelo nome de Mardoche...

Um antigo amigo de Jacques Mellier, que se disfarça sob os andrajos de mendigo...

O moribundo tentou levantar-se.

—Ah! balbuciou elle. A voz de João Renaud... A voz de João Renaud!...

—Jacques Mellier, tornou o mendigo: João Renaud não está já em Cayenna; João Renaud está livre!

Acha-se aqui, a seu lado, e falla-lhe... Jacques: beijo-lhe as mãos, penetrado de gratidão, por tudo o que fez pela minha filha... Se está chegada a sua hora derradeira, morra em paz.

E o mendigo, juntando a acção ás palavras, beijou as mãos do moribundo.

O rosto de Jacques Mellier exprimiu de subito uma alegria infinita.

No seu olhar brilhou um ultimo clarão.

—Mardoche... João Renaud... vejo-te... murmurou elle. Ah! meu Deus! meu Deus!... Volta-me a luz dos olhos... não quero morrer ainda... Vêde, minhas filhas... Ah! que bello dia!... que esplendido sol!

E por tres vezes tentou pôr se em pé, sem que o conseguisse.

Depois levou subitamente as mãos ao peito, soltou um ultimo soluço, e, fechando os olhos, cahiu pesadamente para traz...

João Renaud curvou se para elle, contemplou-o durante um momento, e em seguida endireitou o corpo, pronunciando a palavra:

—Morto!

Lucila e Branca soltaram um grito doloroso, e cahiram de joelhos.

—Pobre Jacques! murmurou João Renaud. Estava escripto que não veria o filho de Lucilat

Fez-se então ouvir por detraz de João Renaud a voz do desconhecido, que dizia:

—Deus não quiz collocar o filho em presença do homem, que matara seu pael

João Renaud voltou-se bruscamente, e achou-se face a face com o desconhecido.

—Quem é o senhor? lhe perguntou elle com a maior surpresa.

—Dir-lh'o-hei. Por agora deixemos chorar aquellas duas pobres creaturas.

Venha comigo. Desejo fallar-lhe. Vim aqui com o fim unico de procural-o.

Os dois homens sahiram do quarto.

Logo que se acharam no pateo, que dava entrada para a casa da herdade, João Renaud que estava impaciente, começou:

—Poderei agora saber...?

—O meu nome? disse o desconhecido.

—Sim.

—Chamo-me Nestor Dumoulin. Sou advogado, e resido em Paris.

—Não tenho a honra de o conhecer, senhor, disse João Renaud.

—Sei que me não conhece; mas eu conheço-o muito bem, não obstante ser hoje a primeira vez em que o vejo. Ha de haver uns oito mezes vim já aqui uma outra vez por sua causa.

—N'esse tempo não estava eu n'estes sitios. Mas diga-me: vem procurar João Renaud no Seuillon, ou o mendigo Mar-doche?

— En resultado de varias indicações, que me foram fornecidas por um ceifeiro, vinha procurar na herdade o mendigo Mardoche; mas eu sabia já que sob o nome de Mardoche se occultava João Renaud, o indultado de Cayenna.

— Como sabe o senhor essas coisas? exclamou João Renaud com surpresa.

— O acaso fez que ouvisse ha pouco as palavras do velho Jacques Mellier; devo porem declarar que ellas não me revelaram coisa alguma, que eu não soubesse já.

— Como assim?...

— Sabia que Jacques Mellier, querendo vingar a sua honra ultrajada, assassinara o amante de sua filha!

Sabia que Lucila Mellier, na manhã immediata ao assassinato do homem, que amava, abandonara a casa de seu pae!

Sabia que a mulher de João Renaud, Genoveva, morrera; que Branca, a nova *menina do Seuillon* era filha de João Renaud, o matador de lobos, e finalmente que João Renaud, então presidiario, estava innocente.

João Renaud estava litteralmente estupefacto.

— Mas como foi que conseguiu descobrir o mysterio do Seuillon? perguntou elle.

O advogado sorriu.

— Descobri-o, respondeu elle, lendo attentamente e estudando, em Vesoul, todos os documentos, de que é formado o seu processo.

— Será possível!? exclamou João Renaud.

— Uma longa conversa, que tive com o antigo juiz de paz de Saint Irun acabou de me esclarecer, e pude então restabelecer no meu espirito a verdade dos factos.

Adivinhei facilmente que, tendo andado durante o dia á caça do lobo, havia passado pela herdade, antes de ir a Terroise,

e deixara ali a espingarda, da qual mais tarde Jacques Mellier lançara mão, julgando que seria a d'elle.

Adivinhei tambem que, sabindo de Frémicourt momentos depois de commettido o crime, se achara em face da victima, que respirava ainda, e que o desgraçado rapaz o incumbira de ir ao seu quarto, na hospedaria Bertaux, em Saint-Irun, a fim de se apoderar de uns certos papeis, que eram de natureza a comprometterem Jacques Mellier muito gravemente.

João Renaud estava maravilhado.

—Na parte que diz respeito aos papeis, continuou Dumoulin, pude suppôr que o senhor os destruiu.

Soube porem mais tarde que, cedendo a uma boa inspiração, os tinha escondido em Civry, por debaixo do sobrado da sua casa.

João Renaud estava no auge da estupefacção; não sabia o que devia pensar.

Deu um passo á rectaguarda, e olhou quasi com espanto para Dumoulin.

O advogado descerrou os labios em um benevolo sorriso.

—Se acreditasse em magias, disse João Renaud, dizia que o senhor é feiticeiro.

—Felizmente não é credulo a esse ponto.

João Renaud fez um gesto brusco.

—Ah! exclamou elie. O facto de saber, que eu occultava os papeis debaixo do sobrado da minha antiga casa, significa que fallou com Edmundo, que conhece o filho de Lucila Mellier.

—Sim, conheço-o, João Renaud.

Depois de haver reflectido durante alguns momentos, este ultimo proseguiu:

—Disse-me ha pouco, senhor, que já viera a estes sitios ha oito mezes por minha causa; n'essa epocha porem estava eu

ainda em Cayenna, e não conhecia Edmundo, o filho de Lucila...

—N'essa epocha, replicou o advogado, tambem eu o não conhecia, e até mesmo ignorava a sua existencia.

—E foi ha oito mezes, que descobriu a verdade ácerca do drama do Seuillon?

—Foi, sim.

—Peço lhe que me desculpe por me atrever a interrogal-o, senhor; mas a verdade é que não comprehendo ainda o fim, com que quiz penetrar esse segredo, que tão bem guardado estava.

—Tinha em mira unica e exclusivamente o seu interesse, João Renaud.

A minha vinda a estes sitios determinou o pedido de indulto, que foi feito em seu favor.

—Como assim?! exclamou João Renaud, tomando com entusiasmo entre as suas as mãos do advogado.

Será verdade que lhe devo a liberdade, que lhe devo a felicidade da minha adorada filha?

—Não, João Renaud, não é a mim, que deve essa graça, mas sim a um amigo meu, muito intimo.. Esse amigo é seu conhecido... fallou comsigo em Cayenna.

—Ah! não me esqueci d'elle, não... Um dia, em Cayenna, um homem de nobre apparencia, e que parecia ter tambem soffido muito, mandou-me chamar á sua presença.

Fallou-me com bondade, e interrogou-me... Que lhe respondi eu? nem já me recordo... Foi elle então que me fez regressar a França, que me trouxe para junto da minha filha? Foi elle que me salvou dos horrores do presidio?

—Sim, João Renaud, é a esse homem que deve a sua liberdade.

—Oh! por quem é, senhor! peço-lhe que me diga o seu nome! Ainda que viva a mil leguas d'estes sitios, quero ir procural-o, quero ir agradecer-lhe de joelhos a incomparavel ventura que me proporcionou; quero...

—Não posso ainda dizer-lhe o nome do seu bemfeitor, João Renaud; ha de porem sabel-o muito depressa.

Ha de vel-o tambem, e poderá então apresentar-lhe os testemunhos da sua gratidão.

Como já tive occasião de dizer-lhe, foi por interesse seu, e direi tambem, por interesse da sua filha, que me decidi a voltar á Haute-Saone, mandado aqui pôr o seu protector desconhecido.

—Que pode elle fazer mais em meu favor, e em favor da minha filha?

—Quer levar a cabo a empreza, que iniciou, amigo João Renaud. Escute-me: Edmundo, o filho de Lucila Mellier, e Branca encontraram-se por acaso, e amam-se. Sabia isto?

—Sabia-o, sim.

—Pois muito bem! para que o moço Edmundo e Branca possam unir-se e viver felizes, é necessario, é forçoso que a reabilitação seja legalmente pronunciada.

—Que me diz, senhor? exclamou João Renaud com funda surpresa.

—E' isto o que deve ser, e o que ha de ser.

—Não, não, é impossivel, tornou João Renaud, cootinuando sempre a ceder aos seus impulsos de generosidade; a reabilitação de João Renaud deshonoraria o nome de Mellier, que ha de ser o do filho do homem assassinado.

—Edmundo não pode ter o nome de Mellier, sendo certo que tem o nome de seu pae.

—O nome de seu pae!

—Sim; esse nome porem não posso ainda fazer-lh'o conhecer, João Renaud.

A morte de Jacques Mellier, que tão pouco esperada era por mim, torna a minha missão infinitamente mais facil.

Alem d'isto a confissão por elle feita ha pouco em presença de umas poucas de pessoas, simplifica singularmente as coisas.

Vou partir immediatamente para Vesoul, afim de dar começo ás diligencias necessarias para conseguimento do fim que temos em vista.

«No entretanto, amigo João Renaud, não quero deixar de tranquilisar, tanto quanto possivel, os seus escrupulos.

Não se fará escandalo algum em redor da sepultura de Jacques Mellier. Conduzirei as coisas de modo que o veu, que cobre o terrivel drama da noite de vinte e quatro de junho, não seja erguido muito violentamente.

Jacques Mellier já não existe; havemos de deixar que durma em paz o eterno somno. Além de nós dois, cinco homens ouviram a confissão do velho Mellier; peça-lhes que não pronunciem uma unica palavra sobre o assumpto, que nada digam.

Fallarão sómente em presença do magistrado, por quem para esse fim hão de ser chamados d'aqui a dois ou tres dias.

E, depois de uma breve pausa, Nestor proseguiu:

—Agora, João Renaud, resta-me apenas pedir-lhe que me diga os nomes e appellidos, assim como tambem os logares de residencia dos cinco homens, que ouviram as ultimas palavras de Mellier, e que devem ser seus conhecidos.

—Temos em primeiro logar, respondeu João Renaud, o creado da herdade, cujo nome é João Roblot.

O advogado, que havia tirado uma carteira da algibeira, passou a escrever os nomes, conforme João Renaud lh'os ia dizendo.

— Os outros, continuou este ultimo, são: Isidoro Mathias, André Brunet, José Andral, e Alexandre Simonin. Todos quatro residem em Frémicourt.

Depois de tomar as competentes notas, o advogado estendeu a mão ao seu interlocutor, ao mesmo tempo que lhe dizia:

— Nada mais tenho que fazer no Seuillon, disse elle. Vou deixal-o agora, amigo João Renaud; mas depressa havemos de tornar a ver-nos.

Depois de pronunciar estas palavras, afastou-se rapidamente.





XXI

Os gendarmes

Ainda não estava bem frio o corpo de Jacques Mellier, e já se sabia em toda a povoação de Frémicourt, que o velho proprietario do Senillon havia deixado este mundo.

E como o medico entendera do seu dever fazer saber ao *maire* o que durante a noite se passara no quarto do velho Mellier, todos acreditavam que a lucta, que este fôra forçado a sustentar contra o ladrão, e bem assim a impressão terrivel que tal factó deveria causar n'elle, teriam sido as causas determinantes da sua morte.

Perto das dez horas o cabo da gendarmeria de Saint Irun e um dos seus gendarmes, andando em serviço de ronda, passaram em Frémicourt, e entraram em casa do *maire*, como

era costume, para lhe perguntarem se havia alguma novidade na povoação e suas immediações.

—Temos uma novidade, temos, respondeu o magistrado municipal.

E fez-lhes saber que n'aquella mesma noite o velho Jacques Mellier, proprietario da herdade do Seuillon, fôra forçado a defender-se contra um ladrão, que surprehendera em flagrante delicto de roubo, e que se travara luta entre elles, ficando o velho em muito mau estado.

—Oh! oh! disse o cabo da gendarmeria. Eis um caso que é muito grave.

—Tanto mais grave, meus senhores, quanto é certo que o velho Mellier morreu hoje de manhã, provavelmente em consequencia das violencias, a que a lucta deu de certo causa.

Os dois gendarmes entreolharam-se.

—Não os esperava hoje aqui, tornou o *maire*, e ia agora mesmo escrever ao juiz de paz de Saint-Irun, para lhe dar conhecimento dos factos, que acabo de relatar-lhes.

—Sabe-se acaso o nome d'esse audacioso malfeitor? perguntou o cabo.

—Infelizmente esse nome não é sabido.

Como já lhes disse, o facto passou-se no meio da noite, e o velho Jacques Mellier não pôde ver a cara do ladrão.

—Seria por ventura algum dos creados da herdade? perguntou o gendarme menos graduado.

—Jacques Mellier disse hoje de manhã ao medico de Frémicourt, que o homem, que se introduzira no seu quarto para o roubar, não era nenhum dos seus servidores.

—Pois bem, tornou o cabo de gendarmes; iremos nós agora mesmo ao Seuillon, afim de colhermos ali pessoalmente o maior numero de informações, que seja possível.

*
* *
*

À excepção de Gertrudes, os creados da herdade não sabiam ainda que n'aquella noite dois homens se haviam introduzido na casa da propriedade, e que um d'elles tentara roubar o velho Mellier.

Tendo voltado para o seu quarto, em cumprimento da ordem que acabava de receber do garboso Francisco, a creada Gertrudes nada sabia em detalhe do que se passara no primeiro andar da habitação.

Mas a morte subita e inesperada de Jacques Mellier tinha lançado no seu espirito uma preocupação grandissima.

Dizia de si para si com intimo terror, que naturalmente os dois Parisel, pae e filho, não tinham sido estranhos áquella catastrophe tão imprevista.

Atravessava o pateo, voltando dos estabulos, quando viu que dois gendarmes se encaminhavam para a herdade.

Apoderou-se d'ella um medo irreflectido, e precipitou-se para o interior da casa, bradando:

—Os gendarmes! ahí veem os gendarmes!

Felizmente para ella na grande sala do rez-do chão não estava n'aquelle momento senão a creada Seraphina, e esta não notou a pallidez, nem a perturbação de Gertrudes.

Passados alguns momentos, os gendarmes davam entrada no pateo da herdade. Seguraram os cãvallos pela redea, prendendo esta em um anel de ferro chumbado na parede, e entraram.

Gertrudes tinha cahido desfallecida sobre um banco.

A creada Seraphina, que nada tinha que temer, avançou tranquillamente ao encontro dos agentes da authoridade.

—Que é o que desejam, srs. gendarmes? perguntou ella.

—E' verdade que morreu o sr. Jacques Mellier? interrogou o cabo.

—Desgraçadamente é verdade; falleceu hoje ás oito horas da manhã.

—Pode fornecer-nos algumas informações, acerca do que se passou na herdade durante a ultima noite?

—Dir lhe-hei o que sei, que não é muito. Segundo parece, o sr. Mellier sentiu-se subitamente incommodado, e chamou que lhe acudissem.

A menina Branca ouviu, e correu logo ao quarto d'elle. O r. Mellier estava sem sentidos, e a menina desceu logo para acordar todos os habitantes da herdade.

O creado João foi a correr chamar o medico, que reside em Frémicourt. Eis o que posso dizer-lhe, sr. gendarme.

—Como assim? exclamou o cabo, franzindo as sobrancelhas.

—Nada mais sei, e não supponho que qualquer outra pessoa possa dizer lhe mais.

O gendarme voltou-se então para a creada Gertrudes.

—Não pode tambem dar-me alguma informação mais detalhada? lhe perguntou elle.

O olhar espantado da creada fixou-se no agente da authoridade.

—Eu nada ouvi, respondeu ella com voz mal segura, e tremendo violentamente. Dormia como um prego na minha cama. A verdade é que, quando estou dormindo, pode cabir a casa, e nem assim acordo.

—Oh! tem o somno muito pesado, disse o cabo de gendarmes.

E voltou-lhe as costas.

—Queria fallar com o sr. Pedro Rouvenat, tornou elle, dirigindo-se de novo á creada Seraphina.

—O sr. Rouvenat, respondeu esta, partiu ante-hontem para Paris, de onde não regressou ainda.

—Ah! e onde estão os outros creados?

—Os creados da herdade foram levar o comer aos trabalhadores do campo. O vaqueiro entrou agora com as vaccas, e deve estar no estabulo.

O pastor veio tambem ha pouco buscar o seu comer do dia, e voltou em seguida para o seu rebanho.

—Poderemos fallar com a menina Branca? perguntou o cabo depois de uma breve hesitação.

—A menina está junto de seu pae. Mas se tem muito interesse em fallar-lhe, poderei ir chamal-a.

—Sim, vá; o caso, de que se trata, é bastante grave para que me atreva a incommodal-a em um tal momento.

Peça lhe da minha parte a fineza de vir fallar-me.

A creada Seraphina subiu rapidamente a escada, e foi bater duas pancadas discretas na porta do quarto mortuario.

Em satisfação ao desejo expresso por Lucila, cuja presença em casa não era ainda conhecida senão por João Renaud e por Branca, esta ultima tinha prohibido de um modo absoluto a entrada no quarto.

Graças a esta precaução, podia a pobre Lucila permanecer junto do corpo inanimado de seu pae, sem receio de ser surprehendida.

Ouvindo bater na porta a filha de Mellier occultou-se por detraz dos cortinados do leito. Branca foi entreabrir a porta.

—Menina, lhe disse a creada: estão lá em baixo dois gendarmes.

Não posso imaginar o que venham fazer aqui, mas declaram que desejam a todo o transe fallar com a menina, visto não estar cá o sr. Rouvenat.

—Diz a esses senhores que vou immediatamente fallar-lhes, respondeu Branca.

E, voltando precipitadamente para Lucila, disse-lhe com voz mal segura:

—Ao que parece, o medico commetteu alguma indiscrição. Estão lá em baixo os gendarmes.

Que deverei fazer? Se me interrogarem, que deverei eu responder?

—Branca, respondeu Lucila: é inutil fazer saber ás pessoas estranhas, que Francisco Parisel teve a audacia de penetrar no seu quarto durante o seu somno; mas com respeito ao que n'este quarto se passou, não vejo inconveniente em que conte aos gendarmes o mesmo que o men pobre pae disse ao medico.

Não reconheceu elle o ladrão, o miseravel que foi causa da sua morte, e portanto nós tambem não temos o direito de pronunciar o nome do homem, de quem desconfiamos.

—Bem; comprehendo, replicou Branca.

E, limpando vivamente os olhos, sahiu do quarto.

Logo que a donzella appareceu, os gendarmes saudaram-n'a respeitosamente.

A creada Gertrudes permanecia assentada no mesmo logar. Dir-se-hia que tinha completamente paralyzados os movimentos. Seraphina estava em pé em face do fogão.

—Acabamos de ter conhecimento da morte do sr. Mellier, porque o sr. *maire* de Frémicourt nos fez saber o triste facto,

disse o cabo de gendarmes, dirigindo-se a Branca. Segundo parece, e se são verdadeiras as informações, que o sr. *maire* recebeu, introduziu-se a noite passada um ladrão no quarto de seu pae para o roubar. Diz-se mesmo que entre o sr. Mellier e o ladrão se travara lucta.

Por fim, depois de haver tentado estrangular o pobre sr. Mellier, o ladrão fugiu sem ter tido tempo para commetter o roubo, que havia premeditado. Tudo isto é verdade?

—É verdade, senhor, respondeu Branca; tudo isso é exacto.

—É um crime odioso esse, menina Branca, e o nosso dever é fazermos sem demora tudo quanto em nós caiba com o fim de procurarmos e encontrarmos o criminoso. O sr. Mellier, antes de morrer, declarou acaso que o reconhecera?

A creada Gertrudes, com o olhar desvairado, e agitado o corpo por um tremor violento, applicava o ouvido ao que se estava dizendo.

—Era de noite, senhor, respondeu Branca. Meu pae, que não pôde ver a cara do ladrão, não o reconheceu.

—E não teve quaesquer desconfianças...?

—Nenhumas.

—E a menina Branca não calcula...?

—Não, senhor, não tenho razão alguma que me induza a suppôr quem fosse o malfeitor.

—Sabe de que modo conseguiu introduzir-se o ladrão n'esta casa?

—Não sei. É possível que se desse um qualquer esquecimento no fechar das portas.

—Perdão, menina, disse a creada Seraphina; posso eu affirmar que hontem á noite foram fechadas todas as portas, conforme o costume.

—E as janellas?

—As janellas tambem.

—No entretanto o ladrão não poderia entrar de certo, sem que tivesse uma qualquer abertura por onde pudesse introduzir-se. Não imagina, menina Branca, que o criminoso possa ser um dos seus creados?...

A donzella abanou a cabeça.

—Responder-lhe-hei com as palavras de meu pae, antes da sua morte: «está muito provada a fidelidade dos creados da herdade, e nem mesmo desejaria que cahisse sobre elles uma qualquer suspeita».

—Tudo isto é singularmente mysterioso, murmurou o cabo de gendarmes de si para si:

E em voz alta continuou:

—Peço-lhe que nos desculpe, menina Branca, por a termos incommodado em occasião tão pouco opportuna: mas nós não podemos deixar de cumprir o nosso dever, e sômos forçados a interrogal-a.

Sinto-me realmente pesaroso, por ver que não pode dar-nos uma qualquer indicação, que possa auxiliar-nos na descoberta d'esse perigoso malfeitor, que foi de certo causa da morte do sr. Jacques Mellier.

Havemos de porem procural-o activamente, e deve esperar-se que não conseguirá eximir-se á acção da justiça e ao castigo que merece. Vamos retirar-nos, menina Branca; voltaremos porem ao Seuillon em um momento mais opportuno.

Em seguida os gendarmes sahiram da herdade, montaram de novo a cavallo, e partiram a galope.

Branca voltou logo para o quarto mortuario. Lucila interrogou-a com o olhar.

—Partiram já, disse a donzella. Respondi conforme os seus desejos ás perguntas, que elles me dirigirám.

—Bem, respondeu Lucila.

E depois de alguns momentos de silencio, perguntou:

—Branca: sabe quaes são as horas da passagem dos comboios em Vesoul?

—Dos comboios, que veem de Paris, respondeu a filha de João Renaud, é, de manhã, ás cinco e oito horas, de tarde á uma e ás seis.

—Se Pedro Rouvenat e o meu filho chegaram hoje a Vesoul no comboio das cinco horas, não tardarão muito em apparecer aqui.

—Sim, principalmente se o meu padrinho tiver encontrado uma carruagem para alugar em Saint-Irun.

—Esperemos, murmurou Lucila suspirando.

Depois de ter visto que os gendarmes haviam partido, a creada Gertrudes sentiu-se quasi completamente tranquillizada. Julgava saber finalmente a verdadeira razão determinante da excursão nocturna do garboso Francisco.

—Adivinhei afinal, disse ella de si para si. Vendo que o patrão não se resolvia a morrer depressa, quiz apossar-se do seu ouro; felizmente o velho não o reconheceu, e ninguem saberá que foi elle... Ninguem poderia fazer essa revelação senão eu... mas eu amo-o loucamente, e nem por um reino o traiçoaria.

Ninguem saberá tambem como foi que elle entrou, porque hoje de manhã, logo que me levantei, quando a menina nos acordou a todos, o meu primeiro cuidado foi correr o ferrolho da porta do jardim. O patrão morreu, é verdade; mas a verdade é que era velho, e que já cá não andava a fazer nada...

«Agora vae o meu querido Francisco receber uma grande herança, e vae ser elle o verdadeiro senhor da herdade; de

pois havemos de casar logo... Serei eu a mulher do garboso Francisco, a rica proprietaria do Seuillont

A alegria fazia pulsar-lhe o coração com violencia. Estava como embriagada de esperança e de orgulho.

—Preciso a todo o transe fallar-lhe esta noite, continuou ella. Devo dizer-lhe que o patrão não o reconheceu, e que por isso ninguem ha que possa imaginar que foi elle... Se elle se não atrever a apparecer por estes sitios, irei eu procural-o em Artemont.

Depois, endireitando o corpo, com relampagos de orgulho no olhar, e um sorriso de expressão intraduzivel nos labios, exclamou, quasi em voz alta:

—Hão de chamar-me todos a sr.^a Parisel, e serei eu a proprietaria do Seuillont!





XXII

No quarto do morto

Acabavam de bater duas horas da tarde, quando se ouviu rodar a distancia da herdade uma carruagem, que se aproximava, e que ao cabo de poucos momentos entrou no pateo. D'ella desceu Pedro Rouvenat.

O velho não sabia ainda que ia encontrar o corpo do seu amigo Jacques Mellier estendido sem vida sobre a cama; e no entretanto tinha o olhar amortecido, sombrio o semblante, e mostrava em toda a sua attitude a expressão manifesta de uma profunda tristeza.

É que Rouvenat voltava sósinho; não o acompanhava aquelle que fôra procurar.

Desceu da carruagem, e disse para o conductor, ao mesmo tempo que lhe entregava uma somma de dôze francos:

—O preço convencionado foi dez francos; dou-lhe mais dois como reconhecimento por haver sido bom o seu serviço. Mas o calor está suffocante, e de certo tem necessidade de se refrescar um pouco antes de tornar a partir. Venha comigo.

O cocheiro não se fez rogar muito, saltou logo da almofada, e acompanhou Rouvenat.

A creada Seraphina estava sósinha na grande sala do rezdo-chão.

—Bom dia, sr. Pedro, disse ella. Ah! eil-o de volta finalmente. A menina Branca esperava-o com a maior impaciencia.

—Seraphina, disse Rouvenat: dê a este homem alguma coisa para comer e beber.

—Immediatamente, sr. Pedro.

E fez signal ao cocheiro para que se assentasse junto da mesa.

N'aquelle momento Pedro Rouvenat reparou bem na creada, e conheceu que era de profunda tristeza a expressão, que lhe transparecia no semblante. Alem d'isto viu tambem que tinha os olhos vermelhos de chorar.

—Que foi que lhe aconteceu, Seraphina? lhe perguntou elle com ar benevolo. Afigura-se-me que vejo em si vestigios de que chorou.

—Ah! não sabe ainda o que aconteceu, sr. Pedro? Não lhe disseram nada ainda?

—Que foi?

—Uma grande desgraça, sr. Pedro!...

—Uma desgraça?!... exclamou Rouvenat com anciedade. Explique-se, Seraphina.

—O sr. Mellier...

—Está doente?...

—Está... está morto!!

O velho levou vivamente a mão ao coração, e soltou um grito rouco. Depois sem articular uma unica palavra, correu para a escada, e precipitou-se como um louco no quarto de Jacques Mellier.

A sua brusca aparição foi saudada com duas exclamações.

Junto da cama do morto viu Branca e Lucila; mas não reconheceu esta ultima. Branca correu para elle, e saltou-lhe ao pescoço chorando.

O velho estreitou-a com affectuosa violencia de encontro ao coração, e depois, afastando-a de si brandamente, lançou-se soluçando sobre o cadaver de Jacques Mellier.

—Morto, morto!! balbuciou elle com a voz estrangulada na garganta. Está tudo acabado!... Deixei-o vivo, bem disposto, quasi alegre, e venho encontral-o hirto, gelado... um cadaver!... Que desgraça!...

Se ao menos eu estivesse presente, se tivesse podido ouvir as suas ultimas palavras... ter-me-hia dito a sua ultima vontade, teria recebido o seu suspiro derradeiro... Cheguei tarde... muito tarde!... Ah! Deus é terrivel para nós! Acaba de ferir-nos sem compaixão! A sua justiça é inexoravel...

E, recuando um pouco com passos cambaleantes e mal seguros, foi cahir sobre uma cadeira com o rosto escondido entre as mãos.

Pedro Rouvenat chorava. O homem forte estava agora prostrado! diante da morte, parecia dominada e vencida a sua coragem.

Lucila e Branca olhavam para elle silenciosamente, e não ousavam interrogal-o. Respeitavam aquella dôr tão torturante.

Ao cabo de alguns momentos, o velho ergueu a cabeça, e estendeu os braços para Branca.

De subito porem os seus olhos, desmesuradamente abertos, fixaram-se sobre o semblante de Lucila. Erguendo-se de salto, como impellido por mola occulta, exclamou:

—Lucila! Lucila!

A filha de Jacques Mellier approximou-se d'elle, e tomou entre as suas uma das mãos do velho Rouvenat.

—Sim, sou eu que estou aqui, Pedro, disse ella. Meu pae chegou a ver-me, e perdoou me... Retirou a maldição, que em outros tempos lançara sobre mim, e abençoou-me!... Pedro: o seu velho amigo Jacques Mellier não queria morrer antes do seu regresso, e chamou-o muitas vezes até o momento de soltar o derradeiro alento.

Repetir-lhe-hei eu as suas palavras, far-lhe-hei saber as suas ultimas vontades. Morreu sem soffrimento, ali, junto d'aquella janella, assentado na sua poltrona, tendo-me a mim e a Branca junto de si, e com o olhar fito no ceu e no sol!... A sua alma está aos pés de Deus...

E, depois de uma breve pausa, continuou com voz tremula:

—Agora, Pedro Rouvenat, diga-me onde está o meu filho. Rouvenat curvou a cabeça tristemente.

—Não me responde, Pedro? tornou Lucila. Que significa esse silencio?

—Lucila, balbuciou Rouvenat: volto sósinho... estou cheio de desolação...

—Oh! o meu filho... exclamou a pobre mãe, aterrorisada. Aconteceu alguma nova desgraça?

Branca tremia, e só a custo continha as exclamações de terror, que lhe subiam do coração aos labios!

—Não, não; tranquillise-se, Lucila, tornou Pedro Rouvenat vivamente. Não aconteceu coisa alguma desagradavel ao sr. Edmundo, sei-o... Mas logo depois de haver regressado a

Paris, partiu de novo em companhia de Jeronymo Greluche.

Para onde foram? Ninguem pôde dizer-m'ô. Prometto-lhe porem que havemos de encontral-o, custe o que custar.

Lucila soltou um gemido. Branca abraçou-a dizendo:

—Devemos ter esperança, Lucila!

—Sim, não deve perder-se nunca a esperança! pronunciou por detraz d'ellas a voz de João Renaud.

Este ultimo tinha entrado em quanto Rouvenat fallava, e havia avançado para o grupo sem ruido, e com a cabeça descoberta. Pedro Rouvenat estendeu-lhe a mão.

—Ah! a colera de Deus não se apasiguou ainda! murmurou Lucila Mellier com expressão de desalento.

—É então certo que o não| encontrou? perguntou João Renaud a Rouvenat.

—Partira dois dias antes da minha chegada, respondeu este ultimo.

—Com Greluche?

—Com Greluche, sim.

O velho João Renaud curvou a cabeça em attitude de reflexão.

—Logo que cheguei a Paris, proseguiu Rouvenat, fiz-me conduzir á morada que o amigo João Renaud me havia indicado, á rua da Montagne Sainte-Geneviève.

Dirigi-me á mulher do guarda-portão do predio, uma excellente creatura, que me respondeu com muita delicadeza e benevolencia.

«—É effectivamente aqui, me disse ella, que habitualmente residem o sr. Edmundo, e o seu pae adoptivo, Jeronymo Greluche, que é conhecido tambem com a denominação de Rigolo, porque é homem que tem sempre um dito engraçado, e porque possui, installado nos Champs Elysées, um theatrinho

de fantoches, a que deu o nome de «theatro Rigolo». Infelizmente chega em má occasião para fallar-lhes.

«O velho Rigolo fechou o seu theatrinho ha uns quinze dias pouco mais ou menos, e não me parece que esteja muito disposto a abril-o muito depressa de novo.

«Depois de uma viagem, que durou mais de uma semana, os meus dois locatarios voltaram aqui; parece porem que estão resolvidos a passar agora a vida em viagens, porque tornaram a partir ante-hontem, e, segundo me disse o velho Jeronymo Greluche, parece que com ideia de se demorarem uns tres mezes, ou mesmo talvez mais.

«—E não sabe para onde iriam? lhe perguntei eu.

«—Não sei, não. A verdade é que não me contam os seus negocios. O velho Greluche é um excellente homem, mas mysterioso como uma sepultura.

«O sr. Edmundo, debaixo d'esse ponto de vista, ainda é peor. Só quem fôr feiticeiro pode adivinhar o que elle pensa. Muito agradável, muito condescendente, mas um pouco altivo, direi mesmo um pouco selvagem.

«Verdade é que se não deve estar em grandes conversas com toda a gente. Todos teem obrigação de se manter na sua posição.

«O sr. Edmundo é muito illustrado; o velho Rigolo, que de certo é homem abastado, proporcionou-lhe muitos estudos.

«Confesso que estava impacientado com a loquacidade da mulherzinha; mas não havia meio algum de lhe cortar o fio do discurso. Fui pois forçado a ouvir todo o seu arrasoado.

«Devo dizer-lhe que sou muito amiga do menino Edmundo, que já ha sete annos reside n'esta casa, continuou ella. Já vê que o conheci muito môço ainda, porque elle não deve ter mais de vinte annos, se tanto tiver.

«Estava elle no collegio de Sainte-Barbe, situado mesmo aqui ao lado, e muitas vezes fui eu que lhe levei os dôces, que lhe mandava o bom Greluche, que «bebe ares e ventos» por elle. O sr. Edmundo não é ingrato, não, e posso dizer que tambem é muito meu amigo.

«Pode acreditar-me, senhor, porque eu, quando se trata de coisas sérias, nunca minto. O sr. Edmundo, antes de partir, deu-me um grande abraço, a mim, que sou uma pobre mulher!!... Ah! é um homem de coração! E, quando sahio d'aqui, disse-me: «Se, como espero, fôr feliz muito depréssa, mandar-lh'o-hei logo dizer.»

—Meu querido filho! murmurou Lucila profundamente commovida.

Com o olhar fixo em Rouvenat, e a bocca entreaberta, parecia querer beber as palavras que o velho estava pronunciando. João Renaud, com a cabeça inclinada sobre o peito, continuava a reflectir.

—Apesar de vivamente contrariado, tornou Rouvenat, estava escutando a boa mulher com infinito prazer, desde que ella exaltava as qualidades do sr. Edmundo.

«—Como já lhe disse, senhor, continuou ella, elles não me fizeram saber os seus negocios, e eu tambem me não atrevi a dirigir-lhes perguntas indiscretas; mas para mim é de fé, que o sr. Edmundo encentrou finalmente o pae e a mãe.

O velho João Renaud ergueu bruscamente a cabeça. Lucila não pôde conter uma exclamação de surpresa.

—Foi tambem grande a minha surpresa, tornou Ronvenat. As palavras que a mulherzinha me disse, foram quasi textualmente as seguintes:

«—No proprio dia em que regressou a Paris, Jeronymo Greluche sahio de casa sósinho. Ao cabo de duas horas appa-

receu de novo aqui em uma bella carruagem com brazão de armas, e puchada por dois soberbos cavallos.

«Acompanhavam-n'ò um sugeito já idoso, e uma senhora tambem já de meia idade, vestida toda de preto. O velho, o cocheiro e o outro creado tinham todos fumo no chapéu. O sugeito velho e a senhora desceram da carruagem, e n'essa occasião ouvi que Greluche lhe dava o tratamento de conde e condessa. Subiram todos tres a escada, e entraram na casa em que o sr. Edmundo reside com Greluche.

«O que se passou ali não sei eu. O que é certo é que, passados uns vinte minutos, desceram todos, e que a senhora, mostrando no semblante a expressão de um grande contentamento, se apoiava no braço do sr. Edmundo.

«Subiram pois todos os quatro para a carruagem, que partiu em seguida rapidamente. Eu, em pé no limiar da porta, deslumbrada e cheia de surpresa, segui com o olhar a carruagem até ella desaparecer no virar da rua.

«Depois d'isso só ante hontem tornei a ver o velho Greluche e o sr. Edmundo, que vieram aqui buscar as malas para partirem em viagem, como já lhe disse ha pouco.

Lucila permanecia immovel e como petrificada. Branca estava muito pallida.

Depois de um momento de silencio, João Renaud tomou a palavra.

—Essa mulherzinha não se enganou, disse elle. Hoje de manhã esteve aqui na herdade um advogado, cujo nome é Nestor Dumoulin, o qual me disse que Edmundo, filho de Lucila Mellier, não usaria este appellido, mas sim o de seu pae. Estas palavras significam evidentemente que o filho de Lucila Mellier encontrou a familia de seu pae, e que esta o reconheceu.

—Ah! compreendo! exclamou Lucila. Nos papeis que se achavam escondidos na casa de João Renaud, e por este entregues ao meu filho, estavam umas cartas... Sim, sim, recordo-me... Uma d'essas cartas, escripta pela mulher que fôra ama do pae do meu filho, dava-lhe esclarecimentos ácerca da sua familia, que até então lhe fôra desconhecida. Recordo-me de que fallava em um homem rico e considerado, de um conde... Naturalmente o meu filho fez uso d'essa carta.

Branca soltou um suspiro fundo, e, apoiando a cabeça sobre o hombro de João Renaud, murmurou com expressão de angustia e desalento:

—Ah! meu pae... meu pae!

—Branca, que tens tu, filha querida? exclamou o velho João Renaud.

—Conde... Edmundo é conde!! balbuciou a donzella quasi soluçando.

João Renaud adivinhou o pensamento da filha, e, abraçando-a disse-lhe:

—Conversei muito longamente com o homem, que veio hoje de manhã ao Seuillon, e adquiri a certeza de que foi mandado aqui pela familia de pae do Edmundo. E queres saber o que elle me disse? o seguinte:

«—Edmundo, o filho de Lucila Mellier, e Branca encontraram-se, e amam-se. É preciso que ambos sejam felizes; Branca unirá o seu destino ao de Edmundo!





XXIII

Onde estava o garboso Francisco

Branca havia prohibido absolutamente a entrada no quarto mortuario, afim de que Lucila pudesse permanecer junto de seu pae.

Pelo contrario, Pedro Rouvenat, logo depois de chegar e de ter noticia do fatal acontecimento, tinha decidido que todas as pessoas, que chegassem á herdade, e desejassem ver Jacques Mellier, seriam admittidas a lançar agua benta sobre o corpo inanimado.

A creada Seraphina recebeu as necessarias ordens em harmonia com esta disposição.

Lucila, persistindo no seu desejo de não se fazer reconhecer ainda, installou-se provisoriamente no quarto de Rouve-

nat, e ahí se conservou occulta, de maneira que nenhum dos creados desconfiava de que se achava em casa uma mulher desconhecida para elles.

Rouvenat, logo que soube o que se passara durante a noite, despediu do olhar terriveis relampagos, e exclamou com os punhos cerrados:

—O homem, que quiz roubar Jacques, e que o matou, foi necessariamente José Parisel. Mas por agora não pensemos senão na nossa dôr, e nos funeraes de Mellier. Depois resolveremos sobre se deveremos, ou não, entregar á justiça os dois miseraveis Parisel.

Dirigiu-se para Frémicourt afim de fazer ali a competente declaração de obito, e para se entender com o parochio da freguezia com respeito aos detalhes do enterro, que foi fixado para o dia seguinte ás dez horas da manhã.

N'essa noite, quando os creados da lavoura e jornaleiros se acharam todos reunidos na sala baixa da casa da herdade, Rouvenat disse lhes:

—Meus amigos: realisar-se-ha amanhã o enterro de Jacques Mellier. O trabalho será suspenso durante todo o dia, mas o dia ha-de ser-vos pago como se trabalhasseis.

Espero ver-vos todos amanhã no acompanhamento funebre do nosso bom patrão e amigo Jacques Mellier.

*

* *

Logo em seguida á ceia, e em quanto os creados da lavoura se achavam ainda nas cavallariças e estabulos, a creada Gertrudes sahiu furtivamente da herdade, sem que ninguem a visse.

Não tinha querido esperar que estivessem fechadas as portas, por suppôr que n'aquella noite Rouvenat, Seraphina, e talvez tambem os creados da herdade se não deitariam, e que por isso lhe havia de ser difficil sahir.

Caminhando com passos rapidos, atravessou o jardim, avançando ao longo do muro de vedação, que transpôz em uma abertura, e foi occultar-se em um vimeiro proximo, logar onde ordinariamente se realisavam as suas entrevistas com o garboso Francisco Parisel.

Esperou ali até ás honze horas e meia. Em seguida perdendo a paciencia, e quasi certa de que o filho Parisel não lhe appareceria ali, sahiu do vimeiro, e correu atravez dos campos em direcção á estrada que conduzia a Artemont.

Caminhou, ou para melhor dizer, correu durante duas horas.

Sentia-se alagada em suor, e tinha offeganté a respiração; mas estava já a muito pequena distancia de Artemont.

De subito avistou na estrada um vulto negro, que immediatamente desapareceu, ou porque se tivesse escondido por detraz de um tronco de uma arvore, ou porque se sumira em um qualquer fôssô.

O coração de Gertrudes começou a pulsar violentamente. Parou durante um momento para tomar a respiração, e em seguida pôz-se de novo a caminho, mas já com passos menos rapidos.

Chegada que foi ao logar, onde vira que o vulto desapparecera, lançou para a direita e para a esquerda um olhar inquieto. De subito uma voz pronunciou o seu nome, e um homem, sahindo de detraz de um arbusto, saltou para a estrada.

Era o velho Parisel. Gertrudes reconheceu-o immediatamente.

—Esperei o Francisco até perto da meia noite, disse ella. Vendo que elle não apparecia resolvi-me a vir a Artemont procural-o. Onde está elle? Preciso absolutamente fallar-lhe.

—Onde está? respondeu o velho. E que sei eu? Em todo o dia de hontem não appareceu em Artemont. Foi debalde que o esperei.

—Valha-me Deus! que será feito d'elle?

—Tinha alguma coisa para lhe dizer!

—Tinha, sim.

—Coisa muito importante?

—Se é!

A creada Gertrudes não notou que José Parisel tremia violentamente, e que os dentes se lhe entrechocavam uns nos outros.

—Venha comigo, disse o velho tomando a rapariga pela mão. Não é prudente conversarmos na estrada.

E conduziu-a pelos campos fóra. Depois de dar com ella uns trezentos passos, parou e disse-lhe:

—Agora podemos conversar á vontade. Que era o que tinha para dizer ao meu filho? Que foi o que se passou na herdade?

—Jacques Mellier morreu, respondeu a creada Gertrudes.

—Morreu?! repetiu José Parisel com a voz estrangulada na garganta.

—Morreu hontem de manhã, das sete para as oito horas. Deve ser enterrado hoje mesmo ás dez horas.

—Que mais, que mais? tornou Parisel com a respiração offegante.

—Em quanto o seu filho tratava de se apoderar do ouro, que existia no cofre, o velho, ao que parece, acordou. Francisco então lançou-se sobre elle, e tentou estrangulal o... }

—Oh! oh! pensou Parisel. Julgou que foi Francisco...

—O medico, que foi chamado, continuou a creada, disse que o velho mostrava signaes de tentativa de estrangulação, e parece que foi d'ahi que proveiu a morte.

Parisel, de livido que já estava, passou a esverdeado.

—A felicidade porem, proseguiu a creada, foi que Jacques Mellier não reconheceu Francisco, e portanto ninguem sabe, nem ha-de saber nada.

—Como assim? não se sabe nada?

—Francisco pode estar socegado, pois que ninguem suspeita d'elle. Logo de manhã tive o cuidado de ir correr o ferrolho da porta, de modo que nem mesmo pode achar-se a explicação da sua entrada na herdade. Antes de morrer, Jacques Mellier contou que entrara um homem no seu quarto, e quizera rouba-lo: mas não pôde dizer quem era.

—E Branca?

—A menina dormia, e só acordou quando ouviu um grito; mas enquanto accendeu a luz, e tratou de lançar um qualquer objecto de vestuario sobre si, o seu filho teve tempo para fugir de sorte que Branca nada viu.

—É singular, dizia Parisel de si para si. Será possivel que Francisco...? Naturalmente ganhou medo, e não se atreveu... Ouviu de certo o ruido da lucha no quarto de Mellier, e fugiu, em vez de ir em meu soccorro. Sim, talvez fizesse bem... Imagina talvez que me deixei apanhar, e isto explica de certo a razão porque elle se não atreveu a apparecer em Artemont. Está por ahi escondido em um qualquer canto.

Gertrudes proseguiu:

—Foi a menina quem respondeu aos gendarmes...

—Aos gendarmes! exclamou José Parisel com terror.

—Sim. Souberam pelo *maire* de Frémicourt o que se tinha

passado na herdade durante a noite, e foram logo proceder ali a investigações.

—E depois? depois?

—Está entendido que a menina, que nada sabia, nada pôde dizer-lhes. Voltaram pois com a cara á banda. Podem procurar o que quizerem, que nada hão de encontrar. Só eu sei o que se passou, e não será de certo a minha Gertrudes quem denunciara Francisco Parisel. O patrão não teve tempo para fazer testamento, e portanto o sr. José Parisel é o herdeiro do Seuillon e de toda a fortuna de Jacques Mellier.

O velho Parisel, ouvindo estas palavras, estremeceu de júbilo, e despediu dos olhos um relampago de cobiça. Respirou com força, e endireitou o corpo altivamente.

O miseravel, meio aturdido com aquella perspectiva, parecia ter já esquecido os seus crimes.

—Morreu Jacques Mellier! exclamou elle com voz tremula, É meu o Seuillon! pertence-me toda a sua fortuna!

E, depois de haver reflectido durante um momento, proseguiu:

—Nada ha que temer. Branca nada sabe, Jacques Mellier não accusou ninguem... Corre tudo ás mil maravilhas! Decididamente Francisco tinha razão, quando disse que o diabo nos protegia. Ah! mas temos ainda o maldito Rouvenatt! voltou já?

—Voltou, sim.

—O velho de certo adivinha a verdade, mas será forçado a calar-se. De mais, quando mesmo se atrevesse a accusar-nos, seria forçado a apresentar provas, que não possui... Ah! é meu o Seuillon!

E contrahiou os labios em um riso secco e nervoso.

No olhar luzia-lhe o brilho do triumpho...

—Incumbe-se de dizer todas estas coisas ao seu filho, sr. Parisel? tornou Gertrudes.

—Incumbo, sim.

—Ah! agora que devem ambos sentir-se socegados, estou contente.

—Julgo-a uma boa rapariga, Gertrudes. Não esquecerei a sua dedicação.

A creada baixou a cabeça com ar modesto, e, brincando com uma das franjas do seu lenço de lã, perguntou:

—Sabe o que o seu filho me prometeu, sr. José Parisel?

—Não, não sei, respondeu o velho.

—Prometteu-me que casaria comigo...

Nos labios de Parisel desenhou-se um sorriso cheio de ironia.

Entendeu porem que não devia tirar a rapariga d'aquella dôce illusão.

—Essa questão é entre os dois, disse elle. O meu filho é maior, e pode dispôr de si como melhor entenda.

—O sr. Parisel não fará opposição?

—Opposição, a que?

—Ao nosso casamento.

—Ora, ora! era o que faltava! Pois havia de eu contrariar o meu filho, e principalmente em uma questão tão séria como é o casamento?

—Ah! sr. Parisel... Deus lhe pague! balbuciou a credula rapariga, meio soffocada.

—Começa a madrugada a apparecer, tornou Parisel. Volte depréssa para o Seuillon, pois é preciso que não se saiba que esteve ausente durante uma grande parte da noite. Trate do seu serviço, como é costume, e escute tudo o que se disser sem pronunciar uma palavra unica. Recommendo-lhe a mais

cautelosa prudencia, Gertrudes. Veja bem o que faz: olhe que uma simples indiscrição pode comprometter-nos a todos.

—Pode estar descançado, sr. Parisel; sou mais esperta do que se julga.

—Tem dado d'isso muitas provas, Gertrudes. Vou preparar-me para assistir ao enterro do meu querido primo Jacques Mellier. Ver-nos-hemos logo no Seuillon, Gertrudes.

A alvorada começava com effeito a apparecer no horisonte. José Parisel e Gertrudes separaram-se por fim, depois de mais algumas recommendações.

—Tenho apenas o tempo necessario para transpôr a distancia, que me separa do Seuillon, disse Gertrudes de si para si.

A pouco escrupulosa rapariga sabia ás vezes reflectir, não obstante ser muito bronco o seu espirito. Depois de pensar durante um momento, disse de si para si que, seguindo a estrada, podia encontrar casualmente pessoas conhecidas, e resolveu prudentemente regressar ao Seuillon, seguindo uma linha diagonal, que o seu olhar traçou atravez das terras semeiadas e dos prados.

D'aquelle modo era talvez menor a distancia, que tinha a percorrer; esta vantagem porem desaparecia em razão das difficuldades, que a marcha de Gertrudes havia de encontrar forçosamente.

Não hesitou porem. Cheia de coragem, e não dando uma grande importancia ao cansaço, caminhou na sua frente resolutamente.

Agora era já dia claro. Como nos dias anteriores, o sol erguia-se deslumbrante em um ceu puro e sem nuvens.

Depois de caminhar durante um grande espaço, Gertrudes achou-se a pouco mais de um kilometro do Seuillon.

Seguia agora uma especie de caminho rural, traçado no meio das terras, que conduzia a uma pedreira, já ha longos annos explorada. Chegada que foi ali parou por um momento para respirar, e para limpar o suor, que lhe corria ao longo das faces em bagas grossas como punhos.

A excavação resultante da exploração da pedreira era larga e muito profunda. Sem que ligasse a esse movimento uma qualquer ideia, e até mesmo sem curiosidade, Gertrudes curvou um pouco o corpo sobre a especie de pôço, e olhou para o fundo... Recuou porem immediatamente, soltando um grito estridulo...

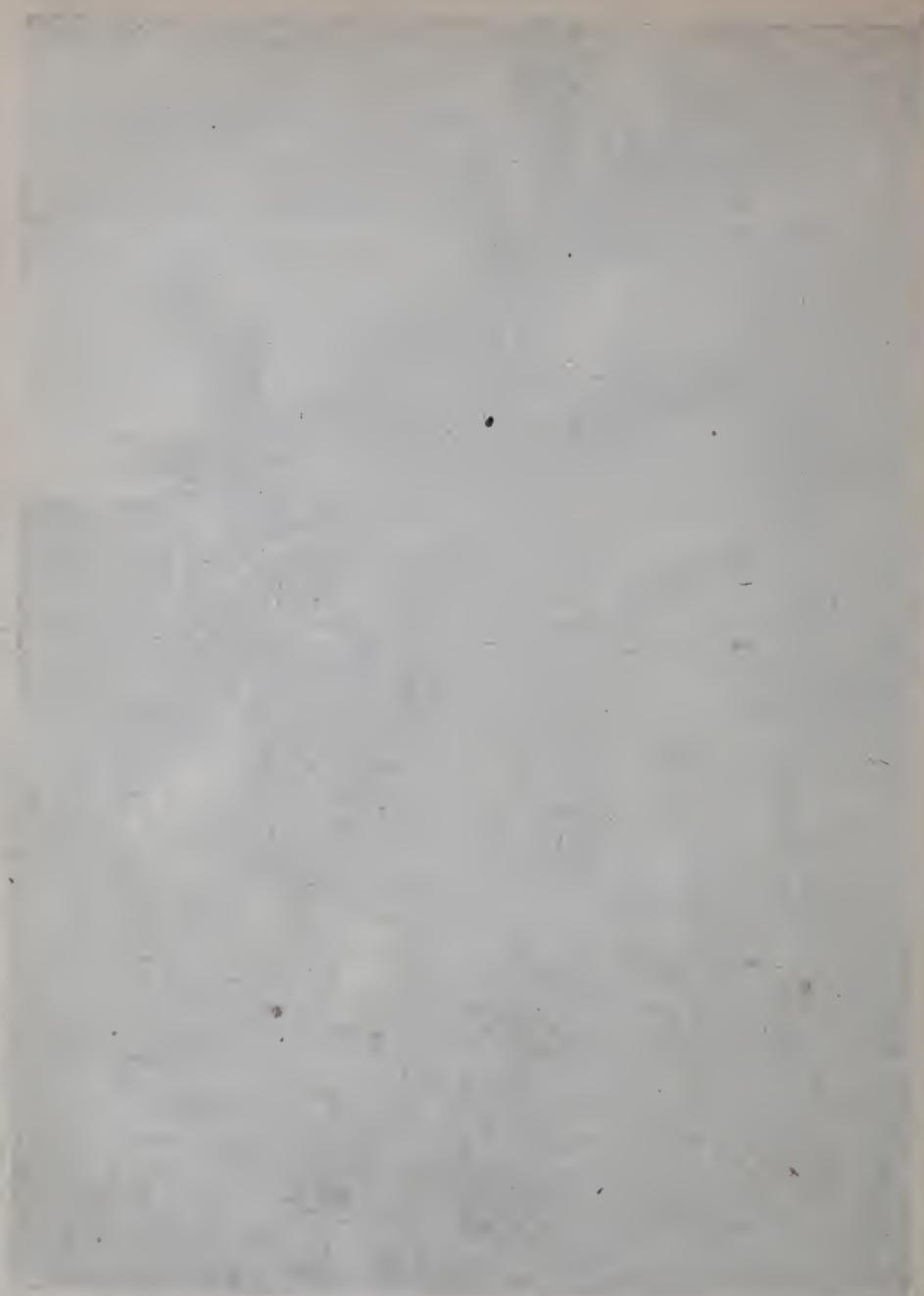
O rosto cobrira-se lhe de livida pallidez; e transluzia-lhe no olhar a expressão de um espanto intraduzivel...

Que fôra o que tinha visto?





Cabiu de cabeça para baixo, como um homem que mergulha (Pag. 130)



1877
1878



XXIV

No fundo da pedreira

O espectáculo que se apresentara aos olhos da creada Gertrudes era realmente aterrorador, e justificava bem o grito de horror, que a desgraçada acabava de soltar. No fundo d'aquella especie de pòço irregular via-se o corpo de um homem, estendido sobre a terra, e nadando em um mar de sangue. Respiraria ainda aquelle homem, ou seria já cadaver?

Foram estas as duas primeiras interrogações que se apresentaram ao espirito de Gertrudes. Embora desejosa de chegar sem perda de tempo ao Seuillon, n'aquelle momento esqueceu completamente quão importante era para ella que não fôsse notada a sua ausencia.

Uma especie de attracção, uma força irresistivel e pode-

rosa a prendia agora ali, na borda de uma excavação profunda, de um abysmo cavado pela mão dos homens. Apoderara-se d'ella uma especie de curiosidade inexplicavel; vira já de longe, mas queria ver mais de perto.

Podia mesmo acontecer que aquelle desgraçado f sse conhecido seu. Attrahia-a para o fundo da pedreira uma tal ou qual fascinação estranha.

E depois tambem até os maus, os mais preversos podem ás vezes ser agitados por um sentimento de compaixão. Se por ventura aquelle desgraçado vivia ainda, não deveria ella tentar soccorrel-o?

Deu volta em redor da excavação, e encontrou a entrada; descendo em seguida até o fundo da excavação. Ao cabo de poucos momentos achava-se junto do homem, cuja cabeça estava deformada por um ferimento horroroso. O misero estava sem movimento.

Gertrudes reparou no vestuario, que elle tinha sobre si, e estremeceu violentamente. Decomposeram-se lhe horrivelmente as feições, e sentiu que um ferro em brasa lhe tocava no coração. Soltou do peito uma especie de rugido de panthera, e pricipitou-se sobre o corpo immovel, bradando:

—Francisco! Francisco!

E levantou um pouco a cabeça do desgraçado. Não pôde porém ver-lhe as feições, que estavam meio occultas por debaixo de um revestimento de sangue coagulado misturado com terra. O corpo estava já frio e hirto.

Gertrudes teve a extrema coragem de voltar o corpo, de maneira a ficar este assente sobre as costas. Depois limpou-lhe o rosto com o lenço.

Dissiparam-se então todas as duvidas no seu espirito. Era com effeito Francisco Parisel, o seu amante, o desgraçado que

se achava ali sem vida! Contemplou-o durante alguns momentos com um olhar de louca. Erricaram se-lhe os cabellos, e um tremor nervoso lhe sacudiu todo o corpo; os labios agitaram-se-lhe em uma contracção horrorosa.

Por fim soltou um grito horripilante, que semelhava o uivo de uma féra enraivecida, e rolou-se sobre o cadaver, arrancando os cabellos com desespero, e lançando nos ares os mais angustiosos gemidos.

Era uma dôr sombria, selvagem, feroz! Aquella mulher, soltando rugidos medonhos, parecia mais uma furia, do que uma creatura humana!

A que deveria attribuir-se o tragico fim do garboso Francisco! a crime? a suicidio? a um desastre?

Para acreditar em suicidio, dever-se-hia admittir que o filho Parisel, dominado subitamente pelo remorso, e horrorizado de si proprio, teria tido a coragem de julgar as suas acções, de se condemnar e de executar immediatamente a sentença, pondo fim á sua criminosa existencia.

Mas não; o garboso Francisco não era homem que se arrendesse, ou que sentisse remorsos, senão o de não ter levado a bom fim a sua empreza criminosa. De mais, como a maior parte dos scelerados da sua especie, era covarde. Não, o garboso Francisco não se havia justificado a si proprio.

Como foi provado mais tarde pelas investigações officiaes e pelo exame dos logares, tinha encontrado a morte sem a procurar, e precisamente no momento em que menos a esperava.

Perseguido pelo terrivel olhar de Lucila, tinha fugido verdadeiramente espavorido. Meio atordoado pelo sangue que lhe subia todo á cabeça, e cego pelo suor que o inundava, não viu qual a direcção que tomava na sua carreira vertiginosa.

Excitado pelo medo, corria como um insensato, saltando fossos e vallados, e transpondo as sebes e os outros obstaculos, que se apresentavam na sua frente. Não viu pois a abertura da excavação, e achou-se lançado no espaço sem bem saber como, e quando menos podia esperal-o.

Cahiu de cabeça para baixo, como um homem que mergulha. Foi horroroso. . . Bateu com a cabeça na esquina de uma pedra, que lhe despedaçou o ôsso frontal a partir desde o olho esquerdo, e lhe fendeu o craneo até o alto da cabeça, deixando-lhe os miolos a descoberto. O sangue correu em jorros d'aquelle ferimento, e formou um verdadeiro lago em volta do corpo.

Todavia a morte não fôra instantanea. As observações feitas depois dêram razão a suppôr-se, que o garboso Francisco vivera ainda durante duas horas proxivamente, e que a sua agonia devia ter sido horrorosa.

Tinha manifestamente feito incriveis esforços para se levantar. Conhecia-se isto pelos sulcos abertos na terra pela extremidade dos seus sapatos, e pelos signaes, impressos tambem na terra pelos esforços feitos pelos seus dedos contrahidos.

Não poderia exprimir-se em palavras a horrivel expressão que na morte havia conservado o seu rosto, assim como a dos seus olhos desmesuradamente abertos e parecendo sabir das orbitas. . . Repugnante, medonha!

Não havia indicação alguma de que elle tivesse bradado por soccorro; mas não podia duvidar-se de que tivera um terrivel acesso de raiva, e de que se estorcera em horriveis convulsões.

Quando lhe descerraram os dentes e lhe abriram os queixos, encontraram-lhe a bocca cheia de terra, e isto indicava que durante a agonia havia mordido o chão.

Durante as investigações, que aliás não foram muito longas, procurou-se saber se o garboso Francisco teria sido impellido por mão criminosa para o fundo da pedreira; mas, como já acima dissemos, o exame dos logares depréssa provou que a morte devia ser attribuida unicamente a uma queda involuntaria.

A creada Gertrudes não admittiu que a desgraça tivesse sido casual. Depois de haver permanecido durante duas horas acorada junto do cadaver, ergueu-se subitamente, com o olhar relampagueante de energia. Acabava de occorrer ao seu espirito sobreexcitado uma ideia insensata.

No seu pensamento o garboso Francisco havia sido lançado violentamente no fundo do abysmo. Suppôz que o pae Parisel teria assassinado o filho para não repartir com elle a parte, que devia pertencer-lhe na herança de Jacques Mellier.

—Ah! que miseravel! exclamou ella. Hei-de vingar-te, Francisco! hei-de vingar-te!

E, abandonando o cadaver ao enxame de moscas, que sobre elle adejava, subiu a ribanceira correndo, e sahio da pedreira. Olhou então para o ceu. Em quanto estivera junto do corpo do garboso Francisco, o sol havia subido no horisonte.

Com o habito, que de ordinario teem os camponezes, de conhecerem approximadamente as horas do dia pela posição que occupa o rei dos astros, Gertrudes calculou que deviam ser pouco mais ou menos oito horas e meia.

Ora n'aquelle momento já a sua ausencia devia ter sido notada, e assim como já devia saber-se que não passara a noite na herdade. Esta reflexão fel-a parar de chofre. Não lhe importava muito expôr-se ás censuras, e talvez á colera de Rouvenat.

Comprehendeu porém que a sua desaparição, não justifica-

da, devia ter dado ensejo a graves desconfianças. Naturalmente julgavam-n'a cúmplice do ladrão desconhecido, que na madrugada do dia precedente, tentara estrangular o velho Mellier.

—Não me vendo hoje de manhã no meu trabalho habitual, disse ella de si para si, adivinharam de certo que fui eu que abri a porta ao ladrão.

E, sem saber bem até que ponto a compromettia a sua cumplicidade com os dois Parisel, sentiu-se agitada subitamente por um tremor convulsivo. O instincto segredava-lhe que pairava sobre ella um grave perigo.

—Já que deixei a herdade, pensou ella, e agora que o meu Francisco deixou de existir, não quero lá voltar...

Mas que partido tomaria ella? Para onde iria? Não o sabia. Com o espirito sériamente perturbado, e sentindo no coração uma dôr profunda, achava-se em uma situação horrível.

Começou a vaguear pelos campos ao acaso, caminhando para a direita e para a esquerda, e voltando constantemente ao mesmo ponto, á pedreira.

Por vezes, exhausta de forças, deixou se cahir no chão, á sombra de uma arvore ou de um arbusto; mas ao cabo de alguns momentos erguia-se de novo, e voltava a caminhar com agitação febril. Soltava gemidos surdos, roucos gritos e exclamações de furor.

*

*

*

Na herdade os outros creados, quando ás seis horas e meia a não viram na sua occupação habitual de mugir as vaccas,

antes de que estas fôsseem conduzidas para o pasto, chamaram-n'a e procuraram-n'a em toda a propriedade.

Rouvenat, prevenido do que acontecia, entrou no quarto da rapariga, e desde logo conheceu que ella não passara a noite na herdade. Este facto foi para elle um raio de luz.

—Ah! disse elle de si para si. Foi a miseravel Gertrudes quem abriu as portas da casa aos dois Parisel. Teve medo de que fôsse descoberta a sua cumplicidade, e fugiu.

Provavelmente foi juntar-se com os dois miseraveis, que a empregavam como instrumento seu, para o que ella devia facilmente prestar-se, em razão principalmente da sua estupidez. E' mesmo muito provavel que nada soubesse dos projectos dos dois homens, e não tivessem adivinhado que os dois infames tinham premeditado um duplo crime.

A creada Seraphina e os outros creados da herdade estavam tambem convencidos, de que fôra com effeito Gertrudes quem introduzira na habitação o miseravel, que tentara roubar o dinheiro de Mellier; mas não sabendo, como Rouvenat, que os dois Parisel não se haviam afastado d'aquelles sitios, e andavam rondando continuamente em redor do Seuillon, não tinham razão alguma para suppor que os criminosos fôsseem os dois primos de Jacques Mellier.

A' uma hora da tarde ainda Gertrudes andava vagueando pelos campos. A longa caminhada da noite, e as suas marchas e contra marchas do dia, tinham acordado n'ella o sentimento da fome. Juntou-se pois á sua dôr moral um horrivel soffrimento phisico.

Tinha ouvido os sinos de Frémicourt lançarem nos ares os sinistros dobres de finados, o que indicava as differentes phases da funebre cerimonia. Depois, mais tarde, um dos sinos fez ouvir as badaladas do meio dia. A partir d'aquelle mo-

mento começou, insensivelmente e sem mesmo dar por isso a aproximar-se do caminho que conduzia á herdade.

Persuadida de que fôra o velho Parisel quem assassinara o filho, e sobreexcitada pelo seu desespero, e pelo aniquilamento de todos os seus sonhos de futuro e de ambição, havia procurado, sem que pudesse encontral-o, o meio de vingar a morte do garboso Francisco.

De subito, a uma distancia media entre a povoação e a herdade, avistou na estrada dois gendarmes a cavallo.

Os dois agentes da authority andavam procurando o ladrão. Não tendo podido saber em Frémicourt coisa alguma, que encaminhasse as suas investigações, voltavam á herdade com a esperança de que poderiam ali ser mais felizes.

Nos olhos de Gertrudes brilharam subitos relampagos. Estava dominada por violenta febre; não raciocinava. Correu pois para os gendarmes, bradando com toda a fôrça dos seus valentes pulmões:

—Parem! parem! esperem!

—Os agentes da fôrça publica, ouvindo aquelles gritos, e vendo aquella mulher desgrenhada, que corria para elles, fizeram parar os cavallos de chofre.





XXV

O enterro

Na manhã d'aquelle mesmo dia, o parochio de Frémicourt tinha chegado ao Seuillon á hora aprasada para receber o corpo.

Era precedido pela cruz alçada, e acompanhavam-n'o os seus coadjutores. Na retaguarda caminhavam umas cem pessoas, homens e mulheres.

Logo depois das absolvições do estylo, começou o cortejo funebre a formar-se no vasto pateo da herdade. Na occasião em que o caixão mortuario era collocado no esquife, que devia conduzi-lo ás costas de seis homens, até o cemitério, José Parisel fez subitamente a sua apparição, e foi collocar-se logo a traz do caixão, mostrando na mão esquerda o chapéu de lar-

gas abas, ornado com uma fita de crepe, cujas extremidades fluctuavam ao sabor do vento.

Com a outra mão levava hypochritamente de espaço a espaço o lenço aos olhos para limpar uma lagrima ausente.

Rouvenat, logo que o viu, recuou como se acabasse de erguer-se ante elle um vulto monstruoso, ou um reptil venenoso. Enchia-o de estupefacção a incrível audacia do miseravel. No olhar brilhou lhe um terrivel relampago e a colera de que subitamente ficou possuido, esteve a ponto de fazer uma tremenda explosão.

Reflectindo porem que não era ali o logar nem a occasião propria para se deixar arrastar a um qualquer acto de violencia, embora perfeitamente legitimo, fez um violento esforço sobre si proprio, e conseguiu conter-se. Em presença d'aquelle caixão funebre, que continha os restos do seu velho amigo, em presença do padre e da numerosa comitiva, que se preparava para acompanhar aquelle cadaver á sua derradeira morada, devia a todo o transe evitar um escandalo.

Ficou porem extremamente agitado e conservou na fronte as fundas rugas, que ali se haviam cavado.

João Renaud, aproximando-se d'elle, disse-lhe em voz baixa:

—Admiro a sua coragem, Rouvenat.

—Que homem! que miseravel! que monstro! murmurou este ultimo com voz abafada.

—E' a audacia de um verdadeiro scelerado!

—De certo imagina, que nada pode attingil-o a punição. Provavelmente fallou com Gertrudes, e foi esta talvez quem lhe disse, que Jacques não o reconhecera, e que por isso não pode ser accusado.

—Embora; deve suppôr que as suspeitas recahem sobre elle.

—Talvez; mas n'esse caso diz de si para si que, na falta de provas materiaes, me não atreverei a accusal-o, e que, mesmo dando-se esse caso, facilmente conseguiria eximir-se á acção da justiça.

Oh! é um homem que calcula e raciocina bem! E' evidente que ignora ainda o que se passou no quarto de Branca, ou porque não fallou ainda com o filho desde então, ou porque este entendeu conveniente nada lhe dizer... Confesso que estou com curiosidade de vêr até onde chegará a audacia d'este miseravel!

—Na realidade vê-se bem que representa perfeitamente a comedia da dôr e do desgosto! Dir-se-hia que está verdadeiramente desclado!

O cortejo poz-se em marcha. José Parisel camihava logo atraz do esquife, na frente de todo o acompanhamento. Parente proximo de Jacques Mellier, não se esquecia de que era a elle que pertencia de direito dirigir a cerimonia.

—Oh! diziam uns para os outros os que tinham a triste vantagem de conhecer José Parisel. Já ca está o primo do velho Mellier, o pae do garboso Francisco! Reside a umas trinta leguas de distancia d'aqui, e bem se vê que não perdeu tempo.

—Parece estar consternado.

—Consternado... é modo de dizer. Segundo se affirma, Jacques Mellier não deixou testamento, e portanto o velho Parisel deve rir-se para dentro, porque é elle o herdeiro de toda a fortuna, que não deve ser pequena!

—Hum! não posso acreditar, que o velho Jacques, que andava ha tempos a caminhar para a cova, não tenha deixado quaesquer disposições, que garantam o futuro da menina Branca. A filha da Genoveva Renaud era considerada por Mellier

como sua propria filha... Se assim não fôr, os novos herdeiros vão de certo pô-la fóra do Seuillon...

—E' preciso tambem contar com Rouvenat.

—Ora! Rouvenat, padrinho de Branca, era amigo intimo do velho Jacques; mas, morto este, passa a ser um simples creado, e nada mais.

—Talvez; mas Rouvenat, que tem trabalhado muito durante a sua vida, de certo possui muita fortuna.

—Sim, Rouvenat deve ter ganho bem com que passar o resto da velhice; mas eu sei, que elle nunca fez contas com o patrão. E portanto, se um dia para o outro fôr forçado a deixar a herdade com a afilhada, não terá outro remedio senão ir pedir asylo aos seus amigos de Frémicourt e de Civyry.

—Ah! se acontecesse uma coisa d'essas, haveria uma revolução n'estes sitios!

c Eram estas, e muitas outras de igual natureza, as coisas que se diziam em voz baixa na rectaguarda do esquife, que onduzia ao cemitério o cadaver de Jacques Mellier.

Na egreja a cerimonia correu no meio do mais profundo silencio.

A' sabida do cemiterio, depois das aspersões de agua benta sobre a sepultura, Pedro Rouvenat procurou José Parisel com os olhos. O miseravel tinha desaparecido.

—O scelerado partiu, disse João Renaud.

—Sim, mas depressa havemos de tornar a vel-o, respondeu Rouvenat.

—Não, não ousará...

—Parisel é homem capaz de todas as audacias.

Pedro Rouvenat chamou um dos creados da herdade, e disse-lhe:

—João: precisamos pensar em tudo. A atmosphera está pesada, e é possível que haja alguma trovoadá esta noite. N'este caso precisaríamos carrear sem perda de tempo, e devemos estar prevenidos. Vae pois dizer a Mathias, a Brunet e a Simonin, que lhes peço vão passar o resto do dia e a noite na herdade. Simonin que leve comsigo a mulher e a filha.

O camponez foi cumprir a commissão, e os trabalhadores responderam:

—Vamos já buscar o nosso vestuario do trabalho, e depressa estaremos todos no Seuillon.

Rouvenat e João Renaul voltaram juntos para a herdade, e apressaram-se a ir encontrar-se com Lucila e Branca, que haviam ficado encerradas no quarto de Pedro Rouvenat.

.....

Passados uns vinte minutos, José Parisel deu entrada na herdade. A creada Seraphina estava sósinha na grande sala do rez-do-chão. O velho Parisel estava pallido, mas apresentava-se de cabeça erguida, e com o olhar relampagueante.

—Vou installar-me no quarto de Jacques Mellier, disse elle para a creada, e abi escreverei aos nossos parentes, fazendo-lhes saber a morte do nosso pobre primo Jacques.

Seraphina correu a impedir-lhe o passo, collocando-se em face da escada.

—Que quer isso dizer? perguntou Parisel, medindo a creada com o olhar dos pés até á cabeça.

—Sr. Parisel: não lhe reconheço o direito de subir ao quarto do patrão.

—Jacques Mellier já não existe. Vamos, deixe-me passar. Agora ninguem governa aqui senão eu. Pertence-me esse direito...

—Não quero saber se tem esse direito; parece-me porem

que pode muito bem esperar, que eu vá primeiramente prevenir o sr. Rouvenat.

José Parisel contrahiu as feições.

—Não tenho ordens que receber do sr. Rouvenat, disse elle com voz surda.

—Embora, sr. Parisel; eu é que as não recebo de outra pessoa.

As sobranceiras de Parisel contrahiram-se, e dos olhos despediu relampagos sombrios.

—Pois bem, retorquiu elle, encolhendo os hombros; não quero discutir comsigo; affirmo-lhe porém que depressa ha de reconhecer que fallou parvamente. De mais nenhuma razão tenho para me oppôr a que vá prevenir o sr. Rouvenat da minha chegada, tanto mais que eu tenho necessidade de fallar-lhe.

Entendendo porem que não devia esperar, que fôsse feita aquella prevenção, tentou desviar a creada, a fim de abrir passagem. Seraphina porem resistiu, ao mesmo tempo que bradava:

—Não, não o deixarei subir!

Precisamente n'aquelle momento Pedro Rouvenat, que ouvira o barulho d'aquella especie de altercação, e que sahira do seu quarto, appareceu no cimo da escada, e viu José Parisel quasi em lucta com a creada Seraphina.

—Seraphina, disse elle: deite subir o sr. Parisel.

A creada afastou-se de má vontade, e Parisel subiu a escada.

Pedro Rouvenat, que ja esperava aquella visita, tinha-se preparado para receber o miseravel. Apesar da grande agitação, por que se achava dominado, tinha a força sufficiente para parecer tranquillo.

—E' a mim que quer fallar? perguntou elle a Parisel. Que é o que tem para dizer-me?

E, ao mesmo tempo que fallava, abria a porta do quarto que fôra de Jacques Mellier, no qual entraram juntos.

—Não ignora, respondeu José Parisel, que sou eu um dos herdeiros, ou antes, o principal herdeiro de meu primo Mellier... Fui eu o unico prevenido a tempo da morte do nosso muito presado parente.

Devo pois prevenir immediatamente os outros parentes. A herança ha de ser dividida em tres quinhões, que pertencem a onze herdeiros; mas eu represento só por mim um d'esses quinhões.

—Sr. José Parisel, respondeu Rouvenat com voz mal segura: não vejo que haja uma grande utilidade, pelo menos por agora, em incomodar os seus parentes, que residem todos muito longe d'aqui.

—Não, não; é forçoso preencher essa formalidade.

—Repito que não vejo a urgencia de se fazerem essas communicações. No entretanto, se é essa a sua vontade, faça o que melhor entenda. Não quero entremetter-me nos seus negocios.

—Em quanto não chegam os parentes, tornou Parisel, é dever meu promover que se ponham aqui os sellos officiaes.

—Não me parece que tenha esse direito, sr. Parisel.

—Dá-m'o o meu titulo de herdeiro, sr. Rouvenat.

—Uma pergunta, sr. Parisel: tem bem a certeza de que é herdeiro de Jacques Mellier?

Parisel pareceu ficar visivelmente perturbado; mas depressa readquiriu a presença de espirito, e replicou:

—A ultima vez que vi o primo Mellier—e não ha ainda muito tempo...

—Sim, ante-hontem á noite, murmurou Pedro Rouvenat. O que?

—Nada, nada. Continue, sr. Parisel.

—Affirmou-me elle proprio, que não fizera testamento.

—E é essa a verdade, sr. Pārisel: Jacques Mellier não fez testamento, com quanto em um dos ultimos dias tivesse sido essa a sua intenção. A morte surprehendeu-o inesperadamente...

O herdeiro não pôde conter uma exclamação de jubilo.

—Posso tambem dizer-lhe, sr. Parisel, continuou Rouvenat, se de qualquer modo pode isso agradar-lhe, que me oppuz sempre tenazmente a que Jacques Mellier fizesse testamento em favor de Branca Renaud, minha afilhada.

—Oh! fez isso o sr. Rouvenat?! exclamou Parisel estupefacto.

—Fiz, sim.

—Ah! eu sempre disse que o sr. Rouvenat era um homem digno e honrado!

E teve a audacia de estender a mão a Rouvenat, que fingiu não haver notado aquelle movimento.

—Devo tambem dizer-lhe, sr. Parisel, tornou o padrinho de Branca, que sempre vivi na convicção de que Jacques Mellier, de quem eu era amigo e confidente, não tinha necessidade alguma de fazer testamento.

—Sr. Rouvenat, exclamou Parisel, que a alegria tornava expansivo: a minha intenção é conservar tal qual está a herdade do Seuillon, e espero que o sr. Rouvenat acabará aqui os seus dias.

—Sim, é essa a minha esperança... respondeu Rouvenat com uma expressão indefinivel.

—Quanto á menina Branca... a verdade é que o meu fi-

lho a ama loucamente... Espero que ella reflectirá melhor, e porá de parte as suas repugnancias de outro tempo, e... casal-es-hemos.

Os labios de Rouvenat estavam contrahidos em um ironico sorriso.

—Sou rico finalmente! exclamou Parisel, não podendo conter uma explosão de jubilo. É meu, meu o Seuillon.

A porta do gabinete, que havia ficado entreaberta, abriu-se bruscamente n'aquelle momento. Lucila, com o olhar relampagueante, e a phisionomia severa, entrou no quarto com passos lentos.

—Sr. José Parisel, disse ella com voz tremula de colera: quereria bem que me dissesse de que modo e por que razão pode pertencer-lhe o Seuillon!





XXVI

E' feita justiça!

À vista d'aquella mulher, que surgia diante d'elle como a estatua do commendador no D. João, José Parisel recuou dois passos. Depois voltou-se vivamente para Rouvenat, e perguntou-lhe com a voz estrangulada na garganta:

— Quem é aquella mulher?

— Pergunte-lh'o a ella propria, sr. Parisel, respondeu Rouvenat.

Lucila tinha avançado até o meio do quarto.

— Perguntas quem sou, José Parisel? disse ella. Olha bem para mim, e vê se me reconheces... O meu nome é Lucila Mellier!

O effeito, produzido por estas palavras foi terrivel. Parisel recuou mais dois passos, e tornou-se livido.

—Lucila! Lucila! murmurou elle, fitando olhares espantados na filha de Jacques.

Recuperando porem rapidamente o sangue frio e a sua audacia habitual, exclamou:

—Não, não acredito isso! Lucila Mellier desapareceu ha muitos annos; Lucila Mellier já não existe!

Lucila, tomando uma resolução subita, voltou-se para Rouvenat, e disse-lhe com voz vibrante:

—Pedro Rouvenat, não permanecerei incognita no Seuillon até á chegada do meu filho. Chame aqui todos os servidores do Seuillon. É preciso que não ignorem por mais tempo, que a filha de Jacques Mellier voltou á casa de seu pae!

Pedro Rouvenat correu para a porta do quarto. O velho Mathias e os seus companheiros acabavam de chegar. Rouvenat curvou-se para a escada, e bradou:

—Mathias, Simonin, Brunet, João, subam todos! Venham tambem as mulheres!

Lucila Mellier continuava:

—Não me reconhece, José Parisel? Pois embora... Disse-lhe já quem eu sou; direi agora a todos os presentes que qualidade de homem é José Parisel.

Os servidores do Seuillon entravam no quarto silenciosamente uns após os outros.

—José Parisel, continuou Lucila, depois de uma breve pausa: és um miseravel, um infame, um covardel...

Em vez de se curvar, Parisel levantou mais ainda a cabeça. O seu olhar de fera parecia desafiar todos os presentes.

—Uma noite, proseguiu Lucila—e não vão passados muitos dias depois d'isso—tu e o teu filho, Francisco Parisel, tentasteis assassinar Pedro Rouvenat.

—E' falso! é falso! exclamou o miseravel.

—Eu estava perto felizmente, e vi, tornou Lucila com violencia. Pude bradar por soccorro, e fui eu que, junto do velho pôço, te lancei em rosto a palavra, que te dirijo agora aqui; assassino! assassino!

As feições de José Parisel contrahiram-se com horrorosa expressão.

—Não, não é verdade! bradou elle com voz sibillante.

Lucila encolheu os hombros, e continuou:

—José Parisel: és tambem ladrão! Ante-hontem á noite introduziu-se um homem no quarto de Jacques Mellier para o roubar... Esse homem... fôste tu, José Parisel!

—Mentira! mentira!

—Mas ainda isto não é tudo, José Parisel! Surprehendido por Jacques Mellier com as mãos no seu cofre-forte, lançaste-te sobre o desgraçado velho, e tentaste estrangulal-o. Mastaste meu pae, José Parisel!... Assassino! assassino!...

—E' falso! é falso! vociferou elle ainda.

Os homens presentes iam lançar-se sobre o miseravel. Lucila suspendeu-lhes a furia com um gesto.

—José Parisel, prosequiu ella com voz retumbante: desgraçadamente não estava eu presente na occasião em que meu pae luctou contigo! n'esse momento estava eu defendendo Branca, a menina do Senillon, contra o teu filho, não menos infame do que tu!... Mas vi-te, José Parisel, vi-te quando sahias de casa e atravessavas o jardim correndo!

Todas estas accusações, aliás tão verdadeiras, deviam confundir e anniquilar o miseravel. Mas não acontecia assim: José Parisel apresentava-se quasi tranquillo, cheio de audacia, e tinha nos labios o seu sorriso infernal.

—Eu conheço bem a artimanha, disse elle em tom ameaçador: Rouvenat odeia a familia Parisel, e foi elle de certo quem

forjou todas estas calumnias para se vingar de nós... Ah! o que elle quereria seria mandar-nos para um presidio, mas não o conseguirá, porque tudo o que acaba de dizer-se é falso, falso, falsissimo!

Lucila abanou tristemente a cabeça.

—José Parisel, disse ella mudando de tom: a sua linguagem indica-me, que não sente pesar do que fez, e que nem mesmo pensa em se arrepender. E todavia eu compadeço-me de si e do seu filho... Meus parentes, ainda não quero entregal-os nas mãos da justiça, não quero profanar as cinzas do meu pobre pae na sua sepultura, mal cerrada ainda. Retire-se, José Parisel, retire-se!... Lucila e os seus servidores e amigos guardarão segredo sobre as suas infames proesas... Eu... farei mais do que isso... Supplicarei a Deus que lhe conceda o arrependimento, e lhe perdõe!

E com voz quasi soluçante, repetiu:

—Retire-se, retire-se!

Parisel lançou em redor de si olhares desvairados.

Não viu em redor de si senão olhares sombrios, e semblantes hostis. Compreendeu pois que o melhor que tinha a fazer n'aquelle momento era partir, e dirigiu-se para a porta lentamente, mas ainda de cabeça levantada.

Precisamente no momento em que ia transpôr o limiar, Gertrudes, pallida e desgrenhada, com o olhar brilhante e o vestuario sujo de sangue e de lama, appareceu diante d'elle, e repelliu-o violentamente, obrigando-o a recuar até o meio do quarto.

—Ah! eil o! eil-o! bradou ella com voz rouca. É José Parisel, que matou o seu filho? assassino! assassino!

Os presentes sentiram-se tomados de terror.

—Ah! estará louca esta mulher?!... resmungou Parisel.

— Julgas-me louca, miseravel? tornou Gertrudes aproximando-se d'elle, e chegando-lhe quasi á cara os punhos cerrados. Vou já dar-te a prova de que te enganas. Para não repartires com o teu filho a herança de Jacques Mellier, mataste-o, mataste o, miseravel assassino!

Parisel olhava para aquella mulher com os olhos desmesuradamente abertos.

— Que diz ella? murmurou elle. Serei eu que estou louco?...

— Vê bem as minhas mãos, as minhas mangas, todo o meu vestuario, continuou Gertrudes, fallando com os dentes cerrados: vês estas nodoas vermelhas? E' sangue... é o sangue de Francisco Parisel, a quem tu despedaçaste a cabeça, lançando o em seguida para o fundo de uma pedreira, que se encontra a meia legua d'aqui, no territorio de Civry!

Agora, José Parisel, tomado de espanto e de horror, curvava já a cabeça e tremia.

— Vi o, vi o... proseguiu a desgraçada Gertrudes, que parecia delirante. Vi-o e não me fallou... estava morto, morto!... estava hirto... estava frio como o gelo! vi-lhe a cabeça despedaçada. . vi as poças de sangue em que nadava o seu corpo... Deixei-o na pedreira, onde está ainda... As formigas correm por sobre o seu corpo, e os moscardos comem-lhe os olhos... Ah! José Parisel matou o seu filho... é um assassino, assassino, assassino!...

— Está louca, Gertrudes? exclamou por fim o miseravel. Não é verdade o que acaba de dizer, pois não? Diga me que quiz só aterrorisar-me!

Gertrudes soltou uma gargalhada lugubre.

— Ah! ah! ah! disse ella. José Parisel tem medo. O pae Parisel matou o seu filho!

O miseravel teve um subito ataque de furia e de raiva. Agarrou Gertrudes pelos hombros, e, sacudindo-a violentamente, exclamou com os dentes cerrados:

—Que demonio queres tu de mim, mulher? quem é'que te induz a lançar sobre mim a estolida accusação de haver assassinado o meu filho?

—Amava Francisco Parisel, e promettera-me elle casar comigo, replicou ella com vehemencia. Ah! mas não has de herdar, não, miseravel!... não has de ser, como esperavas, senhor do Seuillon... Irás para a prisão, e serás condemnado... A machina ha de cortar-te a cabeça.

E, soltando uma outra gargalhada sinistra, continuou.

—Ah! ah! ah! José Parisel ha de travar conhecimento com o carrasco, com o carrasco!

Depois, dando prova de uma força e energia extraordinarias, agarrou José Parisel por um braço, e puchou-o para uma das janellas do quarto, bradando:

—Vem ver os gendarmes, que estão no pateo; veem aqui prender-te... Fui eu que os conduzi para aqui... disse-lhes tudo, tudo!

Parisel lançou um olhar para o pateo, e viu com effeitos os cavallos dos dois gendarmes. Agitado subitamente por um tremor nervoso, recuou dois passos soltando um grito.

Os espectadores d'aquella terrivel scena permaneciam immoveis, e como petrificados.

João Renaud e Branca tinham entrado tambem no quarto pouco tempo antes.

De subito produziu-se na escada um ruido de passos pesados, de envolta com o tinir de esporas e de bainhas de espadas.

Gertrudes correu para a porta, que abriu de par em par,

e voltando-se em seguida para as pessoas, que se achavam no quarto, bradou, parecendo dominada por uma alegria selvagem:

—Eil-os, eil-os! ahí veem os gendarmes!

Os dois agentes da força publica appareceram no limiar da porta, armados de espadas, e com as espingardas em bandoleira.

Gertrudes apontou para Parisel, e disse-lhes:

—E' aquelle o assassino!

O miseravel, curvado e tremendo violentamente, lançava olhares de espavorecimento em todas as direcções. Sentia-se perdido. A falsa accusação da creada tinha-o aterrorisado.

Embora innocente d'aquelle crime, comprehendia que, uma vez nas mãos da justiça, e tendo de lutar contra a hostilidade de Gertrudes, teria sérias contas a dar de si.

Apoderou-se d'elle um medo invencivel, e pensou em se eximir por meio da fuga ao castigo que o esperava.

Os gendarmes entraram no quarto.

—Em nome da lei... começou o cabo.

José Parisel tinha diante de si uma porta aberta, e livre a passagem.

Deu um pulo, e antes de que os gendarmes pudessem adivinhar a sua intenção, fugiu para fora do quarto, e precipitou-se para a escada, cujos degraus desceu a quatro e quatro.

Os gendarmes soltaram uma exclamação de surpresa e de colera.

Mas, logo em seguida, desataram os talins das espadas, que cahiram no chão, e lançaram se em perseguição do fugitivo.

Este ultimo tinha sahido pela porta pequena do jardim. A

sua intenção era chegar ao bosque do Seuillon, onde esperava poder permanecer escondido até chegar a noite.

Tinha porém muito pouco avanço sobre os gendarmes, e depressa ouviu a voz do cabo, que lhe bradava:

—Pare em nome da lei! ordeno-lhe que pare!

José Parisel, como bem pode suppôr-se não pensou em obedecer á intimação. Pelo contrario, reuniu todas as suas forças para redobrar de velocidade.

Felizmente os gendarmes eram dois homens fortes, corajosos, e cheios de energia. A perseguição continuou encarniçada. Os dois gendarmes ganharam terreno a pouco e pouco, e depressa correram quasi sobre os calcanhares do fugitivo.

Por duas vezes estiveram prestes a segural-o, e por duas vezes tambem elle conseguiu ainda escapar-lhes, fazendo um esforço desesperado.

Por fim Parisel sentiu que iam faltar-lhe completamente as forças. Estava porem já a uma pequena distancia da entrada do bosque.

—Se eu pudesse penetrar por entre as arvores, disse elle de si para si, estava salvo.

Mas os gendarmes seguiam-n'ò de perto. Parisel tomou um partido extremo. Voltou-se bruscamente para a rectaguarda, e apontou ao peito dos gendarmes um revolver de seis tiros.

Os dois gendarmes pararam de chofre.

—Se avançam mais um passo, lhes disse Parisel, mato-os!

Os gendarmes entreolharam se; mas aquelle momento de indecisão foi pouco duradoiro, e os dois homens precipitaram-se para a frente.

Não fôra porém vã a ameaça de Parisel. Ouviu-se uma detonação, immediatamente seguida por uma outra. Um dos gendarmes soltou um grito, e cabiu redondamente. Ferira-o uma

bala um pouco acima do j elho. A segunda bala, destinada ao cabo, não havia acertado no alvo.

José Parisel voltou-se de novo, e continuou a fugir, prompto para dar outra vez meia volta, e para fazer fogo de novo, se o cabo continuasse a perseguil-o. Este ultimo, vendo ferido o seu subordinado, não pôde conter os impetos da sua colera. Parisel estava já apenas a alguns passos de distancia da entrada do bosque.

Rapido como um relampago, o cabo lançou mão da espingarda, que levava em bandoleira, apontou contra Parisel, e ez fogo.

O miseravel cahiu para diante, como fulminado... A bala tinha-o ferido na nuca, e despedaçando tudo o que encontrara na sua passagem, fôra alojarse em uma das cavidades do cerebro.

A morte fôra instantanea.





XXVII

No castello de Arfeuille

O corpo do velho Parisel foi levantado passadas duas horas, em presença do juiz de paz de Saint-Irún, o qual, prevenido no dia anterior pelos gendarmes, tinha julgado necessario partir sem demora para Frémicourt.

Como o cadaver do garboso Francisco havia sido transportado para Civry, o juiz de paz deu ordem para que fôsse conduzido tambem para ali o do velho Parisel.

No dia seguinte ao anoitecer foram os dois corpos sepultados ao lado um do outro em uma grande cova, aberta em um canto não benzido do cemiterio.

Julgamos inutil fallar na investigação, a que deu logar a morte do garboso Francisco, e cujo resultado fizemos já de antemão conhecer.

Pedro Rouvenat tinha posto uma carruagem á disposição do cabo de gendarmes, que pôde assim conduzir n'essa mesma noite para o posto de gendarmeria o seu camarada ferido, assim como tambem a creada Gertrudes, que fôra aprisionada em razão das confissões, que o juiz de paz lhe arrancara sem difficuldade alguma.

Ao cabo de um mez de tratamento, o gendarme estava curado do ferimento, e podia continuar o seu serviço.

N'essa mesma occasião a creada infiel do Seuillon foi julgada em policia correccional, e condemnada em dois annos de prisão.

Antes d'isto porém tinham-se realisado outros acontecimentos muito mais importantes...

Tres dias depois da morte de Jacques Mellier, João Roblot e os quatro ceifeiros de Frémicourt, cujos nomes haviam sido apontados pelo advogado Nestor Dumoulin, receberam intimações para se apresentarem em um dia determinado perante a justiça de Vesoul.

Os cinco homens partiram juntos, e acharam-se á hora marcada no palacio da justiça, onde eram esperados.

Um continuo introduziu-os a um e um no gabinete do procurador imperial, e ali, em presença d'este magistrado, do juiz de instrucção, do presidente do tribunal civil, de um juiz do mesmo tribunal, e de um escrivão, que ia registando as suas declarações, e depois de haverem jurado dizer a verdade, repetiram pouco mais ou menos nos mesmos termos as palavras pronunciadas por Jacques Mellier momentos antes de morrer.

N'essa mesma noite Nestor Dumoulin deixava a cidade de Vesoul, e partia para Paris, levando comsigo as declarações dos cinco homens de Frémicourt, assignadas por todos elles,

assim como também pelos quatro magistrados e pelo escrivão, certificando todos que as tinham ouvido.

*

* *

O conde e a condessa de Bussières, Edmundo e Jeronymo Greluche achavam-se no castello de Arfeuille.

Edmundo pensava constantemente em Branca, na sua doce fada da esperança, no seu amigo Mardoche, ou antes em João Renaud, visto que sabia já agora o seu nome, e também em Pedro Rouvenat, o terrível padrinho da formosa menina do Seuillon.

Impaciente como todos os namorados, e sentindo mesmo no meio da sua felicidade, que os seus amigos do Seuillon precisavam ser consolados, quiz escrever-lhes. A verdade era que devia resposta a uma carta de Branca...

No entretanto, antes de fazel-o, entendeu do seu dever consultar o conde e a condessa.

—Meu filho, lhe respondeu o conde de Bussières: compreendo o teu pensamento, e a tua impaciencia que é legitima; entendo porem que não debes escrever. O meu velho amigo Dumoulin partiu para Vesoul e para Frémicourt; deixemos que elle levé a cabo a empreza de que se incumbiu.

Saibamos primeiramente o que elle fez e o que poderá fazer. O que nós queremos, eu e a condessa, é a tua felicidade, assim como a de Branca; mas o visconde de Bussières não pode ainda casar com a filha de João Renaud. Esperemos pois.

«De mais, deves tranquillisar-te; comquantó eu recommen-
dasse a Dumoulin, que nada dissesse com respeito á tua nova
posição, estou certo de que elle ha de achar meio de dizer ao
teu amigo Mardoche, que continuas a amar Branca, que pen-
sas n'ella sem cessar, e que muito depressa voltarás a Fré-
micourt.

A condessa appoiou a opinião do conde, e Edmundo dei-
xou-se convencer.

O homem verdadeiramente feliz em tudo aquillo era o nosso
amigo Jeronymo Greluche. Nem por sombras pensara em dei-
xar em Paris os seus queridos fantoches.

Com a cooperação do carpinteiro de Arfeuille, construiu em
vinte e quatro horas um pequeno theatro, e todas as noites
offerecia gratuitamente no pateo do castello magnificas repre-
sentações aos habitantes de todas as cathogorias das proxi-
mas povoações.

Nunca o pequeno Rigolo, o gaiato de Paris, se mostrara
mals alegre, mais travesso, mais espirituoso, e mais diver-
tido.

Nunca tivera tanta malicia para fazer enraivecer o seu amigo
Polichinelo.

De dia o bom Greluche, pensativo, passeiava nos jardins e
no parque por entre as arvores frondosas. Edmundo grãce-
java com elle a proposito d'aquellas meditações.

—Está velho o meu repertorio, dizia Jeronymo Greluche a
Edmundo. Estou compondo novas peças...

Edmundo ria. Um dia disse-lhe:

—Nota, meu caro Greluche, que, de ora em diante, não
precisas trabalhar.

—Meu filho, respondeu o antigo palhaço: todo o homem deve
trabalhar em quanto pode. De mais... tenho cá uma ideia...

—Ah! ouçamos essa ideia.

—Quero ter quatro ou cinco peçasitas bem alegres e inoffensivas, para d'aqui a alguns annos divertir e fazer rir os filhos do sr. visconde e da sr.^a viscondessa de Bussiéres.

Edmundo apertou com effusão as mãos de Greluche, e afastou-se com as lagrimas nos olhos.

Um dia de manhã o conde de Bussiéres recebeu uma carta do seu amigo Dumoulin. Era datada de Vesoul.

Depois de a ter lido, correu para os quartos da condessa, a qual estava conversando com Elmundo. A alegria transparecia no semblante do velho titular.

—Ah! Dumoulin obteve o que desejavamos! exclamou a condessa logo que o viu entrar com aquella alegria no rosto, e levando um papel na mão.

Edmundo levantara-se, e interrogava seu avô com um olhar ansioso.

—Ah! meu querido Edmundo, exclamou o conde cheio de intima commoção: esta carta contem para ti grandes alegrias.

Verdade é que nos traz a noticia da morte do velho Jacques Mellier, mas ao mesmo tempo faz-nos saber que tua mãe existe, que a desgraçada Lucila voltou ao Seuillon!

O mancebo empallideceu, e levando as mãos ao coração, deixou-se cahir sobre o soffá ao lado da condessa, e começou a soluçar.

—Ah! peço-lhes que me dêsculpem... dizia elle com a voz entrecortada; mas a surpresa, a alegria, a felicidade... Ah! tenho mãe! como é bom ter mãe!

—Filho! meu querido filho! murmurou a condessa, estreitando-o de encontro ao coração.

Passada aquella primeira commoção, o conde de Bussiéres

leu em voz alta a carta de Dumoulin, a qual era concebida nos seguintes termos:

«Meu caro Adolpho:

«D'aqui a duas horas partirei de Vesoul em direcção a Paris, levando comigo documentos, que me garantem o bom resultado da nossa empresa. Todas as dificuldades desapareceram ante mim como por encanto.

«A mais para temer procedia do facto de ser vivo Jacques Mellier. Esse mesmo acaba de partir d'este mundo. N'esta grave questão, meu caro conde, parece que a Providencia quiz intervir em nosso favor.

«Foi ella quem conduziu Lucila Mellier para o Seuillon, e quem levou d'este mundo o velho Mellier, de certo porque seria monstruoso, que Edmundo se achasse um dia na sua presença...

«E' pois verdade: Lucila Mellier voltou finalmente ao Seuillon, e o visconde de Bussiéres tornará a ver sua mãe... Que grande alegria para elle!

«Vi a pobre Lucila nos braços de seu pae agonisante. Apesar da pallidez e da magreza do seu rosto, apesar das suas feições alteradas e da expressão dolorosa da sua phisionomia, pude ainda admirar n'ella os restos de uma grande formosura.

«Senti-me profundamente commovido por pensar na grande felicidade, que n'aquelle momento sentia aquella pobre creatura, depois de tanto haver soffrido!

«A verdade é que ella existe, e tenho razões para suppôr, que a sua presença na herdade não é ainda conhecida senão por Branca e por João Renaud. Não pude fallar com Pedro Rouvenat, que partira dois dias antes para Paris.

«João Renaud decidira-se a fallar, e o velho e fiel servidor do Seuillon puzera-se immediatamente a caminho com a esperança de encontrar em Paris o filho de Lucila, afim de o conduzir para o Seuillon.

«Cheguei á herdade, onde me haviam dito que encontraria Mardoche—não é sabido ainda n'aquelles sitios o verdadeiro nome do velho mendigo—das sete para as oito horas da manhã. João Renaud estava com effeito na herdade; mas o velho Jacques Mellier acabava de o chamar ao seu quarto com mais cinco empregados do Seuillon.

«Eu proprio entrei no quarto de Mellier, sem pensar em que era um estranho, e que me mostrava tão ousado como inconveniente. Sou forçado a suppôr, que um dos genios bons, em que acreditam os orientais, me havia tirado momentaneamente a faculdade de reflectir, e me conduzia por a mão...

«Entre pois no quarto de Jacques Mellier sem que pessoa alguma me tivesse visto, e conservei me immovel em um canto. O velho estava estendido sobre uma grande poltrona, tendo Branca ao seu lado, e na sua frente os cinco homens, formados em semi circulo.

«Jacques Mellier, presentindo a sua morte proxima, tinha chamado os seus servidores e Mardoche, que se achava na herdade, para fazer em presença d'elles uma especie de confissão. Imagina quão funda seria a minha surpresa, direi mesmo a minha satisfação, ouvindo declarar em termos claros e precisos, que João Renaud estava innocente, e que fôra elle, Jacques Mellier, quem commettera o assassinato da noite de 24 de junho de 1850!

«Em seguida os cinco homens sahiram do quarto, onde ficavam apenas Branca, João Renaud e eu. De subito o velho disse para Branca:

«Onde está Lucila? chama a minha filha.

«Estas palavras constituíram para mim um novo motivo de surpresa, visto não saber ainda que a pobre Lucila regressara à casa paterna. Logo em seguida abriu-se uma porta, e vi-a apparecer. Lucila correu para seu pae, que a recebeu nos braços.

«Em seguida o velho fallou de Rouvenat, do seu neto, que desejava ver antes de morrer, e de João Renaud, que suppunha ainda em Cayenna. Este ultimo entendeu, e bem, que devia dar ao moribundo a satisfação, que elle desejava, e deuse-lhe a conhecer.

«Passados apenas alguns minutos Jacques Mellier morreu chamando ainda por Pedro Rouvenat e por Edmundo, e com os olhos fitos no seu. Sahi eu em seguida do quarto em companhia de João Renaud, com o qual conversei longamente.

Sabendo que Rouvenat não encontraria em Paris o filho de Lucila, disse a João Renaud algumas palavras vagas, que deviam dar-lhe ensejo a tranquilisar a pobre mãe, dando-lhe a esperança de muito depressa tornar a ver o seu filho.

«Tomei nota dos nomes dos cinco homeos, que tinham ouvido a confissão de Jacques Mellier, e puz-me em seguida a caminho para Vesoul. Hoje mesmo foram chamados ao tribunal de Vesoul e inquiridos os depositarios do terrivel segredo do velho Jacques Mellier.

«A confissão d'este ultimo, repetida pelas cinco testemunhas, acabã de me ser entregue pelo procurador imperial.

«Como já disse, tomarei logar no primeiro comboio, e amanhã estarei em Paris. Não perderei um momento, e empregarei os maiores esforços no intuito de levar a bom fim a nossa empreza, cujo bom resultado é certo.

«Apresenta as minhas respeitosas homenagens á sr.^a con-

dessa; recommenda-me affectuosamente a Edmundo, faz-me lembrado ao bom Greluche, e tu recebe um abraço do teu

«Amigo velho,
«NESTOR DUMOULIN.»

O semblante de Edmundo estava nada menos do que resplandecente. Não pode exprimir-se em palavras a alegria, o reconhecimento, e o amor que transparecia no brilho do seu olhar, e na expressão da sua phisionomia.

—Oh! minha mãe... exclamou elle com accento de infinito affecto; minha pobre mãe, quanto soffreu, e como eu vou amal-a!...

—Amal-a-hemos todos, filho, lhe disse a condessa pegando-lhe em uma das mãos.

—Sim, amal-a-hemos, todos, repetiu o conde de Bussiêres.





XXVIII

O visconde de Bussières

Começava a serenar a violenta commoção, produzida em Frémicourt, em Civry, e nas outras povoações proximas, pelos acontecimentos, que narrámos nos precedentes capitulos.

Durante alguns dias todos os habitantes d'aquelles sitios tinham vivido receiosos e consternados. O dormir era-lhes perturbado de noite por horrorosos pesadellos. Mas n'este mundo tudo esquece, tudo se apaga.

Decorridos quinze dias, o formoso valle da Sableuse tinha retomado o seu aspecto tranquillo e risonho. Os trabalhos de campo seguiam o seu curso.

Soubera-se com grande surpresa que Lucila Mellier, que havia tantos annos desaparecera sem que nunca mais se ti-

vesse ouvido fallar d'ella, tinha regressado por fim á casa paterna.

A curiosidade dos camponezes andava vivamente excitada; não puderam porem penetrar aquelle segredo, que era conhecido sómente pelas pessoas interessadas em o guardar.

Nunca chegaram a saber a razão porque Lucila abandonara a herdade, de que modo vivera durante aquelles dezanove anos, e nem mesmo de que maneira e porque razão voltara ao Seuillon.

Os homens, que tinham ouvido a confissão de Jacques Mellier, cumpriram rigorosamente a promessa feita a Rouvenat, e guardaram sobre aquelles factos o mais completo e absoluto silêncio.

João Roblot, o velho Mathias e os restantes ceifeiros tinham contado muito particularmente a Rouvenat o que se passara em Vesoul, no gabinete do procurador imperial.

Alem d'isto, Pedro Rouvenat, já prevenido por João Renaud sabia que um advogado de Paris, por nome Dumoulin, havia mettido hombros á empreza de obter a reabilitação do antigo condemnado.

Para Lucila e Branca aquelles quinze dias que se seguiram á morte de Jacques Mellier, foram tristes, e longos como seculos. Agora eram inseparaveis, e não fallavam senão em Edmundo, dirigindo sempre uma á outra palavra de resignação e de esperanza.

João Renaud, confiando nas palavras do advogado, tinha affirmado que Edmundo havia de voltar, e as duas mulheres esperavam-n'o com impaciencia. Mas tardava tanto! Cada uma d'ellas tinha as suas inquietações, os seus receios.

—Meu Deus, meu Deus! dizia de si para si a mãe nas ho-

ras de desalento. Enganar-me-hão? Deverei acreditar que não querem restituir-me o meu filho?

—Se é certo que tem um grande nome, e pertence a uma familia nobre, pensava a donzella, esqueceu talvez a pobre Branca! E eu amo-o, amo-o!

Um dia Pedro Rouvenat quiz tratar as questões de dinheiro com Lucila, quiz prestar-lhe contas.

—Mais tarde, meu amigo, mais tarde, lhe respondeu ella. Espero o meu filho, e enquanto o não apertar nos meus braços, de encontro ao coração, não quero, não posso pensar se não n'elle.

—Seria porem conveniente, querida Lucila, insistiu Rouvenat, que ao menos soubesse exactamente a somma, que existe em caixa...

Lucila porem havia resistido, e nada quizera saber. Pedro Rouvenat tinha contado o que existia no cofre forte, e encontrara ali, em diversos valores, uma somma não inferior a duzentos e oitenta mil francos.

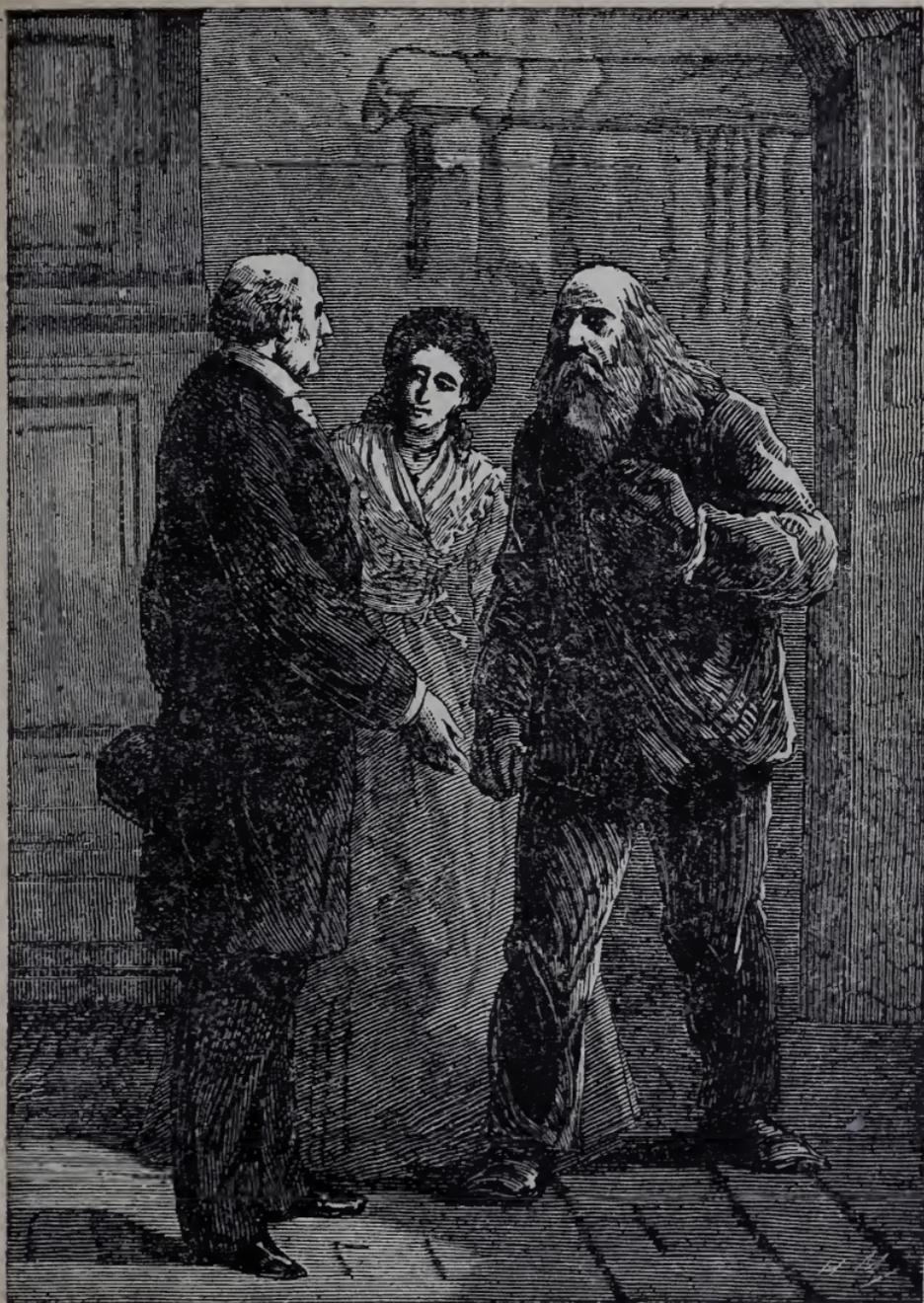
*

*

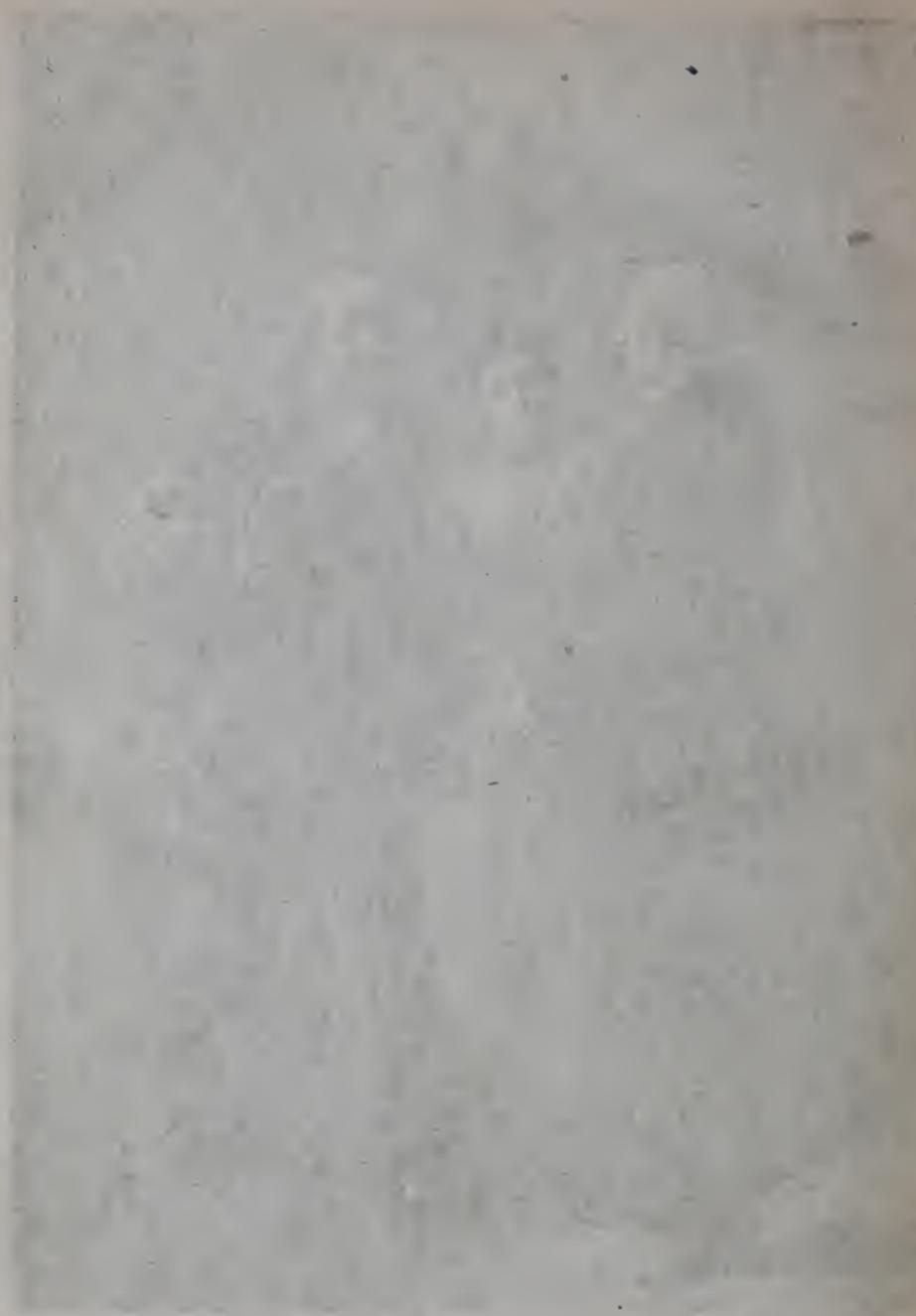
*

Estamos em um sabbado. Os dois velhos, Lucila e Branca acabavam de almoçar, e não haviam sahido ainda da casa da mesa. Conversavam com respeito a Edmundo, assumpto obrigado de todas as suas conversas.

—Estou contando os dias, as horas, os momentos... disse Lucila tristemente. Vão já passados dezeseis dias depois do seu regresso de Paris, amigo Rouvenat!



... venho pedir-lhe a mão da menina Branca Renaud... (Pag. 469)



THE UNIVERSITY OF CHICAGO
LIBRARY

—Sim, e nada sabemos ainda... murmurou o velho servidor do Seuillon.

Branca soltou um suspiro fundo.

—O seu regresso está proximo, disse João Renaud, olhando para a filha com terno affecto.

—Julga-me morta, tornou Lucila. Não sabe que estou aqui, que o espero, que morro de anciedade! Se o soubesse, teria já vindo; não haveria força humana que o prendesse longe de mim!

—Se elle me não esqueceu, se lhe disseram que não foi meu pae quem matou o d'elle, porque razão me não escreve elle? perguntava Branca a si propria.

Ora, em quanto os habitantes do Seuillon estavam absortos n'esta conversa, entravam na herdade dois homens, que chegavam de Frémicourt.

Um d'elles, dirigindo-se á creada Seraphina, perguntou-lhe se estava ali o velho Mardoche. A creada respondeu affirmativamente.

—E poderemos fallar-lhe? tornou o recémchegado.

—Agora mesmo findou o almoço, e estão todos ainda na casa da mesa.

—Pois muito bem; peço-lhe que diga a Mardoche, que está aqui Nestor Dumoulin, o advogado de Paris, que deseja fallar-lhe.

—Ah! seja bem vindo, senhor! exclamou a creada. Era esperado aqui com impaciencia!

E, abrindo a porta da casa de jantar, disse para dentro.

—Sr. Rouvenat, sr. João Renaud, está aqui o sr. Dumoulin!

As quatro pessoas, reunidas na casa de jantar, levantaram-se todas ao mesmo tempo.

—Seraphina: encaminhe para aqui o sr. Dumoulin: disse Lucila.

O celebre advogado parisiense ouviu estas palavras, e disse vivamente para o seu companheiro:

Entro eu primeiro, não é assim?

—De certo.

Nestor Dumoulin entrou na casa da mesa, e cumprimentou gravemente as pessoas presentes. Pedro Rouvenat correspondeu áquella saudação e offereceu-lhe uma cadeira.

—Obrigado, disse o advogado sorrindo; primeiro que tudo preciso dizer algumas palavras ao sr. João Renaud.

O pae de Branca aproximou-se do advogado. A donzella, profundamente commovida, apoiava-se sobre Lucila, que estava tão agitada como ella.

—João Renaud, tornou o advogado Dumoulin: disse-lhe ha dias, que depréssa havia de tornar a ver-me... Eis-me aqui.

Em seguida, tirando da algibeira um papel, e, apresentando-o ao ex-presidiario continuou:

—João Renaud: condemnado a trabalhos em um presidio por toda a vida, por um crime que não commettera, recebeu ha mezes o seu perdão. Hoje, João Renaud, está rehabilitado! N'este papel, que tenho a honra de entregar-lhe, está a confirmação official da minha affirmativa!

João Renaud quiz fallar, mas não pôde; a commoção embargou-lhe a voz na garganta. Branca, soltando uma exclamação de jubilo, tinha-lhe cabido nos braços.

Nestor Dumoulin voltou-se para Lucila e para Rouvenat, e disse-lhes:

—Minha senhora, sr. Rouvenat: não vim sósinho ao Seuilon. Permittem-me que chame a pessoa que me acompanhou? Lucila não pôde responder senão com um gesto affirmativo.

O advogado abriu a porta, e o seu companheiro appareceu immediatamente no limiar.

—O meu bemfeitor! exclamou João Renaud, precipitando-se de joelhos diante do conde de Bussiéres, e beijando-lhe as mãos em uma especie de phrenesi de gratidão.

—Sr. João Renaud, disse o conde com voz vibrante de commoção, ajudando-o a levantar-se: com o precioso auxilio do meu amigo Nestor Dumoulin, tive a felicidade de obter o seu perdão, e de promover o seu regresso a França. Hoje porem venho aqui fazer-lhe um pedido.

—Ab! senhor... diga-me, diga-me depréssa o que posso fazer para lhe testemunhar o meu reconhecimento...

—Sr. João Renaud: venho pedir-lhe a mão da menina Branca Renaud, sua filha, para meu neto Edmundo, visconde de Bussiéres.

E, voltando-se para Lucila, accrescentou:

—Seu filho, minha senhora.

Lucila, incapaz de pronunciar uma palavra unica, soluçava. Branca chorava silenciosamente, com a cabeça apoiada sobre o hombro de Rouvenat.

—Lucila, tornou o conde, seu filho ama-a, assim como ama tambem a menina Branca Renaud. Venha junto de mim, minha filha, permitta-me que lhe deponha um beijo na fronte.

Era para todos a felicidade suprema! Dir-se-hia que um raio de sol deslumbrante, maravilhoso, acabava de entrar n'aquella casa.

Todos os olhares estavam radiantes de intimo jubilo. Ao cabo de alguns momentos, Lucila conseguiu dominar a sua commoção.

—Onde está o meu filho? perguntou ella com voz entrecortada. Quando terei a ventura de o ver, de o abraçar?

—Depressa ha de chegar, respondeu o conde.

Lucila levou as mãos ao peito, como para conter as pulsações do coração.

Ao passo que o conde de Bussiéres e Nestor Dumoulin, logo depois de descerem da carruagem que os conduziram de Vesoul a Frémicourt, tomavam a pé pelo caminho do Seuillon, a condessa de Bussiéres e Edmundo dirigiam-se lentamente para o cemiterio onde entraram. A condessa caminhava, apoiada no braço de Edmundo.

Ao cabo de alguns momentos pararam. Edmundo, mostrando uma sepultura á condessa, pronunciou as seguintes palavras:

—E' ali!

A nobre dama e o mancebo ajoelharam ao lado um do outro, e oraram durante alguns momentos, com a fronte curvada. Quando se ergueram, a condessa tinha o lenço ensopado em lagrimas.

Para sahirem do cemiterio, caminharam de novo por entre cruces e sepulturas. De subito Edmundo, parando de chofre, murmurou:

—Veja!

Achavam-se em face de um pequeno monticulo de terra, sobre o qual se achava collocada provisoriamente uma cruz de madeira, pintada de negro. Liam-se n'ella as seguintes palavras pintadas a branco:

JACQUES MELLIER

Durante um momento Edmundo permaneceu pensativo. Depois, erguendo a cabeça, murmurou tristemente:

—Alem repousa meu pae... aqui meu avô materno!...

Edmundo de Bussiéres, e Jacques Mellier... a victima, e o assassino!

A condessa respondeu:

—O criminoso arrependeu-se, Deus perdoou-lhe!

Em seguida sahiram do cemiterio, e foram entrar na carruagem, que os esperava á porta da hospedaria da povoação. Edmundo disse uma palavra ao cocheiro, e o vehiculo começou a rodar rapidamente em direcção ao Seuillon.

Ouvindo rodar uma carruagem no pateo da herdade, Dumoulin disse:

—Eis a sr.^a condessa e o sr. visconde que chegam!

Lucila precipitou-se para fóra da sala de jantar, bradando como louca:

—Filho! filho! filho!

Pedro Rouvenat, João Renaud, e Dumoulin seguiram-n'a, ao passo que Branca permanecia immovel, apoiada a um movei.

—Minha querida filha, lhe disse o conde de Bussiéres: pelo meu braço, pode tambem ir ao encontro do seu noivo.

Lucila, louca de jubilo, corria de braços abertos para a carruagem, que acabava de parar em face da porta da casa. Edmundo desceu vivamente, e lançou-se nos braços de sua mãe. Quanta ventura, quanto jubilo haveria n'aquelle delicioso abraço... digam-n'o as mães...

Rouvenat, que avançara tambem para o vehiculo, estendeu a mão á condessa para a ajudar a descer.

—E' o sr. Pedro Rouvenat, não é? lhe disse ella com o sorriso nos labios.

—Sim, minha senhora, respondeu elle, inclinando-se respeitosamente; Pedro Rouvenat, o velho servidor do Seuillon.

Dos braços de sua mãe, Edmundo passou para os de João

Renaud. Pedro Rouvenat aproximou-se do mancebo, ao qual disse:

—Devo-lhe a vida, senhor! Permite que o velho servidor da sua familia lhe beije as mãos?

Edmundo lançou se-lhe ao pescoço, e beijou-o nas faces, respondendo:

—Retribuo os beijos, que o sr. Rouvenat deu ao pequeno Edmundo ha treze annos, no quarto da hospedaria de Saint-Irun.

A condessa dizia para Lucila:

—Não, não mais se separará do seu filho, Lucila; terá os seus quartos no castello de Arfeuille, assim como em Paris no palacio da familia Bussiéres.

—Agradeço profundamente a sua bondade, sr.^a condessa, respondeu Lucila. A minha intenção é viver no mais absoluto retiro, aqui mesmo, no Seuillon. O meu filho agora pertence mais á sr.^a condessa do que a mim, reconheço-o.

Acompanha-a ha, e eu... vel-o-hei partir sem fraqueza. Para a felicidade do meu filho, terei coragem para todos os sacrificios. Mas o Seuillon pertence ao meu filho, e eu atrevo-me a esperar, que elle virá aqui uma vez ou outra para abraçar sua mãe.

—Minha querida Lucila, não quero contrariar a sua vontade, replicou a condessa. Mas, sem que abandone completamente este formoso valle, onde eu gostaria tambem de passar alguns dias, poderá ir visitar os nossos filhos em Arfeuille. Sómos duas mães, que soffremos muito... havemos de comprehender-nos bem.

As duas mulheres abraçaram-se com effusão.

No entretanto Edmundo, afastando-se de Rouvenat, avancara ao encontro de Branca.

A donzella, commovida e ruborisada, baixava timidamente os olhos.

—Edmundo, disse o conde de Bussières; a tua noiva está apoiada no braço do teu avô. Diante de mim, filho, podes dar-lhe o primeiro beijo.

Branca apresentou a face candida sobre a qual Edmundo, não menos commovido do que ella, pousou os labios muito ao de leve.

—É e será sempre a minha dôce fada da esperança, Branco! murmurou o mancebo em voz baixa...





EPILOGO

No mez de setembro d'esse mesmo anno, os principais personagens da nossa narração estavam reunidos em Arfeuille. O proprio Rouvenat havia-se resolvido a deixar o Seuillon. Confiara por alguns dias a direcção da herdade a João Roblot, o qual estava já designado para lhe succeder. O bom Rouvenat entendera, que não podia dispensar se de assistir ao casamento da sua afilhada.

Depois do casamento civil, a benção nupcial foi lançada aos novos esposos na capella do castello. A formosa Branca, a filha de João Renaud, o matador de lobos, e da boa Genoveva, era viscondessa de Bussiéres.

Branca foi acclamada pela população. A sua maravilhosa belleza provocava todas as admirações. Desde o castello até á *mairie*, o cortejo passou por debaixo de doze arcos triumphaes, erguidos pelos habitantes de Arfeuille, e caminhou por sobre um tapete de flôres.

Pedro Rouvenat estava radiante de jubilo, e o bom Jeronymo Greluche, dependurado do seu braço, não queria separar-se d'elle.

João Renaud, que parecia ter remoçado vinte annos desde que cortara as longas barbas, e os cabellos, e desde que deixara o seu vestuario de mendigo, estava embriagado de felicidade. E todavia de momento a momento arrasavam-se-lhe

de lagrimas os olhos... Pensava em Genoveva, e dizia de si para si:

—Ah! se ella fôsse viva! se estivesse aqui!

Lucila, enthusiasmada, dizia á condessa:

—Depois de tantos dias desolados e sem ventura, não podia de modo algum esperar uma tão grande, uma tão completa felicidade!

—Minha querida Lucila, respondia a condessa de Bussiéres: o bom Deus compensa as mães desgraçadas, concedendo-lhes a felicidade dos filhos!

Depois da cerimonia religiosa, todas as raparigas da povoação entraram, vestidas de branco, no pateo do castello. Offereceram á formosa viscondessinha um ramo de flôres formosissimas, e uma d'ellas recitou um bello discurso, muito bem estudadinho, que impressionou muito agradavelmente todos os ouvintes.

Branca respondeu com algumas palavras affectuosas, e beijou a discursadora, o que deu logar a uma nova explosão de enthusiasmo.

Ao mesmo tempo, em redor do castello, os rapazes d'aquelles sitios faziam «fallar a polvora», como dizem os arabes.

Toda a gente grauda da povoação de Arfeuille, assim como dos arredores, tinha sido convidada para um esplendido banquete, que durou desde as cinco horas da tarde até depois das oito horas da noite.

Logo em seguida foi queimado um soberbo fogo de artificio, que fôra mandado fabricar expressamente em Nevers, e cuja peça principal representava duas enormes letras entrelaçadas, um E. e um B., iniciaes dos felizes noivos.

Depois do fogo de artificio, que fizera as delicias dos camponezes, que em grande numero haviam corrido a presenciar

a festa, os jardins e uma parte do parque appareceram subitamente illuminados por innumeradas lanternas venezianas, e por fogos de Bengala de todas as côres.

A orchestra estava no seu lugar. O som dos instrumentos fez-se ouvir nos ares, e as danças começaram. Era geral a alegria.

Edmundo, segurando entre as suas a pequenina mão da gentilissima esposa, dizia-lhe com voz commovida, e cheia de affectuoso e ternecimento:

—Haverá n'este mundo uma outra felicidade, que possa comparar-se com a minha? Não, não creio. Ah! nunca esquecerei aquelle quarto de hospedaria, em Gray, onde por primeira vez te encontrei, minha querida Branca, e onde tu, vendo-me cheio de desespero, me disseste: «Deus não ha de abandonar-o!» Recordar-me hei tambem sempre do adro da igreja de Frémicourt, e d'aquella bonita vereda florida, que corre nas margens da Sableuse... Branca, minha bem amada Branca: aquelle caminho pittoresco está na propriedade do Seuilon e pertence a nossa mãe... Havemos de ir ali visital-o muitas vezes, não é verdade?

Branca respondeu:

—Sim, iremos muito depressa passar de novo n'aquelle caminho, onde tu, meu querido Edmundo me disseste que eu era para ti a fada da esperanza... Foi ali, Edmundo, foi ali que eu senti as primeiras pulsações do meu coração, até então adormecido...

—E desde então... foi amor o sentimento que tiveste por mim, Branca?

—Foi amor, sim.... Se não tivesses voltado para mim, teria morrido, Edmundo!

—Branca, minha adorada Branca!

A filha de João Renaud encostou a cabeça sobre o hombro de Edmundo, e murmurou:

—Meu padrinho mandou reedificar e mobilar a pequena casa, em que eu nasci, em Civry... Edmundo: agradar me-hia ir ali passar alguns dias sósinha contigo.

—Será satisfeito o teu desejo, Branca. D'aqui a alguns dias acompanharemos até o Seuillon minha mãe e o nosso amigo Pedro Rouvenat, e, se quizeres, passaremos um mez na tua pequena casa de Civry.

A poucos passos dos noivos, Pedro Rouvenat e Jeronymo Greluche conversavam tambem.

—Veja os nossos filhos... dizia Rouvenat, designando enternecido o gracioso grupo.

—Nossos filhos, sim... respondeu não menos commovido o bom Greluche.

Os dois homens curvaram a cabeça, ficaram silenciosos durante alguns momentos, e deixaram correr lagrimas de intima commoção:

—Jeronymo Greluche, que tenciona fazer agora? perguntou por fim Rouvenat.

—Para fallar francamente, amigo e sr. Rouvenat, nem eu sei bem.

—Venha viver comigo no Seuillon, meu caro Greluche.

Depois de haver reflectido durante um momento, Greluche estendeu a mão a Rouvenat, e respondeu:

—Acceito; irei viver comsigo no Seuillon. Todavia...

—Todavia...

—Ha de permittir-me que leve comigo os meus queridos bonecos.

INDICE



TERCEIRA PARTE

A condessa de Bussières

	Pag.
II Uma vida perdida.....	5
III Laura.....	14
IV O que pode o odio!.....	22
V Uma carta anonyma.....	33
VI Cilada.....	40
VII A casa de Asnières.....	48
VIII A victima.....	58
IX Separação.....	68
X Sempre o mesmo capricho.....	79
XI O projecto do conde de Bussières.....	87
XII O rapto.....	99
XIII O pae e o filho.....	108
XIV A cega.....	118
XV Visita ao castello.....	127
XVI A condessa em Paris.....	134
XVII Pae e mãe.....	142
XVIII Novas commoções.....	149
XIX O neto.....	156

QUARTA PARTE

Os mysterios do Seuillon

	Pag.
I No palacio de Bussières.....	164
II Reapparece João Renaud.....	176

	Pag.
III Sobre as rochas.....	196
IV Boas palavras.....	204
V Um novo personagem.....	214
VI Festa na herdade.....	226
VII O fantasma.....	234
VIII Desespero e conforto.....	247
IX Desventurada Lucila.....	259
X Um espião feminino.....	272
XI Conversa nocturna	283
XII O que João Renaud pede á sua filha.....	295
XIII Historia de Lucila.....	308
XIV Lucila e o Trinca-ferro.....	318
XV A porta da adega.....	333
XVI Scenas da noite.....	342
XVII Lucila e Branca.....	354
XVIII Pae e filha.....	364
XIX Confissão de Jacques Mellier.....	373
XX O advogado Dumoulin.....	384
XXI Os gendarmes.....	397
XXII No quarto do morto.....	407
XXIII Onde estava o garboso Francisco?.....	416
XXIV No fundo da pedreira.....	427
XXV O enterro.....	435
XXVI E' feita justiça.....	444
XXVII No castello de Arfeuille.....	453
XXVIII O visconde de Bussiéres	462
Epilogo.....	474

S

BOSTON PUBLIC LIBRARY



3 9999 08844 091 0

Por.
V2



